

Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Pedro Henrique Abelin Teixeira

Comunicação populista:

uma proposta analítica a partir do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja

Brasília
2020

Pedro Henrique Abelin Teixeira

Comunicação populista:

uma proposta de quadro analítico a partir do MBL e da Mídia Ninja

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPOL) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Marisa von Bülow

**Brasília
2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo autor

AA141c Abelin Teixeira, Pedro Henrique
Comunicação populista: uma proposta analítica a
partir do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja /
Pedro Henrique Abelin Teixeira; orientador Marisa
von Bülow. -- Brasília, 2020.
214 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência
Política) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Ciência Política. 2. Democracia. 3.
Populismo. 4. Comunicação populista. 5. Práticas
digitais. I. von Bülow, Marisa, orient. II.
Título.

Pedro Henrique Abelin Teixeira

Comunicação populista:

uma proposta de quadro analítico a partir do MBL e da Mídia Ninja

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPOL) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Marisa von Bülow

Aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora

Marisa von Bülow (orientadora)

Debora Rezende de Almeida – IPOL/UnB (avaliadora 1)

André Kaysel Velasco e Cruz – IFCH/Unicamp (avaliadora 2)

Em memória de Claudio Alberto Ferreira.

RESUMO

Esta dissertação se debruça sobre o tema da comunicação populista digital. Eventos políticos recentes de grande envergadura e em diversos países reacenderam o debate sobre o populismo e seus limites como ferramenta de retórica política e como conceito analítico. A nova ascensão do populismo parece estar intimamente associada ao surgimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Diversos autores têm afirmado haver correlação entre as mídias sociais e o populismo. Nessa dissertação, o populismo é compreendido como um estilo de comunicação e estratégia de ação política que pode ser tanto de direita como de esquerda. Proponho um quadro analítico para analisar e comparar a comunicação populista do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja, buscando entender a relação entre comunicação populista e o engajamento da audiência no Facebook das respectivas organizações, que assumiram claras posições no período de pré-campanha eleitoral no Brasil, de janeiro a julho de 2018. Os dados analisados demonstram que o MBL assimilou e mobilizou as categorias da comunicação populista de forma mais efetiva que a Mídia Ninja, e que a organização conservadora também obteve maior engajamento. A análise indica a importância de considerar a orientação ideológica dos atores em suas práticas digitais e de utilizar uma abordagem metodológica que contemple essas diferenças ideológicas.

Palavras-chave: comunicação populista; populismo; mídias sociais; práticas digitais; Movimento Brasil Livre; Mídia Ninja

ABSTRACT

Recent large-scale political events in several countries have reignited the debate around populism and its limits both as a political rhetoric tool and as an analytical concept. The new populist wave seems to be closely associated with the broadened access to Information and Communication Technologies (ICTs). This research paper expands on the theme of digital populist communication, considering that several authors have indicated a correlation between social media and populism. “Populism” is understood here as a style of communication and a political action strategy that can be used by both right and left-wing political actors. An analytical framework is proposed to analyze and compare the populist communication of the *Movimento Brasil Livre* and *Mídia Ninja* networks, seeking to understand the relationship between populist communication and public engagement on Facebook in two organizations that took clear political stands in the Brazilian pre-election period, from January to July 2018. The data analyzed shows that the MBL – the more conservative organization – has assimilated and mobilized the categories of populist communication more effectively than the *Mídia Ninja*, also achieving greater engagement. The analysis indicates the importance of considering the ideological orientation of the actors in their online practices and of using a methodological approach that addresses these ideological differences.

Keywords: populist communication; populism; social media; digital practices; MBL; *Mídia Ninja*

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Exemplo de codificação por tabela dummy..... | 18 |
| Figura 1 – Publicação do MBL de ataque ao Facebook..... | 22 |
| Figura 2 – Vídeo “Nós Somos o MBL” (2017)..... | 26 |
| Quadro 1 – Categorias da Codificação da Comunicação Populista | 138 |
| Fonte: Elaboração própria | 138 |
| Quadro 2 – Exemplos de codificação da estrutura narrativa do MBL | 139 |
| Quadro 3 – Exemplos da codificação do estilo narrativo do MBL | 140 |
| Quadro 4 – Exemplos da codificação da estrutura narrativa da Mídia Ninja..... | 141 |
| Quadro 5 – Exemplos da codificação do estilo narrativo do Mídia Ninja | 142 |
| Figura 3 – Exemplo de publicação do MBL com a categoria antagonistas externos. Publicado em 22 de fevereiro de 2018 | 144 |
| Figura 4 – Exemplo de publicação da Mídia Ninja com a variável Líder Popular. Publicado em 7 de abril de 2018 | 144 |
| Figura 5 - Mandala da comunicação populista..... | 147 |
| Figura 6 – Exemplo de post do MBL em que são mobilizadas as categorias de “apelo ao povo” e “antagonistas”. A publicação continha uma imagem que foi apagada | 148 |
| Figura 7 – Exemplo de post Mídia Ninja em que são mobilizadas as categorias “Líder Popular” e “apelo ao povo” | 149 |
| Figura 8 – Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estrutura narrativa..... | 150 |
| Figura 9 – Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estilo narrativo | 150 |
| Figura 10 – Engajamento Médio das Publicações do MBL e Mídia Ninja..... | 152 |
| Figura 11 – Saída aberta gerada pelo R com todas as variáveis da comunicação populista (MBL)..... | 153 |
| Figura 12 – Modelo com variáveis mais relevantes (MBL)..... | 155 |
| Figura 13 – Saída aberta gerada pelo R com o engajamento das variáveis da comunicação populista (Mídia Ninja) | 157 |
| Figura 14 – Modelo com variáveis mais relevantes (Mídia Ninja) | 158 |
| Figura 15 – Diferença da mediana, por categorias de análise (MBL)..... | 160 |
| Figura 16 – Diferença da mediana, por categorias de análise (Mídia Ninja) | 161 |

| | |
|---|-----|
| Figura 17 – Resultado da variação do impacto das publicações do MBL e Mídia Ninja, por categoria..... | 163 |
| Figura 18 – Publicação da Mídia Ninja exaltando a hegemonia feminina no Forum Econômico Mundial | 166 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| BRICS | Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| DEM | Democratas |
| DIP | Departamento de Imprensa e Propaganda |
| FEUC | Federación de Estudiantes de la Universidad Católica |
| IBESP | Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política |
| ICTs | Information and Communication Technologies |
| IEA | Institute of Economic Affairs |
| Intercom | Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação |
| ISEB | Instituto Superior de Estudos Brasileiros |
| MBL | Movimento Brasil Livre |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| MTST | Movimento dos Trabalhadores Sem Teto |
| NINJA | Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação |
| PCO | Partido da Causa Operária |
| PMDB | Partido do Movimento Democrático Brasileiro |
| PP | Partido Progressista |
| PPGPOL | Programa de Pós-Graduação em Ciência Política |
| PROS | Partido Republicano da Ordem Social |
| PSC | Partido Social Cristão |
| PSDB | Partido da Social Democracia Brasileira |
| TIC | Tecnologias da Informação e Comunicação |
| UnB | Universidade de Brasília |
| Unicamp | Universidade de Campinas |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 12 |
| Objetivos..... | 13 |
| Justificativa..... | 14 |
| Metodologia..... | 16 |
| <i>Análise dos Dados</i> | <i>19</i> |
| <i>Escolha dos casos: comunicação populista da direita à esquerda.....</i> | <i>20</i> |
| <i>Estrutura da Dissertação.....</i> | <i>40</i> |
| | |
| Capítulo 1 – Populismo em debate: um conceito em disputa | 42 |
| Populismo: um conceito labiríntico? | 44 |
| Perspectiva Laclauiana: uma ontologia do político | 47 |
| A trajetória do populismo no Brasil | 51 |
| Abordagem Ideacional e populismo como “ideologia fina” | 60 |
| Tentativas anteriores de medir o populismo | 66 |
| Estrutura narrativa populista e estilo populista de comunicação: como são abordadas pela literatura?..... | 70 |
| Comunicação populista e populismo como estilo | 73 |
| | |
| Capítulo 2 – Crise e Populismo | 77 |
| Das emoções à psicologia das massas | 77 |
| Crise da democracia e populismo..... | 86 |
| O populismo como causa da crise da democracia | 95 |
| Populismo de esquerda como saída para a crise da democracia?..... | 109 |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 3 – A empiria das práticas digitais na comunicação populista | 121 |
| (Novos) gatekeepers da democracia | 126 |
| Características da Comunicação Populista e Categorias de análise | 134 |
| <i>Apelo ao povo</i> | 134 |
| <i>Antagonistas</i> | 134 |
| <i>Antiestablishment</i> | 135 |
| <i>Emocionalização</i> | 135 |
| <i>Simplificação</i> | 136 |
| <i>Negatividade</i> | 137 |
| Da teoria à empiria: transformando categorias teóricas em categorias analíticas | 144 |
| Das categorias analíticas à análise empírica..... | 149 |
| Considerações Finais | 168 |
| Agradecimentos | 176 |
| Referências bibliográficas | 177 |
| ANEXO I – Audiodescrição das Tabelas, Quadros e Figuras..... | 197 |

Introdução

Essa dissertação se debruça sobre o tema da comunicação populista digital. Desde meados dos anos 2000, múltiplos autores têm discutido como líderes e grupos políticos têm instrumentalizado progressivamente a comunicação populista (ver, por exemplo, AALBERG et al., 2016; BLOCK E NEGRINE, 2017; ENGESSER et al., 2017). Algumas características têm sido apontadas como estruturantes da comunicação populista, como a simplificação do discurso e escolha de antagonistas como responsáveis pela situação de degeneração social (ENGESSER et al., 2017) e o alto nível de emocionalização do debate (ENGESSER et al., 2017; HAMELEERS, BOS, DE VREESE, 2017, p. 872).

Ainda que seja recente a literatura que se concentra de maneira mais sofisticada na ideia de comunicação populista, veremos nessa dissertação que o termo já é utilizado há bastante tempo na literatura sobre populismo. Antes, contudo, é necessário discutir o próprio conceito de populismo, que, no âmbito da literatura sobre comunicação populista, costuma ser explorado como um estilo característico de comunicação (BLOCK; NEGRINE, 2017, p. 179).

Eventos políticos recentes de grande envergadura e em diversos países reacenderam o debate sobre o populismo e seus limites como ferramenta de retórica política e como conceito analítico. O populismo está há muito tempo na agenda acadêmica, mas desde a eleição de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, em novembro de 2016, alcançou interesse público como nunca antes. De acordo com o Google Trends, por exemplo, as pesquisas na web para o termo “populismo” atingiram o pico histórico em novembro de 2016 e, novamente, em janeiro de 2017, sendo navegadas nos mecanismos de busca cerca de cinco vezes mais do que tem sido desde 2004¹.

Como veremos neste trabalho, a nova ascensão do populismo parece estar intimamente associada ao surgimento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Diversos autores têm afirmado haver correlação entre as mídias sociais e o populismo (ver, por exemplo, GERBAUDO, 2014, 2018) e que as TICs favorecem uma lógica de comunicação populista (TRACEY; REDAL, 1995). Como demonstra Manucci (2017), uma importante corrente da literatura afirma que os discursos populistas se amoldam à dinâmica da comunicação das mídias sociais. Gerbaudo (2018, p. 746) vai além, e afirma que é

¹ Fonte: <https://trends.google.com/trends/explore?date=all&geo=US&q=%22populism%22>. Acesso em: 14 mar. 2019.

possível, pelo menos provisoriamente, afirmar haver uma afinidade eletiva entre mídias sociais e populismo. Para ele, as mídias sociais favorecem populistas contra o *establishment*² ao proporcionar um canal adequado para apelar para as pessoas comuns (GERBAUDO, 2018). As mídias sociais e as possibilidades oferecidas por elas, portanto, se mostraram um espaço profundamente favorável para a reverberação de discursos populistas, sendo amplamente operadas por grupos e líderes partidários do populismo (BARTLETT, 2014; ENGESSER et al., 2017; GERBAUDO, 2014, 2018; GROSHEK; KOC-MICHALSKA, 2017).

Este trabalho contribui para os debates sobre populismo, usos das novas tecnologias digitais e ativismo político, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: qual a relação entre comunicação populista em plataformas de mídias sociais e o engajamento de audiências? Proponho um desenho de pesquisa que compara dois casos, de duas das principais organizações brasileiras da sociedade civil e que se encontram em lados opostos do espectro ideológico: o Movimento Brasil Livre e a Mídia Ninja.

Objetivos

O objetivo geral desta dissertação é entender a relação entre a comunicação populista e o engajamento da audiência em mídias sociais. Isto é, como o público reage de acordo com os posts que mobilizam as diferentes variáveis da comunicação populista. Ademais, pretendo compreender se o perfil ideológico dos atores implica (ou não) em diferenças nas características da comunicação populista. Mais especificamente, busco compreender como ideologias radicalmente antagônicas intervêm na comunicação populista em organizações políticas que assumiram claras posições no período de pré-campanha eleitoral no Brasil, de janeiro a julho de 2018. Finalmente, objetivo transformar categorias teóricas em categorias analíticas e, assim, propor um quadro analítico para analisar e comparar a comunicação populista entre diferentes atores.

² Apesar de ser amplamente utilizado na literatura, pouco se define o significado de *establishment*. Considero o establishment como a estrutura de correlação de forças políticas e econômicas que dão sustentação e pautam as instituições e os agentes políticos. No restante do texto, pretendo utilizar a palavra sem o realce em itálico.

Justificativa

A discussão sobre populismo é marcada por fortes controvérsias e disputas. Primeiramente, é fundamental conceber uma abordagem menos genérica e elástica ao conceito de populismo. Se desejamos compreender a gênese das transformações globais e da crise da democracia – com as quais o populismo parece estar intimamente conectado – é necessário que utilizemos uma definição precisa e sem carga valorativa. Nesse sentido, apresento a definição de populismo como: (i) estilo político de comunicação (BOS, VAN DER BRUG, DE VREESE, 2013; ENGESSER et al., 2017; JAGERS e WALGRAVE, 2007, MOFFITT, 2017) e (ii) estratégia de ação política (BETZ, 2002, WEYLAND, 2017). Na sequência desta escolha conceitual, proponho que a comunicação populista possa ser identificada em duas dimensões: a sua estrutura narrativa – que engloba um apelo ao povo, contra os antagonistas responsáveis pelo “ser deficiente” social e o establishment que cria distorções a favor dos antagonistas (LACLAU, 2005) – e o seu estilo narrativo (ENGESSER et al., 2017, p.7) – que se baseia na simplicidade, emocionalização e negatividade. A comunicação populista é compreendida, nesse sentido, como um *continuum*: os atores podem utilizá-la em maior ou menor grau. Afinal, como afirma Laclau (2005), toda intervenção política é, até certo ponto, populista.

Esse ponto de partida conceitual ajuda a construir o debate metodológico de três formas diferentes. Em primeiro lugar, pode ser utilizado para medir a forma como um ator político muda o seu discurso para uma abordagem mais ou menos populista ao longo do tempo. Em segundo lugar, reconhecendo a histórica polissêmica do termo, um conceito mais bem definido de populismo na análise política, ancorado na articulação entre teoria e empiria, pode ser útil para o mapeamento das semelhanças e das diferenças entre os casos. Terceiro, pode servir na busca de correlação entre o populismo e outras variáveis e indicadores (por exemplo, o aumento do populismo pode ser explicado pela crise da democracia? É possível que o público reaja melhor aos conteúdos populistas em condições específicas?).

A partir das reflexões de von Bülow, Vilaça e Abelin (2017), que indicam como a ideologia incide na variação das práticas digitais de ativismo, elegi estudar como o populismo é utilizado como comunicação política por atores situados em extremos opostos do espectro ideológico. A partir da definição proposta e da metodologia adotada, será permitido medir e perceber diferentes graus da comunicação populista e diferentes impactos de engajamento. Nesse sentido, também poderei investigar as diferenças ideológicas na forma de se

comunicar, isto é, como as diferentes e antagônicas visões políticas sobre estratégias e desafios orientam a comunicação populista das organizações. Por esse ângulo, investigo a ideologia como chave explicativa para uma distinta forma de comunicação e, dessa maneira, as formas diferentes – ou similares – que modulam a comunicação populista.

Na mesma linha, as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) deram novos contornos ao debate sobre populismo, crise da democracia e ativismo. A literatura recente destaca o poder que as mídias sociais possuem para reduzir os custos de mobilização e atuar na organização de protestos e diferentes práticas contenciosas (por exemplo, BRUNS; HIGHFIELD; BURGESS, 2014; DELLA PORTA; MOSCA, 2005; SANDOVAL-ALMAZAN; GIL-GARCIA, 2014; GERBAUDO, 2012; SCHERMAN, ARRIAGADA; VALENZUELA, 2013; ZHU, 2015) que estão associadas ao fomento de um cenário favorável à crescente instabilidade institucional – muitas vezes aliadas a uma ação política de massas (CAROTHERS; YOUNGS, 2015). Como abordarei na presente dissertação, diversos autores associam essa crescente instabilidade institucional, ou, mais especificamente, a chamada crise da democracia, com o fenômeno da ascensão do populismo (ver, por exemplo, GERBAUDO, 2018; MOUNK, 2018, MÜLLER, 2017, NORRIS; INGLEHART, 2018, entre outros). Ainda mais relevante para o presente trabalho, a literatura recente aponta como as TIC favorecem a ascensão de uma lógica populista nas conversações políticas (GERBAUDO, 2018), e, sobretudo, uma afinidade entre mídias digitais e populismo. Nesse sentido, não pretendo somente investigar a comunicação populista das organizações, mas como ela se aplica em um contexto online, isto é, de que maneira ela se molda a uma plataforma de mídia digital como o Facebook.

A recente literatura sobre populismo tem se concentrado em casos do hemisfério norte. Parte considerável dessa literatura concebe populismo como sinônimo expresso de autoritarismo (ver, por exemplo, COX, 2018; INGLEHART; NORRIS, 2017; MÜLLER, 2016), argumentando que o populismo é o responsável pelo enfraquecimento da democracia. No entanto, corre-se o risco de universalizar experiências a partir de um viés regional (sobretudo da América do Norte e da Europa anglo-saxônica). Além disso, essa literatura tem analisado casos de maneira isolada, ocasionando na elaboração e na utilização de categorias únicas a cada um, o que inviabiliza que se realize uma possível comparação com dados de outros estudos (ver, por exemplo, MACKERT, 2018). O estudo da comunicação populista de organizações brasileiras da sociedade civil complementa e enriquece essa literatura, ao oferecer um caso – brasileiro – pouco estudado pela literatura

de comunicação populista e que, a partir do quadro analítico proposto, poderá ser comparado com outros casos de diferentes regiões.

Ademais, os movimentos sociais populistas, como argumenta Aslanidis (2017, p. 305), são um fenômeno pouco estudado. Existe, nesse sentido, uma necessidade de evidenciar que o populismo não se limita ao âmbito dos partidos políticos e suas lideranças, existindo, além do mais, uma acentuada interação entre o populismo de cima para baixo e de baixo para cima (ASLANIDIS, 2017). De acordo com o autor, os cientistas políticos frequentemente ignoram que o populismo do sistema partidário é consequência de sua expressão de baixo para cima. Nessa perspectiva, o estudo dos movimentos sociais no terreno do populismo pode significar um frutífero diálogo entre cientistas políticos e teóricos dos movimentos sociais, favorecendo uma justaposição analítica bastante produtiva.

Metodologia

No presente trabalho, realizo uma comparação da estratégia de comunicação de administradores de páginas do Facebook de duas organizações da sociedade civil: o Movimento Brasil Livre e a Mídia Ninja. Partindo de uma abordagem metodológica de métodos mistos, verifico a relação entre a comunicação populista e o engajamento das audiências das páginas no Facebook de cada organização.

A fim de contribuir para o debate de como a comunicação populista pode ser analisada em textos de mídias sociais, esta dissertação propõe uma abordagem hermenêutica para codificar textos de diferentes atores políticos, como movimentos sociais, partidos e políticos. Essa abordagem visa identificar a presença de características típicas (mas não exclusivas) do estilo de comunicação populista.

Os diferentes atores políticos supostamente “populistas”, que recentemente ascenderam ao redor do mundo, podem não formar redes evidentes, mas parecem estar conectados de um modo mais profundo e indireto, à medida que seu surgimento exhibe um conjunto de respostas locais similares a uma crise global. É nesse sentido que os métodos qualitativos acrescentam a profundidade da abordagem empírica interpretativa à amplitude da análise quantitativa. Isto é, não é suficiente apenas contar como as palavras aparecem na comunicação populista, mas é necessário compreender o conteúdo em seu sentido mais

amplo, sobretudo inserido em um contexto em que as redes populistas parecem não surgir de forma espontânea.

A parte qualitativa do trabalho é baseada na análise manual de conteúdo de publicações dos administradores das páginas oficiais do Facebook da Mídia Ninja e do Movimento Brasil Livre. Com base nessa análise, realizei posteriormente uma análise estatística (com a linguagem de programação R) para verificar a correlação entre uma variável dependente – engajamento – e as seguintes variáveis independentes: apelo ao povo, líder popular, antagonistas, antagonistas externos, antimídia, antipolítica, antiartistas, anti-intelectualidade, antijudiciário, antilumpesinato, antibusiness, antiestado, estrutura simples, léxico simples, memético, confrontação, violência, euforia, sarcasmo, sentimento, urgência. A análise de conteúdo fundamentou-se nas vinte e uma variáveis (apresentadas acima) que representam os subnós das seis categorias da comunicação populista: apelo ao povo, abordagem antiestablishment, antagonismo, emocionalização, simplificação e negatividade. Essas categorias e variáveis, que serão mais bem discutidas ao longo do trabalho, podem ser vistas nos Quadros 1 e 2 e na Figura 5 presentes nas páginas 135, 136 e 146, respectivamente.

A partir das observações obtidas, aplico um teste de regressão linear com o intuito de verificar se existe correlação entre o engajamento do público e as variáveis da comunicação populista. A abordagem de métodos mistos visa evitar a análise lexical simples. A etapa qualitativa possui o objetivo de compreender o *sentido* em que as palavras aparecem. Em vez de contar quantas vezes a palavra “elite” foi mencionada, por exemplo, a metodologia utilizada permite analisar composições textuais mais amplas, que poderiam expressar o significado da elite – entendida como antagonistas do povo – e codificá-la na forma *dummy* variáveis. As palavras “elite” ou “povo” podem surgir com acepções bastante diferentes de um texto para o outro, muitas vezes oposto ao seu sentido etimológico estrito. Da maneira que as organizações utilizam a comunicação populista, podem ser classificados, como elite, o lumpemproletariado que, na visão de determinados grupos, é beneficiado por políticas assistencialistas ou mesmo ocupam o establishment político. A forma de classificação *dummy* variável (por exemplo Sim ou Não para antagonistas) permite que uma determinada publicação seja classificada em mais de uma variável. A tabela 1 oferece exemplos dessa codificação.

Tabela 1 – Exemplo de codificação por tabela dummy.

| type | post_published_sql | likes_count | comment_reactions | shares_engagem | Apelo ao povo | Líder Popular | Antagonistas | Antagonistas externos | | |
|-------|--------------------|-------------|-------------------|----------------|---------------|---------------|--------------|-----------------------|---|---|
| photo | 28/03/2018 | 444 | 94 | 483 | 144 | 721 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| link | 28/03/2018 | 1465 | 73 | 1519 | 447 | 2039 | 1 | 0 | 1 | 1 |
| video | 11/05/2018 | 2244 | 2132 | 2366 | 374 | 4872 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| video | 31/01/2018 | 428 | 412 | 484 | 64 | 960 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| video | 17/05/2018 | 1254 | 1019 | 1312 | 149 | 2480 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| photo | 29/05/2018 | 2891 | 107 | 3136 | 3293 | 6536 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| video | 19/04/2018 | 490 | 334 | 571 | 124 | 1029 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| link | 27/03/2018 | 2056 | 453 | 2251 | 236 | 2940 | 0 | 1 | 1 | 0 |
| photo | 24/05/2018 | 380 | 298 | 640 | 28 | 966 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| photo | 29/03/2018 | 3057 | 1130 | 7513 | 2737 | 11380 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| photo | 22/03/2018 | 8154 | 932 | 11041 | 21335 | 33308 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| photo | 11/03/2018 | 478 | 79 | 759 | 101 | 939 | 0 | 0 | 1 | 0 |

Fonte: Elaboração própria

A criação de um modelo de codificação baseado em variáveis *dummy* simples pode permitir – no futuro – o desenvolvimento de um processo de análise automatizado usando algoritmo de aprendizado de máquina. Para tanto, entendo que uma tabela de codificação – procurando dimensões diferentes, mas precisas, de um mesmo problema – também é adequada à análise de vários casos, para além dos que serão estudados nesta pesquisa.

Escolhi o primeiro semestre de 2018 (1º de janeiro a 31 de julho) como o período de análise das publicações. Nesse período, a propaganda eleitoral estava formalmente proibida. Ambas as organizações, contudo, estiveram politicamente engajadas e marcando posições opostas sobre as eleições, e, sobretudo, sobre a prisão do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (ocorrida em 7 de abril de 2018). Nesse momento, o MBL e a Mídia Ninja já apoiavam e repudiavam, respectivamente, a candidatura à presidência da república de Jair Messias Bolsonaro. Enquanto a Mídia Ninja alertava para os riscos da ascensão de uma organização conservadora e sua tentativa de criação de uma nova hegemonia reacionária, o MBL se colocou contra o petismo e a esquerda, que, na visão da organização direitista, poderiam mais uma vez ocupar o establishment por meio do voto popular. Por ter sido um cenário de grandes controvérsias e disputas, era esperado que as organizações engajadas adotem características da comunicação populista. A partir da análise feita nessa dissertação, verifico se essa ideia pôde ser corroborada no caso de ambas as organizações, a partir de diferentes categorias de análise.

É importante destacar o conhecimento prévio das organizações. Essa dissertação não fez uso do método etnográfico, mas houve um processo intensivo de familiarização com o objeto de estudo. Independentemente da análise de conteúdo realizada, a comunicação e as estratégias dos atores foram acompanhadas desde as manifestações de junho de 2013. Esse

acompanhamento não se restringiu à leitura das publicações nas páginas do Facebook, mas também incluiu a publicações em outras mídias sociais e outros documentos.

Análise dos Dados

Primeiramente, é necessário abordar as dificuldades em se trabalhar com dados do Facebook. Desde meados de 2018, a empresa vem restringindo o acesso à sua API³, não somente por enxergar na disponibilização de seus dados uma oportunidade econômica, mas, sobretudo, por causa dos impactos do escândalo envolvendo a empresa Cambridge Analytica⁴. Desde então, o acesso à base de dados do Facebook vem se mostrando muito árduo para os pesquisadores. Os mecanismos que não violam as políticas de dados do Facebook, como o NCapture⁵, por exemplo – que proporciona a captura de postagens e comentários das *fanpages* – não entregam os dados em sua completude. Nesse sentido, existe uma série de limitações impostas aos pesquisadores para realizarem suas próprias pesquisas e terem acesso aos dados que julgam mais relevantes. A seleção do período analisado nesta dissertação se justifica tanto pela importância política do momento, que permite dialogar com a pergunta de pesquisa proposta, como também pela disponibilidade da base de dados.

A partir da ferramenta Netlytic⁶, foram coletados 3.235 posts. Primeiramente, realizei uma leitura indutiva de todas as publicações. Como indica Gill (2010, p. 253), antes de realizar a codificação, é importante nos familiarizarmos com o material. Ler e reler é um processo preliminar necessário. Em virtude de haver analisado o conteúdo das *fanpages* de forma manual, foram necessárias limitações quanto ao número de publicações a serem analisadas. A seleção ocorreu por meio de 1.000 posts aleatórios: 500 do MBL e 500 da Mídia Ninja. A seleção aleatória de dados foi realizada por meio da criação de um índice e da utilização

³ API é a abreviação de *Application Programming Interface* que, na tradução em português, significa “Interface de Programação de Aplicativos”. Segundo o próprio site do Facebook para desenvolvedores, a API é “[...] a principal maneira de obter dados para dentro e para fora da plataforma Facebook. É uma API baseada em HTTP que os aplicativos podem usar para programar a consulta de dados, publicar novas histórias, gerenciar anúncios, carregar fotos e executar uma grande variedade de outras tarefas”. Disponível em: <https://developers.facebook.com/docs/graph-api/overview/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

⁴ Ver em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2020. E: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/02/internacional/1525285885_691249.html. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁵ Para mais informações sobre o NCapture e o NVivo, ver: <http://www.qsrinternational.com/what-is-nvivo>. Acesso em: 29 jan. 2020.

⁶ O Netlytic é uma plataforma destinada à comunidade de pesquisadores, que analisa textos e mídias sociais. O programa possibilita a coleta de dados em fontes como Twitter, Instagram, Facebook e Youtube. Disponível em: <https://netlytic.org/index.php>. Acesso em: 07 jul. 2020.

da fórmula “=ALEATÓRIOENTRE” pelo editor de planilhas Excel, onde se encontrava a base de dados.

Com base nas observações obtidas pela análise de conteúdo, apliquei um teste de regressão linear usando a linguagem R⁷ para aferir se havia correlação entre a presença de categorias da comunicação populista em um determinado post e o engajamento do público. A abordagem proposta foi projetada para verificar se a presença de qualquer uma das variáveis da comunicação populista seria um indicador do envolvimento do público com os posts. Como existe uma ideia amplamente discutida na literatura de que o estilo populista de comunicação é atraente para as pessoas (JAGERS; WALGRAVE, 2007), projetei este teste para ver se alguma dessas características mostraria qualquer correlação com a variável “engajamento”⁸ do Facebook, que é composta pela soma de reações, comentários, compartilhamentos e cliques dados pelo público a cada postagem. Essa busca preliminar de correlação entre as categorias definidoras da comunicação populista e os números do engajamento nos posts do Facebook é um exemplo de estudo quantitativo que poderia ser realizado para entender como um público específico pode reagir a alguma mudança no estilo de comunicação.

Além disso, a frequência com que os posts são classificados com uma das categorias fornece dados sobre como as organizações conduzem sua estratégia de comunicação no Facebook.

Escolha dos casos: comunicação populista da direita à esquerda

Os movimentos selecionados têm sido protagonistas das disputas políticas predominantes no contexto nacional brasileiro desde as manifestações de junho de 2013. Trata-se de atores de peso, de correntes ideológicas opostas nas convocações de manifestações de rua e na batalha por narrativas sobre o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e a eleição de Bolsonaro. MBL e Mídia Ninja são as duas organizações políticas – à direita e à esquerda – com maior presença no Facebook, com 3.171.588⁹ e 2.135.289¹⁰ curtidas em

⁷ O R é uma linguagem de programação que possibilita a realização de análises estatísticas e regressões.

⁸ Ver: https://www.facebook.com/business/help/251837856080253?ref=search_new_0#. Acesso em: 16 jun 2020.

⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>. Acesso em: 01 abril 2020.

¹⁰ Fonte: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>. Acesso em: 01 abril 2020.

suas *fanpages*, respectivamente. São, nesse sentido, os grupos com maior presença online e que mais mobilizaram práticas digitais no período estudado.

É inegável a importância que as novas tecnologias de informação e comunicação têm na participação política. Como argumentam Bennett e Sergerberg (2013), o uso dessas novas tecnologias contribui para alterar estruturalmente os movimentos, reinventando e desenvolvendo novos padrões organizacionais. O MBL e a Mídia Ninja são exemplos claros de organizações que surgem nesse contexto e dominam a utilização dessas tecnologias. A comparação entre os dois casos permitirá, portanto, compreender como organizações com amplo emprego do Facebook e ideologicamente opostas mobilizaram a comunicação populista, e como essas diferenças incidem na utilização das categorias da comunicação populista e no apelo gerado junto as audiências.

Para se ter uma ideia da importância do Facebook para as organizações, a Mídia Ninja transmite em tempo real diversas manifestações políticas de movimentos de esquerda pela sua página nessa mídia social. A campanha pela candidatura de Lula para Presidente da República em 2018, e também contra sua prisão, foi quase inteira transmitida pela Mídia Ninja no Facebook. Posteriormente, a página cobriu diariamente as manifestações pela liberdade de Lula, que ocorriam no acampamento estabelecido em frente à sede da Polícia Federal em Curitiba, onde o líder petista se encontrava preso.

O MBL, apesar de depender bastante do Facebook, possui uma relação conturbada com a empresa. Em julho de 2018, o Facebook excluiu diversas páginas e contas associadas ao movimento sob a justificativa do grupo compor uma “rede de desinformação”¹¹. A exclusão das contas fez parte de uma série de ações do Facebook para impedir a difusão de notícias falsas antes do período eleitoral no Brasil. O Facebook afirmou “[...] que desativou 196 páginas e 87 contas no Brasil por sua participação em ‘uma rede coordenada que se ocultava com o uso de contas falsas no Facebook, e escondia das pessoas a natureza e a origem de seu conteúdo com o propósito de gerar divisão e espalhar desinformação’¹². Em resposta, o MBL acusou a empresa estadunidense de “censura” e “perseguição ideológica”¹³, e promoveu um acampamento e diversas manifestações em frente à sede da

¹¹ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/facebook-retira-rede-de-paginas-e-perfis-do-ar-e-atinge-mbl.shtml>. Acesso em: 01 abril 2020.

¹² Fonte: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml>. Acesso em: 01 abril 2020.

¹³ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/facebook-retira-rede-de-paginas-e-perfis-do-ar-e-atinge-mbl.shtml>. Acesso em: 01 abril 2020.

empresa no Brasil¹⁴. O que torna a situação bastante irônica é o fato de um grupo que se forjou defendendo a iniciativa privada e o livre mercado protestar contra a “censura” de uma grande empresa estrangeira. O MBL, no entanto, acusou o Facebook de cultivar valores de esquerda e também afirmou que a parceria da empresa com jornais para realizar fact-checking¹⁵ seria uma estratégia de censura de grupos de esquerda (ver Figura 1).

Figura 1 – Publicação do MBL de ataque ao Facebook



Fonte: Fanpage do MBL. Acesso 01 abril 2020.

Apesar dessas polêmicas e críticas, o Facebook é a mídia social com o maior número de usuários no mundo, com mais de 2 bilhões de membros¹⁶, e cerca de 127 milhões no Brasil, segundo informações divulgadas pela própria empresa¹⁷. Assim, apesar de representar apenas uma fração da população global, o Facebook é mais popular do que plataformas concorrentes. O Twitter, por exemplo, outra importante mídia social amplamente utilizada para o ativismo político, contém muito menos usuários, cerca de 326 milhões¹⁸, sendo 33

¹⁴ Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/26/mbl-protesta-na-sede-do-facebook-vai-ter-publicacao-liberal-e-conservadora-sim_a_23490402/. Acesso em: 01 abril 2020. Ver também: <https://www.facebook.com/mblivre/videos/1040026699454806/>. Acesso em: 01 abril 2020.

¹⁵ Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/10/verificacao-de-noticias-lupa-facebook/>; <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/estadao-verifica-fecha-parceria-com-facebook-para-checkar-conteudo-falso-na-rede-social/>. Acesso em: 01 abril 2020.

¹⁶ Fonte: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 05 dez. 2018.

¹⁷ Fonte: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/facebook-chega-a-125-milhoes-de-usuarios-no-brasil/>.. Acesso em 26 fev. 2019.

¹⁸ Fonte: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>.. Acesso em: 26 fev. 2019.

milhões brasileiros¹⁹. Além disso, o Twitter opera junto a um público diferente, em algumas ocasiões mais elitizado, sendo bastante divulgado por intelectuais, jornalistas e formadores de opinião. Sem dúvidas, o Facebook foi o canal digital mais importante para ambas as organizações no período estudado.

O Movimento Brasil Livre

Como demonstra Gobbi (2016), a história do Movimento Brasil Livre (MBL) é a de um grupo em rápida e constante transformação. O MBL, que teve origem em 2013, a partir do braço brasileiro da organização transnacional *Students for Liberty*, fundada em 2008 nos Estados Unidos, foi criado com a intenção de massificar os valores do libertarianismo e do anarcocapitalismo (GOBBI, 2016). No entanto, como argumentam Gobbi (2017) e Dias (2017), o MBL assumiu para si a missão de liderar as massas durante o impeachment de Dilma Rousseff, e, para isso, articulou discurso com estética popular, evitando assuntos mais melindrosos que poderiam ferir o senso comum, como regulamentação do aborto e da união homoestável, por exemplo, pautas defendidas por alguns setores liberais. Após o impeachment de Dilma Rousseff, o MBL se afastou da sua gênese libertária e estabeleceu sua identidade no campo conservador, posicionando-se atualmente na extrema-direita ou “direita radical”.

O termo “radical” experimenta um processo de transformação de sentido no debate das direitas, pois o que outrora era considerado “radical” hoje é caracterizado como “extremista” (FRISCH, 1990 apud MUDDE, 2000, p. 12) – as soluções unilaterais que objetivam ir até “a raiz” de determinados problemas, mas sem necessariamente preconizar a eliminação completa ou fragmentária da ordem democrática livre, são consideradas radicais. De acordo com Mudde (2000, p. 12), na tradição alemã, o radicalismo seria *oposto* à constituição (*verfassungswidrig*) e o extremismo *hostil* à constituição (*verfassungsfreundlich*). Já na tradição estadunidense, o termo “direita radical” também é bastante utilizado, mas, diferentemente de como é aplicado na Europa, é instrumentalizado com uma acepção mais abrangente – “direita radical” remete a uma gama de grupos políticos que reativaram uma peculiar tradição estadunidense de radicalismo de direita (MUDDE, 2000, p. 13). Para Mudde, esses grupos combinariam um discurso nativista,

¹⁹ Fonte:
https://semiocast.com/publications/2012_01_31_Brazil_becomes_2nd_country_on_Twitter_superseds_Japan.
Acesso em: 26 fev. 2019

populista e de hostilidade ao governo que se transformou na junção de ultranacionalismo e anticomunismo do pós-II Guerra Mundial – de valores essencialmente militaristas e cristãos.

Ainda que parte da literatura faça diferenciações entre direita radical e extrema-direita, sobretudo apontando uma suposta distinção em que a primeira ainda estaria disposta a se submeter às regras democráticas e a segunda não (MUDDE, 2000; 2019), essa diferenciação ainda parece ser bastante nebulosa no caso brasileiro. Como argumenta Löwi (2015, p. 662), diferentemente do caso europeu, em que diversos países convivem com uma continuidade política e ideológica dos movimentos neofascistas e o fascismo clássico, no Brasil isso não aconteceria. Ainda que, como aponta o autor, o integralismo tenha se mostrado relevante nos 1930, a extrema-direita brasileira contemporânea não possui relação direta e explícita com esses grupos – que ainda existem, mas não possuem centralidade²⁰. Para Löwi (2015), no Brasil não há partidos de massa que possuem o racismo como bandeira declarada e principal, como ocorre no caso da França, por exemplo. No entanto, a extrema-direita brasileira pode ser comparada à extrema-direita francesa na maneira demagógica com que é mobilizado o discurso contra a corrupção para legitimar e justificar o poder de velhas oligarquias e também golpes militares. Da mesma maneira, Löwi argumenta, como sendo suas características no país:

I. A ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte: é o caso na Europa da extrema-direita e no Brasil da "bancada da bala", fortemente representada no Congresso. II. A intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. É um tema agitado, com certo sucesso, por setores religiosos, com referência católica (Opus Dei, Civitas etc.) na França e evangélica neopentecostal no Brasil (Löwi, 2015, p. 662).

Levando em conta a grande virada conservadora do MBL antes da derrubada de Dilma Rousseff, e a essência anticomunista, punitivista e calcada na retórica do pânico moral do movimento (por exemplo, o discurso contra a “ideologia de gênero”²¹ e a defesa do Projeto

²⁰ Em novembro de 2018, um grupo integralista realizou uma manifestação na cidade de São Paulo Ver: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,integralistas-estao-de-volta-e-resgatam-camisas-verdes,70003126265>. Acesso em: 04 ago. 2020.

²¹ Como argumentam Miskolci e Campana (2017, p. 728), a luta contra a chamada “ideologia de gênero” consiste em uma retórica de pânico moral e ataques aos avanços no campo dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina. A pauta contra a “ideologia de gênero” é frequentemente mobilizada pelo MBL. Em vinte e dois de novembro de 2017, por exemplo, o grupo publicou um vídeo com o título “A ideologia de gênero é um câncer para as crianças”. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CD8hh85C9AI>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Escola²² sem Partido), o MBL é considerado, na presente dissertação, como um grupo da direita radical.

A figura 2 é ilustrativa do fato de que o MBL não somente adota um discurso, mas constantemente também uma estética da direita radical. A imagem consiste em um frame de um vídeo divulgado pelo MBL em 2017. O vídeo, denominado “Nós somos o MBL”, é uma espécie de apresentação do movimento. O vídeo foi bastante comentado pela sua estética militarista e até foi comparado ao Estado Islâmico²³. Sobre o vídeo, Lepri (2018) argumenta:

Alguns homens com lenços cobrindo parte do rosto aparecem em quadro e falam com a voz distorcida, a retórica anti-esquerda é presente de forma clara, logo ao início há uma passagem que diz “A esquerda foi extirpada da capital. O castelo de onde planejavam nunca mais sair agora não lhes pertence mais. Mas a luta, ela não acabou”. Mais adiante, sobre uma imagem que mostra o mapa do Brasil sendo tomado por uma mancha vermelha a narração em *off* diz: “O câncer se espalhou por décadas, e está alojado nos mais diferentes espaços. Redações de jornais, sindicatos e corporações, a escola dos seus filhos, é lá que o inimigo se encontra (LEPRI, 2018, p. 96).

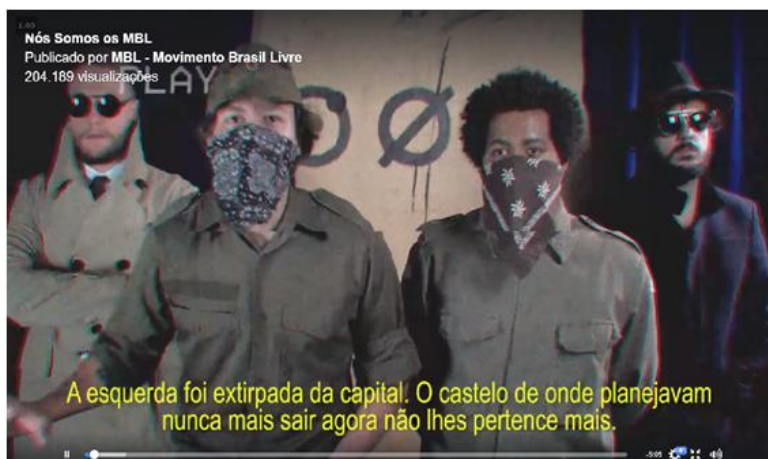
O vídeo evidencia um discurso agressivamente anticomunista. Relembrando uma retórica Macartista²⁴ persecutória, o conteúdo do vídeo compara a esquerda a um “câncer” que se espalha – discurso historicamente mobilizado pelo fascismo.

²² O “Escola sem Partido”, amplamente presente na agenda do MBL, é um movimento que acusa os professores de realizarem uma espécie de doutrinação ideológica comunista nas salas de aula. Extensivamente criticado por especialistas da educação devido ao seu viés de censura e perseguição, dezenas de projetos influenciados pelo movimento já foram apresentados em todo o Brasil. Em 2017, o MBL realizou em todo o Brasil uma marcha pelo Escola sem Partido: Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mbf-far-marcha-pelo-escola-sem-partido-em-todo-o-pais-4i3elisi28qrft1bzodr5yl11/>. Acesso em: 11 jul . 2020.

²³ Fonte: <https://esquerdadiario.com.br/Em-novo-video-Mbl-extrapola-senso-do-ridiculo-imitando-ate-o-Estado-Islamico/>; <https://revistaforum.com.br/politica/mbf-faz-plagio-do-estado-islamico-em-novo-video-de-propaganda-um-dos-atores-e-funcionario-de-doria/>. Acesso em: 11 jul. 2020.

²⁴ O termo “macartismo” remete ao senador republicano estadunidense Joseph McCarthy. O senador ficou conhecido por ter liderado uma profunda perseguição política a intelectuais, ativistas, artistas e diversas pessoas suspeitas de serem comunistas. Segundo Avritzer (2018, p. 274), o macartismo foi um período de inflexão na relação entre democracia e liberdade de expressão nos Estados Unidos, em que foram aprovadas leis para verificar a lealdade dos servidores público estadunidenses e também uma Lei de Segurança Interna.

Figura 2 – Vídeo “Nós Somos o MBL” (2017)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jagXpRzD1Xg>. Acesso em: 01 abr. 2020

Para Avritzer (2019, p. 129), o MBL representa uma espécie de divisor de águas para o conservadorismo²⁵ brasileiro. De acordo com ele, até junho de 2013 eram escassas as estruturas digitais de mobilização conservadora, quando o MBL deu início a sua presença nas mídias sociais. Desde aquele momento, Avritzer (2019) argumenta que as mobilizações digitais conservadoras se fortaleceram e sedimentaram uma cultura de intolerância em relação ao pluralismo político. No entanto, a mobilização do MBL seria paradigmática por definir uma presença pública para os setores conservadores brasileiros – que, segundo Avritzer, haviam sido retirados da arena pública (a chamada “direita envergonhada”) – desde a redemocratização brasileira. Kaysel (2015, p. 49), apesar de ressaltar que a trajetória da direita brasileira não se iniciou recentemente, argumenta ser novidade²⁶ no cenário político nacional a eclosão de uma contundente direita brasileira nos meios políticos partidários e na opinião pública que passou a se declarar como “de direita”. Kaysel (2015), assim como Avritzer, também afirma que essa espécie de “orgulho direitista” contrapõe com a conotação pejorativa que “direita” assumiu pós-ditadura militar. Ademais, o que aparenta ser inédito, de acordo com Kaysel (2015, p. 70) é o nível de protagonismo da mídia como articuladora das forças conservadoras do Brasil – ainda que os meios de comunicação da mídia empresarial tenham uma longa trajetória de destaque

²⁵ Para maiores detalhes sobre o conservadorismo brasileiro, e, sobretudo, sua relação com o liberalismo, ver o artigo de Kaysel (2015) “Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras”, em *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. O autor faz uma genealogia das ambíguas relações entre liberalismo e conservadorismo no Brasil.

²⁶ Para Kaysel (2015, p.70), a noção de “Nova Direita” deve ser relativizada, pois não é possível compreendê-la sem assumir que ela possui grande e complexa trajetória no Brasil, sendo impensável, por exemplo, não fazer associações com o moralismo “udenista” dos anos de 1950 e 1960.

como forças oposicionistas. Segundo Dias (2016, p.46), o MBL está articulado com grupos liberais em diversas universidades brasileiras, institutos de *think tanks* e organizações liberais, colocando-os dentro do campo político da juventude conservadora do Brasil. De acordo com a autora, o movimento tem como objetivo a promoção de protestos, assim como a atuação institucional pela privatização das estatais, a redução da maioria penal, o fim das cotas raciais, a diminuição da intervenção do Estado na economia (DIAS, 2016, p. 46) e a crítica às políticas sociais do governo petista, sobretudo o Bolsa Família (TATAGIBA, 2018, p. 119). O discurso privatista do MBL (DIAS, 2017; TATAGIBA, 2018) contrasta, contudo, com o nacionalismo mobilizado pela organização. Ainda que, a priori, possa parecer uma contradição, o grupo conservador defendeu a venda de todas as estatais brasileiras ao mesmo tempo em que articulou um agressivo discurso nacionalista. Como indica Machado (2018), os discursos nacionalistas e privatistas do movimento se retroalimentavam e cresciam na medida em que a Operação Lava Jato²⁷ avançava:

O Movimento Brasil Livre foi organizado com o intuito de mobilizar a sociedade brasileira quanto à iminente crise no sistema político, utilizando como alerta os escândalos de corrupção divulgados pela Operação Lava Jato ainda no ano de 2014. Os esquemas de corrupção divulgados por esta Operação serviram como força motriz para justificar, e até mesmo idealizar, um novo Brasil. A ênfase em caráter nacionalista demonstra grande característica dos novos arranjos sociopolíticos objetivados pelos atores engajados nos presentes rumos da organização política de ação contenciosa no Brasil (MACHADO, 2018, p. 48).

Em seus discursos, o Movimento Brasil Livre denuncia um establishment completamente dominado pelos socialistas, comunistas e esquerdistas, que devem ser responsabilizados pelo “ser deficiente” da sociedade. A identidade do movimento é construída em oposição ao espectro ideológico da esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores – que o movimento identifica como responsável pela corrupção do sistema –, evidenciando um profundo discurso antiliberal.

Movimentos sociais, sindicatos e grupos que se opõem à agenda do MBL são identificados por eles como os antagonistas do povo, que é identificado como “bons cidadãos”, “contribuintes” e “pessoas honestas”, ou simplesmente “os brasileiros”. Nesse sentido, o MBL afirma que as pessoas que supostamente resistiram à doutrinação comunista, que não participam de sindicatos ou organizações de esquerda, as pessoas que trabalham, pagam impostos, não concordam com o que chamam de “ideologia de gênero” e não são

²⁷ Para informações oficiais da Operação Lava Jato, ver o portal do Ministério Público, em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 29 mar. 2019.

beneficiadas pelo sistema corrupto, constituíram-se como o verdadeiro povo brasileiro. É interessante notar como o conceito de povo do MBL foi se alterando ao longo do tempo. “Privilegiados” e responsáveis pelo déficit da previdência e pelos altos salários pagos pelo contribuinte, os servidores públicos, por exemplo, tornaram-se antagonistas do povo brasileiro após o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Recentemente, o movimento começou a chamar os cubanos que se opunham ao regime de Castro de “cubanos reais”, indicando que aplicam esse enquadramento também além das fronteiras brasileiras, numa tentativa de chamar a atenção para o que o Brasil poderia ser se não fosse pela intervenção do movimento (e o impeachment). Afirmam, em sua opinião, que o Brasil se tornaria Cuba ou Venezuela, apesar de o governo do Partido dos Trabalhadores ser orientado pela socialdemocracia.

O MBL parece estar agindo como outros novos grupos populistas de direita, que são propensos a atacar instituições supranacionais, a mídia e os tribunais, assumindo sua posição antiestablishment e mobilizando um discurso que antes era creditado apenas ao espectro ideológico da esquerda. O movimento é conhecido por realizar cada vez mais ataques à grande mídia, às instituições e aos serviços públicos. Em sua narrativa, o MBL descreve os servidores públicos brasileiros como uma casta privilegiada, responsável pela burocracia da seguridade social nacional, paga por “trabalhadores reais” que apoiam o país, como empresários e trabalhadores do setor privado. A esse respeito, eles ainda carregam muito do discurso libertário. Apesar da enorme desigualdade entre ricos e pobres, os empresários são uma espécie de heróis nacionais por ainda quererem fazer negócios no Brasil. Os lucros são para o bem social, eles afirmam. Da mesma forma, o Supremo Tribunal Federal também se tornou alvo do movimento, pois seus ministros também deveriam fazer parte de uma infiltração comunista em todo o Estado brasileiro e em todas as esferas da sociedade, o que fez o MBL levantar a bandeira da preservação dos valores cristãos da sociedade ocidental contra um avanço socialista que feriria pilares do ocidente, como o direito romano, a filosofia grega e a religiosidade judaico-cristã²⁸. Segundo Tatagiba (2018, p.119), o MBL é a organização que obteve a maior capacidade de aliar ações nas ruas com investimento nas instituições, sobretudo depois do lançamento de suas

²⁸ Fonte: <https://integras.blogspot.com/2020/01/cruzada-extrema-direita.html>. Acesso em: 08 ago 2020.

candidaturas eleitorais. Atualmente, é o movimento de direita com maior número de curtidas no Facebook, com 3.283.439 delas²⁹.

O movimento foi um importante apoiador do governo de Michel Temer³⁰ e das reformas de austeridade econômicas propostas em sua gestão. Apesar de não ter adotado oficialmente Jair Bolsonaro como candidato declarado no 1º turno das eleições de 2018 (o candidato do MBL era o empresário conservador Flávio Rocha³¹), o grupo possuía boa relação com Bolsonaro e com bolsonaristas, e afirmava grande empolgação com a possibilidade de Paulo Guedes ser o ministro da Fazenda em um eventual governo de Bolsonaro³². Em 31 de julho de 2018, por exemplo, o MBL compartilhou uma publicação acusando o Facebook de censurar Jair Bolsonaro³³. No segundo turno da eleição presidencial de 2018, Kim Kataguiri, fundador do MBL e principal face pública do movimento, declarou voto em Jair Bolsonaro³⁴. Após a eleição do candidato de extrema-direita, o MBL tornou-se um considerável apoiador do governo³⁵, sobretudo da agenda ultraliberal de Paulo Guedes³⁶. No entanto, na primeira metade de 2020, o MBL rompeu com o governo Bolsonaro. As constantes denúncias de corrupção envolvendo o Planalto e a família do presidente³⁷, juntamente com o fato de o Governo Federal ter se dobrado ao “Centrão”³⁸, foram responsáveis por minar progressivamente³⁹ o apoio do grupo. O pedido de demissão de

²⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

³⁰ Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/11/temer-sugere-que-amigos-do-mbl-liderem-processo-para-acalmar-o-pais-ck324sn2b007j01pcyqopb1fa.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³¹ Fonte: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/03/flavio-rocha-o-candidato-do-mbl.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QGkjA90Wg0Q>. Acesso em: 6 jul. 2019.

³³ Fonte: <https://www.facebook.com/204223673035117/posts/1046625292128280/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sl6tF2ATKY4>. Acesso em: 6 jul. 2019.

³⁵ Fonte: <https://theintercept.com/2020/02/09/mbl-patriota-bolsonarismo/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³⁶ Fonte: <https://theintercept.com/2020/02/09/mbl-patriota-bolsonarismo/>; <https://economia.ig.com.br/2020-03-04/guedes-se-reune-com-mbl-e-diz-que-governo-tem-15-semanas-para-mudar-o-brasil.html>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³⁷ Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/18/queiroz-recebeu-r-2-milhoes-em-483-depositos-de-assessores-ligados-a-flavio-bolsonaro-diz-mp.ghtml>; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/fabricio-queiroz-e-ex-assessores-de-flavio-bolsonaro-sao-alvo-de-operacao-no-rio.shtml>; <https://oglobo.globo.com/brasil/prisao-de-queiroz-assombra-planalto-deixa-bolsonaro-mais-acuado-analisam-colunistas-do-globo-1-24487398>; <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/21/queiroz-pagou-contas-de-f-bolsonaro-em-agencia-da-alerj-mostram-imagens.htm>. Acesso em: 6 jul. 2020.

³⁸ O “Centrão” é o nome dado pela imprensa ao grupo de partidos pequenos e médios que supostamente não teriam uma orientação ideológica definida (apesar de serem partidos conservadores), mas se caracterizariam por manter relações fisiológicas com o Poder Executivo, visando à distribuição a distribuição de cargos e maior acesso a recursos. Jair Bolsonaro foi eleito com um discurso anticorrupção em que afirmava que iria acabar com as relações espúrias com o grupo chamado de “Centrão”. O presidente, contudo, tem o grupo como importante aliado.. Acesso em: 6 jul. 2020.

³⁹ Ver: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/2030249510432515>; <https://www.metropoles.com/brasil/ato-do-mbl-ironiza-bolsonaro-e-centrao-leia-a-carta-de-amor-do-grupo>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Sérgio Moro do Ministério da Justiça⁴⁰, que acusou o Governo Federal de interferência política na Polícia Federal, e a recente inércia do Governo Federal frente ao combate a pandemia do Coronavírus ratificaram o rompimento do MBL com os bolsonaristas⁴¹. O MBL vem sendo acusado de traição⁴² por parte dos movimentos bolsonaristas, e por mais ilógico que possa parecer, também tem seus membros chamados de comunistas⁴³. Nesse sentido, o MBL é vítima de uma retórica essencialista de antagonismo muito parecida com a própria utilizada pela organização.

A literatura tem mostrado que o fórum Reddit tem sido profundamente instrumentalizado pelos movimentos de direita em várias partes do mundo (DAL BOSCO, 2018; MIHAILIDIS; VIOTTY, 2017; NICHOLAS; AGIUS, 2018). O Reddit foi fortemente operado pela *alt-right* e, na campanha para a eleição de Donald Trump como presidente dos EUA, apoiadores de Donald Trump criaram no fórum o subreddit “r/The_Donald (WENDLING, 2018).

No caso do MBL, não foi diferente. Como mostra Gobbi (2016, p. 69), o grupo brasileiro também utilizou o fórum para debates virtuais e considerou três possibilidades de estratégia eleitoral: (i) fundar seu próprio partido; (ii) aderir a vários partidos dentro do espectro da direita; (iii) ou aderir a um partido já existente – o Novo, os Democratas ou o PSDB. A definição que prevaleceu, pelo menos no curto prazo, foi a colonização de vários partidos (GOBBI, p. 69).

O movimento discutiu mais publicamente a questão da relação com os partidos no tópico do reddit denominado “Definição do Partido em que os Militantes MBL iriam. Ou mesmo a criação de um. Talvez um Partido do Movimento Brasil Livre (PMBL). Embora me faça

⁴⁰ Fonte: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/moro-anuncia-pedido-de-demissao-acompanhe-aqui/>; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/sergio-moro-o-juiz-da-lava-jato-anuncia-sua-demissao-do-governo-bolsonaro.shtml>; <https://revistaforum.com.br/politica/mbl-coloca-carros-de-som-nas-ruas-para-incentivar-panelacos-contra-bolsonaro/>; <https://veja.abril.com.br/politica/sergio-moro-pede-demissao/>. Acesso em: 06 jul 2020.

⁴¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1wjVdHIp1kI>; <https://www.poder360.com.br/congresso/mbl-ira-protocolar-impeachment-de-bolsonaro/>; <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/quem-e-youtuber-que-questionou-bolsonaro-sobre-mortes-na-pandemia-de-covid-19.html>. Acesso em: 06 jul. 2020.

⁴² Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/05/kim-nega-traicao-do-mbl-e-diz-que-bolsonaro-usa-estado-para-proteger-filho.htm>; <https://epoca.globo.com/brasil/rivalidade-entre-mbl-bolsonaristas-se-intensifica-com-ataques-ao-presidente-24476746>; <https://revistaforum.com.br/politica/em-guerra-aberta-kim-kataguiiri-do-mbl-diz-que-bolsonaro-esta-indo-para-o-abismo/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

⁴³Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/lider-do-mbl-critica-bolsonaro-por-demonizar-politica-23682445>; https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/27/interna_politica,1056902/janaina-paschoal-kim-kataguiiri-e-mais-nomes-da-direita-comunistas.shtml. Acesso em: 06 jul 2020.

lembrar o PMDB (haahahha)”,⁴⁴ no ano de 2015. Várias posições foram discutidas nos comentários. Entre os posicionamentos, destaca-se o de Renan Santos, coordenador do movimento, que afirma que há uma regra no MBL que impede que os membros se juntem a partidos considerados de esquerda, com a possibilidade de retirar ou fechar a filial do grupo. Sobre isso, Santos escreve no Reddit:

Como consta no manual do Movimento:

MOVIMENTO BRASIL LIVRE VINCULAÇÃO PARTIDÁRIA: REGRAS O Movimento Brasil Livre não possui relação formal com partido político algum, agindo de forma livre e independente para a plena consecução de seus objetivos. Assim sendo, pelo caráter absolutamente político deste movimento, estabelece-se as seguintes regras acerca da vinculação partidária aos diferentes perfis de membros do grupo: Coordenador: Caso seja filiado a partidos considerados “neutros” (PSDB, DEM, PMDB, PV, PSC, NOVO, PRP, PSB, PPS, PTdoB, PRTB), deverá apresentar justificativa para a manutenção de sua filiação – baseada, principalmente, em argumentos eleitorais e estratégicos. Membros efetivos: Os membros efetivos vêm a ser aqueles que pertencem a Diretoria da Filial municipal. Eles poderão possuir filiação a partidos considerados “neutros”, não podendo haver, porém, mais que um por partido. Dá-se preferência a membros efetivos desfiliaados ou filiados ao Partido Novo, e os demais citados no exemplo do coordenador. Apoiadores e Colaboradores: Podem possuir filiação a partidos diversos, excluindo-se as tradicionais siglas de esquerda (PT, PSOL, PCB, PCdoB, PSTU, PCO). O descumprimento a tais regras acarretará na cassação do coordenador municipal, e, em casos extremos, no encerramento da filial.

No entanto, como demonstra Dias, o MBL se definia como apartidário em 2013, mas reavaliou sua posição em 2015 com o intuito de lançar a candidatura de Fernando Holiday (2017, p. 46). O MBL lança candidaturas desde as eleições municipais de 2016, quando elegeu 8 de seus 45 candidatos. Naquele momento, o movimento conseguiu eleger com mais de 45 mil votos o candidato Fernando Holiday (DEM-SP)⁴⁵, uma de suas lideranças nacionais. Negro e gay, notório por seu posicionamento contrário aos movimentos negro e LGBT, ele se tornou, aos vinte anos, o mais jovem vereador paulistano⁴⁶. A estratégia eleitoral seguiu nas eleições de 2018, quando o MBL conseguiu eleger cinco deputados federais – equivalente a uma bancada – que foram distribuídos entre quatro diferentes partidos: Partido Republicano da Ordem Social (PROS), Democratas (DEM), Partido

44

Ver

em

https://www.reddit.com/r/territoriolivre/comments/3m0xe7/defini%C3%A7%C3%A3o_do_partido_em_que_os_militantes_do_mbl/. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁴⁵ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mbl-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

⁴⁶ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1860269-negro-e-gay-vereador-mais-jovem-de-sao-paulo-critica-cotas- raciais.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Progressista (PP) e Partido Social Cristão (PSC)⁴⁷. Kim Kataguiri (DEM) recebeu mais de 460 mil votos e tornou-se o quarto deputado mais votado de São Paulo⁴⁸. Kataguiri, aos vinte e três anos, anunciou que concorreria à presidência da Câmara dos Deputados, e foi ao Supremo Tribunal Federal recorrer da determinação que estabelece a idade mínima de trinta e cinco anos para ser presidente da Casa⁴⁹. Posteriormente, o jovem deputado retirou sua candidatura⁵⁰.

Recentemente, em uma entrevista à Folha de São Paulo⁵¹, Renan Santos, coordenador nacional do MBL fez uma espécie de “mea culpa” pela situação de “polarização” no Brasil.

A antipolítica esteve em conflito conosco já em 2015. O Olavo de Carvalho⁵² defendia a tese da intervenção militar, que invadissem o Congresso. Nós mesmos não nos importamos muito com isso na época. E aí entra o nosso erro. Trabalhamos a ideia de espetacularização da política, e isso funcionou para a gente enfrentar os inimigos. Mas começou a funcionar para todo mundo, inclusive para pessoas que não têm as mesmas concepções que as nossas. A gente tem uma responsabilidade num agravamento do discurso público? Temos. Temos que fazer essa *mea culpa*. O que queremos é que os outros agentes políticos também a façam: a esquerda, a imprensa[...] A gente espetacularizaria menos, simplificamos demais a linguagem política. A gente polarizou, e era fácil e gostoso polarizar. Quando começaram a proliferar as camisetas do Bolsonaro e as pessoas diziam “mito, mito”, a ideia de infalibilidade dele, muito foi porque ajudamos a destampar uma caixa de Pandora de um discurso polarizado (SANTOS, 2019).

Na entrevista de Renan Santos, é evidenciado pelo próprio dirigente que o MBL mobilizou elementos típicos da comunicação populista, como a antagonização e a simplificação da linguagem política. Ainda que soe como algo na linhagem do reconhecimento de que o MBL contribuiu para a situação caótica em que o país vive, acredito que essas recentes declarações de Renan Santos são muito mais estratégicas que qualquer coisa. Trata-se de uma espécie de reposicionamento de marca. Com o recrudescimento da extrema-direita e com a radicalização do governo Bolsonaro, o MBL se percebe sendo engolido por esses

⁴⁷ Fonte: <https://epoca.globo.com/expresso/animado-com-desempenho-nas-eleicoes-mbl-articula-criacao-de-partido-proprio-23296083>. Acesso em: 15 mar. 2020.

⁴⁸ Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/movimentos-como-mble-livres-tem-desempenho-de-partidos-de-expressao-nacional-5wzlc3wip8fpcmq1yvkd25b>. Acesso em: 15 mar. 2019.

⁴⁹ Fonte: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,kim-kataguiri-vai-ao-stf-para-concorrer-a-presidencia-da-camara,70002681935>. Acesso em: 15 mar. 2020.

⁵⁰ Fonte: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,kim-kataguiri-retira-candidatura-a-presidente-da-camara,70002691452>. Acesso em: 15 mar. 2020.

⁵¹ Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/mbl-admite-culpa-por-polarizacao-no-pais-e-exagero-em-sua-agressividade-retorica.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁵² Tido como “guru intelectual” do governo Bolsonaro, Olavo de Carvalho há anos se coloca como difusor das ideias da direita radical. Morando nos Estados Unidos, Carvalho ficou famoso entre a extrema-direita por realizar vídeos no Youtube comentando política, onde também realizava debates com outros quadros da extrema-direita e até com o então deputado Jair Bolsonaro.

atores, ao ponto de recentemente terem sido chamados de “traidores da direita”⁵³ e também de “comunistas”⁵⁴ pelo bolsonarismo. O MBL enxerga nesse momento uma oportunidade de navegar no discurso – despolitizante – de que o problema do Brasil é a polarização. Nesse sentido, o movimento conseguiria se tornar mais palpável para a grande mídia.

Como indica Gobbi (2016), o fenômeno de surgimento e de ascensão do MBL é laudatório da reconfiguração de movimentos, organizações e *think tanks*⁵⁵ da direita internacional, sobretudo estadunidense. A hegemonia dos *think tanks* conservadores no debate político estadunidense é histórica e reconhecida inclusive pelo partido democrata (FONSECA, 2004, p. 152)⁵⁶.

Como expõe Machado (2017), chama a atenção para o caso do MBL a ampla utilização e o domínio das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, o que potencializou ainda mais seu poder de ação e mobilização. Da mesma forma, como já abordado, a Mídia Ninja tem sua atuação amplamente pautada nas mídias sociais (ver, por exemplo, BITTENCOURT, 2015; D’ANDREA, 2014; SCHARLAU VIEIRA, 2013). Isso pode ir ao encontro do pensamento de Gerbaudo (2018), que afirma que as organizações populistas apresentam grande domínio das mídias sociais.

É importante ressaltar que, como demonstra o trabalho de Gobbi (2016), a ascensão da direita brasileira e latino-americana não somente não ocorreu de modo exclusivamente regional e espontâneo, como aparenta estar relacionada a outros fenômenos similares de outros países. Baggio (2016, p. 1) demonstra como o avanço das direitas ultraliberais latino-americanas e brasileira estão intimamente associadas a *think tanks* estadunidenses⁵⁷,

⁵³ Ver a entrevista completa que Renan Santos deu para a Folha de São Paulo (SANTOS, 2019).

⁵⁴ Ver em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/27/interna_politica,1056902/janaina-paschoal-kim-kataguiiri-e-mais-nomes-da-direita-comunistas.shtml. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁵⁵ Baggio (2016, p.22) define *think tanks* como “expressão que pode ser traduzida por ‘centro de pensamento’ – é um termo criado nos Estados Unidos e utilizado, a partir da década de 1950, para designar organizações que se dedicam a produzir e/ou difundir pesquisas, ideias e projetos de políticas públicas (política econômica, política externa, políticas sociais, ambientais etc.), com o objetivo de influenciar governos e/ou conformar uma certa opinião pública. Em geral, buscam transmitir uma imagem técnica, tentando afastar-se de uma identificação estritamente ideológica, mesmo que claramente defendam determinadas concepções política e ideologicamente orientada”.

⁵⁶ O artigo de Carlos da Fonseca “Os *think tanks* e a política americana” (2004) é um dos primeiros e mais completos trabalhos brasileiros sobre a história dos *think tanks* e sua respectiva influência no debate público estadunidense. Fonseca realiza uma pesquisa histórica buscando as raízes das organizações, assim como faz um mapeamento dos principais *think tanks* e suas estratégias de atuação em busca de uma hegemonia conservadora junto ao poder legislativo, executivo e a imprensa dos Estados Unidos. Fonseca argumenta que os *think tanks* foram fundamentais para a chamada “revolução Republicana” que transformou o país entre os anos de 1980 e 2000.

⁵⁷ Como demonstra Kaysel (2015, p. 68), antes da transição democrática, o apoio à ditadura militar era o principal fator de definição de pertencimento do campo da direita brasileira. De acordo com o autor, durante o

sobretudo a Atlas Network, financiadora de organizações ultraliberais em todo o mundo. A Atlas Network é sediada em Washington, D.C, Estados Unidos, e opera na difusão de valores da direita ultraliberal desde 1981 (BAGGIO, 2016, p. 2). O fundador da Atlas foi o empresário britânico Antony Fisher⁵⁸, entusiasta de nomes da escola de economia austríaca como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e também de Milton Friedman, – cânones do pensamento neoliberal. Vale ressaltar que o ano da fundação da Atlas Network, 1980, é o mesmo da eleição do conservador Ronald Reagan como Presidente dos Estados Unidos da América (BAGGIO, 2016).

Baggio (2016, p. 7) verificou, em visita ao site da Atlas Network em maio de 2016, que, entre as 76 organizações parceiras na América Latina e Caribe, estava o Movimento Brasil Livre (MBL). No entanto, a autora cita que em julho a organização brasileira não aparecia mais na lista de parceiros, no que argumenta que provavelmente tenha havido uma deliberada decisão de retirar o grupo da lista no período de votação do impeachment de Dilma Rousseff no Senado (BAGGIO, 2016, p. 7). Nesse sentido, há associações – mais estreitas que se divulga – entre o MBL e grandes *think tanks* ultraconservadoras estadunidenses (BAGGIO, 2016; GOBBI, 2016).

O MBL, contudo, apesar de refutar as alegações de que possui relações com *think tanks* estadunidenses, acusa diversas organizações liberais – que para o MBL são socialistas – de receber dinheiro de organizações estrangeiras. Nessa perspectiva, a Mídia Ninja se apresenta como principal opositor do MBL. O grupo conservador acusa o Mídia Ninja de ser financiado pela *Open Society Foundation*, organização criada pelo bilionário húngaro George Soros⁵⁹. Dantas, Canavarro e Barros (2014, p. 29) demonstram que George Soros é conhecido por seu investimento na divulgação do pensamento liberal por meio da *Open Society*, organização que tem seu nome inspirado na obra *A sociedade aberta e seus inimigos* (1974), de Karl Popper. Como demonstra Zhan (2018, p. 36), as teorias da conspiração sugerindo que George Soros financia organizações de esquerda como *Black Lives Matter* e grupos antifascistas se tornaram populares na extrema-direita estadunidense.

processo de transição democrática, a direita nacional encampou a agenda neoliberal de políticas de liberalização econômica como sua principal característica. Essa orientação se aprofundou na década seguinte com a formação de diversos think tanks neoliberais, como o Instituto Liberal do Rio de Janeiro. (KAYSEL, 2015, p. 68). Essas instituições que obtiveram grande suporte de think tanks estadunidenses.

⁵⁸ Fisher também fundou o Institute of Economic Affairs (IEA), que teve Margaret Thatcher como frequentadora (BAGGIO, 2016, p. 2).

⁵⁹Fonte: <https://www.terra.com.br/economia/quem-e-george-soros-o-megainvestidor-bilionario-que-virou-alvo-de-militantes-brasileiros,3c14a27f0b4970aecb7d513df216f807y4m58xsg.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Marwik e Lewis (2017, p. 2) argumentam que, desde 2015, a direita estadunidense espalhava alegações de que Soros financiava manifestantes liberais para interromper protestos em favor de Donald Trump. Eatwell e Goodwin (2019, p. 60) demonstram como parte dos seguidores de Trump fomentava discursos conspiracionistas de que uma rede de burocratas de Washington estariam associados ao “marxismo cultural”⁶⁰, e como essas ideias seriam inspiradas em Gramsci, com o intuito de disseminar valores liberais de esquerda nas instituições estadunidenses, representando uma ameaça ao ocidente. Essa obsessão com a figura de George Soros e com o conspiracionismo do “marxismo cultural” também é percebida na direita brasileira, principalmente nos posts do MBL. É comum ver publicações em que a organização conservadora acusa Soros de financiar a Mídia Ninja, o “marxismo cultural”, o “gramscismo”⁶¹ e outros protestos e organizações do campo da esquerda. Segundo o MBL, o bilionário húngaro financia o socialismo internacional e seria um dos representantes socialistas no mercado financeiro. Para Da Empoli⁶² (2019, p. 31), Soros é uma espécie de mistura “besta do apocalipse” e “sonho proibido” dos novos populistas globais. Como demonstra o autor, Viktor Orban, presidente da Hungria, o declarou fora da lei no país. Steve Bannon qualifica Soros como um “maléfico brilhante” e se inspira no modelo da fundação *Open Society* de Soros para obter resultados completamente diferentes do bilionário húngaro: fechar as fronteiras, parar o processo de

⁶⁰ Para compreender mais sobre a precária conceituação de “marxismo cultural”, recomendo o recente *Dialética do Marxismo Cultural*, de Iná Camargo Costa, publicado pela editora Expressão Popular em 2020.

⁶¹ Mussi e Bianchi (2019) discutem as origens da aversão ao pensamento de Gramsci por grupos conservadores. Nos anos de 1980, o intelectual conservador Roger Scruton afirmou que o conceito de hegemonia marxista consistia em instrumento ideológico de “ideologia do domínio de classe” pelos marxistas e afirmava haver uma guerra ideológica corrente (p. 85). Os autores argumentam que Scruton acreditava haver um consenso que ameaçava “os costumes, as instituições, a política dos Estados ocidentais” e revigorava a “teoria e prática do comunismo” (2019, p. 85). Nesse sentido, Gramsci seria responsável por uma teoria de imposição da legitimidade do intelectual de esquerda sobre o homem comum (p. 86). Mussi e Bianchi traçam uma linha histórica do pensamento anti-Gramsci, e sobre o que intelectuais da extrema-direita chamam de “Gramscismo cultural”: de Scruton a De Benoist, até o histerismo anticomunista na América Latina inserido pela revista católica argentina *Gladius*, que discutia a “penetração marxista na América Latina” e a influência do pensamento de Gramsci na educação (p. 87). No início dos anos de 1990, o radialista estadunidense Rush H. Limbaugh afirmava que Gramsci era um “obscuro comunista italiano” louvado pelas *think tanks* de esquerda (p. 90). O pensamento de Gramsci foi base para o que os conservadores passaram a denominar no início dos anos 2000 de “marxismo cultural”. Para Mussi e Bianchi, conservadores como William S. Lind e Raymond V. Raehn, o pensamento de Gramsci visava uma teoria da hegemonia cultural que dominasse instituições da sociedade estadunidense, como as escolas, a mídia e o judiciário. De acordo com Mussi e Bianchi (2019), o escritor ultraconservador Olavo de Carvalho foi responsável por trazer ao Brasil essas interpretações – transcritas de maneira quase literal – do pensamento do teórico sardo por meio do livro *A nova era e a revolução cultural* (1994), em que Olavo de Carvalho argumentava haver um “gramscismo petista” (MUSSI e BIANCHI, 2019). Para mais informações, ler: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/05/gramsci-pensamento-gramsciano-no-discurso-de-velez-e-governo-bolsonaro.htm>; <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>. Acesso em: 07 jul.2020.

⁶² Giuliano da Empoli é um pesquisador francês radicado na Itália. É autor do recente *Os Engenheiros do Caos* (2019), obra em que aborda o fato de que os populistas têm se utilizado de fake news, algoritmos e teorias da conspiração para influenciar eleições e disseminar discursos de ódio.

globalização e a integração europeia e retomar os conceitos antigos de estados-nação (DA EMPOLI, 2019, p.31). Orbán alega que políticos liberais da União Europeia e George Soros possuem o objetivo de lotar a “Europa cristã” de imigrantes e refugiados islâmicos (EATWELL e GOODWIN, 2019, p.61)

Mídia Ninja

A Mídia Ninja foi fundada em 2013 e obteve notabilidade já nos protestos de junho do mesmo ano, quando realizou ampla cobertura das manifestações que tomaram o país na época. A Mídia Ninja tem origem no *Fora do Eixo*, rede de coletivos culturais que existe desde 2002 (BITTENCOURT, 2013, p. 78). O próprio site da Mídia Ninja reconhece que o grupo é objeto de estudos de muitos acadêmicos. O site contém uma seção somente para responder perguntas que são recorrentemente feitas ao grupo⁶³. Sobre o *Fora do Eixo* e a gênese da Mídia Ninja, o grupo afirma que:

O Fora do Eixo é uma rede que desenvolve uma série de articulações e produções no campo da cultura e da mídia livre há 10 anos. O FdE foi o que possibilitou o embrião da Mídia NINJA, determinante e fundamental para o desenvolvimento da rede, servindo como incubador do seu processo, além de continuar sendo a principal responsável por oferecer a estrutura e a condição de trabalho para parte dos midiativistas e jornalistas NINJAs espalhados por todo Brasil.⁶⁴

Para Foletto (2017, p. 82), o Fora do Eixo, um grupo disseminado por diversas casas coletivas no Brasil, jamais obteria o alcance que teve na Mídia Ninja se não contasse com pessoas treinadas no exercício do registro de acontecimentos ao vivo. Os Ninjas, como expõe Foletto, são pessoas com alto nível de treinamento, que provém tanto de uma formação universitária, quanto da

[...] prática cotidiana de transmissões de shows e reuniões ao vivo, gravações e edição em vídeo, fotografias de acontecimentos e documentação de eventos em redes sociais, realizadas durante anos nas ações culturais do Fora do Eixo e que criaram um estilo ágil de produção de informação com alto potencial de circulação na internet e ensinaram os integrantes da Mídia Ninja a improvisar com poucos recursos, a partir da ideia da gambiarra. (FOLETTTO, 2017, p. 82).

⁶³ Fonte: <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 06 abril 2020.

⁶⁴ Fonte: <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 06 abril 2020.

A sigla N.I.N.J.A significa “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”. Segundo o próprio site da organização, a Mídia Ninja assim se define:

Somos uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho. Entendemos a comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI.⁶⁵

Bicalho (2019, p. 598) afirma que, em um contexto de produções de midiativismo, a Mídia Ninja se destaca nos últimos anos, sobretudo pela estruturação de sua narrativa a partir da ação humana e não humana – pelos algoritmos –, na qual a produção jornalística é somente uma das esferas de comunicação. Para a autora, a Mídia Ninja propõe uma transformação social por meio da mídia livre e distribuída – absorvendo, nesse sentido, práticas ativistas. Ressalta, contudo, que qualquer cidadão pode ser um “Ninja”, isto é, colaborar com a criação de conteúdo e narrativas, pois o objetivo do grupo é debater a agenda política nacional e proporcionar voz ao cidadão comum (BICALHO, 2019, p. 598).

É interessante notar que o midiativismo pode não ser considerado um fenômeno novo, mas se associa com as primeiras práxis do jornalismo, como programas político-partidários e plataformas políticas (MARCONDES FILHO apud FOLETTO, 2017, p.108), o elemento novo, contudo, seria sua escala, autossuficiência e autonomia (MILAN apud FOLETTO, 2017, p. 109). Apesar de existirem diversas bases teóricas para a definição de midiativismo, Foletto (2017) argumenta que todas elas visam conceituar iniciativas advindas da mídia ou jornalismo que não fazem parte das práticas formadas pelos veículos que se tornaram instituições profissionais durante o século XX.

A Mídia Ninja, o grupo de maior reverberação de midiativismo no Brasil, realiza, como define Bentes (2014, p. 331), coberturas coletivas de manifestações em todo o país, “streamando”⁶⁶ e fabricando uma experiência catártica de “estar na rua” e alcançando milhares de usuários online. Uma das grandes contribuições da Mídia Ninja está no fato de, como indica Bentes, de ter feito ascender e visibilizar uma “pósTV” ao “pós-telespectador” nas redes em que manifestantes online se engajam com os protestos – que também operam

⁶⁵ Fonte: <http://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

⁶⁶ Bentes (2014) utiliza o neologismo “streamando” a partir da palavra “streaming”, que é a tradução para o inglês de “transmissão”.

como transmissões – e acabam pautando as transmissões em tempo real. A autora argumenta que a Mídia Ninja se tornou referência para midialivristas de todo o país. (BENTES, 2014, p. 331). Para Rezende (2015, p.233), a catarse também cumpre papel fundamental na Mídia Ninja, afinal, a autora afirma que os usuários da *fanpage* do grupo são pautados por uma “potência sensível” que edifica no enredado narrativo “[...] configurado por grande parte dos enunciados, numa experiência catártica, mas gerenciada pela configuração dos afetos enquanto força motriz” (REZENDE, 2015, p. 33).

Como argumenta Bittencourt (2014), a Mídia Ninja tem sua atuação pautada pelo questionamento e pela cobrança da mídia de massa, e, a partir de práticas colaborativas e democráticas, visa reorganizar os processos comunicacionais. A autora explica que, diante de um cenário marcado pela presença de novos atores e por práticas políticas definidas pelo uso de mídias sociais, a Mídia Ninja reflete e questiona os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos, revigorando e ampliando as possibilidades comunicacionais dos movimentos sociais. Ainda que não produza conteúdo para quaisquer mídias de massa, a Mídia Ninja gera conteúdos de diversos formatos que inundam a rede, circulando pelo Twitter e Facebook por meio do amplo compartilhamento pelos usuários, o que, segundo Bittencourt, incide diretamente na organização e no rumo de atos e manifestações (BITTENCOURT, 2014, p. 78). Vieira (2013, p. 3) ressalta, por exemplo, a quebra de paradigma representada pelo fato de o Jornal Nacional – principal jornal televisivo do país – ter retransmitido imagens capturadas pelos “ninjas”, o que indicaria que a Mídia Ninja teria extrapolado as ruas e passado a ser reconhecido como fonte jornalística e ator legítimo pelos grandes meios de comunicação.

Sobre a organização dos Ninja, Foletto argumenta:

[...] a formação livre, baseada no aprender fazendo e na sevirologia, “a arte de ‘se virar’ para alcançar um resultado satisfatório” (FORA DO EIXO, 2011, online) que tem a ideia de gambiarra como característica importante; e a diferenciação entre ninjas que iam para a rua e os que se mantinham na “base”, nome dado aos que ficavam nas casas coletivas do Fora do Eixo espalhadas pelo país acompanhando, divulgando e circulando informações na rede (FOLETTTO, 2017, p. 97).

Foletto (2017) demonstra que, sobretudo no início da Mídia Ninja, quando essa cobria as manifestações de junho de 2013, ocorreu a distinção entre ninjas da base e ninjas da rua

pelo fato de haver a indispensabilidade de membros em casa, conectados à internet, que difundissem o conteúdo capturado pelos ninjas que cobriam as manifestações de rua. O autor demonstra que a divisão era feita a partir de diversos critérios, mas a experiência de cada integrante também era um quesito importante a ser considerado. De acordo com Bittencourt (2015, p. 94), a *fanpage* no Facebook da Mídia Ninja é pautada por informação e opinião, entre publicações que variam de relatos e divulgações, que são organizados por meio de fotos, textos, vídeos, links e transmissões ao vivo. A Mídia Ninja reforça seu perfil ativista, e, sobretudo, sua afirmação dentro do espectro ideológico da esquerda, quando declara em seu próprio site o posicionamento contra o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Em 2016, [a Mídia Ninja] foi uma das principais iniciativas de resistência na luta pelo fortalecimento da democracia em meio a instabilidade política. Hoje a rede engaja mais de 2 milhões de apoiadores e cerca de 500 pessoas diretamente envolvidas com o suporte de casas coletivas pelo Brasil.⁶⁷

A Mídia Ninja é a principal organização de esquerda no Facebook, isto é, o grupo de esquerda com a *fanpage* com a maior presença digital, correspondendo a 2.011.909 curtidas⁶⁸. Assim como para o MBL, o período do impeachment foi fundamental para a Mídia Ninja sedimentar seus posicionamentos políticos e avançar cada vez mais a uma plataforma de esquerda⁶⁹. As publicações da organização, que em 2013 foram marcadas pelo apoio as manifestações de junho que tomaram o país, caracterizam-se, no passado recente, pela crítica ao governo Temer, à prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, à eleição de Jair Bolsonaro e se antagonizando, sobretudo, à ascensão conservadora de direita. O MBL, em um vídeo narrado por Kim Kataguirí, se refere à Mídia Ninja como “grupo de extrema-esquerda”⁷⁰. O principal motivo pela revolta do grupo conservador no momento da referida publicação se deve ao fato de a Mídia Ninja ter divulgado, em primeira mão, um vídeo do ex-presidente Lula apoiando a candidatura de Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), à presidência da

⁶⁷ Fonte: <http://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 26 fev. 2019;

⁶⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

⁶⁹ Ainda que a Mídia Ninja seja amplamente compartilhada dentro da esquerda, o campo da oposição de esquerda – aqueles setores da esquerda que faziam oposição ao PT no governo – acusa o Mídia Ninja de ser muitas vezes próximo demais ao campo petista e, em decorrência disso, acrítico com relação ao que seriam erros de estratégia e de ação do PT.

⁷⁰ Ver: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/959604250830385>. Acesso em: 26 fev, 2019. O vídeo de Lula apoiando Boulos pode ser visto a partir de 0:37

República⁷¹. Em um primeiro momento, é possível perceber que a Mídia Ninja se diferencia do MBL no âmbito estilístico. Apesar de utilizar intensivamente a linguagem de vídeos, o que é esperado pela proposta da organização, o Mídia Ninja se distingue do MBL no enquadramento de sua mensagem. Ao contrário da organização direitista, que abusa do enquadramento simples e impactante, junto com uma linguagem simples com amplo apelo visual, a Mídia Ninja costuma utilizar textos explicativos para acompanhar seus vídeos e imagens postadas. A Mídia Ninja não parece operar uma linguagem memética.

Na seção de perguntas frequentes no site da Mídia Ninja, a última questão se caracteriza por ser a mais emblemática: *A Mídia Ninja é um novo movimento social?* A resposta no site é a seguinte:

Existe um processo de mais de uma década de construções, no qual iniciativas como o CMI (Centro de Mídia Independente), o Intervezes, o Fórum de Mídia Livre, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação ou até mesmo as experiências de Rádios Livres e Comunitárias se formaram, se consolidaram e inspiraram a geração que concebeu a Mídia NINJA e outras iniciativas mais recentes.

Para nós, a grande novidade está na visualização que é possível se fazer, hoje, da soma dessas iniciativas que ganham força e legitimidade para se apresentar como a nova grande mídia. Trata-se de uma ecologia de produção de conteúdos que tem capacidade de incidir diretamente nas disputas de imaginário contemporâneas e colaborar com a obtenção de conquistas públicas da sociedade. Em razão disso, compreendemos que muitas vezes estamos na contramão dos interesses dos veículos que fazem parte do sistema de comunicação corporativo no Brasil, faz parte da disputa, e a Mídia NINJA escolheu um lado.⁷²

A resposta é tão evasiva quanto simbólica: o grupo tem ciência de estar na contramão dos interesses econômicos da imprensa empresarial brasileira e afirma ter escolhido lutar contra os interesses hegemônicos dos sistemas de comunicação. Nesse sentido, a Mídia Ninja não deixa margens para qualquer dúvida em relação ao reconhecimento de seu ativismo. Fica evidente como o grupo tergiversa, o que ressalta esse caráter hibridismo que transita entre o movimento social e a mídia alternativa.

Estrutura da Dissertação

Dividi a dissertação em três capítulos. No primeiro, abordo o conceito de populismo e comunicação populista e as principais disputas da literatura em torno do conceito. Meu

⁷¹ Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=1093648677459943>. Acesso em: 19 jul 2020.

⁷² Fonte: <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em 08 ago. 2020.

propósito é delinear conceitualmente a comunicação populista como parte, hoje, da definição do próprio conceito de populismo. No capítulo seguinte, discuto a relação entre populismo e crise – e quais são os significados da crise da democracia. Proponho um resgate das movimentações recentes na discussão teórica do populismo, procurando evidenciar a necessidade de deslocamento do horizonte normativo em que nos encontramos no debate; a inserção da discussão de longa data sobre o populismo no Brasil e na América Latina é fruto desse deslocamento. No terceiro capítulo, discuto a importância de se compreender a comunicação populista a partir das práticas digitais dos atores e do perfil ideológico de seus líderes. Apresento a metodologia desenvolvida durante a pesquisa, com destaque para o modo como analisei os dados. Com a discussão anterior acumulada, faço a análise dos casos escolhidos: MBL e Mídia Ninja. A apresentação dos dados empíricos permite comparar, considerados os limites da amostra obtida, em que medida ambas as organizações se aproximam e se afastam uma da outra na comunicação populista. Por último, na seção de considerações finais, alinhavo os principais elementos do debate feito ao longo dessa dissertação e proponho caminhos possíveis de pesquisa futura.

Capítulo 1 – Populismo em debate: um conceito em disputa

Este capítulo tem o objetivo de discutir os conceitos de populismo e de comunicação populista a partir dos principais debates na literatura, e compreender o porquê de o populismo ser compreendido em muitas ocasiões como um fenômeno negativo. Também serão abordadas as visões que compreendem o populismo como uma ideologia (algo recorrente na literatura) e os principais autores atuais que discutem o conceito. Além disso, serão mostradas as tentativas anteriores de se medir o populismo e como a proposta desse trabalho as incorpora e ao mesmo tempo delas se diferencia.

Em 1969, Ghita Ionescu e Ernest Gellner anunciavam que “[...] um fantasma aparece sobre o mundo: o populismo” (IONESCU; GELNNER, 1969, p.7). Os autores afirmavam que o populismo era a ideologia mais abraçada por novos líderes. Já argumentavam, porém, que apesar do inegável lugar de relevância do populismo, ninguém sabia exatamente o que o populismo era, afinal surgia em todas as partes do mundo ocidental e comunista, mas com formas variadas e marcadas por grandes contradições. Os autores citam que, em maio de 1967, a London School of Economics realizou uma conferência com a intenção de delinear uma definição para o conceito, tendo reunido durante três dias vários dos maiores especialistas sobre populismo (IONESCU; GELNNER, 1969, p. 8). O contexto de confusão do debate sobre o populismo em 1969 não parece ser muito distinto do debate contemporâneo. Diversas conferências são organizadas com o intuito de proporcionar um conteúdo menos elástico e mais preciso para o conceito, da mesma maneira que se busca novamente entender as causas de uma ascensão global do populismo. Em 1969, no livro que foi fruto da conferência da London School of Economics, Worsley escrevia que

[...] habitualmente, os movimentos populistas fracassaram. A história ignora os derrotados, mas a partir dos narodniki e dos populistas norte-americanos, passando por todas as manifestações contemporâneas de populismo organizado, os temas cuja evolução temos seguidos parecem bastante persistentes [...] para descrever esse estilo político eternamente repetido – a eterna tentativa do povo de reclamar direitos políticos como algo que lhe pertence – e que o utilizado por ele – “populismo” é tão aceitável quanto qualquer outro neologismo (WORSLEY, 1969, p. 64).

O autor também argumentava ser sintomático o fato de nunca ter havido uma espécie de Internacional Populista e que muitos movimentos assim rotulados por analistas nunca tenham se denominado dessa maneira, afinal o populismo não seria parte de uma tradição compartilhada ampla e seu status tipológico seria somente analítico. Não há dúvidas que,

desde a década de 1970, muitas peças mudaram. Desde a revisitação e a evolução do debate sobre o populismo, até o triunfo da realização de projetos e governos populistas, nos encontramos com a possibilidade de uma espécie de Internacional Populista organizada pela extrema-direita, com a criação inclusive de uma “universidade populista”⁷³. Em 2016, Steve Bannon, ex-estrategista chefe da Casa Branca no governo Trump e ex-editor do portal estadunidense de extrema-direita *Breitbart News*, foi considerado por Giuliano Da Empoli uma espécie de Trotsky da revolução populista. Em entrevista recente, Bannon declarou que deseja “[...] construir uma infraestrutura global para o movimento populista mundial” (DA EMPOLI, 2010, p. 31).

É importante ressaltar que, assim como coloca Fassin (2019, p. 21), o simples apelo à história não é suficiente para compreender esse fenômeno tão complexo como o populismo. Para Fassin, essa nova ascensão do populismo não se mostra numa retomada banal do populismo agrário dos EUA no século XIX, nem de sua versão intelectual russa no mesmo século.

As dificuldades de definição conceitual estão relacionadas com duas características das pesquisas recentes sobre o populismo. Em primeiro lugar, a maior parte se concentrou em casos quase que exclusivamente vindos do hemisfério norte, que representam, por isso, forte viés regional. Isso se apresenta como um grande problema, a partir do momento, de um lado, em que as experiências classificadas como populistas vindas do hemisfério norte são universalizadas e, de outro, a longa trajetória de discussões sobre o populismo na América Latina é ignorada. A partir de uma perspectiva, sobretudo estadunidense, canadense e europeia, o populismo na América Latina é analisado sob ótica altamente estigmatizadora (ver, por exemplo MOUNK, 2018; MÜLLER, 2017; NORRIS; INGLEHART, 2018; TODOROV, 2014): como experiência “falha” em relação ao que é tido como universal, as democracias liberais da Europa e EUA. Em segundo lugar, esses estudos de caso são analisados principalmente de maneira isolada, resultando na criação e aplicação de categorias únicas a cada um e dificultando sobremaneira uma comparação entre esses casos (ver, entre outros, BALE, KESSEL; TAGGART, 2011; DEEGAN-KRAUSE; HAUGHTON, 2009; STAVRAKAKIS; KATSAMBEKIS, 2014). Se objetivamos entender como diferentes casos estão conectados, não obstante, precisaremos aplicar categorias *semelhantes* nas análises.

⁷³ Ver mais em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/20/internacional/1537462031_280140.html. Acesso em: 26 jan. 2020.

Populismo: um conceito labiríntico?

Como diz Angela de Castro Gomes,

[...] não interessa qual seja a escolha realizada; escrever sobre o populismo no Brasil será sempre um risco. Por incompletude ou por “má” compreensão, por adesão ou por rejeição, o texto será alvo fácil para críticas de todas as espécies. Nesse sentido, o destino de qualquer reflexão que trate do tema reproduz, em certa medida, o próprio destino de seu objeto de estudo (GOMES, 2001, p. 19).

Não poderia concordar mais com Gomes: debater populismo é algo complexo e aventureiro em qualquer seara: seja nas mídias sociais, no jornalismo, mas, principalmente, na academia. Urbinati (2019), por exemplo, afirma que, ainda que o populismo seja um fenômeno global, é praticamente um axioma que qualquer definição de populismo será precária, pois o fenômeno resiste a generalizações. Da mesma maneira, Panizza (2005, p. 1) afirma que se tornou clichê entre os pesquisadores começar a escrever sobre populismo lamuriando a falta de clareza sobre o conceito. Assumindo isso, os analistas do populismo devem tornar-se comparativistas, tendo em vista que a linguagem e conteúdo do populismo se mostram incutidos na cultura política local da sociedade onde o fenômeno se insere (URBINATI, 2019, p.17).

O conceito de populismo, como descreve Kevin Olson (2017), costuma ser utilizado de maneira profundamente ambígua para descrever pensamento e ação política, podendo ser tratado como forma cínica de instrumentalidade política. Da mesma forma, o populismo também pode ser concebido a partir das agendas mais radicalmente universalistas e igualitárias, reivindicando coletividades políticas excessivamente distintas, como os pobres, as massas ou qualquer indivíduo de uma determinada jurisdição (OLSON, 2017, p. 791). Por todas as controvérsias envolvendo o termo, e principalmente, pela forma genérica e pela profunda carga negativa sobre o conceito, tratar sobre esse fenômeno sempre será penoso. Todavia, ainda que reconheça isso, nessa dissertação se argumenta que o conceito de populismo pode ser bastante útil para explicar alguns de nossos fenômenos sociais.

Para se ter uma ideia da complexidade do fenômeno populista, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein propôs que deveríamos abandonar o intuito de buscar substâncias comuns no populismo, pois os atores populistas, apesar de possuírem semelhanças, não

compartilhariam um conjunto de características exclusivas (WITTGESTEIN apud FASSIN, 2019, p. 21).

Como afirmam Rodrik (2018) e Gerbaudo (2012), o populismo surge no contexto de crise no capitalismo e, portanto, pode ser mais um sintoma de falha sistêmica do que sua causa. O populismo aparenta estar intimamente associado a respostas locais associadas a uma tentativa de despolitização promovida na esteira da globalização (VOLK, 2013). Essas respostas poderiam estar compartilhando significados profundos de outros fenômenos mais amplos, à medida que tentam separadamente, e à sua maneira, criar novas formas de representação da vontade e do exercício da soberania popular.

A literatura recente também tem contribuído para questionar o sentido pejorativo que tem sido historicamente dado ao conceito de populismo (CANOVAN, 1999; ENGESESSER, 2017; MUDDE; KALTWASSER, 2017; WEFFORT, 1989). Como afirma Laclau, muitos dos críticos dos populismos dão-lhe um sentido depreciativo, implicando

[...] (1) que o populismo é vago e indeterminado na audiência a que se dirige, no seu discurso e nos seus postulados políticos; (2) que o populismo é mera retórica, mas, como ele responde, a imprecisão também é constitutiva da realidade social da qual o discurso político emerge (2005, p. 67),.

No Brasil, por exemplo, o conceito de populismo obteve grande difusão no debate público brasileiro entre os anos de 1970 e 1980 e, na maioria das ocasiões, sob uma ótica negativa (PERLATO, 2016, p. 71). No entanto, mesmo que o conceito de populismo também tenha sido utilizado para caracterizar governos neoliberais (COLLINS, 2014), Perlato indica que a noção de “populista” foi retomada recentemente com veemência no debate público, sendo associado a “bolivarianismo”. Esse termo (também adotado de maneira genérica), como argumenta o autor (COLLINS, 2016, p. 71), tem sido utilizado para codificar governos na América Latina tidos como personalistas e com lideranças carismáticas. Esses governos seriam caracterizados pelo controle do mercado por um Estado hipertrofiado e grande utilização de políticas sociais entendidas como “assistencialistas” ou “clientelistas”. Na visão dos críticos, operariam com o intuito de manter uma estrutura de dependência do governo pela população e assim ocorreria cooptação dos setores populares como “massa de manobra”. Essas críticas, assim como certa equivalência entre populismo e bolivarianismo, estão associadas à emergência, no início dos anos 2000, de lideranças do campo da esquerda nacionalista na América Latina (PERLATO, 2016), a chamada “onda rosa”.

Finchelstein (2017, p. 26) expõe que o populismo tem sido inflado ou confundido com qualquer coisa que se oponha à democracia liberal. De acordo com ele, a tendência de se conceber o populismo somente em perspectiva negativa revela uma simplista identificação da democracia com o neoliberalismo, esvaziando qualquer potencial emancipatório da democracia.

No mesmo sentido, Miguel (2012, p. 33) argumenta que o populismo é um rótulo usado para reprovar todos os tipos de políticas redistributivas e qualquer apelo retórico às classes populares no discurso político. Há ainda uma visão tirânica do populismo, como argumentam Kaltwasser e Frei (2008). Os autores afirmam que essa construção é feita a partir de associações que o populismo recebeu historicamente do fascismo⁷⁴ e do militarismo. Entretanto, para Markou (2019) a associação entre populismo e fascismo⁷⁵ não é ilógica, tendo em vista as próprias reflexões de Laclau⁷⁶: “o fascismo [...] foi [...] uma das maneiras possíveis de articulação das interpelações democráticas populares em discursos políticos [...]. Então, vemos porque é possível chamar Hitler, Mao e Peron simultaneamente de populistas” (LACLAU apud MARKOU, 2019, p. 11). Castells (2018, p. 16) assegura que são considerados de forma depreciativa – pela perspectiva midiática e do establishment político – os comportamentos que não reconhecem os canais institucionais, dominados pelas elites, como caminhos para as mudanças políticas. Por isso, a visão negativa sobre o populismo. Ainda que o liberalismo veja sempre o populismo como um problema, autores marxistas também se opuseram a experiências populistas na América Latina. Para Kaysel, (2016a, p. 98), foi pela compreensão de populismo divulgada por Lenin que o termo adentrou o debate marxista latino-americano. Kaysel (2016a, p. 95) demonstra que Lenin foi responsável por deslocar o significado de populismo no debate russo – delegando um sentido pejorativo e alargando seu escopo. De acordo com Kaysel (2016a, p. 97), o revolucionário soviético fez profundas críticas a autores como Vorontsov e Danielson – que argumentavam que o capitalismo russo seria incipiente e artificial – chamando esses autores de “populistas”. Kaysel também argumenta que Lenin diferenciava o que chamava de “populismo” de uma tradição democrática russa, em que o pensamento populista defenderia

⁷⁴ Para melhor compreensão sobre o fascismo no século XX, recomendo a publicação *Fascismo*, publicada em 2019 no Brasil, que combina os textos “A doutrina do Fascismo”, de Benito Mussolini e “O Fascismo – o que é e como combatê-lo”, de Leon Trotsky

⁷⁵ Em *From Fascism to Populism in History* (2017), o argentino Federico Finchelstein faz uma genealogia das tensões, aproximações e diferenças entre populismo e fascismo ao longo da história.

⁷⁶ Laclau foi considerado defensor do peronismo e do kischnerismo por grande parte da mídia latinoamericana. Ver em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/em-defesa-do-populismo-2515/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

[...] o desenvolvimento capitalista, ao destruir a pequena propriedade urbana e rural [...] [e] seria uma forma de “decadência” ou “regressão”, a defesa do caráter “original” das relações de produção camponesas autóctones e da possibilidade de utilizá-las para saltar para o socialismo, sem passar pelo capitalismo, e, por fim, o desconhecimento da dependência dos intelectuais, das instituições jurídicas e políticas em relação às classes e às relações de produção” (KAYSEL, 2016a, p. 97).

Losurdo, importante autor italiano marxista do século XX (2017, p. 40), chama de populistas aqueles que, dentro do campo socialista, criticavam o desenvolvimento industrial soviético como expressão de uma espécie de “americanismo”.

O populismo, concebido como algo degenerado, está intimamente ligado com a aversão das elites à mobilização das massas populares (LACLAU, 2005). Rancièrre, por exemplo, afirma:

A noção de populismo recupera uma imagem do povo elaborada no fim do século XIX por pensadores como Hippolyte Taine e Gustave Le Bon, assustados com a Comuna de Paris e o crescimento do movimento operário: a imagem de multidões ignorantes impressionadas com as palavras vibrantes dos “líderes” (RANCIÈRE apud FASSIN, 2019, p. 24).

Para Rosanvallon (2011, p. 4), o populismo é tanto um sintoma de uma angústia como a expressão da esperança. O populismo nasceu de uma crise e não personifica um mal inerente, mas sim o encontro entre a desilusão política e a crescente consciência das pessoas sobre a sua impotência, a falta de alternativas e o embaciamento do mundo resultante (Rosanvallon, 2011, p. 4). Finchestein (2019, p. 26) também argumenta que o populismo não é uma patologia, mas uma forma política que surge em contextos democráticos profundamente desiguais, em cenários em que as diferenças de renda aumentaram e a legitimidade da representação diminuiu. O populismo, para Finchestein, é uma resposta, mas uma que tem a possibilidade de minar ainda mais a democracia sem destruí-la, ou extingui-la e tornar-se uma ditadura. É importante ressaltar que Laclau já argumentava em *A Razão Populista* (2005) sobre as ameaças de o populismo se transformar em ditadura.

Perspectiva Laclauniana: uma ontologia do político

Ernesto Laclau foi o analista mais bem-sucedido em proporcionar uma base teórica consistente para os debates sobre populismo. O pós-estruturalismo e a teoria do discurso

dos pós-marxistas⁷⁷ da Escola de Essex, na Inglaterra, se mostram uma chave explicativa bastante sedutora para a compreensão do complexo fenômeno do populismo.

Laclau (2005) concebe a contingência como resultado de um processo histórico. O autor argentino utiliza, contudo, a contingência da diferença em um sentido político, ou seja, não existiria uma ontologia do social, mas sim do político, pois a ontologia do social é política e o social é produzido politicamente por meio de antagonismos. Nesse sentido, a *distinção* é uma possibilidade ou ocasião de politização que pode se configurar em disputa por hegemonia, que vem a reboque de um momento fundado na diferença e definido na lógica do antagonismo e do político. Dessa forma, o sentido é produzido por meio de distinções, isto é, por operações discursivas que as produzem. Laclau argumenta que a realidade social é flexível e construída discursivamente e o que caracteriza a sociedade são os sistemas de distinções que a constituem. A tessitura discursiva do social é política – e as formas de distinguir são as formas que constituem o social – e a estrutura simbólica que organiza a sociedade é fundada em antagonismos que produzem sentido para se criar politização e hegemonia.

Em minha perspectiva, não existe algo que vá além do jogo das diferenças, nenhum fundamento que, a priori, privilegie alguns elementos do todo em detrimento dos outros. Qualquer que seja a centralidade que um elemento adquira, ela tem de ser explicada pelo jogo das diferenças enquanto tais (LACLAU, 2013, p. 117).

Laclau e Mouffe (1985) definem discursos como totalidades diferenciadas, que articulam elementos linguísticos ou não. Laclau argumenta que a distinção entre movimento e sua ideologia é inútil e irrelevante (LACLAU, 2013, p. 47). Nesse sentido, seria mais relevante “[...] determinar as sequências discursivas por meio das quais uma força ou um movimento social conduz seu desempenho político global” (LACLAU, 2013, p. 47).

Laclau concebe, portanto, a sociedade não como produto de estruturas rígidas, mas linguísticas. A forma como a sociedade é organizada se dá por estruturas discursivas que

⁷⁷ Segundo Göran Theborn, em *Do marxismo ao pós-marxismo?* (2012, p. 137), o termo pós-marxismo não se equivale ao ex-marxismo e, mesmo que as fronteiras tenham se tornado tênues nos últimos anos, também não se equivale ao “neomarxismo”, que, segundo Theborn, é aplicado aos projetos teóricos que possuam o marxismo clássico como ponto inicial. Embora diversos autores já tenham sido chamados de pós-marxistas, Laclau e Mouffe aceitaram tal rótulo e o livro *Hegemonia e Estratégia Socialista* é considerado um dos cânones dessa corrente (THEBORN, 2012, p. 137). No entanto, para Theborn (p. 138), a teoria crítica alemã foi talvez a primeira principal corrente do pós-marxismo, com Adorno e Horkheimer, posteriormente com Habermas, Clauss Offe e Axel Honneth.

delegam sentido – que é linguístico e comunicativo – à sociedade. Ou seja, a realidade social é mediada discursivamente. O sujeito, por exemplo, é resultado do processo social e é articulado pela comunicação e pelo sentido. Isto é, o sujeito é resultado da articulação de discursos. Essa breve apresentação de parte do pensamento do autor pós-marxista auxilia a entender alguns conceitos da teoria laclauliana e que serão discutidos no próximo tópico.

A identificação com o significante vazio é vista por Laclau como condição essencial para a emergência de um povo. Para o autor argentino (2013, p. 765), sem a produção do vazio não existe a possibilidade de um “povo”, de um populismo e de democracia. Essa lacuna constitui-se em uma particularidade que será transformada em significante vazio por meio de uma luta hegemônica. Isto é, o significante vazio é uma construção política e um símbolo. Nesse sentido, para a construção de “povo” (2013, p. 766), os significantes vazios se efetuarão a partir de uma cadeia de equivalências – uma articulação entre demandas de equivalência. Laclau afirma que um conjunto de demandas de equivalência harmonizado por um significante vazio é que irá edificar o “povo”, e a democracia necessitará da edificação de um “povo” democrático. Como Rodrigues explica (2014, p. 767), significantes vazios consistem em cadeias de discursos articulados entre si que se juntam e constituem uma totalidade hegemônica. Ao mesmo tempo em que se institui uma totalidade, Rodrigues expõe que também se estabelecem os limites da totalidade, isto é, uma diferenciação com o “outro” que não se encontra nessa totalidade (RODRIGUES, 2014, p. 767). Como Rodrigues (2014, p. 767) expõe:

A equivalência é aquilo que subverte a diferença, fazendo com que identidade e diferença sejam construídas a partir desta tensão: lógica da diferença e lógica da equivalência. Isso significa que, se tivermos dois discursos que se antagonizam, um “pró” e outro “contra” determinada demanda, eles serão equivalentes entre si na cadeia discursiva que vai construir sua totalidade. É nesse sentido que Ernesto Laclau vai falar em lógica da diferença e lógica da equivalência.

Nesse sentido, a hegemonia é resultado de quem preenche esse significante e vence a disputa política e social. Para o autor argentino, a hegemonia do processo liberal é burguesa.

Como Laclau afirma, o discurso populista articula uma cadeia de demandas que ainda não foram atendidas – caso contrário, elas não seriam mais uma demanda (2013, p. 127). Essas demandas, quando inscritas numa cadeia de equivalência e reconhecidas como populares, vão em oposição aos poderosos adversários que dominam o establishment, o que significa

que todas elas são integradas como demandas de um grupo mais amplo. Nesse sentido, o discurso populista reivindica uma nova hegemonia, ao entender que as instituições são as armas dos mais fortes – uma minoria que domina a maioria. Laclau apresenta os significantes flutuantes, que são aqueles significantes que possuem seus sentidos embargados e em disputa. O significante flutuante está associado a uma variedade de sentidos e que se constitui nas transformações do significante vazio.

A política populista constrói um antagonismo entre o povo e seus inimigos, que são os responsáveis pelo “ser deficiente” (LACLAU, 2013, p. 180) na comunidade, que também pode incluir minorias que não estão no poder, como imigrantes ou grupos ideológicos, como comunistas, liberais e conservadores, que também serão identificados como responsáveis por esse “ser deficiente”. Esse antagonismo, no entanto, só pode ser entendido em um sentido limitado, como alerta Laclau, porque está inscrito em um contexto de heterogeneidade, onde vários outros elementos estão em interação com a mudança de identidades.

Como argumentam Gobbi e Abelin (2019, p. 6), para Laclau e Mouffe, a construção da hegemonia política significa uma crítica radical do problema de identidade, na medida em que condensaria inequivocamente as diferentes formas de particularismo. As definições de identidade devem necessariamente superar perspectivas substantivas, privilegiando concepções marcadas pela multiplicidade e fluidez (BIRMAN, 2018, p. 33). Os autores partem do pressuposto de que o marxismo é incapaz de compreender a complexidade das sociedades e, sobretudo, as formas multifacetadas em que a formação da subjetividade opera nas relações sociais. Como argumentam Mendonça e Rodrigues (2014, p. 48), para Laclau, o marxismo estava ligado a uma concepção essencialista da sociedade, baseada na lógica reducionista das relações sociais restritas ao capital versus antagonismo laboral. Entretanto, o que o autor pós-marxista argumenta é que existe um espectro social complexo, formado por várias identidades construídas a partir de relações discursivas antagônicas diferentes dos antagonismos de classe (LACLAU, 2013, p. 48).

A passagem a seguir demonstra como um populismo que mobilize determinadas cadeias de equivalência pode, para Laclau, não ser concebido como inerentemente ruim.

Na América Latina, durante as décadas de 70 e 80, a defesa dos direitos humanos fazia parte das demandas populares e assim constituía a identidade popular. Se [...] a identidade do “povo” for estabelecida apenas através de cadeias de

equivalências, não existe motivo para pensar que o populismo que inclui os direitos humanos como um de seus componentes esteja descartado a priori [...] a defesa dos direitos humanos pode se tornar a mais premente demanda popular (LACLAU, 2013, p. 171, tradução livre).

Mesmo que Laclau defenda que é preciso uma definição mais rigorosa sobre o populismo, o autor pós-marxista não defende a adesão a essas práticas como impreterivelmente necessárias, afinal, o próprio Laclau escreve sobre o perigo de o populismo mover demandas que o transformem em uma ditadura popular ou em simples totalitarismo (ABELIN; GOBBI, 2018). É importante ressaltar isso, pois Laclau foi considerado defensor de projetos populistas na América Latina e ideólogo do kirchnerianismo⁷⁸.

Apesar do avanço no debate sobre populismo, a concepção de Laclau é passível de críticas. Se o populismo é uma forma radical de democracia, ainda que o autor alerte para a possibilidade de o populismo tornar-se totalitarismo, Laclau parece em determinado momento de sua obra não conseguir distinguir populismo de democracia. Para Kaysel (2016b, p. 128), ainda que seja axiomático afirmar que Laclau tenha engrandecido o debate sobre o populismo a um nível de sofisticação teórica inédito no campo, o autor argentino decorre em prejuízo de seu poder explicativo ao levar a sério a grande extensão dos usos que o populismo possui. Para Kaysel, Laclau utiliza um conceito formal para definir um conjunto diverso de fenômenos políticos e históricos.

A trajetória do populismo no Brasil

Para abordar a trajetória do populismo no Brasil, é necessário dizer que existe uma percepção historicista do populismo, sobretudo latinoamericano, que restringe muitas vezes o termo às chamadas décadas de ouro da política populista, como afirma Panizza (2005, p. 3). No caso brasileiro, isso teria se dado desde a crise econômica da década de 1930 até o fim do modelo de desenvolvimento de industrialização por substituição de importação, nos anos de 1960. É uma abordagem que trata do vínculo entre a política populista e a estratégia de desenvolvimento industrial da época, como define Panizza, a partir de uma aliança de classe sob a liderança de um líder carismático como Perón, na Argentina, Vargas, no Brasil e Cárdenas, no México. No entanto, essa interpretação do populismo,

⁷⁸ Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/04/ernesto-laclau-defende-o-populismo-latino-americano-para-assegurar-a-participacao-da-populacao-na-politica-4473305.html>; <https://www.cartacapital.com.br/mundo/em-defesa-do-populismo-2515/>. Acesso em: 06 abril 2020.

ainda que sob o fato de ter havido naquela época vários regimes tidos como populistas na América Latina, não pode justificar, como argumenta Panizza (2005, p. 3), seus limites geográficos e temporais restringidos, que ignoram momentos e casos de populismo anteriores e posteriores, seja na América Latina ou em outras regiões. Kaysel (2016b, p. 107), por exemplo, alcunha de “abordagem histórico-estrutural”, ou “teoria do populismo”, diversas leituras que, em denominador comum, concebiam o populismo como expressão política de uma etapa do desenvolvimento histórico da América Latina (KAYSEL, 2016b).

Como indica Jorge Ferreira (2001, p.7), o populismo como conceito para desvendar a política brasileira, sobretudo de 1930 a 1964, tornou-se um verdadeiro – e bem sucedido – ícone estabelecido nas Ciências Humanas no Brasil. Enquanto o ano de 1930 marcaria o início do populismo na política nacional, 1945 seria o período de reorganizações institucionais que permitiram seu prosseguimento como experiência democrática, e 1964 representaria o seu colapso (FERREIRA, 2001; IANNI, 1968). Mesmo com as mudanças teóricas ao longo do tempo, o populismo como categoria explicativa teve, segundo Ferreira (FERREIRA, 2001, p. 8) a intenção de explicar por que os trabalhadores apoiaram Getúlio Vargas ao longo do Estado Novo e por quais motivos apoiaram, entre 1945 e 1964, os trabalhistas.

. Para Ianni, a política de massas baseava-se em um arranjo entre interesses econômicos e políticos da classe média, do proletariado e da burguesia industrial (elementos fundamentais do getulismo), uma associação entre setores estratégicos que favoreceu a criação e a expansão dos setores industriais e de serviços no Brasil, ao mesmo tempo em que, visando conceder o acesso a parcelas do poder de setores assalariados, permitiu o estabelecimento de instituições democráticas (p. 55).

Para Rodrigues (apud Braga, 2012, p 58), o Estado populista operava como centro de equilíbrio entre os variados grupos de pressão e pacificava os conflitos sociais. Grande parte do sucesso desse intercâmbio de classes é devido ao que se convencionou a ser chamado como peleguismo⁷⁹. Para Ianni (1968, p. 61), a política de massas teve um *ethos* profundamente desenvolvimentista e foi devido a ela, e por procedimentos populistas, que foi possível conservar o progresso industrial e a relação entre custo de vida e salário real.

⁷⁹ De acordo com Ianni (1968, p. 56), o peleguismo consistiu em prática intrínseca à estrutura da legislação trabalhista, em que os sindicatos operários e dos setores médios mantinham-se sob o controle dos recursos financeiros dispendidos pelo Ministério do Trabalho, e os dirigentes sindicais eram eleitos a partir de fiscalização e aceitação do próprio governo.

Isto é, de acordo com o autor, é a democracia populista a responsável pela conciliação de diversos interesses com o objetivo do desenvolvimento nacionalista e a industrialização (1968, p. 62). A política de massas operaria, acima de tudo, como uma “[...] técnica de organização, controle e utilização de força política das classes assalariadas, particularmente o proletariado” (IANNI, 1968, p.63).

Rodrigues (1992, p. 20) apresenta uma definição simples e robusta sobre o projeto nacionalista.

A tese central dos nacionalistas apoiava-se na possibilidade de desenvolvimento independente do Brasil através da industrialização comandada pela burguesia e por capitais nacionais. Isto, no entanto, não significava uma aversão absoluta ao capital e tecnologias estrangeiros, aceitos na medida em que se submetessem ao controle nacional (RODRIGUES, 1992, p. 20).

Getúlio Vargas prosseguiu com o intuito de retomar um projeto de desenvolvimento econômico nacional em seu segundo período como presidente (1951-1954), apesar de um novo contexto do capitalismo internacional, pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, como expõe Ianni (1968, p. 68), existia um cenário de conflito de diversos projetos de desenvolvimento econômico em um contexto de acirramento das tensões de setores da sociedade brasileira, principalmente frente à continuidade de uma política de massas e do programa de industrialização, ao ponto que em 1954 são percebidas uma polarização e uma incompatibilidade entre o projeto de internacionalização capitalista e um projeto de desenvolvimento econômico independente. No entanto, o desejo de uma nova etapa do getulismo – aprofundamento da ruptura com os setores externos e os programas de nacionalização – frente aos que desejavam o aprofundamento das relações com o grande capital e com os países hegemônicos, mostrou-se um dos principais elementos da crise que gerou a queda de Getúlio Vargas (IANNI, 1968, p. 68).

Juscelino Kubitschek foi compelido em seu governo a realizar uma política de conciliação que representava manter uma política de massas, porém, realizando um programa de desenvolvimento econômico profundamente pautado na internacionalização (o grande capital defendia a desnacionalização da indústria brasileira). Isto é, de acordo com Ianni (1968), JK mobilizou uma pauta contraditória ao imprimir uma política pautada na internacionalização, ao mesmo tempo em que aliava uma estrutura de sustentação política concebida com o modelo getuliano (p. 70).

O argumento mais interessante de Ianni constitui-se na ideia de que os estilos populistas de Jânio Quadros e trabalhista de João Goulart não foram capazes de restabelecer plenamente o modelo getuliano, ainda que tenham se empenhado – como o Plano Trienal e a doutrina da política externa independente (1968, p. 71). Nesse sentido, para Ianni, “[...] a política de massas foi a vida e a morte do modelo getuliano de desenvolvimento nacional” (IANNI, 1968, p. 73) e se transformou em um problema quando não possuiu mais contrapartidas nas diretrizes da política econômica. A classe média brasileira se mostraria, para Ianni, o grupo mais afeita às soluções autoritárias, pois, desde o auge da política de massas, estaria sendo preparada para aderir ao autoritarismo. De acordo com o autor, o envolvimento progressivo desses segmentos da população no processo político brasileiro ajuda a elucidar parte do sucesso das reações antidemocráticas e o apoio de parte da população ao golpe militar de 1964. Há de se lembrar que, dias antes do golpe que consumou a derrubada de João Goulart, houve a famosa *Marcha da Família com Deus, Pela Família e Liberdade*⁸⁰, protagonizada, sobretudo, pela classe média urbana brasileira, orientada ao autoritarismo e defendendo a derrubada de João Goulart e o combate ao comunismo. Tradicionais veículos da grande imprensa brasileira, como mostra Kaysel (2015, p. 64), como os jornais “O Estado de S. Paulo”, da família Mesquita; “O Globo”, da família Marinho, e os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, operavam como importantes instrumentos de profusão de discursos “antipopulistas” e anticomunistas por conservadores. No entanto, muito se desconsidera nos debates políticos sobre o golpe militar de 1964 que houve ampla e poderosa reação à reacionária Marcha da Família. Como bem mostra Ianni (1968, p. 139), em 13 de março de 1964 houve grande manifestação popular, amplamente apoiada no proletariado urbano, que contou com a presença do presidente da República, de ministros de Estado e de operários, estudantes, intelectuais, líderes nacionalistas, entre outros, defendendo as reformas de base de João Goulart e se mostrando uma expressão típica de democracia populista.

Gomes (2001, p. 21) também discute a carga estigmatizadora que o populismo carrega historicamente no Brasil. Como bem coloca a autora, são considerados populistas aqueles que enganam a população com promessas falsas, os que mobilizam uma retórica fácil com falta de caráter em nome de interesses individuais e, em última instância, seria o populismo que demonstraria que o “povo não sabe votar”. Ademais, Gomes demonstra que, em nome

⁸⁰ Como indica Kaysel (2015, p. 64), a *Marcha da Família com Deus, Pela Família e Liberdade*, ocorrida em 19 de março de 1964, é o exemplo mais conhecido das inúmeras marchas convocadas pelo conservadorismo católico que comandava a hierarquia eclesiástica.

de uma noção de “boa política”, o antipopulismo pode levar até a supressão do voto (GOMES, 2001, p. 21). Historicamente, as origens do conceito de populismo no Brasil remontam a meados da década de 1950, mais especificamente às reuniões frequentes de um grupo de intelectuais paulistas e cariocas patrocinadas pelo Ministério da Agricultura, que deram origem ao Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) (GOMES, 2001, p. 22). O grupo ficou conhecido como “grupo de Itatiaia” pelo fato de se reunirem na cidade fluminense, a meio caminho entre Rio de Janeiro e São Paulo, onde discutiam os problemas associados à política e à economia do Brasil. De acordo com Gomes, o IBESP, ao lançar a publicação *Cadernos do nosso Tempo*, projetaria o princípio da ideologia nacional-desenvolvimentista que cresceria nos anos seguintes no país. O IBESP conviniu-se com a CAPES, o que culminou na criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) (SCHWARTZMAN, 1981 apud, GOMES, 2001, p. 23). O grupo de intelectuais que compunham o ISEB ambicionava formular uma interpretação para a crise brasileira e, segundo Gomes (p. 23), desenvolver e mobilizar forças progressistas do Brasil com o objetivo de estabelecer um movimento popular em defesa das reformas de base. Bem nos lembra Fernandes, em relação a esse ponto, que a hegemonia burguesa é exercida através da despolitização da luta de classes, utilizando ideias consideradas verdadeiras pelo senso comum para impedir o surgimento de líderes políticos e, sobretudo, dos trabalhadores de tomarem consciência de sua situação material, que Marx chamou de “consciência de classe” (FERNANDES, 2019, p. 43).

Gomes argumenta (2001, p. 23) que um dos primordiais problemas discutidos na plataforma do ISEB foi o surgimento do populismo na política brasileira, sobretudo no lançamento do ensaio *Que é o ademarismo?*, publicado em 1954, no qual se debatia e se problematizava a projeção do político paulista Adhemar de Barros como possível candidato à presidência da República de 1955. Tanto no ademarismo quanto no janismo, segundo as publicações do ISEB, seriam atualizados elementos esboçados pelo getulismo desde a década de 40 (2001, p. 26). É interessante notar que Adhemar de Barros já era classificado como populista, ainda que não tenha havido maior conceituação sobre os significados do populismo. Na publicação, o ensaio estabelece variáveis históricas e sociológicas para a edificação de um arquétipo e perfil populista (GOMES, 2001, p. 25), composto por três elementos: um proletariado sem consciência de classe; uma classe dirigente em crise de hegemonia e um líder carismático.

O ISEB afirma que o populismo é uma política de massas, fenômeno atrelado à proletarização dos trabalhadores, “[...] sendo indicativo de quais trabalhadores não adquiriram consciência e sentimento de classe” (GOMES, 2001, p. 24), pois não estariam organizados e operando na política como “classe”, e as massas,

[...] interpeladas pelo populismo, são originárias do populismo do proletariado, mas deles se distinguem por sua inconsciência das relações de espoliação sob as quais vivem. Só a superação dessa condição de massificação permitiria a libertação do populismo ou, o que seria quase o mesmo, a aquisição da verdadeira consciência de classes (GOMES, 2001, p. 25).

Trata-se de passagem interessante porque é esperada, a partir dessa crítica feita pelo ISEB, uma base marxista, sobretudo por meio do conceito de alienação de classes. No entanto, como demonstra Gomes (2001, p. 25), a influência marxista era colocada como nociva por ligar, de forma pouco crítica e instantânea, fenômenos progressistas de esquerda a fenômenos populares sem questionar seu suposto conteúdo reacionário de manifestações políticas como o populismo.

O populismo também estaria, segundo o ISEB (GOMES, 2001, p. 25), intimamente ligado a uma conformação da classe dirigente, que se encontra em crise e sem posição de dirigir o Estado, necessitando assim de conquistar o apoio político das massas emergentes. E, para concluir a análise das condições necessárias para o sucesso do populismo feito pelo ISEB, seria necessário, finalmente, a ascensão de um líder populista carismático com a competência para mobilizar as massas.

O grupo de Itatiaia fez algumas elaborações na tentativa de compreender a crise gerada pelo suicídio de Getúlio Vargas e a investida fracassada para impedir a posse de Juscelino Kubitschek como Presidente da República. De acordo com Gomes (2001, p. 27), o grupo concebeu o populismo como uma forma de transição da etapa de economia dependente – de base agrário-exportadora rumo à uma etapa moderna de expansão urbano-industrial – dos países latinoamericanos, em que o elemento das massas se mostrava uma idiosincrasia fundamental (GOMES, 2001, p. 27). As características do populismo dos anos quarenta aos anos sessenta do século passado se constituiriam na face econômica, personificada no processo de industrialização que o país vivia (e tido como bem-sucedido), assim como na face política, realizada de maneira relativa no período JK. Já o início dos anos sessenta (GOMES, 2001, p. 27) é marcado pela influência do golpe militar de 1964, que não tolerava a ascensão do presidente João Goulart, herdeiro de Getúlio Vargas, e seus

concorrentes, Leonel Brizola e Miguel Arraes, que aumentavam as tensões e empunhavam o debate para o campo trabalhista.

Segundo Gomes (2001, p. 25), o populismo se tornou um dos principais elementos da agenda de pesquisa sobre as razões do golpe. Gomes (2001) dialoga aqui com o argumento de Ianni (1968): as raízes do golpe militar estariam no esgotamento da experiência populista, agora com uma evidente periodização, segundo os pesquisadores. O populismo teria seu princípio no movimento militar liderado por Vargas e término, de maneira melancólica, no golpe militar que derruba João Goulart⁸¹, um “ciclo populista” que se manifestou/estabeleceu entre 1930 e 1964. (GOMES, 2001, p. 28). Essas abordagens, como outras clássicas sobre o populismo na América Latina, mesmo com suas especificidades, costumam tratar o fenômeno do populismo como um processo incipiente e tardio de industrialização na América Latina na primeira metade do século XX, junto a uma massa recém-saída do campo, desorganizada e abstraída de sua noção e interesse de classe. O populismo foi considerado por diversas leituras, sobretudo no caso brasileiro, como um fenômeno transitório e pertencente a um capitalismo subdesenvolvido (MENDONÇA, 2019, p. 191).

Francisco Weffort é, sem dúvidas, o estudioso sobre o populismo mais influente na academia brasileira. O autor também concorda que a “Revolução de 30” e o golpe militar constituem um ciclo em que as massas operaram como “parceiros fantasmas” da elite brasileira (WEFFORT, 2003, p.13). Afirma, também, que o populismo só pode ser compreendido como estilo de governo, ou como política de massas, no contexto do processo de crise política e desenvolvimento a partir da Revolução de 30. Isto é, o autor argumenta que o populismo foi a grande força que jamais participou definitivamente das grandes decisões, afinal, invariavelmente resolvidas entre os próprios membros das classes dominantes. Para Weffort, em todos os momentos de crise política no Brasil desde 1945, a intervenção do povo surgiu como possibilidade, mas “[...] o jogo dos parceiros reais consistiu em avaliar, tacitamente, a importância desta intervenção e em blefar sobre este cálculo” (WEFFORT, 2003, p. 13). Para ele, muitas vezes os pesquisadores são, inclusive, tentados a compreender o populismo em uma espécie de percepção fragmentária, concebendo-o como fenômeno de natureza pessoal em vez de social e política. Afinal, são

⁸¹ Como demonstra Kaysel (2015, p. 63), a ascensão a presidência de João Goulart e uma mobilização dos subalternos sem precedente na história brasileira, sobretudo dos camponeses e trabalhadores rurais, criaram grande polarização na sociedade brasileira em torno das “reformas de base”. De acordo com Kaysel, essa situação incidiu intensamente nas classes superiores e conservadoras da política brasileira.

evidentes as abruptas transformações de orientação política de líderes como Vargas ou Jânio Quadros, que poderiam “[...] dar a impressão de que o populismo nada mais seria do que uma espécie de ‘oportunismo essencial’ de alguns líderes, uma desmedida ambição de poder associada a uma quase ilimitada capacidade de manipulação de massas” (WEFFORT, 2003, p. 70).

Weffort aponta que a compreensão do populismo, como modo de governo, e como política de massa, só pode ser realizada no âmbito do arranjo de crise política e crescimento econômico que se apresenta a reboque da Revolução de 1930. Segundo o autor, a época de crise da oligarquia e do liberalismo e o processo de democratização do Estado estão intimamente ligados com a construção de um Estado autoritário. Para ele, o populismo é resultado de um período de crise, um fenômeno político que adotou as mais variadas faces, as quais se mostraram em diversas ocasiões incoerentes (WEFFORT, 2003, p. 71).

É exposta por Weffort uma aparente diversidade do movimento populista. Vários são os líderes que têm a intenção de apoderar-se da adesão popular nos principais centros do país, mas apresentam ideologia e política obscuras. Sendo assim, os contrastes e as incoerências fazem com que não exista um elemento comum aparente, excetuando o propósito de apossar-se do voto popular e na influência das ambições popular. Weffort (2003) também concede um caráter relevante à decadência dos grupos oligárquicos como fator de poder.

O autor identifica, contudo, a partir de 1930, uma tendência ao alargamento institucional do alicerce social do estado, pois Weffort acusa a participação da classe média e de setores burgueses na vinculação à industrialização no processo que rumo à crise do regime oligárquico. Para o autor, a legislação trabalhista representou para as camadas populares a primeira condição em que se definiram os direitos com os quais as massas poderão participar nos assuntos do Estado, processo fundamental para a forma de aliança que estabelecerão com os grupos dominantes por meio dos líderes populistas. Entretanto, o autor atesta que a limitação da legislação trabalhista às cidades contempla os interesses das massas urbanas, mas não intervém nos interesses dos grandes proprietários de terra. O populismo, nesse sentido, seria resultado de um grande processo de transformação social no Brasil, manifestando-se como estilo de governo e como política de massas (GOMES, 2001, p. 32).

Em um contexto de instabilidade dos grupos dominantes, originam-se características marcantes da política brasileira dessa fase, como a personificação do poder. Nesse

contexto, a pessoa do chefe de Estado se confunde com o próprio Estado. Weffort atribui caráter fundamental ao período após a renúncia de Jânio Quadros, devido ao surgimento de novas formas de ação popular que culminaram na emergência de um novo movimento popular. Esse se mostrava paradigmático, pois se apresentava uma transcendência dos limites urbanos da manipulação de massas. Isso se deu com o início da mobilização das massas rurais, transferindo elementos do arranjo de poder para a grande propriedade, e que o populismo jamais havia feito, e trazendo consequências que acarretarão na crise do “regimento populista” (WEFFORT, 2003, p. 78).

Weffort tem uma visão demasiadamente pejorativa sobre o populismo, reconhecendo-o como fenômeno de manipulação de massas. Da mesma maneira, no entanto, o autor insere mais complexidade nessa perspectiva:

O populismo foi, sem dúvida, manipulação de massas, mas a manipulação nunca foi absoluta. Se o fosse, estaríamos obrigados a aceitar a visão liberal elitista, que, em última instância, vê no populismo uma espécie de aberração da história alimentada pela emocionalidade das massas e pela falta de princípios dos líderes (WEFFORT, apud GOMES, 2001, p. 77).

Como Gomes demonstra, se Weffort enxerga o populismo como manipulação, também crê que o fenômeno é a expressão das insatisfações das massas (GOMES, 2001, p. 77). A categoria de “manipulação populista” está associada à noção de controle do Estado. Da mesma forma, contudo, é uma categoria que, como argumenta Gomes, não se propõe de forma unidirecional. Ela carrega ambiguidades por operar como maneira de cumprimento das demandas populares na medida em que se materializava no Estado controlando as massas (p. 34). Ou seja, existe uma contradição intrínseca à obra de Weffort. O autor critica a visão liberal do populismo e a chave explicativa – liberal – da manipulação e a demagogia dos líderes populistas. Concomitantemente, como argumenta Gomes (p. 78), o texto de Weffort permite leituras bastante distintas, como a de que transcorreram quinze anos de manipulação do povo por Getúlio Vargas, com a população operando como “massa de manobra”. Dessa maneira, para Gomes, “Assim, as análises das relações mantidas entre Estado e classe trabalhadora são conduzidas sob certa tensão, sob certa ambiguidade: ora interlocução, ora manipulação” (GOMES, 2001, p.79).

Weffort acreditava que a política populista, que passou do “populismo dos demagogos” ao “reformismo nacionalista”, de Vargas a Goulart, ainda que tivessem uma retórica progressista, se caracterizaria, de fato, pela traição às massas (PERLATO, 2016, p. 76). A

política populista não teria obtido transformações profundas na sociedade, assentando somente as tradicionais relações de poder. Como argumenta Perlato, Weffort considerava que a ideologia nacionalista ofuscava os reais conflitos de classe do Brasil. Nesse sentido, manifesta-se mais uma vez uma concepção gramsciana no trabalho de Weffort: como argumenta Perlato (p. 77), Weffort problematizava a ideia de Estado como representação geral da sociedade, mas concebendo-o como “instrumento de dominação” (WEFFORT apud PERLATO, 2016, p. 77). O pensamento nacionalista e sua percepção de fortalecimento do Estado nacional obscureceriam, assim, os verdadeiros embates da sociedade brasileira, que não deveriam se resolver no âmbito do Estado, mas sim por meio do conflito entre classes sociais (PERLATO, 2016, p. 77). No entanto, como demonstram Mussi e Kaysel (2017, p. 15), Weffort não teve somente uma posição teórica e analítica sobre populismo ao longo de sua trajetória. Para os autores, o trabalho de Weffort acerca do tema possui descontinuidades e discrepâncias e estudar sua trajetória também é uma forma de compreender o fenômeno ao qual o autor brasileiro estudou. Para Mussi e Kaysel (2017), se Weffort não “inventou” o conceito de populismo, foi fundamental para compreendê-lo como problema chave para pensar a política brasileira.

Para Kaysel (2016b, p. 113), é possível traçar afinidades entre Ianni e Weffort, ainda que possuam diferenças. Para ele, esses autores explicam o populismo por meio de mudanças na estrutura econômica – a crise de dominação oligárquica e o caminho para uma sociedade burguesa e industrial. O autor argumenta que seja em interpretações funcionalistas ou marxistas, o populismo seria sempre imaginado como forma desviante da política – tanto no paradigma liberal-democrático quanto na ideologia socialista (KAYSEL, 2016b, p. 113).

Abordagem Ideacional e populismo como “ideologia fina”

Muitos estudiosos analisam o populismo a partir de uma perspectiva ideacional (ver, por exemplo, CANOVAN, 2002; MACRAE, 1969; MUDDE, 2004). Como indicam Mudde e Kaltwasser (2017, p. 5), tornou-se popular na última década que pesquisadores definissem o populismo a partir de uma abordagem ideacional, isto é, compreendendo o populismo como um discurso, uma ideologia ou visão de mundo.

Parte dessas abordagens expõe visões pejorativas sobre o populismo, sobretudo ao alegar uma carência de conteúdo em seu discurso político. MacRae (1969), que possui uma

interpretação profundamente negativa sobre o populismo, por exemplo, afirma que qualquer tentativa de atribuir um significado ao populismo passa por apresentar uma abordagem ideológica. Para o autor (1969, p. 188), é fundamental para o populismo a composição de outros temas ideológicos mais “primitivos”, o que por si só constituiria uma barreira para que o populismo se constitua em um fenômeno mais complexo. O “primitivismo” do populismo operaria de uma maneira especial. Esse “primitivismo”, segundo MacRae, estaria relacionado a um componente do populismo que visa à restauração de um ideário de comunidades camponesas, ou no caso dos Estados Unidos, de pequenos proprietários fortes e vigorosos de terras, uma retomada dos velhos tempos, inclusive antes do colonialismo. MacRae está se referindo, sobretudo, a mitos rurais que adquiririam um caráter reacionário. O autor cita a definição de populismo concebida por Isaiah Berlin (1965), na qual o populismo seria “[...] a crença no valor de pertencer a um grupo ou cultura” (BERLIN, 1965 apud MACRAE, 1969, p. 191), como fundamental para compreender essa abordagem ideacional do populismo em que a palavra “pertencer” adquire status-chave pelo fato do populismo ser contrário ao “desenraizamento”; isto é, o populismo mobilizaria a ideia de fraternidade pautada na localidade. Segundo MacRae, essa noção de fraternidade estaria acima da noção de liberdade e, aliada ao “primitivismo”, pavimentaria o caminho para a intolerância e a xenofobia. Ainda segundo o autor, a ideologia do populismo se mostraria como apolítica, pois, ao invés de compreender a política como uma atividade em processo contínuo, falível e necessária, concebe a política orientada como uma necessidade restauradora, isto é, a noção de comunidade populista estaria acima do político (1969, p. 192).

É curioso notar que, na visão de MacRae, elementos como conspiração e visões apocalípticas seriam alicerces da ideologia do populismo, assim como a idealização de um passado quase mítico. Em outras palavras, MacRae argumenta que a ideologia populista necessita de forças essencialmente a-históricas, como a “usurpação e a conspiração” para explicar a realidade (1969, p. 193). Isto é, abarcam a ideologia do populismo elementos como a conspiração contra uma espécie de virtude nativa e a mobilização de símbolos sádicos e castigos típicos de um mundo apocalíptico, em que a dignidade do agricultor somente poderia naufragar frente a uma espécie de “[...] magia sinistra do estrangeiro incompreensível” (MACRAE, 1969, p.194).

Nesse sentido, o autor afirma que a ideia de “assimetria de princípios cívicos” é fundamental para a ideologia populista, pois frente a valores nefastos como a traição, a

usurpação e a conspiração, os populistas mobilizariam os valores mais altos de conduta moral e política. “Portanto, como acontece em muitas ideologias, os meios não precisam ser ajustados, nem nas suas proporções nem no seu caráter moral para os fins” (MACRAE, 1969, p. 194). No entanto, talvez a parte mais interessante do pensamento de MacRae, uma vez que dialoga bastante com a visão do populismo como uma “ideologia fina” (abordada nos parágrafos seguintes), seja a visão de que o populismo combina elementos advindos de diversos intelectuais europeus⁸² e não se constitui como um movimento intelectual. A ideologia populista se unificaria em “[...] um único corpo de ideias em períodos de privação absoluta” (MACRAE, 1969, p. 198).

De acordo com MacRae, a ideologia do populismo ainda se mostraria pobre e a palavra populista poderia ser utilizada sempre que surgisse um setor predominantemente agrícola que propusesse um programa de ação política diante da possibilidade de algum tipo de modernização ou industrialização. Esse movimento seria marcado por características como

[...] o sentimento igualitário e antitético para com todas as elites, [...] a busca de um passado mítico para regenerar o presente; a equação da usurpação de poder com conspiração estrangeira; a rejeição de qualquer doutrina que postule a inevitabilidade social, política ou histórica e [...] a crença num apocalipse iminente e instantâneo, mediado pelo carisma dos líderes e legisladores (MACRAE, 1969, p. 200, tradução livre).

Nesse sentido, é possível perceber que, apesar da profunda perspectiva negativa sobre o populismo, MacRae enumera algumas características que são amplamente elencadas por outros estudiosos do populismo, como a aversão a qualquer elite e a concepção de cenários cataclísmicos, por exemplo. Também na década de 60, o historiador Richard Hofstadter argumentava que os movimentos populistas possuíam um “estilo paranoico”, pois “[...] [veria] o destino da conspiração em termos apocalípticos – especula o nascimento e a morte de mundos inteiros, ordens políticas absolutas, sistemas completos e valores humanos” (HOFSTADTER apud EATWELL; GOODWIN, 2019, p. 61).

Canovan (2002), ao contrário de MacRae, não enxerga apenas características negativas no populismo, pois um conjunto central de preocupações com o “povo” – junto à fé no senso do povo comum e aliado à forte crítica aos poderes – formula posições que são reconhecidamente populistas (p. 32). Mais que isso, para Canovan, a ideologia populista é democrática e se encontra enraizada na cultura política da maior parte das democracias

⁸²É importante ressaltar que MacRae escreveu em 1969

estabelecidas, como a constante utilização de referendos e a própria noção de soberania popular. Por outro lado, Canovan argumenta (“2012, p. 38) que as tradições liberais – que são hegemônicas – pregam que o mais fundamental para o alicerce da democracia é a garantia dos direitos humanos universais garantidos pelo Estado de Direito, fazendo com que conceitos como “soberania”; “povo” e “governo majoritário” devam ser ressignificados e submissos a essa tradição. Existe, como se vê, uma evidente tensão entre o ideário liberal e o populista.

Ainda assim, Canovan argumenta que há uma possível objeção à abordagem do populismo como ideologia, em que o conceito poderia ser mais bem definido “[...] como discurso, ou seja, como uma espécie de linguagem e retórica, um estilo particular de simplicidade e direcionamento, ou a comunicação de um humor político específico. (2002, p. 33). Para a autora (p. 34), o populismo também possuiria um núcleo de conceitos que preconizaria a soberania popular e compreenderia o povo como uma vontade comum em que a maioria governa. Nesse sentido, Canovan argumenta que esses elementos não devem ser descartados como fruto de uma retórica vazia, pois são bandeiras em que gerações de radicais lutaram por instituições democráticas, e é por conter esse apelo a uma tradição democrática que o populismo é um fenômeno que preocupa os democratas não populistas (CANOVAN, 2002, p. 34).

Canovan (2002) transita entre uma abordagem ideológica e estilística em seu ponto de vista sobre o conceito. A abordagem do populismo como ideologia se mostra bastante presente nos estudos recentes sobre a nova ascensão global do populismo. Cas Mudde foi bastante influente nessa perspectiva. Em *Populist Zeitgeist* (2004, p. 543), o autor define o populismo como uma ideologia que considera a sociedade separada, em última instância, em dois grupos homogêneos e antagônicos: “o povo puro” versus a “elite corrupta”. Nesse sentido, Mudde afirma que o populismo seria composto de dois opostos: elitismo e pluralismo. O autor vai além ao afirmar que o populismo “[...] não possui o mesmo nível de ‘refinamento e consistência intelectual’ como, por exemplo, o socialismo ou o liberalismo” (2004, p. 544); o populismo seria, por isso, uma “ideologia de fina concentração” (*thin-centred ideology*), pois apresenta um núcleo restrito associado a uma gama ainda mais restrita de conceitos políticos. Nessa perspectiva, o populismo poderia ser facilmente combinado com diversas ideologias diferentes, finas ou completas, como o nacionalismo, o socialismo, o comunismo, o ecologismo, entre outras (MUDDE, 2004, p. 544).

Em outro texto, escrito a quatro mãos, *Populism: a Very Short Introduction* Mudde e Kaltwasser (2017, p. 6) retomam a ideia do populismo como uma “ideologia de fina concentração” Para os autores, as ideologias consistem em conjuntos de ideias normativas a respeito da natureza humana e social, uma concepção de como o mundo é e deve ser. O populismo seria uma “ideologia de fina concentração” por ter uma morfologia restrita que está associada e eventualmente assimilada por outras ideologias, diferentemente das “ideologias centradas na espessura” ou “plenas”, como o socialismo, liberalismo e fascismo, por exemplo. Mudde e Kaltwasser entendem que o populismo normalmente surge associado a outros elementos ideológicos e que não consegue oferecer respostas abrangentes e complexas às questões políticas geradas pelas sociedades modernas (2017, p. 6).

Aslanidis (2016), por outro lado, argumenta que a estrutura conceitual de *thin-centred ideology* evidencia a tentativa de Mudde de conceber opostos para o populismo. Aslandis expõe, como já tratado nos textos acima, que Mudde (2004) e Mudde e Kaltwasser (2017) designam duas oposições ao populismo, que consistem no elitismo e no pluralismo. No entanto, segundo Aslanidis (2015, p. 91), para haver consistência metodológica ao comparar categorias e conceitos antagônicos, é necessário comparar conceitos que habitam o mesmo plano de hierarquia conceitual. O autor argumenta que, se assumirmos que o populismo é uma *thin-centred-ideology*, o elitismo e o pluralismo também deveriam ser considerados ideologias – *thin-centred* ou não, e Mudde deveria rever essa noção de populismo para assim haver uma equivalência com as causas do elitismo e do pluralismo.

Stanley (2008) é outro autor que tenta avançar na influente definição de populismo como ideologia fina (*thin ideology*):

O populismo não possui as características de uma ideologia abrangente, ou “completa”, mas a natureza aparentemente contraditória de várias manifestações do populismo não impede que ele seja identificado como um distinto. Em vez disso, o populismo é uma fina ideologia; é difuso na falta de um centro de gravidade programático e aberto em sua capacidade de coabitar com outras ideologias mais abrangentes (STANLEY, 2008, p. 99, tradução livre).

Essa perspectiva do populismo como ideologia se preservou inclusive no debate sobre populismo nas mídias sociais. Gerbaudo (2012, p. 2) concebe o populismo 2.0 como uma orientação ideológica que vê a mídia social como um meio de abordar “o povo”, no senso da totalidade ou quase totalidade da comunidade política.

Eatwell e Goodwin (2019, p. 62) entendem que líderes como o estadunidense Trump, a francesa Le Pen e o holandês Wilders são “nacionais populistas”. De acordo com os autores, o nacional-populismo é uma ideologia que prioriza a cultura e os interesses da nação e proporciona o comprometimento de dar voz a um povo abandonado e desprezado pelas elites corruptas.

Michel Freedon (2017), o autor responsável por cunhar o termo *thin-centred ideologies* no livro *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*, originalmente publicado em 1996, afirma que cunhou o conceito para caracterizar fenômenos diferentes do populismo. De acordo com o autor (2017, p. 2), o conceito de “ideologia de fina concentração” abarcava as ideologias em que a morfologia, os padrões e os arranjos conceituais se mostravam insuficientes para conter as soluções abrangentes para todo o espectro de problemas sociopolíticos que as correntes ideológicas costumam oferecer. Essas ideologias de fina concentração, na visão do autor, privavam-se de oferecer uma agenda própria em relação à justiça social, por exemplo, pois limitavam-se a um núcleo restrito, tornando-se pautas únicas, ou, no máximo, apropriavam-se de outras ideologias. Os diferentes tipos de populismo (FREEDEN, 2017) não se adaptariam a essa variante ideológica de fina concentração, pois, ainda que reduzida, a variante se mostraria bem articulada e produto de processos longos de reflexão política.

Portanto, de acordo com Freedon (2017, p. 3), o populismo é diferente das “[...] ideologias de fina concentração, pois essas possuem o potencial de tornarem-se completas e incorporarem elementos existentes de outras ideologias, enquanto o populismo não evidenciaria tais ambições”.

Tormey (2019, p. 149) afirma que o populismo não pode ser uma ideologia se assumirmos que “ideologia” é um sistema de crenças ou determinada visão de mundo que produz sentido para a organização das sociedades. O autor pontua, talvez na crítica mais forte na linha das abordagens ideacionais, que não existe, entre os populistas de esquerda ou de direita, qualquer linhagem intelectual robusta que conceba um modelo (ou ideal) de sociedade ou uma ideologia coerente. Afinal, para ele (2019), o único elemento chave que caracteriza o populismo, algo com que quase todos os estudiosos concordam, é a referência a um antagonismo entre povo e elites. No entanto, isso apontaria pouco sobre o ideal de uma sociedade populista. Tormey (2019, p. 150) afirma que os populistas não possuem as mesmas crenças ou valores para torná-los igualmente populistas, pois esses valores (e

crenças contra elites) podem ser concebidos a partir de diversas perspectivas: os socialistas e os esquerdistas rejeitam a globalização neoliberal enquanto os conservadores costumam se opor à abertura das fronteiras e à livre circulação de pessoas, por exemplo.

Tormey (2019) argumenta que existem diversas maneiras de valores se traduzirem em um discurso no qual a questão pode ser menos sobre as políticas ou a abordagem de um partido ou líder e mais relacionada a valores e crenças pressupostos das elites ou da estrutura social e política. O autor é mais uma vez incisivo em sua crítica (p. 150) ao afirmar que isso é um aspecto importante no sentido de resgatar, como conceito, o populismo dos que querem, de forma paradoxal, operá-lo como ferramenta de combate ideológico; ainda que, segundo ele, muitos autoritários instrumentalizem o discurso populista, e, nesse sentido, não seria o populismo que ameaçaria a democracia, mas o autoritarismo (TORMEY, 2019, p. 151). O populismo falharia no teste de qualquer contorção política aplicada ao conceito de ideologia, por não seria uma visão de mundo, uma agregação de valores ou mesmo um sistema de crenças. O populismo não consistiria, tampouco, em um consenso “fraco” sobre determinados temas, e a ligação entre partidos, grupos e movimentos seria política e não ideológica (TORMEY, 2019, p. 152).

Com o objetivo de refinar o debate, e em busca de uma definição precisa do populismo, é necessário destrinchar alguns de seus significados. No decorrer das amplas discussões que esse termo vem provocando, com base na literatura atual, entendo que o populismo pode ser mais bem definido como estilo político de comunicação (BOS; VAN DER BRUG; DE VREESE, 2013; ENGESESSER et al., 2017; JAGERS; WALGRAVE, 2007, MOFFITT, 2017) e estratégia de ação política (BETZ, 2002; WEYLAND, 2017). Esta é uma definição mais específica do que a definição de populismo como ideologia.

Tentativas anteriores de medir o populismo

O centro de pesquisa grego *Populismus* determina dois fundamentos básicos para o discurso populista (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 9):

- (1) Referências realçadas a “o povo” (ou significantes equivalentes, como “os desfavorecidos”) e a “vontade popular” e a necessidade de sua representação verdadeira,
- (2) [...] uma percepção antagônica do terreno sócio-político como uma esfera dividida entre “o povo” /os desfavorecidos e “as elites” /o establishment.

Até aqui, o *Populismus* se baseia em um certo consenso na literatura sobre as características primordiais do populismo. A concepção do centro de pesquisa grego é apresentada aqui porque se mostra uma tentativa de tentar sistematizar o populismo. No entanto, a definição do centro de pesquisa se mostra relevante, sobretudo, pela centralidade colocada na noção de povo, que será fundamental para a primeira investida mais interessante na tentativa de aferir o populismo.

Como primeira tentativa consistente de medir o populismo em textos, a análise feita por Jagers e Walgrave (2007) representa um avanço para o campo. Primeiro, porque, a partir da definição de populismo como um estilo de comunicação, os autores mostraram como este poderia ser transformado em um conceito útil para análise concreta. Conforme definem (2007, p. 322), o populismo é um estilo de comunicação política de atores políticos que se referem ao povo. Mais especificamente, o populismo consistiria em um quadro de comunicação que apela e se identifica com o povo e finge falar em nome dele. Em segundo lugar, porque apontaram que uma análise entre diferentes atores políticos pode ser útil para explicar onde as partes se localizam politicamente. Por último, os autores verificam graus diferentes de populismo, o que consiste também em uma inovação.

Para fazer isso, os autores criaram um índice para medir o populismo, observando o conteúdo do programa de transmissão de partidos políticos na TV pública belga. O grau de intensidade do populismo foi medido com base no número de vezes que os políticos mencionaram a palavra “povo”. Essa proposta metodológica, no entanto, não leva em conta as outras dimensões do populismo, para além do apelo ao povo. Além disso, ao medir o quanto um discurso se baseia na ideia de “povo”, deve-se levar em conta que essa mesma ideia pode ser transmitida por um sinônimo como “patriotas”, “contribuinte”, “bons cidadãos”, “verdadeiros americanos”, “brasileiros” e assim por diante. Ademais, uma menção às pessoas de uma maneira negativa – culpando a má escolha do povo ou colocando limites à vontade do povo – transmite a ideia oposta de ter o povo como a fonte legítima de poder e, portanto, essa construção é responsável pelo oposto do que o apelo ao povo significa. Não é à toa que grande parte dos discursos políticos inclui a palavra “povo”, em conotação positiva, negativa e neutra (ainda que com raras aparições).

Como indica Ostiguy (apud Morelock e Narita, 2019, p.10) a noção de povo e seu ideal de pureza variam profundamente de acordo com o contexto. Diferentemente da Europa, onde o populismo de extrema-direita mobiliza discurso racista de superioridade europeia, nos

países da América Latina, por exemplo, o povo não é concebido de forma pura, como os venezuelanos *zambos*, *mestiços*, e *mulatos* (OSTIGUY, 2007 apud MORELOCK; NARITA, 2019, p. 10), que são mobilizados em antagonismo à elite corrupta (e muitas vezes classificada como “branca”).

Em 2009, Hawkins avançou na tentativa de medir o populismo. Ele desenvolveu uma medição quantitativa do populismo em termos de discurso, realizando uma complexa abordagem de análise textual do discurso de líderes populistas a partir de uma tabela com os elementos centrais do populismo estabelecidos pelo autor. Em seguida, operacionalizou a definição discursiva do populismo por meio de uma análise temática dos discursos de chefes de estado executivos do ano de 2005 e de outras figuras políticas do passado. Hawkins (2009, p. 1050) recrutou leitores nativos de onde eram provenientes os discursos populistas para que, a partir da tabela estabelecida por ele, os leitores classificassem os discursos em 0 (não populista ou pluralista), 1 (misto), ou 2 (populista). A partir daí, criou uma pontuação para ver quais autores eram considerados mais populistas pelos leitores selecionados. Segundo a metodologia de análise de Hawkins (2009, p. 1054), somente Chávez e Evo Morales foram considerados populistas na América Latina, juntamente com Alexander Lukashenko na Bielorrússia, Victor Yushchenko na Ucrânia e também George W. Bush nos Estados Unidos.

Uma terceira referência importante para o debate sobre medição do populismo é o trabalho de Goldzweig e Schmechel (2017), que representa um grande avanço na forma como o populismo pode ser medido em textos. Os autores realizaram uma análise de conteúdo de tweets de candidatos presidenciais em quatro países diferentes: Alemanha, Espanha, Estados Unidos e França. Os tweets foram codificados em *dummies* de nove categorias divididas, em trinta e quatro subcategorias (p. 23). Tendo esses dados organizados e classificados, eles puderam realizar uma análise de cluster para verificar como a fala política de atores em diferentes países compartilhava ideias e atributos. No entanto, além de terem focado em candidatos à presidência de diferentes países, os autores escolheram o Twitter como mídia social a ser analisada, diferentemente dessa dissertação. Como já abordado, o Facebook se mostra uma plataforma bem mais popular, sobretudo no Brasil. Ademais, o engajamento no trabalho de Goldzweig e Schmechel foi medido por meio do cálculo de curtidas + retweets dividido pelo número de tweets do candidato, o que os próprios autores reconhecem como uma limitação do trabalho em virtude da profunda

diferença da percepção que se tem sobre os candidatos, acarretando esperada distorção no engajamento dos usuários.

Recentemente, Borges (2019) concebeu o populismo como estilo e estrutura discursiva como parte da estratégia populista de disputar hegemonia, utilizando as categorias do estilo da estratégia discursiva populista para analisar aspectos do discurso punitivo em vídeos sobre segurança pública realizados pelo Movimento Brasil Livre (MBL). Na perspectiva de análise dos discursos punitivos e antipunitivos, o autor utiliza as categorias de Engesser et al. (2017) para avaliar como essas categorias são aplicadas para a mobilização do medo e a construção do outro como inimigo no populismo penal. Como bem mostra Borges (p. 174), os elementos estilísticos e estruturais se vinculam nas mais variadas maneiras à estratégia de disputa hegemônica, como, por exemplo, na simplicidade de uma narrativa estando intimamente associada a uma concepção antissistêmica. Em seu trabalho, Borges (p. 175) verificou como o estilo e a estrutura da estratégia populista possuem um léxico característico, sobretudo ao analisar que os vídeos divulgados pelo MBL trabalham os antagonismos entre “gente de bem” e os “criminosos” defendidos pela “compaixão” de “ONGs” – concebidas como representante da elite. Existe uma polarização moral entre uma noção construída de povo (“os brasileiros de bem, vítimas na própria pele do crescimento da criminalidade”) e a elite esquerdista, protetora desses criminosos com seus discursos pseudo-humanísticos. Ainda assim, Borges concentra seu trabalho nas “semioses ideológicas identificadas” (p. 26) no discurso do MBL com o fim de compreender os discursos que disputam a hegemonia criminológica e político-criminal (BORGES, 2019, p. 26).

Considerando os avanços feitos recentemente por pesquisadores que, de alguma maneira, tentaram medir o populismo, alguns dos quais esmiuçados aqui, a proposta analítica adotada neste trabalho se baseou, sobretudo, em sistematizações de levantamentos realizados na discussão do populismo. Uma dessas sistematizações foi feita por Engesser, Fawzi e Larsson (2017).

Estrutura narrativa populista e estilo populista de comunicação: como são abordadas pela literatura?

O estilo populista de comunicação tem sido entendido na literatura em múltiplas dimensões. Bos e Brants (2014, p.706), por exemplo, ressaltam o senso de urgência política crítica no estilo populista de comunicação, baseado em linguagem simples e forte. Block e Negrine (2017, p.190) argumentam que os líderes populistas usam linguagem agressiva e beligerante, acusando outros atores de inflar os problemas existentes e de usar sinais e imagens para desenvolver a conexão com o povo e demonizar o outro. Como Bos et al. (2011, p. 25) afirmam,

[...] o estilo é adaptado para atender às necessidades do “heartland” (terra do coração). No entanto, embora ainda não encontremos evidências de um efeito direto, é muito provável que usar um estilo populista ou usar a retórica populista afeta positivamente a atenção da mídia, o que, por sua vez, afeta a percepção pública desses líderes.

Além disso, Jagers e Walgrave enfatizam que o estilo populista de comunicação privilegia a soberania do povo e a vontade popular, constituindo-se como “[...] exposição conspícua de proximidade com os cidadãos comuns” (2007, p. 322). Argumentam os autores que a autoapresentação do populismo pode assumir diferentes formas, empregando um tipo de linguagem que transita entre o casual e o coloquial, reivindicando um “código de vestimenta informal”. Além de simples, sua linguagem pode ser vulgar, o que Mudde e Kaltwasser (2017, p. 64) chamam de “Stammtisch” (“discurso da mesa de cerveja”), que se refere, na cultura alemã, a um local de encontro reservado em um bar ou restaurante para um grupo de pessoas que se reúnem para beber.

Sigo, no entanto, Engesser et al. (2017, p. 7), na compreensão do estilo populista de comunicação a partir de três grandes dimensões: simplificação, emocionalização e negatividade. Entendo que esses autores avançam no sentido de contribuir para um entendimento simples, porém, mais completo, no conceito do estilo populista de comunicação. Ainda que os outros autores apresentem grande contribuição para a compreensão do estilo de comunicação populista, Engesser et al. (2017) possibilitam melhor precisão para a conceituação de comunicação populista, de acordo com os objetivos propostos nessa dissertação.

A simplificação na comunicação populista é entendida como o uso de estruturas linguísticas e cognitivas simples por atores políticos (CANOVAN, 2004), que geralmente compreendem todas as relações baseadas em um antagonismo entre pessoas e elites (ENGESSER et al., 2017). Essa orientação pode ser ilustrada no slogan “somos os 99%”, amplamente utilizado pelo movimento *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos (GERBAUDO, 2012, p. 2) quando o discurso da divisão entre povo, elites e “outros” (ENGESSER et al., 2017, p. 7) foi explícito. De acordo com Mudde e Kaltwasser (2017, p. 9), além de “o povo” ser uma construção, ele também opera como uma simplificação da realidade. Os autores ponderam como construções como “o povo” “[...] provaram ser uma tarefa complicada, particularmente porque diferentes grupos étnicos existem no mesmo território” (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p.11). Da mesma forma, argumentam (2017, p. 118) que o populismo sempre propõe soluções simples para problemas complexos.

O segundo traço estilístico levantado pelos autores é a emocionalização (ENGESSER et al. 2017). Bos e Brants (2014, p. 706) argumentam que o uso de mensagens “altamente emocionais” é uma característica importante da comunicação populista. Por outro lado, pode-se entender que as emoções positivas não podem ser ignoradas, como a função da esperança, levantada pelo líder populista, enquanto as emoções negativas são mobilizadas pelas elites e “os outros” (ENGESSER et al. 2017, p. 7).

Finalmente, a última dimensão é a negatividade. Engesser et al. (2017, p. 9) mencionam Elchardus e Spruyt (2014, p. 116) para recorrer aos conceitos de declinação e privação relativa. Nas palavras de Engesser et al. (2017, p. 7):

O primeiro conceito [declinação] refere-se à visão de que toda a sociedade se desenvolve de maneira negativa, enquanto o segundo [privação relativa] implica que outros membros da sociedade gozam de melhores posições do que a própria pessoa. É importante que essas noções não exijam uma situação objetivamente negativa (por exemplo, crise econômica ou privação absoluta), mas apenas um sentimento de negatividade.

Percebe-se, portanto, que o estilo populista de comunicação recorre a narrativas de situações críticas (BOS; BRANTS, p. 2014), às vezes cataclísmicas. Atores populistas podem mobilizar uma linguagem de profetas do caos.

Adicionalmente, Stoker e Hay (2017, p. 7) argumentam que há um processo de “mediatização” da política, que os tabloides promovem uma negatividade populista em

relação à política, uma espécie de antipolítica populista que se opõe as pessoas a seus representantes e endossa uma escalada de atitudes populistas. Hameleers, Bos e Vreese (2017, p. 4) apontam que a mídia pode, a partir de uma ideia populista central, mobilizar uma atribuição de culpa emocional como uma estrutura para a cobertura de eventos políticos. A mídia transmitiria a mensagem emocionalmente estruturada que refletiria a aversão e a hostilidade às elites. Os autores indicam que a atribuição de culpa emocionalizada pode integrar a comunicação populista, não sendo exclusiva de seus atores.

Portanto, analisarei e medirei a comunicação populista a partir dos seis principais traços, definidos com base na literatura: apelo ao povo, antagonização, abordagem antiestablishment, simplicidade, emotividade e negatividade.

Sendo um estilo de comunicação, o populismo automaticamente torna-se uma estratégia de comunicação. Também compreendo o populismo como estratégia, seguindo Betz (2002, p. 198). O autor concebe o populismo primordialmente como uma estratégia política, cuja retórica é a evocação de ressentimentos latentes e o apelo às emoções provocadas por eles, e não como uma ideologia. Isto é, a retórica populista é projetada para extrair sentimentos de ressentimento e explorá-los politicamente. Como afirma Bertz (2002, p. 199), a estratégia de ação populista é a de reivindicar ser porta-voz das opiniões, demandas e sentimentos desarticulados das pessoas comuns, para dar-lhes voz.

Weyland (2017, p. 77) também concebe o populismo como estratégia. Para o autor, a ligação distinta entre o líder e os seguidores de massa é mais bem denominada como uma estratégia do populismo, que:

[...] constitui um conjunto coerente de abordagens e mecanismos para a estruturação das relações de participação política, edifício de apoio, e autoridade governamental. Em outras palavras, uma estratégia política determina as principais formas e meios pelos quais um ator político capta ao governo e faz cumprir as decisões de autoridade. Especificamente, como este governante político sustenta o governo e assegura o apoio e obediência dos cidadãos? E que tipo de ator político, por exemplo, um líder ou um partido organizado - está no comando? Assim, existem dois componentes centrais de uma estratégia política: nomeadamente o tipo de ator político que procura e exerce o poder; e a principal capacidade de poder que aquele político ator se mobiliza como base de apoio (Weyland, 2017, p. 77, tradução livre).

Comunicação populista e populismo como estilo

Em 1981, foi realizado o III Ciclo de Estudos da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), que reuniu mais de oitenta participantes, entre professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação da área de comunicação de todo o Brasil. O evento teve o objetivo de investigar qual o papel das estruturas comunicacionais e da comunicação em geral em relação à ascensão do populismo no Brasil, analisando manifestações características do discurso populista nos meios de comunicação. O Ciclo de Estudos deu origem a um livro chamado *Populismo e comunicação*, reunindo diversos artigos com o intuito de proporcionar “[...] uma busca do significado político da comunicação nos processos de manipulação das massas em governos que buscam legitimação para projetos reformistas destinados a neutralizar a ascensão das classes trabalhadoras” (MELO, 1981, p. 16). Ainda que o livro conte com uma diversidade de artigos, o eixo da obra tem a concepção do populismo como “manipulação”.

No livro de 1981, três autores já utilizavam o termo “comunicação populista”. Para Morán (1981, p. 82), a comunicação populista de Getúlio Vargas se assemelhava à prática nazifascista. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), segundo Morán, possuía evidentes semelhanças com o Conselho Nacional de Cultura nazista de Goebbels, assim como o estilo dos discursos de Getúlio Vargas pelo rádio aos trabalhadores e o reforço de um processo de mitificação como líder dos operários eram compatíveis, segundo Morán, com a estratégia nazifascista. Ademais, o paternalismo em relação à classe trabalhadora, a repressão política e o controle da informação seriam características compartilhadas pela comunicação populista de Vargas e do nazifascismo (MORÁN, 1981, p. 83).

Faro (1981, p. 89), outro autor que utiliza o termo “comunicação populista”, ainda que não o conceitue, demonstra como o rádio se desenvolveu profundamente devido à intensa propaganda populista promovida pelo DIP, no qual, pela primeira vez, as populações distantes dos centros urbanos tinham acesso a comentários respectivos ao momento nacional. O DIP, recompensava, nesse sentido, “[...] um processo ascendente de manipulação da comunicação que visava “[...] à elucidação da opinião nacional sobre as diretrizes doutrinárias do regime, em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira” (FARO, 1981, p. 89). Para Faro, a legitimação obtida pelo Estado Novo por meio do DIP apenas se realizou porque se associava às concessões realizadas às massas (que o autor considera um elemento integrante da política populista) ao mesmo

tempo que ocorria o fechamento institucional do regime e que concedia a comunicação oficial o elemento autoritário que também era causador de seu êxito (1981, p. 93).

Silva (1981) é outro autor a utilizar o termo “comunicação populista” no livro, mas não realiza uma distinção entre populismo e comunicação populista, entendendo a comunicação populista como expressão do populismo na comunicação. Para o autor (1981, p. 97), o populismo se mostrava como uma forma de solucionar a questão do poder numa formação social capitalista diferente de outras; não seria nem fascismo tampouco democracia burguesa. De forte influência marxista, assim como a maioria dos autores presentes no livro de 1981, para haver populismo é necessário que

[...] haja relações políticas no sistema de poder, uma crise de hegemonia política na sociedade com reivindicações de transformação de bloco de poder, a busca pelo voto popular, a formação de um ambíguo Estado de compromisso” em que as classes populares são manipuladas mas têm algumas condições de reprodução do capital, (embora possam representar benefícios efetivos para os trabalhadores), a ausência ou desativação de organizações populares representativas, a institucionalização de um aparato estatal paternalista; eleitoralmente, o populismo tem maior expressividade nas grandes cidades” (SILVA, 1981, p. 98).

Silva (1981, p. 114), em leitura gramsciana, chega à conclusão quanto ao papel dos meios de comunicação de que é urgente uma organização dos setores populares para superar os projetos políticos populistas absorvidos pelos meios de comunicação, esses associados à burguesia. Ademais, seria necessário ocupar todos os espaços possíveis da indústria cultural para que mensagens com novos tipos de conteúdo chegassem às classes dominadas.

Se vistos alguns dos registros mais antigos da embrionária noção de comunicação populista, o populismo tratado como estilo já é algo mais recorrente na literatura. Weffort, por exemplo, já tratava o populismo como “estilo de governo”. Como demonstra Moffitt (2017, p. 33), na literatura sobre populismo, o termo “estilo político” não é nenhuma novidade, sendo utilizado, sobretudo, para compreender a comunicação política dos atores populistas, ainda que o termo tenha permanecido subdesenvolvido.

Na visão de Moffitt (2017, p. 37), o estilo político deve ser concebido como repertórios de performances encarnadas, simbolicamente mediadas, e idealizado para audiências que “[...] são usadas para criar e navegar nos campos de poder que compõem o político, desde o domínio do governo até a vida cotidiana” (MOFFITT, 2017, p. 37). Nesse sentido, Moffitt estabelece uma noção de estilo político que se distancia das abordagens usuais do

populismo como ideologia ou discurso. Moffitt nos proporciona o exemplo do socialismo e do liberalismo: são ideologias, mas os estilos associados a elas não são indispensavelmente funções da ideologia. Isto é, a ideologia comunista possui estilos políticos demasiadamente distintos, como as grandes divisões de estratégia política no campo ideológico da esquerda desde o princípio, por exemplo, da Revolução Russa. Aqui está a parte mais interessante dessa concepção de Moffitt: para o autor, ideologia e estilo político não se mostram mutuamente dependentes e nem se confundem entre si. No caso do populismo, não é necessário compreendê-lo como ideologia para concebê-lo como estilo político (MOFFITT, 2017, p. 48).

Na concepção de estilo político de Moffitt, existe o eixo de características performativas, como a utilização da linguagem, fala, textos escritos, entre outros, mas também a anexação de elementos estéticos e performativos, como imagens, autoapresentação, linguagem corporal e design, normalmente ignorados pela abordagem performativa (MOFFITT, 2017, p. 48).

Há aqui uma distinção clara: enquanto as abordagens discursivas se concentram principalmente no ‘conteúdo’ discursivo e têm a tendência de deixar de lado as formas como esse ‘conteúdo’ é apresentado, enquadrado, realizado, decretado ou transmitido, a abordagem de estilo político é sensível a ambas as características. Reconhece que ‘estilo’ e ‘conteúdo’ estão ligados, e que ambos precisam ser reconhecidos. Mais ainda, há uma divisão entre a abordagem discursiva e a abordagem de estilo político quando se trata da questão das ideias versus ação (MOFFITT, 2017, p. 48).

A concepção de Moffitt encontra semelhanças e divergências com a concepção de Laclau: o teórico pós-marxista ressalta o papel central da ação política sobre as identidades e utiliza – e também delega – caráter fundamental ao performático em sua teoria do populismo, pois o povo necessita de uma articulação performativa. Como expõe Moffitt (2017, p. 49): “[...] nossa abordagem da questão das identidades populares se fundamenta, precisamente, na dimensão performativa da nomeação”, que o populismo “tenta operar performativamente dentro de uma realidade social” (LACLAU, apud MOFFITT, 2017, p. 49).

Para Moffitt (2017, p. 49), o mais importante é que estilo e lógica política expressam a visão de que estilo e conteúdo são inseparáveis: “[...] não se trata apenas de ‘o quê’ do populismo – o conteúdo – mas também, o que é importante, do ‘como’ – o estilo” (MOFFITT, 2017, p. 49).

Assim, enquanto as principais ferramentas conceituais da análise laclauiana são significantes vazios, deslocamentos, pontos nodais e antagonismos, a abordagem de estilo político utiliza ferramentas conceituais de abordagens dramáticas da política que são indiscutivelmente mais 'concretas' e úteis para a análise empírica-performance, atores, plateias, palcos, roteiros e mise-en-scène. Isto é particularmente útil para a análise empírica do populismo, recentrando-se no seu conteúdo ôntico e não na estrutura ontológica do fenômeno. Finalmente, a abordagem do estilo político permanece indiscutivelmente mais aberta e versátil em sua capacidade de combinação com outras abordagens teóricas que a abordagem da lógica política[...] Em comparação, a abordagem do estilo político não se enraíza num quadro ontológico ahistórico definido, mas é sensível aos contornos da política contemporânea, que são intensamente mediados e "estilizados". Assim, não é necessário subscrever uma estrutura teórica política distinta para utilizar o conceito de estilo político (MOFFITT, 2017, p. 49, tradução livre).

Para Moffitt, nesse sentido, o populismo concebido como estilo político – instrumentalizado por uma série de atores nos mais variados lugares e espectros políticos – é, atualmente, a melhor maneira de compreender o populismo. Os líderes populistas têm sido mais protagonistas porque personificam mais explicitamente a questão da performance política.

Capítulo 2 – Crise e Populismo

O presente capítulo é dividido em quatro seções. A primeira reflete teoricamente a histórica relação entre emoções, afetos e psicologia das massas nos estudos sobre populismo, em que a literatura do campo da psicanálise se mostra fundamental. A segunda seção debate a vinculação que a literatura realiza entre a noção de crise e populismo, indicando como atores populistas exploram a percepção da crise. A terceira seção apresenta uma crítica à ideia bastante difundida por autores liberais de que o populismo é responsável pela crise da democracia – e não uma consequência. Finalmente, a última seção realiza um debate, sobretudo a partir das reflexões de Laclau e Mouffe, sobre a concepção de que o populismo de esquerda pode ser (ou não) uma agenda para o enfrentamento ao populismo de direita e uma possível saída para a crise da democracia liberal.

Das emoções à psicologia das massas

A presente seção se mostra fundamental não somente para o debate sobre populismo, mas também para a construção do quadro de análise da comunicação populista. Como veremos, a discussão sobre afetos e emoções se mostra fundamental, por exemplo, para a categoria da “emocionalização” da comunicação populista. Não somente por isso, mas é importante ressaltar que essa dissertação estuda organizações políticas que participaram de diversas manifestações durante o período estudado. Como demonstra Jasper (2011, p. 286), as emoções⁸³ se manifestam em todos os âmbitos e fases do protesto. Elas podem ser meios, fins e ambos. Afinal, para o autor, as emoções encorajam os sujeitos, são concebidas em multidões, expressas de forma retórica e formam objetivos enunciados e também não enunciados dos movimentos sociais. Para Jasper, as emoções podem auxiliar ou mesmo complicar as estratégias dos movimentos sociais, os esforços de mobilização e o sucesso de suas agendas (JASPER, 2011, p. 286).

No mesmo sentido, diversos autores (BOBBA, 2019; DEMERTZIS, 2006; RICO, GUINJOAN; ANDUIZA, 2017; SALMELA; VON SCHEVE, 2017; SKONIECZNY, 2018; WAHL-JORGENSEN, 2018) têm explorado as conexões entre campo das emoções o populismo. Como demonstram Rico, Guinjoan e Anduiza (2017, p. 445), o medo e a raiva

⁸³ Foge dos objetivos dessa dissertação fazer uma análise sobre emoções e movimentos sociais. Não realizarei uma revisão detalhada sobre essa literatura. Para saber mais, ver Goodwin; Jasper; Polletta (2000, 2009) e Flam; King (2007).

são as emoções mais frequentemente associadas à propagação do populismo – ainda que os autores considerem a raiva como emoção chave para explicar o apoio ao populismo. Para Wahl-Jorgensen (2018, p. 3), é fundamental, por exemplo, a compreensão da circulação da raiva no discurso público, essencial para o entendimento do populismo de Trump. Para Skonieczny (2018, p. 62), as campanhas populistas econômicas dos candidatos presidenciais dos Estados Unidos, Bernie Sanders e Donald Trump, invocaram sentimentos de uma espécie de “nós” e assim se conectaram emocionalmente com o público. Para o autor, esses candidatos populistas conseguiram grande reverberação com estadunidenses ao disseminar uma expressão emocional de falta e desejo de reparação de algo que havia sido quebrado.

Para Salmela e von Scheve (2017, p. 5) as percepções subjetivas e intersubjetivas da ameaça e vulnerabilidade se mostram primordiais para compreensão da ascensão dos partidos populistas de direita. Para os autores, os afetos e as emoções exercem uma função fundamental na formulação de um “sentido subjetivo” dessa percepção de ameaça, que se vinculam aos antecessores estruturais da justificação para o apoio de partidos populistas de direita. Salmela e von Scheve ainda argumentam que as percepções de ameaças e vulnerabilidade provavelmente também pautam o apoio aos partidos populistas de esquerda, ainda que, nessa dinâmica emocional, sejam diferentes entre si, pois se mostram consequências de estratégias de mobilização distintos. (SALMEIA; VON SCHEVE, 2017, p. 5).

Essa breve introdução do presente capítulo é importante para entender não somente como as emoções se conectam com o populismo, mas, além disso, perceber que os teóricos da análise de discurso, como Laclau e Mouffe, utilizaram bastante a psicanálise para fundamentar sua teoria.

Para as correntes do pós-marxismo, sobretudo as oriundas da Escola de Essex, o marxismo era incapaz de explicar todos os fenômenos sociais, principalmente a formação das subjetividades e das identidades coletivas. Laclau, em *A Razão Populista* (2005), sua obra mais conhecida sobre o populismo, busca referências em Freud e Lacan. Althusser, por exemplo, foi um dos marxistas que se fundamentaram bastante na psicanálise. Freud refletiu sobre a política em *Psicologia das massas e análise do eu* e em *Mal-estar na civilização ocidental* (BIRMAN; HOFFMAN, 2018, p. 7). Os autores contemporâneos

retomam a tradição da psicanálise como instrumento teórico para pensar a crise política e a ascensão do populismo e de discursos autoritários.

Para Dunker (2018, p. 206), um dos principais acadêmicos psicanalistas do Brasil, é necessária uma reflexão que, para além dos sintomas de ressentimento social, dedique-se se a sua real causa, reconhecendo o ressentimento e o inserindo dentro de sua lógica de repetição. Dessa maneira, Dunker compreende que o requisito primordial para a atual crise tem o sintoma social que o autor denomina de “vida em forma de condomínio”. Esse conceito trata das opções, no âmbito dos afetos, da arquitetura, da circulação urbana e das trocas sociais por projetos que privilegiem a incorporação imobiliária ao invés de espaço público; síndicos ao invés de representantes com diretrizes coletivas; ao invés de diferença e negociação social, muros de segregação; e, ao invés de afetos sociais, como vergonha e culpa, a soberania política pautada no medo da segurança. Para o autor (DUNKER., 2018, p. 206), esse sintoma se expressa nos condomínios, nas prisões, nas favelas, nos shopping centers, entre outros.

A crise expressa, para Dunker, no entanto, um retorno ao real, ao traumático, sobretudo pela violência que cancelou a palavra e anulou qualquer possibilidade de que os oponentes se reconheçam como adversários. Aqui, Dunker se aproxima do conceito de democracia agonística cunhado e defendido por Mouffe. Para a autora, o retorno a essa forma de democracia agonística seria condição essencial para uma política populista de esquerda (MOUFFE, 2018), o que será debatido e questionado nas próximas seções. Voltando a Dunker, o resultado desse mal-estar é que o outro tem sua condição de sujeito destituída (louco, sem caráter, “cozinha” ou “petralha”), tornando-se pessoa (ou ser) com os quais é impossível estabelecer um diálogo (quando é desejável), não reconhecendo qualquer subjetividade, mas somente a identidade de grupos que operam como massas de indivíduos que refletem vozes desconhecidas. E, de acordo com Dunker, a característica fundamental da segregação no real é que o antagonismo social é “inomeado” e a distinção de classe vira “intratável” (DUNKER, 2018, p. 206).

Para Dunker, quando os meios materiais se mostram insuficientes, não conseguimos renunciar ao gozo, no sentido de conseguir realizar efeitos de liberdade em termos de lei do desejo. A consequência natural é que nós tendemos a “nos achar idiotas” por seguir um modelo de liberdade, ao mesmo tempo que temos a percepção que todos à nossa volta estão se beneficiando de um modelo antagonista. Na visão do autor, contudo, a verdadeira

oposição não está entre hedonistas e sacrificados, mas entre os que optam por outra coisa frente ao poder e aqueles que tornam o poder um exercício de coerção e gozo. E esse princípio da autolimitação, segundo Dunker, abarca todos, direita e esquerda, mas foi substituído por um outro modelo de liberdade: o modelo em que a liberdade é igual a exercer todo o poder possível. Isto é, a retórica de que o problema é que o outro está gozando demais.

Dunker, com base nos estudos de Freud que analisaram as massas organizadas, como o Exército e a Igreja, argumenta que

[...] o modelo aqui é simples, uma forte identificação horizontal entre os irmãos é reforçada continuamente por meio da colocação do mesmo objeto, seja ele um líder carismático, uma disciplina moral, um traço estético, ou uma condição de equivalência, que ocupa, desde então, um lugar definitivo no ideal de *eu* das pessoas. Temos, portanto, três termos que exprimem o coletivo em psicanálise: massa, grupo e classe, e nunca apenas dois, como na oposição entre indivíduo e sociedade (DUNKER, 2018, p. 220).

Para Dunker (2018, p. 22), a ideologia voltada para as massas e sua falsa universalidade, metamorfoseou-se radicalmente devido às dialéticas digitais do neoliberalismo em uma política de grupos e suas devidas demandas, sem o conceito de classe como unificador. Sendo assim, Dunker argumenta que surgem concepções que atuam de forma individual no exercício dos coletivos, como a *demanda*, a *transferência* e a *identificação*. Laclau, nesse sentido, demonstra como o significante flutuante opera de maneira primordial para a organização dos movimentos sociais. Dunker exemplifica esse significante nos casos do espanhol *Podemos* e no brasileiro Movimento Passe Livre, pois consistem em agenciamentos contingentes e possuem uma existência limitada, um princípio de autodissolução; em oposição ao que seriam os grupos significados por uma identidade de gozo (DUNKER, 2018, p. 221). Nesse sentido, para o autor, a partir da teoria de Laclau, grupos constituídos por meio de demandas ou transferências se mostram organizações de baixa coesão identitária, enquanto grupos que se definem por identidades se mostrariam grupos politicamente mais perigosos pelo fato de necessitarem confirmar e reconfirmar a identidade de forma contínua. “Minha identidade de gozo tende sempre a ser imposta ao meu vizinho. A identidade de gozo suposta ao vizinho será sempre ameaçadora para minha fantasia” (DUNKER, 2018, p. 221). Quando as demandas e transferências de grupos de identificação tendem, segundo Dunker, ao efeito entrópico de autopurificação disciplinar, ou seja,

[...] quando só resta ao revolucionário “ser revolucionário” ele se afasta da transformação do mundo e começa a se esgueirar para a comparação com seu próximo em busca de saber quem é o “mais revolucionário”. E ainda confundirá crítica com denúncia. Aqueles que lidam com catástrofes, tragédias e situações de vulnerabilidade social estão advertidos de que quando constituímos grupos à base da identificação com a condição de vítimas, o processo tende a se tornar mais longo e às vezes insolúvel. É assim que se criam formas de vida condominiais, à esquerda ou à direita, com os mesmos costumes narcísicos: essencialização de si, moralização das escolhas de gosto, crítica permanente do desvio, purificação infinita da própria subjetividade, seleção contínua dos que podem e dos que não podem participar da grande imagem que define quem é “nós”, covardia na relação com a palavra própria, valentia segregatória (DUNKER, 2018, p. 222).

Seguindo a tradição de Laclau e Mouffe, Dunker busca na psicanálise os argumentos contra as políticas essencialistas. Para o autor, essa plataforma não se encontra somente na direita, mas é uma armadilha mobilizada constantemente pela esquerda. O autor oferece uma explicação para a crise baseada em uma própria noção de crise de identidades. A narrativa pós-marxista de Laclau, contudo, conseguiria oferecer respostas nesse sentido.

Safatle (2018, p. 57), seguindo a abordagem da psicanálise, indica que Freud denunciou a dinâmica autoritária da psicologia das massas. Laclau, contudo, não concebe essa lógica como necessariamente uma indicação de segregação – não existe totalização sem exclusão (LACLAU, apud SAFATLE, 2018). Como argumenta Safatle (2018, p. 57), diversos movimentos populistas instrumentalizam essa totalização por exclusão para operar no terreno da luta de classes, e o populismo, estabelecendo a sociedade em dois polos antagônicos, coloca o povo como a fração que entende ser idealizada como totalidade politicamente original e exclusiva, e a plebe, que antes não era representada, como derradeiro *populus* legítimo.

As elaborações de Laclau são precisas em mais de um ponto. Elas mostram como a perspectiva freudiana e seus desdobramentos permitem compreender, com clareza, as dinâmicas identificatórias no campo político não apenas como regressivas, mas também como constitutivas da própria dinâmica transformadora das lutas sociais. Não há política democrática sem o reconhecimento de dinâmicas constituídas no ponto de não sobreposição entre direito e demandas sociais, entre legalidade e legitimidade. Não há política democrática sem um excesso de antagonismo em relação às possibilidades previamente decididas pela estrutura institucional, e é isto que a experiência populista nos mostra (SAFATLE, 2018, p. 59).

Safatle (2016, p. 37) afirma que uma das questões mais interessantes analisadas por Freud é a importância da reflexão sobre os afetos, no sentido de uma sistemática reflexão sobre a forma como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que

operarão como base da sustentação geral para a adesão social. Safatle demonstra que Freud prefere analisar a maneira como os indivíduos formulam suas crenças, desejos e interesses a partir do que Safatle chama de “circuito dos afetos”. Para ele, Freud pretende compreender como os afetos são constituídos e mobilizados para bloquear o que entendemos como “expectativas emancipatórias”, tendo em vista que a vida e seus processos de sofrimentos, desejos e frustrações são um produto do circuito dos afetos (SAFATLE, 2016, p. 38). Da mesma forma, Safatle ainda argumenta, a política também se mostra uma produção do circuito dos afetos. Como afirma Cesarino (2020, p. 114), a simbologia é fundamental no discurso populista, operando profundamente por meio de elementos estéticos e significantes vazios, no âmbito subconsciente dos afetos.

Para Safatle (2016, p. 42), o afeto que nos abre para os vínculos sociais é o desamparo, que demonstra como a ação política é a ação sobre o âmbito da insegurança ontológica (SAFATLE, 2016, p. 54). O desamparo, para ele, não projetaria um horizonte de expectativas que autorizaria aos momentos temporais conquistarem “[...] a forma da continuidade assegurada pela projeção do acontecimento futuro” (SAFATLE, 2016, p. 52). O medo e a esperança seriam afetos complementares associados a uma recíproca dependência em relação à temporalidade da expectativa e do que está por vir, da expectativa; ao mesmo tempo em que o desamparo elimina essa temporalidade, inaugurando outra, destituída de qualquer expectativa. Afinal, para Safatle, estar desamparado é “[...] estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é a atualização dos meus possíveis. Por isso ele provoca a suspensão, mesmo que momentânea, da minha capacidade de ação, representação e previsão” (SAFATLE, 2016, p. 53). É possível aqui conectar a noção de desamparo que Safatle apresenta a partir de Freud com a noção de crise e progresso de Koselleck (2000): o desamparo é a expressão de uma temporalidade contenciosa, mas sem expectativas. O desamparo e a ausência de perspectivas, dessa maneira, podem encarnar a própria crise. Existem diversos estudos e análises que reformam a tese de que existe uma correlação entre sentimentos de impotência e o apoio a grupos discursos populistas de extrema-direita (ZUBERO, 2015, p. 102). Esses sentimentos se pautam na ansiedade sobre o futuro, na perda de status, no sentimento de anomia, etc.

Para Zubero (2015, p. 109), a angústia que mobiliza as pessoas (muitas delas ex-eleitoras dos partidos de esquerda) não se mostra apenas como uma angústia econômica e material, mas se conforma também por meio de questões culturais, amplamente mobilizadas pelo

populismo de extrema-direita, como a perda da identidade nacional. Ao contrário das respostas oferecidas pela chave pós-materialista, o sentimento de desamparo, como demonstra Zubero, é um fenômeno complexo formado por variáveis econômicas, ideológicas e existenciais, mas ele considera – argumento com o qual concordo – que os fundamentos materiais desse sentimento (ou ressentimento) são elementos necessários, embora não suficientes, para a explicação da formação do desamparo (ZUBERO, 2015, p. 104).

Um elemento importante na desatenção à política do desamparo, e conseqüentemente do ressentimento, é descrito por Fukuyama no seu livro *Identities: a exigência de dignidade e a política de ressentimento* (2018). O autor estadunidense tem como um de seus argumentos centrais que as democracias liberais contemporâneas falharam em proporcionar o reconhecimento da dignidade para suas populações. Nesse sentido, Fukuyama argumenta (2018, p. 72) que os economistas se equivocam ao assumir que os seres humanos são motivados por “preferências” ou “utilidades” e desejos de recursos e bens materiais. O maior erro nessa leitura – bastante presente no individualismo metodológico – é o que Fukuyama chama de *Timo*, a parte da alma que deseja ser reconhecida por outras, tanto de maneira isotímia (reconhecida como igual em dignidade em relação aos outros) ou na megalotímia (reconhecida como superior). Para o autor, o que se costuma analisar a partir de uma perspectiva de motivação econômica movida por desejos materiais é na verdade uma procura por reconhecimento de dignidade e status. Fukuyama (2018, p. 10) argumenta que a questão do *Timo* deve ter centralidade na sociedade liberal, tendo em vista que líderes autoritários – também à procura de reconhecimento – como Hitler e Perón⁸⁴, levaram suas sociedades aos colapsos da guerra ou econômico, e, para isso, se agarraram e mobilizaram o ressentimento das pessoas comuns que sentiam que sua nação, religião ou modo de vida estava sendo desrespeitado. Nesse caso, isotímia e megalotímia se uniriam (FUKUYAMA, 2018, p. 10).

Para Fukuyama (2018, p. 16), os eventos complexos contemporâneos podem ser explicados pelo que ele chama de “política do ressentimento”. De acordo com o autor, em diversos momentos recentes, líderes políticos mobilizaram seguidores a partir da ideia de que a dignidade de grupos havia sido violada, desacreditada ou mesmo desconsiderada; esse

⁸⁴ Fukuyama realiza uma grande simplificação ao comparar Hitler com Perón. Esse é um exemplo, entre muitos outros, de como diversos autores analisam a América Latina sob lentes do norte global, desconsiderando contextos muito distintos.

ressentimento constrói uma exigência do reconhecimento público da dignidade de um grupo. Se esse grupo se vê como humilhado, Fukuyama argumenta que a busca pela restauração de sua dignidade terá uma carga emocional muito mais poderosa que a das pessoas que somente buscam vantagens econômicas. Esses elementos podem ser fundamentais para compreender, para além de leituras que partem do individualismo metodológico, o porquê de determinados grupos terem mudado radicalmente seus posicionamentos políticos e passarem, por exemplo, a apoiar a extrema-direita. Segundo Abelin e Gobbi (2019, p. 11), um dos motivos de grande incompreensão do populismo surge do individualismo metodológico e suas derivações, sobretudo a teoria da escolha racional. Afinal, a mudança de apoio de um extremo a outro do espectro ideológico não corresponde às expectativas criadas por um modelo que se pauta na premissa de sujeitos que possuem preferências e restrições pré-estabelecidos. Essa é, sem dúvida, uma das principais distinções do trabalho de Ernesto Laclau sobre o populismo, afinal o autor afirma que “[...] a questão principal abordada neste livro é a natureza e a lógica da formação das identidades coletivas”. Laclau demonstra como é necessário concentrar-se no âmbito dos valores morais dos sujeitos e compreender a percepção que os sujeitos políticos possuem da realidade, afinal, fazer política não se trata de uma constante busca por atingir os valores individuais e tampouco de racionalidade genuína (ABELIN; GOBBI, 2019). Como argumentam os autores, Laclau defende que, para entender o fazer política, é necessário investigar profundamente a identidade e as representações disponíveis aos descontentes.

Nesse sentido, populistas – à esquerda e à direita – têm oferecido narrativas e respostas mais sedutoras e contundentes para a questão do desamparo. Como discutimos aqui, o desamparo não é simplesmente uma formulação filosófica, mas algo que atinge materialmente, institucionalmente e metafisicamente a população. O individualismo metodológico, o pós-materialismo, a teoria da escolha racional e os argumentos puramente ideológicos não são suficientes para explicar o motivo de trabalhadores sindicalistas eleitores de partidos socialistas estarem votando em populistas de direita, por exemplo. Citando caso análogo, essas explicações mencionadas parecem ser incapazes de explicar o fato de Bernie Sanders – no campo ideológico oposto a Donald Trump – disputar votos com o atual presidente dos Estados Unidos. Enquanto parte do campo liberal progressista

estadunidense e mesmo fora dos Estados Unidos⁸⁵ rotulou os eleitores de Trump de fascistas ou reacionários, as pesquisas indicam que Sanders⁸⁶ poderia ter vencido as eleições de 2016 caso fosse o candidato democrata.

Para Slavoj Žižek (2019, p. 276), Bernie Sanders era em 2016 o democrata de esquerda que possuía como vantagem sobre a esquerda liberal “politicamente correta” o fato de entender e respeitar os problemas e medos dos trabalhadores e agricultores comuns. O expressivo apoio a Sanders – inclusive entre eleitores conservadores – indica, entre outras coisas, que a população estadunidense (assim como a de outros países) parece estar apostando em projetos antisistêmicos completamente dessasociados ao “degenerado” e “corrupto” establishment. Os populistas têm, nesse sentido, mobilizado narrativas de reconhecimento e de frustração libidinais da população demasiadamente mais envolventes do que os discursos ponderados e tecnicistas. De acordo com Žižek (2019, p. 309), ainda que os dois expressem um descontentamento social e político disseminado e o façam em sentidos polarizados, o ódio popular que originou Trump também é o mesmo que originou Bernie Sanders. O primeiro se engajaria no populismo de direita e o segundo no clamor popular por justiça. Para Žižek, o clamor de esquerda por justiça de Bernie Sanders se alia a lutas por direitos de mulheres, LGBTQIA+, contra o racismo e pelo multiculturalismo, enquanto o objetivo estratégico de Hillary Clinton – candidata democrata em 2016 – era dissociar essas lutas em busca de um consenso (ŽIŽEK, 2019, p. 309).

Para o autor esloveno, o consenso Clinton visava defender o funcionamento desimpedido do capital global, em que exigências culturais poderiam ser concedidas sem colocar em risco o funcionamento da economia do mercado global. Esse tipo de posicionamento – profundamente associado ao corrupto e degenerado establishment econômico e político – parece ter sido o ponto crucial na derrota de Clinton. Como mobilizar afetos e ressentimentos em defesa da manutenção de uma ordem que é concebida como responsável pela situação de dificuldade da população?

A noção de democracia agonística⁸⁷, fundamental para o populismo de esquerda defendido por Mouffe, e também a agenda defendida pela autora pós-marxista e por Nancy Fraser, por

⁸⁵Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/06/internacional/1478461197_261293.html. Acesso em: 03 abril 2020; <https://oglobo.globo.com/opiniaao/espectro-do-fascismo-aparece-em-trump-19840797>. Acesso em: 03 abril 2020.

⁸⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/apos-vitoria-de-trump-democratas-se-perguntam-bernie-sanders-poderia-ter-vencido-a-eleicao.html>. Acesso em: 03 abril 2020.

exemplo, advogam que a esquerda aprenda a mobilizar a raiva e a frustração da população – explorada e materialmente defasada – rumo a uma política democrática radical que possa enfrentar o populismo de direita, a pós-política e a financeirização.

A ciência política, por exemplo, não costuma olhar o desamparo como libertador e também como chave explicativa para a realidade. Mas, na verdade, o desamparo pode operar de maneira paradoxal, pois ele é capaz de proporcionar uma espécie de conforto. Afinal, ele cria narrativas nutridas de alegorias e dogmas para justificar determinada realidade e condição. E isso se relaciona com o debate sobre a disseminação de notícias falsas: por exemplo, algo que é evidentemente uma peça mal feita e explicitamente falsa, passa a ser disseminado no Whastapp⁸⁸ como verdade. Sua veracidade, no entanto, pode ser irrelevante para quem está disseminando. Como indica Marwik (2018, p. 510), as pessoas que compartilham notícias falsas não as partilham somente para divulgar informações factuais, e também não são “enganadas” pelos tendenciosos grandes meios de comunicação empresarial, mas suas visões de mundo são edificadas a partir de posições sociais e crenças profundas anteriores. Nesse sentido, as pessoas – e o desamparo – encontram conforto em mitos e alegorias, pois eles proporcionam sentido para suas narrativas. Pretendo explorar mais essa questão no capítulo sobre mídias sociais.

Crise da democracia e populismo

Muitos analistas políticos e acadêmicos têm analisado a ligação entre a crise da democracia e a ascensão do populismo (por exemplo, ENGESSER; FAWZI; LARSSON, 2017; GERBAUDO, 2013; HATAKKA, 2018; HERKMAN et al., 2017; MALONE, 2014). O populismo tornou-se um protagonista na agenda das discussões da mídia de massa e na

⁸⁷ O modelo agonístico de Mouffe é incoerente com suas próprias formulações e defesas de uma democracia radical e do populismo de esquerda. Como Miguel (2014, p. 29) argumenta, Mouffe acaba aprofundando a visão pluralista sobre a inevitabilidade da criação de consensos quanto às regras do jogo. Isto é, Mouffe reconhece que o antagonismo é próprio da política, mas existe sempre uma necessidade de reprimi-lo e dominá-lo para que o agonismo prospere. Da mesma maneira em que Mouffe critica a tentativa liberal de amansar a arena pública, a autora pós-marxista também tenta domar o antagonismo em todo momento de um modo que o agonismo só se realize se distante dos conflitos. É possível afirmar que Mouffe, ao formular sobre o agonismo, não está indo além do que a concepção de um modelo “radical liberal” de democracia. E isso impacta profundamente sua defesa de um populismo de esquerda, tendo em vista que a própria autora afirma que o agonismo é uma condição essencial para o populismo de esquerda.

⁸⁸ Aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones que possui mais de 2 bilhões de usuários no mundo. Em 2014 foi comprado pelo Facebook. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/whatsapp-atinge-2-bilhoes-de-usuarios.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2020; <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-compra-o-aplicativo-whatsapp-por-us-16-bilhoes.html/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

academia. A eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, a ascensão da extrema direita na Europa, o surto global de revoltas políticas e o crescimento de movimentos e partidos considerados populistas (BARBOSA, 2017; GERBAUDO,) reacenderam o debate sobre populismo e sua relação com o establishment político. É interessante que a urgência do tema da crise da democracia e do populismo na agenda acadêmica expressem uma hegemonia geopolítica do norte global e uma visão excessivamente institucionalista sobre o tema. Afinal, se fossem aceitos acriticamente os postulados dessas análises, teríamos de supor que, antes da eleição de Trump como presidente dos Estados Unidos, a democracia liberal estadunidense estivesse operando “normalmente”. Trata-se de uma visão incapaz de ver desigualdades para além das instituições – desigualdades que são a própria materialização de uma das razões da crise da democracia e da adesão aos discursos populistas. Além disso, são concepções que ignoram grandes acúmulos de estudos sobre os limites da democracia liberal e que o seu fracasso pode vir de forças endógenas (por exemplo, BROWN, 2003; MARX, 1981).

A crise da democracia também é um antigo objeto de debate acadêmico (CROZIER, HUNTINGTON; WATANUKI, 1975; HABERMAS, 1976; OFFE, 1994). Assim como o populismo, nos últimos anos as discussões sobre a crise da democracia tornaram-se um tema central.

A crise da democracia recuperou um lugar central na agenda (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2018; NORRIS; INGLEHART, 2019) devido, em particular, à ascensão de regimes e movimentos autoritários ou populistas (em lugares como Brasil, Hungria, Itália, Polônia, etc.). O fato de esses movimentos estarem localizados nas regiões mais distintas aponta para a crise da democracia como um fenômeno global, o que requer uma abordagem analítica que vá além das crises nacionais para entendê-las como sistêmicas do capitalismo global, no qual estruturas, atores e forças transnacionais ocupam uma posição de centralidade (ABELIN; GOBBI, 2019, p. 3). A nova ascensão do populismo está intimamente associada à crise da democracia liberal. Ainda que parte da literatura conceba o populismo como a causa da crise, parto da ideia de que o populismo é uma consequência (MOUFFE, 2018; RODRIK, 2018). A realidade é que atores populistas crescem e exploram muito o cenário de crise, das instituições da representação, dos partidos e do sistema político em geral, podendo, inclusive, retoricamente amplificar esse cenário.

Como indicado por Guasti e Almeida (2019, p. 153), a crise e o sentimento de falta de representação (*misrepresentation*) têm forte apelo no contexto social e cultural contemporâneo, e a literatura sobre populismo destaca discursos e estratégias antipolíticas, antipartidárias e antiestablishment que nos permitem discutir os desafios que a ideia de falta de representação reivindica à democracia representativa. Para as autoras, as alegações de falta de representação são constitutivas do processo de reivindicação, ou seja, expressam, além da insatisfação dos eleitores, uma estratégia e um estilo político concebidos para desacreditar os adversários e, assim, persuadir o público. Essas alegações têm o potencial de afetar diretamente o sistema político e cultivar a crise política. Para as autoras (GUASTI; ALMEIDA, p. 156), os discursos de deturpação do sistema político e a falta de representação são muitas vezes posições que reivindicam a crise para mobilizar apoio político e exigir ação imediata, e as soluções para os problemas incluem a remoção do adversário ou inimigo, novos tipos de representantes e políticas participativas, adotando uma ligação mais direta entre os líderes (populistas) e o povo.

Para Tormey (2019, p. 30), o populismo tem poucas hipóteses de triunfar sem crise, afinal, como o populismo coloca o poço contra as elites ou a classe governante, isso exige uma crise na relação entre representantes e representados. Por exemplo, Tormey (2019, p. 31) argumenta que nas últimas décadas a extrema-direita progrediu ao estimular um sentimento de crise cultural, no que diz respeito à imigração islâmica, aos fluxos de refugiados e à mobilização de um pânico em relação a uma suposta violação do *ethos* cristão hegemônico da sociedade europeia. A ideia de crise aqui, como demonstra Tormey, está associada a um empenho de elites europeias na livre circulação de pessoas, no multiculturalismo e em uma sensibilidade cosmopolita liberal sem fronteiras.

Urbinati (2019, p. 3), que ressalta não acreditar em uma opinião generalizada de que os populistas são incapazes de governar, argumenta sobre a habilidade que os movimentos populistas possuem para construir um regime *sui generis* a partir de dentro da democracia. Para a autora, o populismo no poder significa uma forma de governo representativo desfigurado. Isto é, para ela, a democracia populista expressa uma forma de governo representativo pautada em uma relação frontal entre as pessoas “certas” ou “boas” (definidas pelo líder) e o próprio líder, a autoridade superlativa do público. Os inimigos imediatos dos populistas seriam, nesse sentido, os sistemas institucionalizados de monitoramento e controle de poder, os órgãos intermediários de formação de opinião e a mídia, por exemplo (URBINATI, 2019, p. 4).

Os populistas, segundo Guasti e Almeida (2019), reivindicam a falta de representação para alimentar um cenário de crise. Para Urbinati, o populismo expressa a própria crise no sentido que cultiva uma representação desfigurada. O populismo substancializa a representação. É importante ressaltar, no entanto, que crises políticas e econômicas não conduzem necessariamente a uma política populista (PANIZZA, 2005, p. 14), ainda que, como Guasti e Almeida argumentam, populistas possam criar cenários de crise. Outros cenários podem ser possíveis quando existe uma crise, como ditaduras militares, governos autoritários ou renovação das instituições políticas (PANIZZA, 2005).

De acordo com Panizza, o populismo é resultado do grande abismo entre os líderes e os liderados e das diferenças existentes entre as organizações políticas na mediação entre esses atores. O populismo, nesse sentido, expressa uma particularidade profunda da maneira como a política é conduzida, e as crises de representação possibilitam o surgimento de maneiras de identificação que diminuem, em nome do povo, esse abismo entre representantes e representados (PANIZZA, 2005, p. 14).

Essa reflexão nos leva à seguinte pergunta: crise em comparação com o quê? Esse é um importante questionamento lançado por Roitman (2016, p. 28). Há uma grande imprecisão sobre o conceito de crise (ROITMAN, 2016). Naturalmente, isto torna muito difícil para nós definirmos o que é e quando existe uma crise.

O vislumbre de quais os futuros coletivos diante da crítica de um sistema político fundado no poder é expressão da própria crise. Roitman (2016, p. 20) entende a crise historicamente não como o problema, mas uma condição que exige um julgamento decisivo entre alternativas. A crise significa mudança, não sendo apenas história, mas designando história. Roitman concebe, portanto, a crise como um *gap* entre expectativas e contingência, que seria típica de uma modernidade que vive em um processo de tentar domesticar as crises. Para ela (2016, p. 26), a crise não é uma condição para ser observada, mas sim uma observação que produz significado. Em seu artigo, Roitman (2016, p. 30) não propõe invalidar o conceito de crise ou negar sua própria existência, mas que observemos a crise como um “ponto cego” e que consideremos as maneiras como são reguladas suas construções narrativas, assim como indicam Guasti e Almeida (2019). A noção de crise não seria falsa ou mera representação, mas edificaria uma narrativa. Aderir à narrativa de crise pode pressupor artificialmente uma realidade em que operava uma suposta normalidade, ofuscando assim perguntas que ajudariam a compreender a estrutura e a condição sistêmica

de determinado problema. Da mesma forma que as crises são legitimadoras do Estado, elas também podem justificar a exceção do Estado.

A própria escalada do populismo, em nível do norte global, vem sendo associada pela literatura a um contexto de crise da globalização (COX, 2017), a crise de desemprego e de confiança nas instituições europeias (ALGAN; GURIEV; PAPAIOANNOU; PASSARI, 2017) e à crise financeira de 2007-2008 (GERBAUDO, 2012, p. 2). Cox (2017, p. 16), contudo, argumenta que a ascensão do populismo está intimamente conectada a uma ideia generalizada entre os próprios intelectuais que denuncia uma reconfiguração de poder da ordem internacional. A reprodução da compreensão – pelos próprios intelectuais públicos – de que os BRICs governariam o mundo, ao mesmo tempo em que o ocidente estaria em descenso, ou seja, concebendo uma grande mudança de poder que estabeleceria uma ordem pós-americana, pós-liberal e pós-ocidental seria demasiadamente exagerada. Mas, de acordo com Cox, essa compreensão tornou-se uma verdade de nossa era (COX, 2017, p. 16). Para o autor, nos últimos tempos, muitos ocidentais passaram ter profundas incertezas sobre o seu futuro, o que fez com que muitas pessoas considerassem políticos e movimentos que reivindicavam a defesa do Ocidente, ou no cenário estadunidense, “fazer a América grande de novo⁸⁹”. A noção de que haveria um deslocamento de poder, com a ascensão do BRICs, em particular da China, e que haveria um declínio da União Europeia, por exemplo, foi fundamental na mobilização do Brexit (COX, 2017, p. 16)

Cox retoma, portanto, a ideia de que a crise está associada a um futuro que se mostra aberto e obscuro. Dessa forma, a noção de progresso, foco do discurso populista, é instrumentalizada por um discurso ou um programa que visa preencher esse futuro contingente. Isso cria, como vimos, a percepção de desamparo. As noções de progresso são uma narrativa de contingência e a batalha pela concepção de um novo futuro é a própria crise.

A noção de crise da democracia é constantemente associada à ideia de que forças externas disruptivas degenerariam as instituições democráticas. No caso do populismo, como discutido nessa dissertação, essa concepção se mostra hegemônica dentro da ciência política: a ideia de que o populismo opera como uma força externa que causa a crise da democracia.

⁸⁹ *Make America Great Again* foi o slogan da campanha presidencial de Donald Trump, em 2016.

No entanto, é possível fazer uma analogia sobre como a noção de crise poderia ser compreendida como uma teoria endógena de crises recorrentes (MARX, 2017). Marx (IDEM), que trata da crise do sistema econômico, argumenta que a crise consiste no próprio funcionamento do sistema econômico. Como demonstra Kliman (2015, p. 73), a própria dinâmica do capitalismo gera desaceleração da economia, que se constitui de maneira endógena, e não devido a choques externos e a forças exógenas apenas. Em sua teoria da crise, Marx argumenta que retrações econômicas recorrentes são indispensáveis para a restauração do equilíbrio entre oferta e demanda, e produtividade crescente tende a deprimir a taxa de lucro (KLIMAN, 2015, p. 69). Kliman demonstra aqui que a relação entre crise e novas tecnologias já era discutida por Marx no terceiro volume de O Capital. Netto (2017, p.16), à luz da teoria marxiana da crise, argumenta que o capitalismo monopolista tem como objetivo primário o acréscimo dos lucros capitalistas por meio do controle dos mercados. Esse tipo de organização, segundo o autor, tem no sistema bancário e creditício sua função totalmente redimensionada, com a fusão de empresas, o pool, o cartel e o truste. O capitalismo monopolista implementa uma diversidade de dinâmicas, como o aumento constante dos preços, o aumento das taxas de lucro, a tendência do subconsumo, mas, sobretudo, aumenta a tendência em economizar o trabalho de seres humanos com a introdução de novas tecnologias, aumentando o contingente de consumidores improdutivos.

Nota-se, portanto, que a noção de crise tem relações históricas com o surgimento de novas tecnologias. Mais que isso, essa ascensão de novas tecnologias historicamente produz um grande abalo socioeconômico e impacta diretamente na percepção da população sobre a seletividade e a injustiça do Estado. A questão das novas tecnologias, entretanto, será novamente abordada nas próximas seções, continuando, por ora, o debate sobre crise. Streeck (2018, p. 10) argumenta que a crise global financeira e fiscal de 2008 não se mostra um acontecimento isolado, mas opera como parte de uma etapa de sequência histórica de crises. Para o autor, essa sequência histórica pode ser dividida em três principais fases: a inflação dos anos 1970, o incipiente endividamento estatal nos anos 1980 e o progressivo endividamento dos orçamentos privados desde a metade dos anos 1990. É interessante que Streeck (2018) pontua que todas essas fases tiveram um elemento em comum: a “solução” para as crises foi o iminente desfecho em uma nova crise. Como argumenta Streeck, a crise de 1990 fomentou o endividamento dos orçamentos privados e fortaleceu a economia financeira, que necessitou da salvação pelos Estados em 2008 – tudo isso às custas da

população. Uma das grandes contribuições de Streeck (2018, p. 11) é mostrar que o crescimento dos países centrais declinou desde os anos 1970, a reboque da inflação, do endividamento estatal e do inchaço do mercado privado, enquanto a desigualdade da distribuição de renda elevou-se e o endividamento geral aumentou. A gestão da dívida pública foi pautada por uma cartilha anti-intervencionista e menos receptiva às demandas populares, concretizando a oposição entre política de dívida pública versus desigualdade social e econômica (STREECK apud LACERDA, 2019, p. 172).

Streeck nos mostra que a crescente desigualdade de renda é uma tendência estrutural do capitalismo. Offe (1984), em uma crítica as instituições democráticas liberais, já indicava que os governantes agem para prover os interesses das classes dominantes e o que provê a legitimidade dos governantes é o autointeresse dos próprios governantes. Poulantzas (1981) também já denunciava a falta de neutralidade do Estado (ao contrário do que a hegemonia liberal indica) em que ele opera simultaneamente como objeto da luta de classes, palco da luta de classes e ator da luta de classes. Nesse sentido, o Estado se mostra como uma condensação material das relações de força da sociedade e a democracia cumpriria um papel de legitimação do exercício do poder. Assim como Offe, Poulantzas também expõe o caráter de classe do Estado em que as instituições participativas já nascem no caráter de dominadas. Uma das grandes contribuições de ambos os autores é expor um olhar não mistificado sobre a democracia liberal e compreendê-la como uma concessão dos grupos dominantes. Offe (1984) resume muito bem essa percepção quando trata do distúrbio estrutural do Estado capitalista, isto é, o Estado precisa afirmar sua neutralidade e concede aos grupos subalternos um pouco de redistribuição. Esses autores são fundamentais para compreendermos que a crise no Estado capitalista pode ser inerente a sua formação.

A partir do pensamento de Streeck é possível perceber que existe um momento de refluxo do experimento da democracia liberal. O Estado continua tendo que responder a vontade popular, mas os espaços em que ele consegue agir de fato são cada vez menores. Existe uma verdadeira desidratação do Estado e uma noção – advinda da hegemonia neoliberal – de que o Estado deve intervir cada vez menos no que podemos chamar de uma soberania do mercado, em que se compreende que Economia e Política são instituições diferentes, que devem ser separadas.

Como Abelin e Gobbi argumentam (2019, p. 5), quando as pessoas percebem o Estado como promotor de privilégios, injustiças e desigualdades, surge também uma frustração

com a capacidade da democracia liberal de cumprir suas promessas de criar um governo que administre melhor o domínio da vida comum. Ainda que políticas econômicas tenham impacto na percepção da população sobre a desigualdade e a injustiça, elas não são o único fator. As percepções das pessoas sobre as instituições também dependem de outros fatores, como o modo como a mídia enquadra as instituições, o Estado e a esfera pública; da realidade individual e coletiva das pessoas; e, sobretudo das narrativas, discursos e explicações disponíveis para dar sentido a essas realidades.

Para Mascaro (2019, p. 25), a crise atual do capitalismo desencadeada, sobretudo em 2008, consiste em uma das crises estruturais do modo de produção que provém de um regime de acumulação e de um modo de produção pós-fordista. A fragilidade da representação sindical (também exposta por Streeck), as anêmicas políticas de governo e decisões estatais, o consumo achatado fruto das novas condições do trabalho assalariado e do desemprego, a diminuição de circuitos econômicos anticíclicos, entre outros, originam-se em financeirização da economia cada vez maior e globalizada, que mostram contradições cada vez mais profundas (MASCARO, 2019, p. 25). Para o autor, rebaixamento salarial e das condições de proteção aos trabalhadores, golpes e expropriação são contratendências características da crise do capital. A crise institucional, principalmente a crise entre os poderes, sendo o executivo o protagonista, é uma das descrições mais comuns nas análises sobre o populismo. Isto é, o executivo deixa de respeitar qualquer tipo de freios e contrapesos, acusando os outros poderes de corrupção ou de serem dominados pelas elites

Coutinho (2008, p. 66) define crise institucional como “[...] uma ameaça de ruptura ou colapso repentino das regras e das organizações do regime político”. Para o autor, uma crise institucional se manifesta com o impasse entre pelo menos duas instituições do regime, com o crescente descrédito das instituições e com manifestações organizadas contra o regime (2008, p. 67). Como abordado por Roitman (2016, p.28), devemos conceber a ideia de crise em comparação a determinado horizonte para refletir se a própria noção de crise faz sentido analítico. Não pretendo, de maneira alguma, abandonar a noção de crise como uma chave explicativa importante. Acredito, contudo, que se existe quase um consenso no debate acadêmico e público de que vivemos uma crise da democracia, é necessário trazer para análise os fatores de mediação que tratam essa percepção e, assim, procurar investigar as raízes de condições que julgo sistêmicas e. Por exemplo, como Roitman afirma (2016, p. 29), a forma como a narrativa é conduzida pode levar a explicações de que a crise na Grécia é causada por irresponsabilidade fiscal. Isso leva a uma narrativa bastante explorada no

debate público, que argumenta a necessidade primordial de que governos adotem medidas de austeridade como único meio de escapar da crise econômica. Pouco se discuta a crise na Grécia como produto (ROITMAN, 2016, p. 52) do sistema financeiro global. Isso se torna um ciclo vicioso em benefício do financismo e do rentismo.

É dessa maneira que políticas econômicas restritivas, privatizações e desmantelamento do estado de bem-estar social são vendidos por governantes e banqueiros como um esforço coletivo de “socialização de prejuízos”, mesmo que beneficiem os mais ricos em detrimento dos mais pobres. Isso é articulado de forma coordenada entre imprensa, mídia e partidos políticos da ordem que comparam políticas neoliberais como um “remédio amargo” e necessário. Em algumas crises, contudo, a população pode ter certo grau de confiança nas instituições se o enquadramento adotado pela narrativa construída é de que as instituições estão fazendo o “possível” e o “impossível” para “evitar mal maior” e proporcionar um futuro digno para sua população (ABELIN; GOBBI, 2019). Fraser (2015), no entanto, indica como a crise é, sobretudo, uma crise do poder público. Entretanto, a população é convocada para fazer os sacrifícios para que o Estado a supere, ainda que, como demonstre Fraser (2015), a legitimidade desse Estado Democrático opere – e se regule – para o capital financeiro. A autora indica a incapacidade de que o capitalismo, de escopo transnacional, seja regulado pelas instituições. O capitalismo atua, dessa maneira, para a concentração de poder.

Nessa perspectiva, seguindo o argumento de Abelin e Gobbi (2019), existem instituições que mediam e operam de maneira fundamental na percepção da população sobre a crise e suas narrativas. A crise não é dissociada da percepção popular sobre o fracasso das instituições. Por outro lado, a população, no geral, também percebe – cada vez mais – o Estado e as instituições como agentes que favorecem o financismo, os grandes bancos e as elites econômicas e políticas. Streeck (2012), por exemplo, argumenta que a dessindicalização, os profundos cortes nos gastos sociais e a redução da demanda agregada advinda dos cortes fiscais são uma tendência mundial do capitalismo e seu perene conflito distributivo, causando crescente desigualdade. Assim sendo, quando a percepção sobre a desigualdade e a injustiça aumenta, as pessoas passam a desconfiar fortemente do establishment, da elite ou da própria democracia liberal. Entretanto, os setores que são enquadrados na definição de elite podem variar. Os atores populistas exploram essa percepção e os setores que serão incluídos na definição de elite e de povo dependem dos

significantes que serão mobilizados. As novas tecnologias possuem papel fundamental na percepção da crise da democracia, como já mencionado na seção acima.

A população concebe, dessa maneira, o Estado como promotor principal de privilégios, injustiças e desigualdades. Nesse sentido, a política populista floresce nas democracias liberais sempre que as instituições democráticas falham em sustentar a crença da população na capacidade do sistema de proporcionar justiça social e bem-estar, mas, sobretudo, quando a população não se enxerga nas instituições, que cristalizam elites que atuam apenas pelos seus próprios interesses. Fraser (2015, p. 187), por exemplo, questiona como as forças democráticas podem consertar um sistema disfuncional se o instrumento necessário para o reparo (o Estado) está sendo triturado pelas próprias dinâmicas do sistema.

Os usos das novas tecnologias de informação e comunicação, contudo, inseriram ainda mais camadas nesse processo. Afinal, é possível mudar a forma como as pessoas percebem a esfera pública e reconfiguram algumas relações de mediação. Pretendo debater e refletir sobre essa questão na seção sobre Novas Tecnologias da Informação e *Gatekeeping*, no capítulo 3.

O populismo como causa da crise da democracia

Diversos autores (por exemplo, MÜLLER, 2016; NORRIS; INGLEHART, 2018) argumentam que o populismo é o responsável pelo enfraquecimento da democracia. Pippa Norris e Ronald Inglehart veem o crescente apoio aos líderes populistas como a causa da ruptura dos “[...] padrões de competição partidária estabelecidos há muito tempo em muitas sociedades ocidentais contemporâneas” (2018, p. 4). Entretanto, esse argumento não aborda as causas da crise política em um sentido mais amplo. Afinal de contas, é necessário investigarmos o que causaria, em primeira instância, o próprio populismo. Um dos sintomas da crise da democracia liberal, mas que nesse caso veio muito antes da discussão nos países do norte, é o populismo neoliberal. Roberts (1995, p. 83) indica o surgimento de novas formas de populismo compatíveis e complementares às reformas neoliberais. Segundo o autor, esta variante do populismo estaria associada a uma ruptura das formas institucionalizadas de representação política – que ocorreriam em períodos de convulsões sociais e econômicas. O populismo poderia se adaptar à ordem neoliberal e, mesmo quando

limitado pela implementação de austeridade fiscal e por reformas de mercado, os líderes populistas mobilizariam instrumentos econômicos para obter apoio do setor popular quando as instituições intermediárias estão em crise.

De la Torre (2013, p. 5) demonstra que Weyland diferencia populismo clássico de neopopulismo a partir da incorporação de setores excluídos – via organizações como partidos e sindicatos – pelo populismo clássico. Já o neopopulismo preconizaria a luta contra a classe política – sem a criação de partidos – e eleitores mobilizados por redes que seriam ativadas em cada eleição. Da mesma maneira, Weyland (apud De la Torre, 2013, p. 5) informa sobre as afinidades eletivas entre líderes carismáticos neopopulistas e tecnocratas neoliberais, que, em governos neopopulistas, aplicaram agendas neoliberais. Os líderes neopopulistas compreenderam sua liderança política como expressão da vontade popular que deveria se mostrar suprema – sem o impedimento de partidos, justiça e parlamentos (WEYLAND, 2001, 2003 apud DE LA TORRE, 2013, p. 5).

Os neoliberais partilharam o antagonismo em relação à classe política por terem interferido no mercado defendendo os interesses dos beneficiários das políticas falhadas de substituição de importações e por se terem apropriado da vontade popular de servir os seus interesses particulares. Eles compartilharam a necessidade de concentrar o poder no Executivo para fazer reformas profundas (DE LA TORRE, 2013, p. 5, tradução livre).

Nesse ponto, como explorarei nas considerações finais, considero o governo de Jair Bolsonaro, no Brasil, a materialização do Neopopulismo. Existe um casamento entre uma liderança populista autoritária e o pensamento ultraliberal – que tenta implantar reformas de austeridade impopulares – que somente são aprovadas com a repressão de movimentos sociais e com a submissão das instituições reguladoras da democracia liberal. No entanto, diversos estudiosos concordam que o neopopulismo é mais compatível com a democracia liberal do que o populismo clássico (WEYLAND, 2001, 2003 apud DE LA TORRE, 2013, p. 5).

Collins (2014, p. 65), a partir do trabalho de Roberts, demonstra que as principais diferenças dos populistas clássicos estão na composição de sua base. Para os neopopulistas, a classe trabalhadora não é tão importante, pois eles têm uma base social muito mais heterogênea. O autor indica que Roberts redefine a base de apoio populista de forma mais ampla, como os setores subalternos, em oposição à noção de classe trabalhadora. Enquanto

os populistas clássicos organizavam seus círculos eleitorais centrais, os neopopulistas instrumentalizam e exageram os efeitos da atomização neoliberal.

O populismo não está relacionado com uma agenda ideológica particular, como já argumentado no texto, mas pode ser identificado (COLLINS, 2014, p. 68) com uma grande variedade de movimentos políticos que procuram incorporar grupos anteriormente excluídos do sistema político através de um processo discursivo que produz uma nova identidade de oposição:

A própria substância do que “incorporação” implica pode ser bastante abrangente: sob o populismo clássico envolvia não só a expansão do sufrágio, mas também a incorporação corporativista da classe trabalhadora. Roberts observa que o neopopulismo era muito menos inclusivo do que o populismo clássico. Onde os populistas clássicos construía partidos poderosos e sindicatos de poder, os neopopulistas não faziam qualquer tentativa de organizar as suas bases (COLLINS, 2014, p. 68, tradução livre).

Neopopulismo é, neste sentido, populismo para a aplicação de políticas neoliberais. Segundo Collins (2014), esta é uma exceção ao populismo clássico, uma vez que apresenta um modelo econômico mais exclusivo.

O Neopopulismo como expressão de um populismo neoliberal é uma de tantas diversas concepções sobre populismo. Mais recentemente, tivemos outras importantes obras que discutiram o populismo e sua íntima relação (ou sua culpa) com a crise da democracia liberal.

O livro *O que é o populismo*, do alemão Jan-Werner Müller e lançado em 2016, é sem dúvida um dos trabalhos recentes mais influentes sobre o tema. Müller tornou-se uma das principais autoridades quando o assunto é populismo, sendo convidado a dar palestras sobre o tema⁹⁰ e sendo bastante acionado pela imprensa⁹¹.

⁹⁰ Ver, por exemplo: <https://www.youtube.com/watch?v=QMcdgAriqy0>; <https://www.youtube.com/watch?v=Ar01zTmoAYU>; <https://www.youtube.com/watch?v=aFqFqm751jc>. Acesso em: 26 jan 2020.

⁹¹ Ver, por exemplo: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/populistas/>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/24/donald-trumps-warning-sign-populism-authoritarianism-inauguration>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/24/donald-trumps-warning-sign-populism-authoritarianism-inauguration>. Acesso em: 26 jan. 2020.

Primeiramente, Müller critica a confusão generalizada sobre a utilização do termo populismo. Utilizado desde a extrema-direita europeia até a “onda rosa”,⁹² na América Latina, todos são chamados de populistas. O autor alemão questiona se não seria uma falta de senso político diagnosticar todos os fenômenos como “populistas” (2016, p. 1). Concordo profundamente nesse ponto, afinal, um dos objetivos dessa dissertação é tentar clarear e proporcionar mais robustez para esse conceito.

Logo no início de sua obra o autor afirma que não existe nada como uma teoria do populismo e que faltam critérios coerentes para decidir quando os atores políticos se tornam populistas, pois todos os políticos querem apelar ao povo. (MÜLLER, 2016, p. 2)

Se, por um lado, é notório que o rótulo de populista é utilizado de maneira pouco criteriosa, é bastante questionável que não haja nada parecido com uma teoria do populismo. Müller simplesmente ignora Ernesto Laclau aqui e, sobretudo sua obra *On Populist Reason* (2005), onde o próprio Laclau afirma – o que talvez seja o questionamento de Müller – que, em alguma medida, toda intervenção discursiva é mais ou menos populista. Sobre a inexistência de uma teoria do populismo, Mendonça (2019, p. 192), por exemplo, afirma que o populismo alcançou o auge de sua formulação como categoria analítica em *A Razão Populista* (2013), de Ernesto Laclau.

Müller, contudo, possui uma visão profundamente negativa em relação ao populismo. Para o autor, o populismo não é somente antielitista, mas também antipluralista; os populistas pretendiam ser os únicos e definitivos representantes do povo. É uma reivindicação de representação exclusiva que se mostraria moral e não empírica. Para o autor (2016, p. 3), quando concorrem a cargos, os populistas enquadram os seus opositores como membros de uma elite corrupta e imoral e, quando governam, recusam a reconhecer a legitimidade de toda e qualquer oposição. Sabemos que a noção de “povo” é fundamental para qualquer concepção de populismo. Müller concebe a própria noção de povo como um problema, pois, de acordo com o autor, quem não apoia a lógica populista estará sempre fora da noção do justo e moralmente puro “povo”. Isto é, para Müller, o populismo é sempre uma forma de política identitária e representa um perigo para a democracia, afinal de contas, a democracia necessitaria de pluralismo e a ideia de um povo único e homogêneo se mostraria uma ideia totalmente fantasiosa (MÜLLER, 2016, p. 3). Seguindo sua

⁹² A denominada “onda rosa” ou “maré rosa” consiste no fenômeno do início dos anos 2000 de ascensão de lideranças, partidos e movimentos de esquerda ao poder na América Latina (DA SILVA, 2015, p. 1)

perspectiva depreciativa, os populistas justificariam suas condutas alegando que somente eles representam o povo, permitindo que os populistas confessem suas más práticas declaradamente. Segundo o autor alemão, isso explicaria como as revelações de corrupção raramente parecem prejudicar os líderes populistas, pois, na visão de seus seguidores, os populistas estariam fazendo o que fazem em nome do povo autêntico.

Ademais, populismo e autoritarismo se confundiriam. Afinal, para Müller (2016, p. 4), os populistas não poupam esforços para suprimir sistematicamente a sociedade civil. O autor argumenta que, ainda que seja uma inclinação comum dos partidos, os partidos populistas são particularmente propensos ao autoritarismo interno, pois não há espaço – e nem isso é autorizado – para desacordo interno no partido, que reivindica ser o único representante legítimo do bem comum. Para o autor, o populismo distorce o processo democrático, e caso o partido do governo possua maioria, pode promulgar uma nova constituição justificada como um esforço para se apropriar do Estado para os “verdadeiros húngaros” ou os “verdadeiros polacos”, citando os exemplos dos governos populistas da Hungria e da Polônia, respectivamente. Segundo Müller, os populistas são obviamente sempre protoautoritários propensos a causar sérios danos aos sistemas democráticos.

Nesse sentido, seguindo a visão de Müller, qual seria a diferença entre populismo e autoritarismo? Para Mudde e Kaltwasser (apud MARKOU, 2019, p. 10) autoritarismo e populismo podem, em diversas ocasiões, coexistir, mas não estão obrigatoriamente associados. De acordo com os autores, o “populismo autoritário” consiste na combinação entre populismo e autoritarismo. Como bem indicam Morelock e Narita (2019, p. 27), a expressão “populismo autoritário” foi cunhada por Stuart Hall em 1978, definido como um movimento que combinava retórica nacionalista profunda com política neoliberal (se assemelhando ao conceito de neopopulismo abordado anteriormente no presente trabalho). Para os autores (2019, p. 54), os repertórios e práticas grosseiras do populismo autoritário insistem na transgressão do simbólico, ressaltando estigmas sociais intrínsecos de uma reificação populista que projeta o povo contra a alteridade. Nesse sentido, Morelock e Narita afirmam que, quando a liderança populista e a micropolítica concebem a alteridade como grotesca e primitiva, a teatralidade da performance política típica do estilo populista passa a ressaltar essas características negativas, sempre concebendo uma identidade pura que antagoniza o imaginário de estranheza dos constrangimentos que assombram a ordem e a identidade (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 54).

Retornando a Müller, segundo ele, o governo populista possui três características: (i) tentativas de sequestro do aparelho de Estado; (ii) corrupção; e (iii) “clientelismo de massas”, que operaria como troca de benefícios materiais ou favores burocráticos pelo apoio político dos cidadãos que se tornam “clientes” dos populistas. O fato é que o populismo é historicamente associado ao clientelismo. Laclau, por outro lado, afirma que em toda sociedade uma série de sentimentos status quo se cristalizam em determinados símbolos, independentemente de suas formas. Para o autor argentino (LACLAU, 2005, p. 123), o clientelismo não é necessariamente populista, mas pode adotar formas puramente institucionais. Basta, no entanto, que o clientelismo se edifique como um apelo público aos grupos mais desfavorecidos fora dos canais institucionais para que ele obtenha conotação populista.

A própria noção de “clientelismo de massas” passa por uma interpretação equivocada ou banalizada do conceito de clientelismo. Isto é, aqui Müller utilizaria o conceito de “clientelismo” da mesma maneira genérica que acusa os autores de utilizarem o conceito de populismo. Como indica Carvalho (1997), o conceito de clientelismo também é alvo de bastante desorientação, sobretudo sendo confundido com o conceito de coronelismo. Ainda que, segundo o autor, sempre tenha sido empregado de maneira frouxa, em geral, o clientelismo consistiria em um “[...] tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto” (CARVALHO, 1997). Para o autor, o clientelismo seria, nesse sentido, um atributo variável de sistemas políticos macro. Para Hicken (2011, p. 291), o clientelismo opera como ferramenta para construir uma rede leal de apoiadores e, nas autocracias, o clientelismo envolve a criação de dependência socioeconômica do regime e subserviência política. Ainda assim, segundo Hicken (p. 291), o clientelismo em ambientes democráticos tende a ser mais tradicional e menos hierárquico⁹³.

Müller é um dos autores contemporâneos que faz uma das afirmações que julgo mais incisivas em relação ao populismo. De acordo com o autor (2016, p. 101): “[...] sempre existe a possibilidade de um ator falar em nome das ‘pessoas reais’ como uma forma de

⁹³ Apesar do clientelismo não ser foco dessa dissertação, essa última afirmação de Hicken está em profundo desacordo com o conteúdo apresentado nesse trabalho. O clientelismo não deve ser concebido como medidor de qualidade do sistema democrático, mas, se adotamos uma abordagem sistêmica do capitalismo global, está muito mais associado a uma questão de privilégio de classe. Muitos autores não analisam, por exemplo, a política bilionária de lobby no Congresso Estadunidense, como uma prática clientelista. Isto é, o clientelismo como subserviência política somente ocorreria em países do sul global.

contestar elites atualmente poderosas” e que “[...] é preciso ser bastante obtuso para não ver a atração de tal noção de dominar coletivamente” (p. 78). Além de o populismo ser sinônimo de autoritarismo, como vimos acima, ele também se torna equivalente à manipulação. Em seções seguintes, discutiremos como essa compreensão do populismo como manipulação é algo antigo na literatura. Segundo a primeira das suas sete teses no livro, o populismo se constituiria em uma sombra permanente da política representativa. Nessa perspectiva, a ascensão do populismo depende mais da existência de atores políticos dispostos a encarnar as promessas não cumpridas da democracia que da abertura popular a tais ideias. Isso não explicaria, por exemplo, por que Bolsonaro – um extremista de direita e, dentro dessa concepção, também um populista autoritário – acabou se tornando tão popular recentemente, depois de mais de vinte e cinco anos de carreira política⁹⁴.

Se nessa passagem Müller explicita mais uma vez que qualquer forma de populismo, inclusive pluralista, é prejudicial à democracia, pelo menos o autor admite que o conceito de populismo “[...] pode ser útil para deixar claro que partes da população realmente estão representadas”. Müller, como evidenciado nessa seção, faz parte de um grupo de influentes analistas que acreditam que o populismo enfraquece a democracia e deve ser combatido. Em 2018, os influentes cientistas políticos Pippa Norris e Ronald Inglehart lançaram o também influente livro *Cultural Backlash: Trump, Brexit and the Rise of Authoritarian Populism*. Parte do conteúdo da obra e do argumento dos autores já estava presente no artigo de 2016 *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash* (INGLEHART E NORRIS, 2016). O principal argumento dos autores constitui-se na ideia de que o populismo seria uma reação materialista. Ademais, o populismo é concebido como responsável pelo enfraquecimento da democracia liberal. Em uma das passagens do livro, os autores afirmam que o crescente apoio aos líderes populistas é uma das causas da ruptura dos “[...] padrões de competição partidária estabelecidos há muito tempo em muitas sociedades ocidentais contemporâneas” (p. 4). Como venho realçando, esse argumento, entre outras coisas, não aborda as causas estruturais da crise política.

⁹⁴ No paper *Crise da Democracia Liberal: Mídia, Novas Tecnologias da Comunicação e Populismo*, apresentando na *Compolítica* de 2019, Abelin e Gobbi (p. 9) criticam: “Contrariando Müller, parece bastante plausível aceitar que não apenas a oferta de discurso populista é necessária para que ele cresça. A abertura à fala e à política populista, tomada por Müller como uma realidade a ser negada apenas por um “obtusos”, é uma fragilidade de seu conceito. Isso porque a abertura ao populismo não pode ser explicada como um fato social constante. Ela depende do grau em que a população desconfia das instituições para exigir mais soberania popular [...] a política populista floresce nas democracias liberais sempre que as instituições falham em sustentar a fé do povo na capacidade do sistema de proporcionar justiça social e bem-estar”.

Como o populismo seria uma reação materialista, a aquiescência à democracia se justificaria devido ao conceito de pós-materialismo⁹⁵, isto é, a rejeição ou a desaprovação à democracia estariam intimamente relacionadas pela questão geracional: pessoas que viveram em tempos de maior prosperidade adeririam aos valores pós-materialistas. As pessoas que viveram períodos de maiores adversidades, ao contrário, seriam materialistas. Na teoria de Inglehart, após a Segunda Guerra Mundial, os jovens passaram a se identificar com os valores do pós-materialismo. Isto é, houve radical transformação política e cultural de uma geração que, resguardada por um cenário de segurança existencial e econômica, passou a adotar posicionamentos tidos como progressistas, como a defesa da liberdade de expressão, de minorias políticas, do meio ambiente e de igualdade de gênero, e também mudanças nas próprias relações pessoais e religiosas.

O argumento de Pippa Norris e Inglehart em relação ao populismo, contudo, afirma que existe uma reação materialista às significativas mudanças provocadas pelo pós-materialismo. Em outras palavras, gerações mais antigas infeririam que seus valores e identidades morais, religiosos e conservadores estariam sendo agredidos e, com isso, uma reação materialista resultaria na decadência do voto de classe social. Para Inglehart e Norris (2017), esse cenário é altamente desfavorável para os partidos de esquerda e pavimentou o caminho para a ascensão de líderes e partidos populistas.

Abelin e Gobbi (2019) discutem e fazem uma crítica ao conceito de pós-materialismo, sobretudo utilizado como chave explicativa para a ascensão do populismo. Para eles (2019, p. 7), a abordagem pós-materialista ignora que a experiência material e as condições de vida de uma geração não são homogêneas – pobres e ricos, mulheres e homens, negros e brancos pertencentes a uma mesma geração, por exemplo, possuem condições de vida muito diferentes. Utilizar o conceito de pós-materialismo para explicar a ascensão populista se mostra bastante limitado. Afinal, assumir que pessoas de gerações “pós-materialistas” atuariam de maneira mais altruísta ofusca o debate sobre as raízes das dominações e da reprodução das desigualdades. (ABELIN; GOBBI, 2019, p. 7)⁹⁶.

Como argumentam Abelin e Gobbi (2019, p.8), a noção de que os elementos que edificam a identidade podem ir além de um cálculo racional e também contra a possibilidade de ganhos materiais individuais diverge da tradição utilitarista. Nesse sentido, o argumento de

⁹⁵ O conceito de pós-materialismo foi cunhado por Inglehart em 1971 com a publicação de *A Revolução Silenciosa na Europa: Mudança Intergeracional nas Sociedades Pós-Industriais*.

⁹⁶ Para mais detalhes sobre a crítica ao trabalho de Norris e Inglehart, ver Abelin e Gobbi (2019)

Inglehart e Norris, além de responsabilizar o populismo pela crise da democracia liberal, utiliza uma chave explicativa que patologiza o populismo, simplificando profundamente as raízes da ascensão do populismo. Outra obra profundamente influente no debate recente sobre o populismo e a crise da democracia é o livro *The People vs Democracy*, lançado em 2018 pelo professor alemão Yascha Mounk, sem dúvidas uma das obras que se tornaram referência na ciência política ocidental. Antes de tudo, é preciso constatar que Mounk reconhece que a ascensão do populismo é um fenômeno global e que é necessário buscar causas e repostas comuns para o fenômeno que atravessa países de todas as partes do mundo. Antes de lançar o seu livro, que o levou ao status de autoridade sobre o debate da crise da democracia e do populismo, Mounk já versava sobre o tema no artigo de 2014 *Pitchfork Politics: the Populist Threat to Liberal Democracy*. No trabalho, o autor já adiantava alguns dos argumentos de *The People vs Democracy*, como o protagonismo da questão identitária nos Estados Unidos e Europa como um dos elementos fomentadores da crise devido ao aumento da imigração e, conseqüentemente, da retórica anti-imigração. No entanto, ainda que o título do artigo eleja o populismo como uma ameaça, Mounk (2014, p. 31) afirmava que a palavra “populista” se mostrava uma descrição neutra e que nem todos os movimentos populistas eram ruins para a democracia (se um movimento representasse uma ameaça, isso seria devido a forma como conecta seus valores ao quadro populista geral).

Em sua obra recente (2018), Mounk delega centralidade ao populismo no contexto da crise da democracia, utilizando-o de maneira um tanto quanto contraditória. No prefácio à edição brasileira da obra, por exemplo, Mounk define o populismo como:

[...] a reivindicação de representação exclusiva do povo – e é essa relutância em tolerar a oposição ou respeitar a necessidade de instituições independentes que com tamanha frequência põe os populistas em rota de colisão direta com a democracia liberal. Desse modo, a eleição de Jair Bolsonaro deve ser encarada como o evento mais significativo na história brasileira desde a queda da ditadura militar: pelos próximos anos, o povo terá de lutar pela própria sobrevivência da democracia liberal (MOUNK, 2018, p. 10).

Essa passagem exhibe dois elementos importantes: a visão de Mounk sobre o populismo é explicitamente negativa e o chamado do autor pela defesa da democracia liberal. O autor (2018, p. 53), no entanto, afirma em seções seguintes que é importante reconhecer a existência de um elemento genuinamente democrático no populismo, contudo, ele se mostraria muito mais prejudicial à vontade popular – quando analisado em um longo prazo.

De acordo com Mounk (2018), a ascensão de “déspotas iliberais” – o autor cita países como Turquia, Rússia e Venezuela – em muitas ocasiões se mostra o indicador de um governo autocrático; “depois que a mídia foi amordaçada e as instituições independentes foram abolidas, é fácil para os governantes iliberais fazer a transição do populismo para a ditadura” (2018, p. 53). Isto é, além do “iliberalismo” ser concebido como um problema em si, o populismo para Mounk é uma transição para a ditadura. Por outro lado, Mounk (2018, p. 54) também afirma que simplesmente reiterar que os novos populistas são antidemocráticos nos torna incapazes de perceber suas características distintas e o motivo de seu sucesso. Para Mounk, é necessário compreender o populismo como um movimento ao mesmo democrático e iliberal, buscando captar as frustrações populares e minar as instituições liberais.

Para Mounk, ainda que o populismo seja democrático (o que não parece tão claro em outras passagens do livro), ele já é se mostra uma ameaça *sine qua non* às instituições e aos valores liberais, e, conseqüentemente, à democracia. O autor, como grande parte dos analistas contemporâneos do populismo, trata democracia e liberalismo com relação de sinonímia. Mounk (2018, p. 78) expõe o que chama de “mito fundador da democracia liberal”, uma “[...] ficção improvável de que o governo representativo ensinaria o governo do povo” (MOUNK, 2018, p. 78). Para ele, esse mito fundador se mostrou uma das mais poderosas forças ideológicas da história, fazendo com que a democracia conquistasse metade do mundo, ainda que operasse entre uma transformação entre o controle da elite e o apelo popular. Esse modelo nunca se mostrou pleno, e mais mecanismos de ampliação da vontade popular poderiam ter sido implementados, ainda assim esse mito fundador permaneceu no ideário democrático (MOUNK, 2018, p. 78).

Mounk expõe algumas contradições da democracia liberal. Essa passagem se mostra interessante por dois motivos: primeiramente, a perspectiva estigmatizadora sobre o populismo está intimamente associada à adesão natural de grande parte dos cientistas políticos e analistas a esse “mito” da democracia liberal. Em segundo lugar, Mounk, ao expor as limitações da democracia representativa e seus contornos minimalistas, faz um julgamento bastante interessante sobre a forma como naturalizamos uma noção de democracia que pode ser um tanto quanto antidemocrática. Autores como Rosanvallon

(2006, 2008, 2009), Miguel (2002) e Manin (1997), por exemplo, já discutiam as bases antidemocráticas da democracia representativa⁹⁷.

Voltando a Mounk, é interessante notar como o autor apresenta uma análise mais crítica dentro do escopo liberal, afirmando haver disfunções na democracia liberal. Diferentemente de Norris e Inglehart (2016), Müller (2017) e Levitsky e Ziblatt (2018), Mounk concebe o populismo como sintoma e não causa da crise das democracias liberais. No entanto, o autor mobiliza as noções de democracia liberal, liberalismo e iliberalismo de maneira confusa. Se, por um lado, Mounk critica o “mito” fundador da democracia e expõe os limites da democracia representativa, por outro lado, o autor parece ter a democracia liberal como valor supremo. Isto é, ainda que compreenda que o governo das instituições liberais seja bastante limitado e deficiente, ainda seria a melhor opção possível. Ademais, o autor parece naturalizar o liberalismo como o equivalente à democracia.

Mounk (2018, p. 66) considera que o populismo pode ser de direita ou de esquerda, e que ambos inclinam-se a se tornar cada vez mais iliberais perante suas intenções de tornarem-se os únicos representantes da vontade popular, o que, na visão do autor, torna-se uma batalha existencial entre o “povo” contra seus inimigos. Nessa marcha rumo à autocracia, quaisquer dissonâncias e oposições seriam concebidas como uma espécie de degenerescência ilegítima.

Žižek, em *A Coragem da Desesperança* (2019, p. 301), apesar de não ser um defensor do populismo, afirma que a suposta oposição inerente entre populismo e tolerância liberal é falsa. Como exemplo, o autor esloveno aponta o político populista holandês Pim Fortuyn, morto em 2002. Líder direitista, populista e gay, que mantinha relações pessoais com imigrantes, aparentava ser um “bom liberal” e tolerante em relação a tudo, exceto sua oposição a imigrantes fundamentalistas por causa do suposto ódio deles contra a homossexualidade e os direitos das mulheres. Ou seja, para Žižek, ele era a expressão da

⁹⁷ No artigo “Representação como processo: a relação Estado/sociedade na teoria política contemporânea” (2014), Almeida demonstra as transformações pelas quais o conceito de representação vêm passando na teoria política, apresentando um interessante panorama sobre a genealogia do conceito. A autora propõe reconsiderar a representação política a partir de dois eixos principais: a representação como processo em construção e a reinterpretação dos critérios de legitimidade democrática da representação com o intuito de entender as potencialidades democratizantes das transformações (ALMEIDA, 2014, p.175). No texto, Almeida (p. 184) argumenta, assim como nessa dissertação, que Miguel é um dos autores que evidenciam os limites da democracia representativa. No entanto, a autora questiona o argumento de Miguel de que a representação da sociedade civil se mostra uma falsa resposta às questões da exclusão e da autonomia. Almeida afirma que a conclusão de Miguel parte de um diagnóstico precipitado a respeito da falta de preocupação com os instrumentos de autorização e prestação de contas por parte dos autores que vêm refletindo a representação recentemente (ALMEIDA, 2014, p. 184).

intersecção entre populismo direitista e a correção política liberal (ŽIŽEK, 2019, p. 303). O caso citado por Žižek lembra a de Alice Weidel⁹⁸, uma das lideranças do partido de extrema-direita *Alternative für Deutschland* (Alternativa para Alemanha – AfD), lésbica, casada com uma mulher imigrante do Sri Lanka, com quem Weidel adotou dois filhos. A parlamentar é extremamente opositora às políticas de imigração do governo de Angela Merkel e defende uma aliança étnica entre europeus, independentemente de suas orientações sexuais, contra os imigrantes. Segundo Weidel⁹⁹, os imigrantes islâmicos seriam contrários aos homossexuais e ao estilo de vida europeu e fechar as fronteiras da imigração seria uma forma de proteger gays e lésbicas da Alemanha. A parlamentar articula um discurso extremamente xenófobo a partir do antagonismo com os muçulmanos. Na visão dela, os liberais são os alemães, que têm seu modo de vida ameaçado pela imigração.

Mounk, que concebe o populismo como intrinsecamente iliberal, também parece apostar em fatores explicativos semelhantes aos de Pippa Norris e Ronald Inglehart. Para o autor alemão, a ascensão dos eleitores “pós-pós-materialistas¹⁰⁰”, aliados às tendências sociais e econômicas existentes, são componentes importantes para o recente sucesso do populismo (2018, p. 217). Para além disso, como fica evidente, Mounk sustenta a tese de que a crise da democracia liberal e o populismo estão intimamente associados ao enfraquecimento das instituições liberais, tese essa também defendida por Levitsky e Ziblatt (2018).

Como as Democracias Morrem (2018), dos estadunidenses Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, foi sem dúvida o livro de política mais comentado no Brasil desde a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil. Debatido em diversos locais¹⁰¹ e sempre exposto nas vitrines das livrarias, o livro alçou o posto de obra mais vendida pela Amazon Brasil¹⁰². A tese principal dos autores é que são necessárias séries de “normas não escritas” para o “normal” funcionamento das democracias. Isto é, essas normas consistiriam em hábitos e condutas do establishment político – para além das normas definidas na constituição estadunidense – que estabeleceriam os devidos procedimentos aceitáveis para a salutar

⁹⁸ Fonte: <https://www.dw.com/pt-002/alice-weidel-e-afd-a-extrema-direita-no-parlamento-alem%C3%A3o/a-40645165>. Acesso em: 06 abril 2020.

⁹⁹ Fonte: <https://exame.abril.com.br/mundo/alice-weidel-a-controversa-lider-da-extrema-direita-alema/>. Acesso em: 06 abril 2020.

¹⁰⁰ Mounk faz referência ao artigo de Robert Brym *After Postmaterialism: An Essay on China, Russia and the United States*, (2016).

¹⁰¹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=8bX7EdK0-1M;https://www.youtube.com/watch?v=f7ZL3Z95BpQ>. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹⁰² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/como-as-democracias-morrem-se-torna-livro-mais-vendido-pela-amazon-no-brasil-23180692>. Acesso em: 26 jan. 2020.

conservação da democracia. Essas normas não escritas, nas quais transitariam os partidos Democrata e Republicano, operariam como uma espécie de filtro contra lideranças populistas e autoritárias. Em outras palavras, cabe às elites e ao establishment político barrarem a ascensão dessas forças.

Ainda que não seja necessário um cenário de crise para a ascensão de populistas e autocratas, de acordo com os autores, é no contexto de crise que o caminho se mostra mais pavimentado para que essas lideranças e discursos se mostrem mais viáveis, pois as elites passam a acolher esse tipo de liderança. A partir daí, as democracias começam a “morrer” por dentro e a tendência é que os populistas e líderes autoritários atraiam e mobilizem as massas, conseguindo se livrar das amarras do establishment para controlar as instituições.

É evidente que Levitsky e Ziblatt estão ressignificando aqui uma tese elitista. Não só cabe às elites resguardar a democracia, como o empoderamento do povo e sua participação na política são lidas como um problema, tendo em vista que vêm a reboque do enfraquecimento das instituições. Em uma leitura radicalmente institucionalista (o que é curioso tendo em vista que os autores apostam na tese de acordos para além das instituições), a população ou qualquer ideal de “povo” são excluídos da equação no campo da democracia. A propósito, não existe na obra maior reflexão crítica sobre o conceito de democracia. Isto é, ainda que a palavra apareça no título da obra, a democracia, tratada sempre como sinônimo de democracia liberal, é elevada ao valor supremo. Žižek (2019, p. 291), argumenta que o diagnóstico de que vivemos em uma crise da democracia, feito, sobretudo, a partir do sucesso inesperado de Donald Trump e Bernie Sanders, mas também de outras lideranças europeias – representando uma suposta anormalidade que necessitaria ser controlada – é sintomático de como operam as democracias liberais: é tolerado se for devidamente controlado pelo establishment político. Ou seja, Žižek, ainda que tenha escrito seu texto um ano antes de Levitsky e Ziblatt, está respondendo ao argumento central dos autores estadunidenses. A crise da democracia liberal só se constitui em crise na perspectiva hegemônica liberal (e de Levitsky e Ziblatt), se os líderes, independente do mal que sua agenda possa significar para a população, não forem controlados pelo establishment. Nesse sentido, em uma realidade alternativa que Hillary Clinton vencesse Donald Trump – como a candidata tinha o apoio do establishment econômico e político e aplicasse uma agenda de austeridade econômica, redução dos direitos da classe trabalhadora, aliada a uma política intervencionista no Oriente Médio –, dificilmente a ideia de crise da democracia estaria sendo debatida nos Estados Unidos. Como debati em seções

anteriores, acredito que a noção de crise está intimamente associada a forma como determinados eventos são enquadrados pelos atores políticos.

Levitsky e Ziblatt criam uma espécie de *framework* para analisar o nível de autoritarismo ou (populismo) das lideranças políticas (LEVITSKY E ZIBLATT, 2018, p. 70):

1. Rejeição das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas);
2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos;
3. Tolerância ou encorajamento à violência;
4. Propensão a restringir liberdade civis de oponentes, inclusive a mídia.

De acordo com os autores,

[...] um político que se enquadre mesmo em apenas um desses critérios é motivo de preocupação. Que tipo de candidato tende a dar positivo no teste do autoritarismo? Com grande frequência, os outsiders populistas. Populistas são políticos antiestablishment – figuras que, afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora. Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos. Eles dizem aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. E prometem sepultar essa elite e devolver o poder “ao povo”. Esse discurso deve ser levado a sério. Quando populistas ganham eleições, é frequente investirem contra as instituições democráticas. Na América Latina, por exemplo, todos os quinze presidentes eleitos na Bolívia, no Equador, no Peru e na Venezuela entre 1990 e 2012 eram outsiders populistas: Alberto Fujimori, Hugo Chávez, Evo Morales, Lucio Gutiérrez e Rafael Correa. Todos os cinco acabaram enfraquecendo as instituições democráticas (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32).

Levitsky e Ziblatt utilizam o conceito de populismo de forma demasiadamente genérica em sua obra. Além dessa passagem, quase sempre na obra a palavra “populismo” poderia ser substituída por “autoritarismo”. É intrigante que, enquanto diversos autores debatem como a democracia liberal poderia cair por forças endógenas, em *Como as Democracias Morrem*, ainda que os próprios autores afirmem que as democracias estão morrendo por dentro, isso nunca se constitui em uma força endógena em si. Afinal de contas, forças exógenas como o populismo são responsáveis pela degeneração democrática tendo em vista que conseguiram furar a redoma do establishment político. Ou seja, mais uma vez, o populismo é visto como responsável pela crise da democracia liberal, reforçando a noção de patologização das massas. As perguntas que poderiam ser feitas, sobre como democratizar as instituições liberais ou mesmo questionar o porquê de a politização da população não poder se tornar o

próprio filtro do autoritarismo, são ignoradas. Levitsky e Ziblatt seguem a tradição liberal de sempre ver o populismo como um problema em si.

Populismo de esquerda como saída para a crise da democracia?

Para Laclau e Mouffe, a concepção de classe não constitui o único antagonismo na sociedade e muitas outras diferenças podem surgir de demandas não atendidas. Portanto, para arquitetar a democracia radical numa perspectiva hegemônica, seria necessário desconstruir a clássica tese marxista, como exposta por Birman (2018, p. 27), a partir de qualquer inscrição ontológica. A concepção de hegemonia nasceu na tradição marxista. Embora o conceito de hegemonia tenha em Gramsci seu principal formulador, essa ideia já aparecia no *Manifesto Comunista* (2015), no qual Marx e Engels concebem o Estado como dominado pela burguesia. Para Marx, a hegemonia é exercida através do controle do aparelho do Estado e da redefinição da vida coletiva.

Para Laclau e Mouffe, existe uma perspectiva essencialista de classe que domina a tradição marxista que foi incapaz de conseguir captar e satisfazer as demandas e exigências que não se baseavam no conceito de classe. Mouffe e Laclau, a partir dos escritos de Gramsci, desenvolveram uma interpretação alternativa e antiessencialista que tinha o objetivo de conseguir abarcar a maior diversidade possível de formas de combate aos vários tipos de dominação, redefinindo o projeto socialista em termos de “democracia radical” (MOUFFE, 2019, p. 16).

Embora a concepção gramsciana de hegemonia reconheça a importância do discurso e das ideias, ela não reconhece as limitações da ontologia marxista, nomeadamente a sua concepção essencialista de classe (GOBBI; ABELIN, 2019, p. 5). É com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, no entanto, que uma abordagem nova e original da noção de hegemonia tenta compreender como as identidades hegemônicas são construídas. Influenciados pelo pós-estruturalismo e pela psicanálise francesa, os autores pós-marxistas propõem um programa de democracia radical que se tornou extremamente influente, fazendo avançar a concepção de hegemonia e a crítica do essencialismo. Laclau e Mouffe afirmam que a concepção de Gramsci de liderança intelectual e moral é um avanço porque nos permite pensar que certas posições temáticas atravessam a questão da classe (ALVES, 2010, p. 85).

Ainda assim, os autores argumentam que Gramsci representa apenas uma transição no arquétipo essencialista da tradição marxista.

Na teoria do discurso de Laclau e Mouffe, é proposto o estabelecimento de uma cadeia de equivalências que articule as exigências da classe trabalhadora junto aos movimentos sociais com o objetivo final de, segundo Mouffe, construir uma espécie de “querer comum” e produzir o que Gramsci denominou de “hegemonia expansiva (MOUFFE, 2019, p. 16). Ainda que Laclau e Mouffe sejam acusados (sobretudo por marxistas) de terem aforado as demandas dos novos movimentos sociais em detrimento da classe trabalhadora, Mouffe reafirma que (i) a teoria do discurso reitera a necessidade de uma política de esquerda que enfrente e articule as mais diversas formas de subordinação sem definir necessariamente a centralidade a nenhuma dessas lutas e que (ii) o projeto de emancipação não deveria ser equivalente à eliminação do Estado, tendo em vista que nunca deixarão de ocorrer antagonismos na sociedade (MOUFFE, 2019, p. 17).

Kaysel (2016b, p. 121) argumenta que Laclau realizou uma apropriação criativa do conceito althusseriano de “sobredeterminação”, alegando, nesse sentido, que as classes se formam por meio de relações sociais e de produção, em que as classes se expressam politicamente no âmbito ideológico-discursivo. Nesse sentido, como argumenta Kaysel, “povo” e “classe” expressam contradições irreduzíveis. A partir dessa proposta (2016b, p. 121), Kaysel lança a interessante hipótese de que todos os movimentos de esquerda que obtiveram sucesso, tanto reformistas como revolucionários, tiveram que realizar um apelo político que superasse os limites de uma determinada classe. Para o autor: “O problema de não levar a necessária heterogeneidade social dos sujeitos políticos à consciência teórica, é que os pressupostos limitam ou bloqueiam a criatividade política” (KAYSEL, 2016b, p. 121). Explicado brevemente, tanto na seção sobre Laclau como agora, a base da teoria pós-marxista de Mouffe e Laclau, podemos partir para o argumento central de Chantal Mouffe. Entretanto, não sem antes explicar um pouco de sua recente trajetória intelectual: de acordo com a autora belga, a globalização neoliberal e suas políticas tecnicistas, encarada como um destino a ser simplesmente aceito pela população, gerou um contexto de pós-política em que não existe espaço para uma real escolha de diferentes projetos políticos por cidadãos, tendo em vista que as questões políticas estariam delegadas a especialistas técnicos (MOUFFE, 2019, p. 17).

Sobre a pós política, Sabrina Fernandes, em *Sintomas Mórvidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*, define:

A pós-política é um tipo de despolitização que age no campo do senso comum como uma forma de pós-ideologia, na qual assuntos relacionados a *status* político, social e econômico são efetivamente gerenciados. Esse gerenciamento dá a impressão de que não há luta ou disputa de projeto a ser feita. Isso quer dizer que a disputa influenciada diretamente por posições ideológicas é rejeitada: ou seja, o fazer da política torna-se subordinado a uma presumida imparcialidade atribuída à tecnocracia e aos especialistas esclarecidos (FERNANDES, 2019, p. 217)

Foi nesse contexto que a Mouffe defendeu, em *On the political* (2011) e na atualização de *Hegemonia e Estratégia Socialista* (2015), o rompimento com o consenso pós-político e a recriação do contexto de um debate agonístico para criar alternativas possíveis (MOUFFE, 2019, p. 18). No entanto, os partidos sociais-democratas entraram em processo de decadência em grande parte das democracias liberais ocidentais, na medida em que o populismo de direita avançou. É aqui que chegamos ao argumento central de Mouffe: a crise financeira de 2008 explicitou as contradições do modelo neoliberal e a própria formação hegemônica e o establishment neoliberal estão sendo contestados por movimentos de direita e de esquerda. Essa conjuntura é denominada de “momento populista” por Mouffe. De acordo com a autora, para fazer frente à crise hegemônica neoliberal, é essencial criar uma fronteira política e que o populismo de esquerda, compreendido por Mouffe como uma estratégia discursiva de edificação de uma fronteira política entre “o povo” e a “oligarquia”, seja a política basilar para restabelecer e aprofundar a democracia (MOUFFE, 2019, p. 19). Consciente, no entanto, das novas formas de dominação no capitalismo neoliberal, Mouffe propõe que a fronteira política deva ser erguida em modo “populista transversal”, pois as demandas não combinam necessariamente com setores sociais definidos, como a luta contra o sexismo, a defesa do ambientalismo, a luta antirracista e outras diversas formas de dominação. Mouffe defende que a dimensão populista não se mostra suficiente para categorizar o modelo de política necessária para enfrentar a conjuntura presente, isto é, o populismo deve ser qualificado como “populismo de esquerda” para explicitar os valores que essa forma de populismo defende (MOUFFE, 2019, p. 19). Mouffe admite a função primordial que o discurso democrático opera no imaginário político social. Para ela, deve ser uma estratégia do populismo de esquerda estabelecer, em torno da democracia como significante hegemônico, uma cadeia de equivalências entre as lutas plurifacetadas contra a dominação. Reforça,

ainda, que os próximos anos devem ser marcados pelo embate entre populismo de esquerda versus de direita, como centro da política.

Para Fassin (2019, p. 27), o “momento populista” descrito por Mouffe também se mostra uma grande oportunidade paradigmática. Para ele, é uma transformação no sentido do termo, deixando de ser inerentemente negativo; o populismo deixa de ser um insulto e pode carregar um sentido positivo; não opera mais como a ameaça demagógica e avessa da democracia, mas como renovação democrática à esquerda. No entanto, Fassin levanta o componente paradoxal desse movimento: é preciso apostar na sua irresolução ideológica, afinal, se o racismo e a xenofobia não são elementos imprescindíveis, é possível regenerar o populismo. Mas para trazer o conceito à esquerda, Fassin argumenta que é necessário desanexá-lo da extrema-direita.

Fassin argumenta, nesse sentido (2019, p. 32), que o objetivo de Mouffe é voltar ao populismo e trazer o antagonismo de volta ao debate político. Esse antagonismo viria a reboque de sua versão pluralista, o agonismo. Fassin demonstra como Mouffe denuncia a “ilusão do consenso” (FASSIN, 2019, p. 32), a própria despolitização da política que se tornou hegemônica entre os sociais-democratas em sua metamorfose ao neoliberalismo, como o *New Labour* de Tony Blair, no Reino Unido; os Clinton, nos EUA; e o *Zapatero*, na Espanha. Essa é a despolitização à qual Wendy Brown define como “desdemocratização”, que consistiria em uma união entre as racionalidades do neoconservadorismo e do neoliberalismo – em que moralismo se junta ao economicismo – e a racionalidade neoliberal se expande para todos os âmbitos da vida com a universalização da financeirização do capital humano (BROWN apud FASSIN, p. 34).

Para Mouffe (2019, p. 20), é por meio da construção de um “povo” e de uma vontade coletiva proveniente da mobilização e afetos comuns em defesa da igualdade e justiça social que será possível enfrentar o populismo de direita. Para a autora, o “momento populista” indica um “regresso do político” depois de diversos anos de pós-política. E esse regresso, nesse sentido, pode pavimentar o caminho para soluções autoritárias, mas também pode significar uma reafirmação e ampliação dos valores democráticos. No final das contas, isso vai depender das forças políticas que tiverem sucesso em hegemonizar as demandas democráticas vigentes e do tipo de populismo que sairá vencedor da luta contra a pós-política (MOUFFE, 2019, p. 20).

Como indica Hawkins (2009, p. 1046), em seu estudo sobre o regime de Hugo Chávez na Venezuela, muitos críticos da democracia liberal tornam-se defensores dos regimes considerados populistas como o de Chávez, por verem no populismo (nesse caso, no populismo de esquerda) uma resposta genuinamente democrática às desigualdades das “democracias” capitalistas nos países da periferia do capitalismo. Hawkins, que não se declara um defensor do populismo, expõe como o populismo pode se mostrar uma concepção alternativa que se antagoniza às concepções hegemônicas liberais, pluralistas e elitistas; “[...] quando justaposto ao elitismo, o populismo parece bastante democrático e ganha facilmente a admiração de estudiosos e ativistas que favorecem a democracia” (HAWKINS, 2009, p. 1046).

O populismo romperia com o cenário de apatia e de falta de representação em relação aos representados, marca das democracias liberais, em que os governos se tornam submissos ao mercado e não representam as demandas diametralmente opostas de sua população (MENDONÇA, 2019, p. 193). O populismo, contudo, pode resultar em discursos excludentes e xenófobos, como argumenta Mendonça, a exemplo do que vem acontecendo na Europa, enquanto a América Latina teria vivido a experiência de populismos igualitários. Mendonça argumenta que é necessário defender o populismo de esquerda como forma de resistência política em prol de políticas de inclusão social e de reconhecimento, realizando-se uma articulação política discursiva fruto da vontade dos iguais (MENDONÇA, 2019, p. 194).

Para Mendonça, a vontade dos iguais se mostraria como manifestação dos que se autointitulam povo e são reconhecidos dessa maneira pela comunidade política, em que a vontade dos iguais se expõe a partir de um discurso hegemônico. A igualdade como horizonte não se mostra um ponto terminativo supremo, afinal, como argumenta Mendonça, não é possível a implementação efetiva e derradeira de uma democracia completa, assim como uma igualdade final também seria irreal (MENDONÇA, 2019, p. 196). Todavia, “[...] o horizonte aponta, ao mesmo tempo, para o impossível e para o necessário: democracia e igualdade, nesse sentido, são impossíveis e necessárias” (MENDONÇA, 2019, p. 196). Esse horizonte só pode ser compreendido a partir do entendimento da edificação da vontade dos iguais, que se realiza, como expõe Mendonça (2019, p. 196), por meio da articulação política de um povo, como bem colocaram Laclau e Mouffe.

No contexto de nossa discussão, igualdade pressupõe uma dualidade de sentidos: igualdade como fundamento democrático e igualdade como horizonte de uma democracia ainda não cumprida. Na democracia, portanto, igualdade é o princípio e também o fim (MENDONÇA, 2019, p. 194).

Nesse sentido, concordo com Rodrigues que a teoria do discurso por Laclau e Mouffe se mostra a ferramenta mais sofisticada para compreender as manifestações políticas do momento populista. Para Rodrigues, o processo articulatório de Laclau e Mouffe é o meio para compreender as manifestações políticas que evocam a vontade dos iguais, ocasionando a constituição de um povo e uma identidade política que pleiteia representar uma totalidade, que, como bem enfatiza Mendonça; repita-se: ainda que impossível, é necessária (MENDONÇA, 2019, p. 199). Como indicam Abelin e Gobbi (2019, p.21)¹⁰³, Mouffe, assim como Laclau e outros autores (ver, por exemplo, GERBAUDO, 2013), entendem que a organização populista pode ser uma saída necessária tendo vista que as instituições liberais são dominadas pelas elites econômicas.

Fraser (2019, p. 87) afirma que a esquerda necessita rejeitar uma escolha entre o neoliberalismo¹⁰⁴ progressista e o populismo reacionário. Para a autora estadunidense, a luta contra o fascismo contemporâneo deve se constituir em uma plataforma de esquerda que consiga redirecionar a raiva e o sofrimento da população espoliada para que proporcione uma verdadeira revolução política democrática. Ainda que Fraser tenha críticas aos projetos capitaneados pelos ditos populistas de esquerda como *Podemos*, *Syriza*, Corbyn e Sanders, ela afirma que foi devido à ascensão dessas figuras que se vislumbrou um projeto que enfrentasse a hegemonia do senso comum neoliberal. A autora, baseada no projeto de Bernie Sanders, conclama para que o campo da esquerda não aceite os termos determinados pelo establishment político e edifique uma nova aliança de emancipação e

¹⁰³ Para Abelin e Gobbi (2019, p. 5), as elites econômicas, que dominam as instituições liberais “[...] impõem um estado de coisas indesejáveis para a população, como arrocho aos trabalhadores, destruição do Estado de Bem-Estar Social e precarização das condições de subsistência, em que os processos de acumulação e concentração do capital geram uma privação tomada pela classe trabalhadora como inaceitável”. Gerbaudo (2013, p. 6) enfatiza a existência de experiências de populismo progressista que englobam desde o Narodnik, na Rússia, até os mais recentes neopopulismos socialistas na América Latina, exemplificados por Hugo Chávez e Evo Morales. Rodrik (2018) associa o populismo como reação aos processos de acumulação extremamente desiguais da globalização e sugere o bom populismo que enfrente os interesses do grande capital limitando sua atuação com políticas redistributivas”.

¹⁰⁴ Pelo fato do termo “neoliberalismo” ter adquirido uma conotação bastante pejorativa, sendo associado a processos de desdemocratização, governos de corporações e a prevalência do mercado sobre os procedimentos democráticos, constantemente é argumentado pela direita – neoliberal – que o conceito de neoliberalismo não teria fundamento pelo fato de ser uma espécie de espantalho inventado pela esquerda. No entanto, como demonstra Davies (2014, p. 11), a primeira vez que o termo “neoliberalismo” foi utilizado ocorreu em 1938, no evento anti-intervencionista *Colloque Walter Lippmann*, em Paris. Ou seja, o termo “neoliberalismo” foi proposto pelos próprios participantes do colóquio como forma de diferenciar suas propostas – mais radicais – do liberalismo clássico.

seguridade social e pela abolição da financeirização. Como argumentam Morelock e Narita (2019, p. 60), Sanders invoca um movimento progressista internacionalista em oposição ao que chama de “ascensão do novo eixo autoritário”, isto é, a extrema-direita é identificada como grande ameaça dos procedimentos e aspirações democráticos. E a resposta de Bernie Sanders está na construção de um antagonismo entre “povo” e “elite” (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 60).

Žižek, por exemplo, é um opositor do populismo dentro do campo da esquerda. Primeiramente, o autor reconhece que, embora a maioria não possa ser convencida pelo discurso “racional” capitalista e está disposta a apoiar discursos populistas antielitistas, o fenômeno não deve ser desconsiderado como mero caso de primitivismo da classe mais baixa, pois o populismo capta corretamente a irracionalidade da abordagem racional e seu ódio às instituições que regulam as vidas das pessoas de modo não transparente (ŽIŽEK, 2017, p. 275). Žižek (2017, p. 283) afirma que o populismo anti-imigrante possibilita que a paixão volte à política e que a trata em termos de antagonismos, de “nós” contra “eles”, mas considera um erro e uma derrota por antecipação a leitura por parte da esquerda de que é preciso retirar da direita essa abordagem passional. No entanto, ao comentar a proposta de Mouffe (a necessidade de lançar uma plataforma populista de esquerda), Žižek afirma (2017, p. 288) que ela parece ignorar o motivo de a esquerda ter abandonado décadas atrás a lógica antagonística do “nós” contra “eles”, isto é, o abandono a essa lógica deve-se a mudanças estruturais profundas no capitalismo e que não podem ser desfeitas com mobilizações populistas. Para ele, o que a imprensa denuncia como um giro perigoso na democracia é, na verdade, o retorno da luta de classes ao cenário. Ele identifica duas leituras antagônicas da degeneração da fabricação de consenso capitalista que pavimentam o caminho para a “vulgaridade pública”, que consistiriam na liberal e na populista: para Žižek, a esquerda deve rejeitar ambas.

Os críticos liberais do novo populismo não veem que o ódio popular não é um sinal de primitivismo das pessoas comuns, mas sim um sinal de fraqueza ideológica hegemônica em si mesma, que já não é mais capaz de fabricar consenso, de modo que recorrer a um funcionamento mais “primitivo” da ideologia é necessário. Os defensores esquerdistas não veem que o “populismo” não é uma forma neutra à qual poderia ser dado um viés direitista-fascista ou um viés esquerdista; já no nível de sua forma, o populismo nega antagonismos sociais imanentes, deslocando a luta para um antagonismo com um intruso construído. Embora esteja claro, obviamente, que o populismo não se justapõe necessariamente à desintegração do discurso público em vulgaridades, verifica-se, contudo, algo como uma propensão natural do populismo a escorregar para a simplificação vulgar e a agressividade personalizada (ŽIŽEK, 2017, p. 291).

Como fica evidente, Žižek acredita ser absurda a ideia de a esquerda aderir ao populismo, ainda que compreenda as raízes do fenômeno. O populismo é, para ele (2017, p. 320), uma forma de falar a verdade sob a forma de uma mentira, pois ainda que se diga todas as coisas erradas, nós sentimos que algo está certo. Žižek argumenta, nesse sentido, que o populismo desloca para um inimigo externo o elemento da frustração e o sentido de perda autênticos.

Para Fassin (2019, p. 75), no populismo de esquerda, o substantivo é o populismo, enquanto a esquerda é o qualificador. Isso significa que o populismo é o primeiro e a esquerda é a segunda. Fassin argumenta que, no populismo defendido por Mouffe, a diferenciação entre direita e esquerda vem sempre em segundo lugar. Isto é, o autor argumenta (2019, p. 76) que, para empreender uma visão antagonística da política em um populismo, Mouffe reconfigura a oposição entre “eles” e “nós”: agora, entre oligarquia e povo, ou os “de cima” e “os de baixo”. Para o sociólogo francês, isto pode ser uma operação contraditória com a própria obra de Laclau e Mouffe (principalmente em relação à *Hegemonia e Estratégia Socialista*), pois aparentemente existiria uma definição sociológica das pessoas (por exemplo, “eles x nós”; “os de baixo x os de cima”) que a clássica obra pós-marxista sobre a hegemonia pretendia ultrapassar. A maior crítica de Fassin, contudo, repousa na ideia de que permutar “socialismo” ou “comunismo” ou outro projeto de transformação social que possua um objeto definido por “populismo” resulta em deslocar uma significação de conteúdo substancial da esquerda para uma vaga: uma versão positiva para uma negativa. Para Fassin, existe uma evidente vagueza e imprecisão sociológica no conteúdo do populismo e não faz sentido reduzir a política ao antagonismo entre “eles” e “nós” nesses termos, afinal seria mais axiomático pensar na oposição entre “esquerda” e “direita”.

Se para o populismo – de esquerda ou direita –, o antagonismo ideológico se mostra secundário frente à oposição entre elite e povo, Fassin (2019, p. 90) considera que devemos argumentar que políticos como o britânico Jeremy Corbyn – que tem a alcunha populista dada por seus opositores mas não a reivindica – são políticos de esquerda em que o populismo, se aparece, fica em segundo plano. O autor propõe o mesmo com Bernie Sanders e o Syriza, que antes de tudo se reivindicam como de esquerda. A esquerda deve, nesse sentido, preencher um programa substancial e tornar-se substantiva e não ficar relegada a segundo plano e a ideia de construir um povo ofusca a necessidade de construir uma esquerda. Nessa perspectiva, Fassin propõe uma escolha: ou a esquerda ou o populismo.

A tese de Fassin é controversa, pois ele argumenta que é impossível que a esquerda dispute a base da extrema-direita (como propõe Mouffe) e muito menos que o populismo de esquerda seja um antídoto ao populismo de direita. O autor acredita que os eleitores de Trump votaram favoráveis ao racismo e a xenofobia (2019, p. 60) e que o presidente estadunidense não foi eleito apesar de sua xenofobia e racismo, mas por causa desses elementos. Fassin propõe, diferentemente de Mouffe, que a esquerda não tente disputar os eleitores que votaram na extrema-direita, pois não adiantaria disputar o ressentimento de trabalhadores que acabaram seguindo esse caminho. Apesar das contribuições importantes trazidas pelo debate de Fassin, creio que o autor acaba conduzindo esse tipo de reflexão para um caminho de essencialismo identitário. Afirmar, por exemplo, que os 62. 984. 825¹⁰⁵ milhões de votos que Trump recebeu são advindos de racistas e xenófobos é uma chave explicativa que soa cômoda e ofusca outros importantes elementos da crise da democracia que discuti ao longo da presente dissertação. Esse argumento ignora as razões do voto antissistêmico, como a despolitização promovida pela hegemonia neoliberal tecnicista e o fato das esquerdas terem se associado demasiadamente ao establishment político e econômico. Ao mesmo tempo, a população – cada vez mais precarizadas – tem suas dívidas ampliadas e o aumento da jornada de trabalho com diminuição da assistência social (FRASER, 2019b, p. 23).

A análise de Fassin, sobretudo, ofusca as raízes do fracasso da esquerda estadunidense. Como argumenta Nancy Fraser (2019), a esquerda estadunidense endossou um projeto de neoliberalismo progressista – razão capital para o fracasso do campo progressista. Para a autora, (2019b, p.25), Trump e o trumpismo foram possíveis graças à ruptura de um bloco hegemônico anterior e seu descrédito de sentido normativo distintivo entre distribuição e reconhecimento. Se Fassin argumenta que é impossível que a esquerda dispute os votos da extrema-direita, por que a extrema-direita pode (e tem conseguido) disputar os votos de eleitores tradicionais da esquerda? Obviamente que essas não são todas as explicações para a eleição de Trump, embora as respostas passem necessariamente por essas razões, em que o racismo e a xenofobia são parte da chave explicativa.

Ainda que a teoria do discurso de Laclau e Mouffe permita uma análise bastante sofisticada sobre o populismo e o “momento populista” descrito por Mouffe, isso não significa que a proposta de uma plataforma populista de esquerda seja a solução. Nesse sentido, existem

¹⁰⁵ Fonte: <https://transition.fec.gov/pubrec/fe2016/2016presgeresults.pdf>. Acesso em: 06 abril 2020.

diversas críticas à esquerda ao populismo. Como demonstra De la Torre (2013, p. 3), as variadas visões sobre o populismo têm oscilado entre os que o concebem como um perigo para a democracia e julgamentos que compreendem o fenômeno como um movimento de ruptura que democratiza sistemas profundamente excludentes. A bibliografia sobre esses regimes costuma se polarizar entre os que os consideram como autoritários e os que os concebem como alternativas aos regimes da partidocracia excludente neoliberal (DE LA TORRE, 2013, p. 6). Os defensores do populismo de esquerda latino-americano focam na justiça social que os regimes apresentaram, no papel do Estado na distribuição de renda, na democratização social via assembleias constituintes participativas que visavam corrigir os limites da democracia liberal e estabeleciam novos padrões de democracia participativa (DE LA TORRE, 2013, p. 7). Da mesma maneira, argumenta-se que a retórica populista glorificou e incluiu simbolicamente a população marginalizada que, assim, foi politizada e aumentou sua participação política.

Para De la Torre (2013, p. 6), diferentemente do caso dos neopopulismos neoliberais na América Latina, os populistas de esquerda na América Latina, como Rafael Correa, Evo Morales e Hugo Chávez, de fato foram marcados por políticas econômicas nacionalistas e redistributivas, porém, assemelham-se aos neopopulistas por terem se mobilizado contra a “partidocracia”. Nesse sentido, são populistas que se assemelham mais ao populismo clássico por se autoconceberem como emissários de missões míticas, com o intuito de realizarem novas independências e romperem com os vícios da democracia liberal. De la Torre cita, por exemplo, a missão da revolução bolivariana de Chávez, a revolução cidadã de Correa e a revolução cultural anticolonial de Evo na formulação do Estado Plurinacional. No entanto, existe a crítica dos analistas que focam em concepções mais liberais de democracia, acusando esses regimes de agredirem os direitos de oposição, as liberdades civis e o pluralismo. Acusam ainda esses governos de se tornarem autoritários pelo fato de terem concentrado o poder no Executivo ao mesmo tempo em que a oposição (os antagonistas) foi concebida como inimiga contra os interesses revolucionários e do povo (DE LA TORRE, 2013, p. 7).

De la Torre compartilha ambas as visões sobre esses regimes. Para o autor, esses governos tiveram características autoritárias e passaram por cima de instituições, ao mesmo tempo em que promoveram importantes elementos democráticos e políticas públicas que teriam finalizado com o neoliberalismo. No entanto, cada regime tem suas idiossincrasias: enquanto na Venezuela e no Equador o Executivo foi ator protagonista, na Bolívia os

movimentos sociais, com proposições autônomas, restringem as ações do governo. Da mesma maneira, o Equador se destaca negativamente em comparação aos outros regimes por ter sua participação convertida somente na votação – populismo junto com tecnocracia – isto é, Correa não possuía movimento social organizado, contava com uma tropa de tecnocratas e, ainda assim, afirmava falar em nome da nação; diferentemente de Venezuela e Bolívia, que estabeleceram formas institucionais de participação para captar as demandas da população (DE LA TORRE, 2013, p. 7). Podemos considerar, nessa perspectiva, que o governo de Correa operou como uma espécie de neopopulismo à esquerda, com todas as suas características de aliança com uma elite de tecnocratas, ao mesmo tempo em que executou políticas de distribuição de renda, atuou para a desorganização das bases e despolitização da população. Diferentemente dessa situação, no Equador há a experiência boliviana, que considero mais interessante.

Com todos os limites do regime de Evo Morales, o populismo na Bolívia apresentava um mecanismo de *checks and balances*¹⁰⁶ – alternativo à democracia liberal –, que era o movimento social. O povo moderador sobre o líder populista. Essa relação, no entanto, era instável, e da mesma maneira que os movimentos pressionavam o Executivo e realizavam decisões coletivas, com uma tradição de participação que os elevou a uma posição de autoridade, o relacionamento com a Presidência transitava entre a pressão e a cooptação (DE LA TORRE, 2013, p. 10). No entanto, a experiência boliviana deixou um legado importante. Como demonstra De la Torre, os movimentos sociais que ousam falar em nome do “povo” (sempre importante ressaltar que não devemos confundir movimento e nem população com o povo) regulam a tentação de edificação do povo como algo homogêneo assim como também podem controlar a tentação do líder populista de se promulgar como única e definitiva encarnação popular.

No entanto, De la Torre (2013, p.13) não considera o populismo como inerentemente ameaçador à democracia, mas também uma espécie de seu redentor. Antiliberal (o que para analistas liberais já é um problema em si), mas não necessariamente antidemocrático. São regimes contraditórios, híbridos, que promoveram a inclusão e a distribuição de renda, mas que passaram por cima dos procedimentos da democracia liberal e não respeitaram os direitos da oposição. “O populismo representa simultaneamente a regeneração dos ideais

¹⁰⁶ Teoria dos freios e contrapesos, noção baseada na separação dos poderes que agem de forma balanceada para controlar e frear excessos dentro do governo, sobretudo de determinado poder sobre outro. Apesar de o conceito ser utilizado em quase todas as democracias liberais ocidentais, costuma ser mais aplicado em governos que possuem a divisão de poderes entre legislativo, executivo e judiciário.

participativos e igualitários da democracia, bem como a possibilidade de negar a pluralidade do social” (DE LA TORRE, 2013, p. 13).

De la Torre apresenta, além de uma genealogia dos populismos latino-americanos do século XXI, uma das mais qualificadas críticas à esquerda do que o populismo pode significar e representar. Existe na narrativa hegemônica liberal um olhar essencialista para com a população e as instituições. De la Torre evita esse tipo de abordagem, apresenta um olhar que parte da América Latina e evita comparações – normalmente sem contexto – com democracias liberais constitucionalistas do norte global, assim como compreende a democracia para além do marco liberal. Da mesma forma, também não opera uma apreciação do populismo intrinsecamente negativo, reconhecendo suas complexidades e, sobretudo, o contexto que possibilita sua emergência. Afinal, além de ver o populismo como desviante do horizonte normativo liberal, vários autores (por exemplo, COX, 2017; MÜLLER, 2016; NORRIS; INGLEHART, 2018) tendem a equiparar – sob o prisma de um espantinho populista - experiências políticas completamente diferentes na América Latina e na Europa, isto é, balizam experiências bastante distintas com base num ideal muito circunscrito.

Capítulo 3 – A empiria das práticas digitais na comunicação populista

Em diversos casos na literatura, o Facebook é apontado como ferramenta-chave para o ativismo político, pela sua capacidade de divulgação de informação de *fanpages* (TRERÉ; CARGNELUTTI, 2014), por promover a emergência de novas lideranças em movimentos sociais (ADAMOLI, 2012) e, sobretudo, para recrutamento de militantes (BENNETT; SEGERBERG; WALKER, 2014; GARRET, 2006; ILTEN, 2015; MERCEA, 2013; REGATTIERI et al., 2014).

A literatura sobre internet e ativismo aponta para o caráter dinâmico das práticas digitais de ativismo, entendidas como “ações que buscam alcançar impactos políticos em um determinado contexto por meio de ferramentas digitais” (von Bülow, Vilaça e Abelin 2017, p. 2). Como argumentam von Bülow, Vilaça e Abelin (2017), em determinadas ocasiões as plataformas de mídias sociais são instrumentalizadas com o intuito de chamar e organizar manifestações e protestos (HARLOW, 2012; CABALIN, 2014). Em outros casos, as plataformas são utilizadas para dar início a campanhas on-line e para dar suporte às práticas off-line de organizações (EARL; KIMPORT, 2008). Também é percebido (BARASSI; TRERÉ, 2012) que as práticas digitais podem não variar linearmente por meio do tempo. Barassi e Treré (2012), ao estudarem o movimento estudantil italiano, demonstram que, em diversas ocasiões, os atores utilizam plataformas que são típicas da Web 2.0 (O'REILLY, 2005) como se ainda estivessem na era Web 1.0. Von Bülow, Vilaça e Abelin (2017), ao estudarem o ativismo online pelo movimento estudantil no Chile, indicam uma brusca mudança nas práticas digitais entre federações estudantis chilenas ocupadas por grupos de esquerda e direita. No período de 2015 a 2016, quando a Federação de Estudantes da Universidade Católica do Chile (FEUC) foi ocupada pelos *Gremialistas*, grupo estudantil de direita, as práticas digitais da Federação se mostraram muito mais reduzidas. A *fanpage* do Facebook da FEUC foi marcada pelo foco na vida do estudante, pelo distanciamento com o movimento estudantil e pela despolitização, que refletia uma visão de rejeição às organizações externas na universidade e apartidarismo. Nos anos anteriores, as eleições da FEUC foram vencidas por grupos organizados de centro à esquerda e, no período em que estiveram na presidência da Federação, suas práticas digitais – a mesma *fanpage* do Facebook – eram marcadas por profundos debates sobre a reforma educacional no Chile, afirmações ideológicas, convocatórias para protestos e diálogos com líderes e outras

organizações. Suas práticas digitais, portanto, operaram de maneira oposta aos *Gremialistas*, e refletiam suas distintas visões de representação.

Nesse sentido, como afirmam von Bülow, Vilaça, Abelin (2017), a variação nas práticas digitais de ativismo é impactada por diferenças no acesso a recursos humanos e financeiros, mas a disponibilidade de recursos pode não se mostrar suficiente para explicar essa variação. É fundamental enfatizar a agência de atores, pois visões políticas distintas sobre estratégias e desafios orientam as escolhas das práticas digitais dos ativistas em contextos específicos.

Para compreender essa variedade de práticas digitais no ativismo, é necessário entender que a utilização de ferramentas digitais pelas organizações está intimamente associada ao perfil ideológico de seus líderes (von BÜLOW; VILAÇA; ABELIN, 2017). A variação no uso das práticas digitais, portanto, pode se relacionar à ideologia dos grupos, configurando diferentes disposições quando mobilizadas por grupos de esquerda e direita. Dessa forma, nota-se que, mesmo que a literatura apresente um mosaico de práticas digitais, ainda existe uma lacuna nos estudos comparativos que elucidem o porquê de atores envolvidos em cenários políticos semelhantes se utilizarem de práticas digitais distintas.

É preciso destacar que a ascensão do populismo sempre esteve associada ao surgimento de novas tecnologias. O populismo clássico latino-americano teve no rádio e posteriormente na televisão um de seus grandes instrumentos (HAUSSEN, 2005). Afinal, os líderes populistas instrumentalizavam bastante as potencialidades oferecidas pelo rádio e televisão e a possibilidade de sua mensagem atingir o máximo de pessoas possíveis. Vargas, por exemplo, foi responsável pela criação do “Programa Nacional”, que posteriormente transformou-se em “A Voz do Brasil”¹⁰⁷. Nesse sentido, argumentar que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação favorecem uma lógica de comunicação populista não é um argumento totalmente original (ver, por exemplo, TRACEY; REDAL, 1995).

Como afirma Manucci (2017, p. 467), nos últimos anos destacaram-se três correntes principais na literatura. A primeira associa o sucesso de discursos populistas ao processo de midiaticização da política, sobretudo devido a sua lógica comercial que fomenta tabloides e canais de TV que se mostrariam excelentes ferramentas para atores populistas que

¹⁰⁷ “A Voz do Brasil” é um programa de notícias estatal transmitido de segunda à sexta-feira em todas as rádios brasileiras.

procuram exposição na mídia. Ainda que, segundo Manucci, exista uma ausência de pesquisa empírica que comprove a convergência entre mensagens populistas e a lógica midiática, esses discursos costumam ser considerados ideais para a dinâmica da mídia ao proporcionar conteúdo controverso e meritório de notícia, retroalimentando a audiência e a visibilidade dos líderes populistas. Em segundo lugar, outras correntes da literatura ressaltam o efeito de ameaça à qualidade democrática devido ao impacto negativo das mensagens populistas difundidas pela mídia, que beneficiaria o conflito, a negatividade, pavimentando o caminho para a alienação política e para as mensagens populistas. Para Manucci, a terceira corrente, e mais importante para o presente trabalho, destaca a possibilidade de atores transmitirem diretamente discursos populistas ao público por meio das mídias sociais, onde esses discursos – demasiadamente emocionais e simplistas – se adequariam à dinâmica da comunicação online. Ainda que o autor defenda a realização de mais pesquisas empíricas que comprovem a relação, para ele é evidente que a midiatização 2.0 transformou profundamente a comunicação política e a ligação entre representantes e representados, tornando impossível conceber qualquer discurso político sem instrumentos comunicacionais online (MANUCCI, 2017).

No entanto, a contribuição mais interessante de Manucci (2017) é o argumento de que a relação entre discursos populistas e a mídia se estrutura em um processo profundamente circular, complexo e plurifacetado, que envolve os mais variados meios de comunicação e atores. Nesse sentido, Manucci defende a não utilização de uma supremacia normativa de predomínio da esfera midiática sobre a política ou vice-versa, mas que os âmbitos da mídia e políticos se mostram interligados e edificam uma estrutura integrada para produção em massa de notícias políticas de acesso rápido e fácil (MANUCCI, 2017, p. 561).

Para Arditi (apud MORELOCK; NARITA, 2019, p. 44), o populismo opera como produto ideológico intrínseco à mídia, em que a comunicação política impactaria significativamente na formulação de qualquer imaginário e em representações na concepção de povo. A partir do estudo de Arditi (2007), Morelock e Narita (p. 44) argumentam que as mídias e sua capacidade de difusão edificam uma relação social bastante específica entre liderança e seus públicos, e uma espécie de “imediatricidade virtual” realizaria um tipo de sublimação ideológica ao conduzir as promessas populistas. Isto é, para os autores, existe uma inevitabilidade de eliminar um *gap* entre as estruturas institucionais e o povo (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 44).

No estudo de Welp e Wheatley, os autores já argumentavam que o uso das TICs e de outras novas formas de mídia para propagar o som-bite em resposta a uma crise pode levar a discursos populistas que beneficiam os líderes carismáticos em detrimento dos líderes políticos tradicionais. De acordo com os autores (2009, p. 21), democracias recentes estariam mais vulneráveis ao populismo por terem um controle da informação menos regulado pelo Estado e pela sociedade civil e, assim, os populistas poderiam mais facilmente manipular os meios de comunicação social e conquistar um monopólio sobre o discurso público. Nessa perspectiva, os autores argumentam que os partidos políticos já estariam fracamente institucionalizados e seriam ainda mais minados pela consolidação de poder dos líderes populistas. Apesar de ser um estudo bastante interessante e que fazia a conexão já no ano de 2009 entre populismo, novas tecnologias e crise da democracia e dos partidos, o argumento dos autores parecia não prever a ascensão do populismo e a crise da democracia em regimes liberais consolidados, como dos Estados Unidos, por exemplo. Afinal, a própria literatura sobre sistemas políticos costuma colocar os países da Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá como os representantes das “democracias ocidentais”, que possuem mecanismos de controle da sociedade civil e de *accountability* mais efetivos que os países historicamente ameaçados, porque potencialmente mais vulneráveis ao populismo. Mounk afirma que, ainda que seja necessário se precaver contra o cronocentrismo, é difícil negar que existe uma grande relação entre a interação da tecnologia digital e o surgimento da imprensa, isto é, a estrutura comunicacional mudou radicalmente com a chegada da internet. Mounk (2018, p. 172) defende que, até o início dos anos 1990, pelo fato de haver poucos veículos centralizados do mundo da informação (como redes de TV, rádios, jornais, entre outros) e uma quantidade extensa de receptores, era preciso gastar uma quantia significativa de dinheiro para virar um formador de opinião, ou, em última instância, fazer lobby para que os empresários dos meios de comunicação apresentassem um político (ou um programa político) em seus veículos. Para o autor alemão, essas condições desapareceram já em meados dos anos 1990 com a possibilidade que a Internet proporcionou que cidadãos de países desenvolvidos compartilhassem suas opiniões com todo o mundo. Isso é bastante importante tendo em vista a desigualdade no acesso à Internet, a qual, apesar de Mounk ressaltar, parece ser ignorada nos argumentos posteriores ao afirmar que a Internet possibilitou que as pessoas transmitissem suas opiniões para todo o mundo e que a comunicação um-para-muitos havia finalmente sido democratizada. Ainda que aqui a percepção de Mounk soe um tanto quanto crédula, ele ressalta que, na prática, havia assimetria de acesso entre os portais de grandes grupos e

outros independentes. Todavia, para Mounk, a criação das mídias sociais diminuiu essa limitação, e uma publicação de qualquer usuário, mesmo com poucos contatos, tem a capacidade de ser espalhada e transmitida para um público amplo em questão de minutos. Mounk argumenta que as mídias sociais estabeleceram uma rede de usuários difusa em que todos podem se comunicar entre si, mudando radicalmente a dinâmica de distribuição, isto é, a comunicação um-para-muitos se tornou uma comunicação muitos-para-muitos, e os grandes atores da comunicação teriam perdido o poder de controle da disseminação de ideais e sua função como difusores de informação teria “evaporado” (2018, p. 173).

Para Mounk, nos últimos anos os populistas foram os que instrumentalizaram as mídias sociais de maneira mais bem-sucedida para minar os fundamentos básicos da democracia liberal. No entanto, o autor também vê oportunidades para a democracia no uso das mídias sociais:

Desimpedidos das coibições do antigo sistema midiático, eles estão preparados para fazer tudo que for necessário para serem eleitos – mentir, confundir e incitar o ódio contra os demais cidadãos. Talvez sua retórica se revele irresistível [...] é difícil para um político racional vencer o debate com uma resposta aprofundada quando seu rival oferece uma explicação muito rasa, ainda mais quando ele é capaz de espalhar sua visão simplista por meio do Twitter e do Facebook. Mas, assim como os ativistas pró-democracia que usaram as mídias sociais para derrubar ditadores subestimaram como seria difícil consolidar sua vitória, os populistas em ascensão talvez ainda venham a considerar o futuro tecnológico mais desafiador do que esperavam (MOUNK, 2018, p. 183).

O autor, contudo, aparenta reproduzir os argumentos semelhantes aos dos cyberotimistas, problematizados outrora por ele no capítulo do seu livro chamado *A ascensão dos Tecno-otimistas* (2018, p. 173), ao expor os argumentos de quem acreditava que as mídias sociais inexoravelmente iriam aprofundar e difundir a democracia. Mounk, assim como os nomeados por ele “Tecno-otimistas”, não enfatiza as novas e profundas relações de poder inauguradas com o surgimento das mídias sociais e das grandes empresas que as controlam, assim como pouco diz sobre como se dá o acesso e o controle por elas mesmo pelas organizações democráticas (Mounk também expõe o poder possibilitado pelas mídias sociais para derrubar regimes autocráticos). Como argumentam von Bülow, Vilaça e Abelin (2017), a variação nas práticas digitais de ativismo é impactada por diferenças no acesso a recursos humanos e financeiros. Entretanto, a principal questão na análise de Mounk é decretar o fim da capacidade de controle de narrativa dos grandes conglomerados de comunicação e, sobretudo, estabelecer o fim dos *gatekeepers*.

(Novos) gatekeepers da democracia

No presente trabalho, sigo a interpretação de gatekeepers proposta por Shoemaker e Vos (2009). Os autores definem gatekeeping como:

[...] o processo de escolha e elaboração de inúmeras informações no número limitado de mensagens que chegam às pessoas todos os dias [...] as pessoas dependem de mediadores para transformar informações sobre bilhões de eventos em um subconjunto gerenciável de mensagens de mídia (SHOEMAKE; VOS, 2009, p. 1).

As TICs, embora tenham influenciado a interatividade entre esses pilares, e as tecnologias sem fio tenham mudado o cenário global de gatekeepers de mídia (COSSIAVELOU; BANTIMAROUNDIS, 2009), não puseram fim aos gatekeepers da democracia. Teeney e Sieber (2016) mostram como a restrição do acesso à informação é feita por algoritmos. Ristow (2013, p. 6) também adverte sobre o grande poder operado pelas corporações gatekeepers do Vale do Silício.

Como argumentam Abelin e Gobbi (2018, p. 13), a percepção que as pessoas têm de suas instituições, governos e políticos não é dada apenas por suas experiências diretas, mas também pela mediação feita pelos meios de comunicação, que criam narrativas para explicar e enquadrar performances, leis, políticas e tudo o que interessa à esfera pública. Seguindo um argumento amplamente difundido na literatura, não compreendo os meios de comunicação como atores neutros, uma vez que as corporações que estão inseridas nas lutas políticas têm seus próprios interesses e conexões profundas dentro da sociedade. Como Offe argumenta, “[...] a formação política da opinião pública é feita sob o controle direto da mídia de massa, organizada em termos capitalistas, o que lhes dá a capacidade de, assim, suprimir em larga escala a articulação do anticapitalista e o sucesso de estratégias hostis” (OFFE, 1984, p. 143)¹⁰⁸.

Como argumenta Mariana Martins de Carvalho (2009, p. 32), é fundamental evocar as reflexões de Gramsci sobre hegemonia para compreender as funções privatistas e ideológicas cumpridas pela mídia corporativa. A autora argumenta que o teórico sardo concedia à imprensa papel crucial na construção da hegemonia burguesa. Isto é, Carvalho

¹⁰⁸ Ressaltaria que Offe tratava de um mundo ainda sem mídias sociais como as conhecemos.

afirma que a mídia, à luz da teoria da hegemonia de Gramsci, constitui-se em significativo aparelho privado de hegemonia na constituição da esfera pública midiaticizada (DE CARVALHO, 2009). Os meios de comunicação, nesse sentido (OFFE, 1984, p. 14), exercem uma influência decisiva na formulação de legitimidade política, pois aplicam influência decisiva sobre a percepção das pessoas. As mídias sociais, contudo, criam uma dinâmica diferente no sistema midiático conectando massivamente e dialogicamente os internautas – algo inédito na história da humanidade (WELLMAN; HAYTHORNTHWAITE, 2002).

Como argumentam Cossiavelou e Bantimaroudis (2009), gatekeeping é um processo que interliga pessoas, rotinas, instituições, pressões extramídia e o ambiente ideológico. No entanto, diferentemente do que poderia se esperar, as novas tecnologias, embora tenham influenciado a interatividade entre esses pilares e as tecnologias sem fio terem mudado o cenário global de gatekeeping de mídia, as mídias sociais não deram fim aos gatekeepers da democracia. Teeney and Sieber (2016) mostram como a restrição de acesso à informação são realizadas por algoritmos. Decisões codificadas por algoritmos aumentam o controle sobre a informação. Noble (2018), por exemplo, demonstra como os algoritmos na era do neoliberalismo reforçam relações de dominação e opressão racial. Ristow (2013) também alerta sobre o poder em larga escala operado pelos novos gatekeepers.

As mídias sociais e as novas tecnologias, se não reduzem o impacto da mídia e dos tradicionais gatekeepers, reconfiguram essa relação, criando novas oportunidades de contestação da hegemonia, de caráter dúbio, representando tanto uma ameaça quanto uma oportunidade ao exercício da democracia.

A internet e as mídias sociais¹⁰⁹ não criaram uma forte esfera pública democrática, como alguns otimistas cibernéticos esperavam (ver, entre outros, BENNET; SEGERBERG, 2012; BENKLER, 2006; BIMBER et al., 2005; PAPACHARISSI, 2002; VAN LAERS; VAN AELST, 2010). A afinidade entre as mídias sociais e o populismo, contudo, tem sido objeto de vários estudos que destacam como os usos das tecnologias impactaram a comunicação política e como atores populistas, sobretudo ligados à extrema-direita, beneficiaram-se dos mecanismos oferecidos por essas tecnologias, por exemplo, disseminando notícias falsas e

¹⁰⁹As redes sociais virtuais típicas da Web 2.0 são definidas por Boyd e Ellison (2008, p. 211) como “[...] serviços da web que permitem que indivíduos (1) construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema, (2) articulem uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e (3) vejam e cruzem sua lista de contatos e as feitas por outros usuários dentro do sistema”.

criando *bots* sociais¹¹⁰ para influenciar as decisões políticas (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; BESSI; FERRARA, 2016; PARISER, 2011; SHAO et al., 2017).

Como argumenta Jodia Dean (2009, p. 24), os valores prometidos como primordiais para a democracia se materializam nas tecnologias de comunicação em rede, como os ideais de inclusão, acesso, discussão e participação que vêm a se realizar por meio de expansões, intensificações e interconexões de telecomunicações globais. Essas radicais transformações nas redes de informação e comunicação associadas à digitalização, à velocidade e à capacidade de memória, no entanto, argumenta Dean, incidem no capitalismo e na democracia, pois aprofundam elementos no sentido que consolidam democracia e capitalismo em uma nova formação ideológica (DEAN, 2009, p. 24).

Como Dean expõe (2009, p. 24) a expansão da comunicatividade não aumentou as oportunidades de articulação das lutas políticas nem apresenta cenários promissores para práticas democráticas radicais. Foi possível verificar um engrandecimento da extrema-direita e também uma entrega de cada vez mais olhos para os anunciantes corporativos. Não há uma ascensão de variedades de práticas mais ricas de liberdade, tampouco uma distribuição equitativa de riquezas e influências, no entanto, existe a garantia da corporatização extrema, a financeirização e a privatização. Para Dean “[...] as retóricas de acesso, participação e democracia trabalham ideologicamente para assegurar a infraestrutura tecnológica do neoliberalismo, um projeto político-econômico individualista e predatório que concentra ativos e poder nas mãos dos muito, muito ricos” (DEAN, 2009, p. 24).

Helena Martins (2020, p. 13) afirma que o viés democratizante não realizado das novas tecnologias não deve sair do horizonte, contudo, não existe desenvolvimento tecnológico separado do contexto histórico e das relações de poder presentes, isto é, em um momento no qual o capitalismo avança sobre os mais variados âmbitos da vida, as tecnologias são instrumentalizadas para intensificar esse processo. As promessas de liberdade são confrontadas com uma realidade de vigilância e controle do Estado e de megacorporações. Para Helena Martins (2020, p. 14), as plataformas digitais são protagonistas nesse processo e tornaram-se agentes centrais no sistema capitalista, pois conectam os mais variados grupos, operando por meio da captura e da utilização de dados pessoais e de forma automatizada gerida por algoritmos. Essas empresas se concentram na região do Vale do

¹¹⁰*Bots* são contas automatizadas que se passam por seres humanos.

Silício, onde estão as maiores corporações de tecnologia que protagonizam os rumos do capitalismo mundial. A pesquisadora demonstra, a partir de dados da Forbes de 2019, que as cinco marcas mais valiosas do mundo são do setor da tecnologia (antes essa lista era ocupada por bancos): Apple, Google, Microsoft, Amazon e Facebook estão nas primeiras posições. Como aponta Martins, o Facebook foi a única empresa que sofreu desvalorização (correspondente a 88,9 bilhões de dólares), isso devido aos escândalos que o envolveram entre 2018 e 2019, sobretudo o tumulto gerado pela Cambridge Analytica¹¹¹ (como já tratado anteriormente).

Dominic Cummings, diretor da campanha em favor da saída do Reino Unido da União Europeia, ao se referir ao sucesso do *Brexit* e ao protagonismo das mídias sociais, afirmou: “Se você quer fazer progresso em política, meu conselho é contratar físicos, e não experts ou comunicadores (DA EMPOLI, 2019, p. 142). Como demonstra Da Empoli (2019, p. 142), Cummins não organizou a campanha em torno de consultores políticos, mas com um grupo de cientistas de universidades da Califórnia e de uma empresa de Big Data canadense – associada à Cambridge Analytica, chamada *AggregateIQ*.

Para Gerbaudo (2018, p. 746), é possível constatar que os candidatos populistas utilizam de maneira intensa as mídias sociais. Para além disso, Gerbaudo argumenta que o amplo *know how* de uso das mídias sociais é uma característica de candidatos e movimentos populistas, da direita à esquerda. O ceticismo com a mídia de massa, que sempre se associou a questões e conflitos específicos, tornou-se acusação usual e geral pelos populistas (SCHULZ; WIRTH; MÜLLER; 2018, p. 19), acusando de “fake news” os seguidores da mídia de massa e marcando sua própria posição como “povo” em oposição aos interesses da elite reproduzidos pela mídia. De acordo com Gerbaudo (2018), existe uma correlação entre as mídias sociais e a política populista, que advém das capacidades e redes de massa das mídias sociais, que envolvem bilhões de pessoas e pavimentam um espaço para

¹¹¹ Para entender mais sobre os impactos do escândalo da Cambridge Analytica e como a empresa violou a privacidade de milhões de usuários – aproveitando-se de vulneráveis políticas de privacidade do Facebook – e influenciou processos eleitorais no Ocidente, ver *Manipulados* (2020), de Brittany Kaiser. A autora foi uma importante funcionária da Cambridge Analytica, participando da ascensão e queda da empresa. Kaiser demonstra (2020, p. 148) como os métodos que a Cambridge Analytica utilizou para obter dados das pessoas violou diretamente os termos de serviço do Facebook. Utilizando aplicativos de terceiros, como o Friends API ou o Sex Compass, a empresa coletava informações privadas em grande exorbitância (KAISER, 2020, p. 148). A ex-funcionária e ativista política conta (p. 150) que Aleksandr Kogan, professor da Universidade de Cambridge e ex-prestador de serviços para a Cambridge Analytica, desenvolveu um aplicativo chamado *This Is Your Personal Life*. Quando os usuários finalizavam os testes no Facebook, o app se conectava à *Friends API* e coletava dados de todos os amigos dos usuários. Sendo assim, por meio das respostas, Kogan criou modelos de todas as personalidades dos participantes e vendeu tanto os modelos quanto os dados para a Cambridge Analytica, que edificava mais modelos – ainda mais consistentes – de medição da personalidade.

políticas e discursos de massa que são típicos do populismo. Existe, ainda, ideia amplamente discutida na literatura de que o estilo populista de comunicação é demasiadamente atraente para as pessoas (JAGERS; WALGRAVE, 2004).

Para Tuya (2015, p. 22), os meios de comunicação, mas, sobretudo, as mídias sociais, exercem uma função essencial na tarefa de mobilizar emoções como o medo, e o ódio, resultando na difusão desmedida de emoções na forma de slogans, e textos curtos. Gerbaudo também indica que as mídias sociais virtuais se tornaram essenciais para a atividade política de larga escala, instrumentalizadas pelos ativistas como recurso expansivo de mobilização em massa (GERBAUDO, 2014). As mídias sociais virtuais edificaram, sobretudo, uma política de massa digital antiestablishment que Gerbaudo (2014) define como “populismo 2.0”. Como explica o autor, os movimentos populistas utilizam uma noção de sujeito profundamente atomizada e fundamental na narrativa populista: a ideia do “homem comum”, do “homem trabalhador” ou do cidadão não representado. É um imaginário social que se reconfigura e adapta ao ativismo nas mídias sociais, com o sujeito do homem comum se transformando na figura do “usuário genérico da Internet (GERBAUDO, 2012, p. 7).

Cesarino (2019)¹¹² define esse cenário como “populismo digital”. A autora, que parte sobretudo do fenômeno da eleição de Bolsonaro no Brasil, argumenta que tanto a topologia fractal quanto a recursividade do populismo digital converteram a estratégia de construção da hegemonia política: agora mediada de uma forma progressivamente digital por meio de smartphones e WhatsApp, gerando uma capilaridade profunda. De acordo com Cesarino (2019, p.2): “Do ponto de vista do utilizador individual, as redes sociais tornam bastante concreta a sensação geral (neoliberal) de que os intermediários já não são necessários: se tiver sorte, a sua mensagem no Twitter ou no WhatsApp pode viajar até ao smartphone do presidente”. Argumento nos parágrafos seguintes, contudo, que não é possível afirmar em fim dos mediadores, mas em uma espécie de reconfiguração. Cesarino ainda argumenta ser improvável que a campanha digital de Bolsonaro não tenha abrangido alguma forma de “ciência do populismo”, em que o caso brasileiro seja uma modulação entre populismo digital e epistemologia neoliberal. Afinal, para a autora, qualquer pessoa em qualquer local

¹¹² Letícia Cesarino apresentou primeiramente o conceito de “populismo digital” no texto *On Digital Populimno Polar Journal* (2019). Acesso em: Disponível em <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/> Cesarino. Acesso em: 11 abril de 2019,

com acesso à Internet pode captar e mobilizar padrões discursivos do populismo digital de forma intuitiva.

Para além desse aparente *know how* que os populistas possuem sobre as mídias sociais, estudos estimam (BESSI; FERARA, 2016) que mais de 400 mil *bots* foram mobilizados na campanha eleitoral dos Estados Unidos de 2016, em que *bots* apoiadores de Trump enviesaram a percepção da população sobre o candidato, sobretudo criando uma ideia de que Trump possuía amplo apoio popular. Bessi e Ferrara demonstram que os *bots* influenciavam a discussão do Twitter para que não fossem gerados tweets negativos contra o candidato republicano (2016, p. 8). Da mesma forma, Bastos e Mercea (2018) também indicam como uma rede de 13.493 *bots* no Twitter influenciou o referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia.

No Brasil, pesquisas recentes apontam como os *bots* também atuaram nas eleições presidenciais, sobretudo com o então candidato Jair Bolsonaro, que possuía cerca de 400 mil seguidores *bots*¹¹³. Mesmo após ser eleito Presidente da República, Bolsonaro, que utiliza o Twitter como seu principal meio de comunicação, continua sendo acusado de estar envolvido em ampla rede de *bots*¹¹⁴. Da Empoli (2019) também demonstra como os líderes populistas mobilizaram os algoritmos para influenciar as eleições. De acordo com o autor (2019, p. 21) a nova propaganda populista vive de emoções negativas porque elas garantem mais engajamento, por isso o sucesso de *fake news* e teorias da conspiração. No entanto, para o autor, essa forma de comunicação populista também possui viés libertário e festivo, pautada no escárnio e na dissolução da hierarquia. Fato pelo qual se justificaria o apoio de *trolls* a candidatos populistas de direita pelo mundo, afinal, na comunicação populista, como afirma Da Empoli (2019, p. 21), o ataque de risos libertador tornou-se instrumento para dissolução de hierarquias e procedimentos e, assim, para transformar as autoridades em objeto de ridículo. Nesse sentido, para Da Empoli, “[...] os trolls jogam gasolina no fogo libertador do carnaval populista” (DA EMPOLI, 2019, p. 22).

A literatura tem mostrado que o fórum Reddit tem sido amplamente utilizado pelos movimentos de direita em várias partes do mundo (MIHAILIDIS; VIOTTY, 2017; DAL BOSCO, 2018; NICHOLAS; AGIUS, 2018). O Reddit foi fortemente operado pela *alt-*

¹¹³ Ver em: <http://www.justificando.com/2018/07/04/400-mil-seguidores-de-bolsonaro-no-twitter-sao-robos-aponta-estudo/>;
<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/10/19/aumenta-acao-de-robos-pro-bolsonaro-no-twitter.htm>. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹¹⁴ Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/apos-eleicao-perfis-falsos-e-robos-pro-bolsonaro-continuam-ativos-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

right e na campanha para a eleição de Donald Trump como presidente dos EUA (WENDLING, 2018). Como argumentam Mihailidis e Viotty (2017), na campanha presidencial americana, a comunidade difusa começou a desconstruir, interpretar e compartilhar ideias sobre e-mail, trabalhando nos subfóruns da Reddit dedicados a Donald Trump. O Reddit tornou-se mais protagonista depois que outras redes começaram a banir contas ou fóruns de *alt-right* por incitamento à violência (DAL BOSCO, 2018, p. 18).

Para Da Empoli (2019, p. 23), apesar do aparente absurdo da desinformação praticada pelas teorias da conspiração, existe uma lógica sólida dos líderes populistas em que as verdades alternativas não são apenas instrumento de propaganda, mas um instrumento de coesão: o líder populista que congregue a desinformação à edificação de uma visão de mundo própria se distingue dos comuns e do establishment degenerado; o líder populista é um homem de ação que concebe sua própria realidade para satisfazer os anseios da população, e não um burocrata pragmático como todos os outros (DA EMPOLI, 2019, p. 24).

Ressalto que na presente dissertação trabalho com o conceito de desinformação, baseado na concepção de Fetzer (2004), que compreende esse fenômeno como parte de um ato deliberado de disseminação de informações falsas, equivocadas ou enganosas. Não utilizo o termo “fake news”, que carece de solidez explicativa e foi apropriado por atores populistas, que recorrentemente utilizam essa expressão para atacar a mídia e jornalistas (WARDLE apud PEREIRA, 2019, p. 3). Nesse sentido, a literatura tem trabalhado com a noção de *misinformation*, isto é, um conteúdo falso compartilhado sem a finalidade de causar prejuízo e o conceito de *disinformation* – desinformação, como utilizo aqui – que é o conteúdo intencionalmente criado ou compartilhado com intuito de causar dolo (WARDLE E DERAKHSHAN apud PEREIRA, 2019, p.3).

Para Morelock e Narita (2019, p. 44), os meios de comunicação de massa facilitam a onipresença das mensagens de propaganda. As mídias sociais, no entanto, tornariam esse contexto ainda mais complexo, pela sua onipresença no cotidiano e pela difusão de pânico e ressentimento devido ao constante fluxo de fake news e conflitos discursivos (MORELOCK e NARITA, 2019, p. 44).

Para Lazer et al (2018, p. 1094), as novas tecnologias ampliam a profusão de desinformação e possuem maior incidência na democracia Na visão Morelock e Narita (2019, p. 48), no cenário de ascensão populista, as mídias se converteram em verdadeiras arenas de engajamento onde antagonismos e apelos de homogeneização forçada são

disseminados constantemente. As estruturas das Novas Tecnologias, para os autores, nesse sentido, transformam o ritual coletivo populista em um papel ainda mais performático e incorporam relações sociais específicas e arquitetam novas maneiras de constrangimento público (MORELOCK e NARITA, 2019, p .49).

Apesar de argumentar que existe uma relação entre as capacidades e as ferramentas das Novas Tecnologias e a política populista (incluindo a utilização de notícias falsas), a desinformação não é algo novo. Diversos autores vêm ressaltando como a desinformação opera há décadas e não se mostra um fenômeno recente na política (ver, por exemplo, ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; FALLIS, 2015). Historicamente, meios de comunicação se envolveram em campanhas de desinformação para fins políticos (RUBIN; COLLING 2006; MAZZOLENI, 1987). A literatura já abordou por diversas ocasiões a centralidade que a mídia corporativa ocupou e ainda ocupa na disputa política e na criação de sentidos e crenças sobre o significado de eventos políticos (MIGUEL, 1999, p. 1) e na formação de preferências eleitorais. No entanto, percebe-se um interessante movimento em relação à mídia *mainstream*: Com a facilidade que as novas tecnologias proporcionam de se criar e difundir notícias falsas, diversas campanhas grotescas de notícias falsas foram amplamente compartilhadas. A ausência de filtro – entendida por muitas vezes como sinônimo da grande mídia – e o nível absurdo de mentiras, como por exemplo, a notícia falsa de que o Papa Francisco estaria apoiando Donald Trump para as eleições nos Estados Unidos (ALCOTT; GENTZKOW, 2017) contribuíram para difundir uma noção no debate público e mesmo acadêmico de que o jornalismo corporativo seria o verdadeiro conservador da autenticidade e veracidade. Ao mesmo tempo, a mídia tradicional está afeita a diversas ofensivas, sobretudo dentro de uma virada antiestablishment do populismo de direita de ataque às instituições supranacionais, aos meios de comunicação e aos tribunais. (ENGESSER et al., 2017)

Daqui em diante, o objetivo é apresentar o quadro de análise proposto por esta dissertação e os resultados da análise empírica. A partir dos debates da literatura, apresento as categorias analíticas da comunicação populista.

Ademais, discuto mais detalhadamente a metodologia do trabalho e como foram realizadas as análises de conteúdo e estatística. Por fim, apresento e discuto os resultados da análise empírica.

Características da Comunicação Populista e Categorias de análise

Considerando as seis características que definem a comunicação populista (apelo ao povo, representação de antagonistas, abordagem antiestablishment, em sua estrutura narrativa; e emocionalização, simplificação, negatividade, na estrutura estilística), proponho um arcabouço para codificação de textos baseado em vinte e uma diferentes categorias.

Essas vinte e uma categorias e suas explicações podem ser encontradas no Quadro 1. Cada uma dessas categorias representa um “nó” na codificação das mensagens publicadas pelos administradores das páginas do Facebook do MBL e da Mídia Ninja.

Apelo ao povo

O principal e mais reconhecido traço do populismo na literatura é a ideia de que a soberania se origina do povo. Nesse sentido, a única fonte legítima de poder de uma sociedade é a vontade popular, que é superior a qualquer forma de vontade legal ou institucional. Como Chantal Mouffe define precisamente, como os direitos “[...] dependem da forma como são definidos e interpretados em um determinado momento, são a expressão da hegemonia dominante e, portanto, contestáveis” (2000, p. 4). Na análise empírica realizada nesta dissertação, “apelo ao povo” é representado por duas categorias analíticas: o Povo e a promoção de um Líder Popular – cuja aparente identidade e representação são retratadas como a personificação da voz e da vontade do povo.

Antagonistas

O discurso populista recorre frequentemente à representação de atores sociais específicos como responsáveis pelo “ser deficiente” da sociedade. O populismo parte de uma lógica política que divide antagonicamente o campo social entre o povo e seus inimigos (LACLAU apud MENDONÇA, 2019, p 192). Os *antagonistas* podem ser vistos como elites que controlam as instituições e usam o poder e a influência que possuem, como minorias sociais marginalizadas que se tornam um pesado fardo para o resto da sociedade carregar – o *Lumpesinato* – ou como atores externos, países estrangeiros ou grupos étnicos em uma posição privilegiada – os *Antagonistas Externos*. Em todos os três casos, os Antagonistas são representados como grupos ou atores que foram privilegiados pelo

establishment. Esse é inclusive o caso do lumpesinato, que é visto como tendo acesso a muitos benefícios injustamente concedidos ou ignorados pelo Estado. Apenas no etnopopulismo¹¹⁵, no entanto, a ideia de antagonistas externos ou lumpesinatos pode aparecer como uma característica recorrente. Como Laclau expõe, no caso do etnopopulismo uma clara fronteira é estabelecida entre o povo, que é a comunidade, e seus adversários. Estes nunca poderão ser reconhecidos como parte da comunidade, pois os critérios para definir quem faz parte da comunidade, a identidade étnica, são cristalizados.

Antiestablishment

Como o establishment é controlado pelas elites, é também a representação da vontade aristocrática, que muitas vezes pode se opor ao interesse do povo. Essa operação de contestação do establishment é o que defino como abordagem antiestablishment. A comunicação populista constrói a crítica a uma ou várias instituições – a mídia, a política, os valores culturais, a intelectualidade, o sistema judicial ou o Estado – por ser a estrutura de regras, hábitos ou poderes que operam o “ser deficiente” do povo. Entendo que, para se compreender melhor como funciona a criação de sentido no caso de um discurso antiestablishment, é importante identificar quais instituições estão sendo criticadas. A abordagem antiestablishment é representada por sete categorias diferentes: Antimídia, Antipolítica, Anticultura, Anti-intelectualidade, Antijustiça, Antiestado e Antibusiness.

Emocionalização

Para falar ao público e fortalecer a identificação, a comunicação populista apela para um estilo emocionalizado que dá um sentimento humanizado à mensagem. Isso significa que a comunicação sóbria tradicional que transmite neutralidade e racionalidade é evitada. Em vez disso, as expressões de emotividade, sarcasmo e euforia são usadas como formas de humanizar a comunicação e promover conexões emocionais com o público. “Parece real”, pode-se dizer em oposição aos jornalistas profissionais e à mídia que pretendem parecer sóbrios e neutros. Mostrar o confronto explícito em vídeo, áudio ou imagens também é uma maneira de emocionar o texto. Além disso, marcar discursos que justifiquem ou incitem a violência, mesmo como forma de pressionar os inimigos, é também outra forma de

¹¹⁵ Jenne (2018, p. 5) define como “etnopulismo” um discurso que iguala “o povo” com “a nação” em que a soberania deve ser uma expressão da vontade do “povo nação”.

emocionalizar um texto, mas é especialmente importante entender quando um discurso populista recorre ao uso da força.

Como argumenta Tuya (2015, p. 22), a emoção é um dos elementos fundamentais da ação populista: se distingue pela ativação e pelo endosso das emoções primárias de defesa da identidade coletiva em um esquema simples de emoção versus razão. Nesse sentido, Tuya (2015) demonstra que o caráter performativo do populismo se mostra intimamente ligado ao afetivo, que, como já discutido no presente trabalho, é o ponto de entrada da psicanálise. O apoio emocional a uma totalidade popular, que possui demandas contraditórias e antagônicas, se une pelo apreço ao líder popular. Como expõe o autor, o líder é o meio pelo qual se produz a identidade populista e a dimensão emocional se mostra capital para o populismo (TUYA, 2015). A emoção, contudo, é instável para Tuya, e é fundamental a manutenção de mecanismos emocionais que possam mobilizar ininterruptamente as pessoas ao redor do que o autor chama de “nichos emocionais”, como o medo, o ódio, o ultraje, sempre pautados na dicotomia amigo/inimigo (TUYA, 2015, p. 22).

Simplificação

O uso de jargões e linguagem especializada é uma maneira de apelo de autoridade. Falar de maneira distinta do público e com ideias complexamente estruturadas, no entanto, é exatamente o oposto do que a comunicação populista busca. A simplificação, nesse caso, não é notada apenas pelo uso do léxico e estrutura simples, mas também pelo apelo aos recursos audiovisuais que tornarão o texto não só mais fácil de ser entendido, como também reforçará o processo de conexão do emissário da mensagem com o público. Fazer com que questões complexas pareçam simples é uma meta da comunicação populista. Entretanto, aqueles textos que são especialmente simples, visuais, curtos e bem-humorados, fáceis de serem replicados e instantaneamente “legíveis”, os textos meméticos, podem ser considerados separadamente como um ideal de simplificação. Como indica Chagas (2020, p. 23), o conceito de meme é anterior ao próprio surgimento da Internet. O conceito de memética surgiu com o biólogo Richard Dawkins em 1976. A concepção surge a partir de uma analogia de que o meme está para a transmissão de cultura assim como o gene está para a transmissão genética (1976). O meme pressuporia a mimese e a imitação, algo que é copiado de uma geração para outra. Os estudos da memética, nesse sentido, estão relacionados à transmissão de informação de cultura de uma geração para a outra. O

conceito de Dawkins não se aplicaria plenamente ao âmbito da Internet, pois o autor trata da ideia de transmissão cultural de tradição, de comportamentos que não se transformam radicalmente ao longo do tempo. Na Internet, os memes são (re)adaptados e remixados constantemente.

Ainda que não pretenda nessa dissertação fazer uma discussão sobre a literatura de “memes”, algumas importantes definições sobre o conceito já relatavam sua relação com o populismo. Milner (apud CHAGAS, 2018, p. 8) define memes como dispositivos simbólicos multimodais que agrupam referências da cultura popular e estão sujeitos a serem instrumentalizados como comentário político populista. Sigo, no entanto, a abordagem proposta por Shifman (2014). Para a autora, os memes necessitam ser analisados a partir de um entendimento da comunicação, em que a dinâmica hipermemética é responsável por tornar quase todo evento público em um potencial disseminador de múltiplos memes (SHIFMAN apud BACCARIN, 2018, p. 20). A autora define os memes da Internet como “[...] um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e postura, que foram criados com consciência mútua e foram disseminados, imitados e/ou transformados na Internet por diversos usuários” (SHIFMAN apud BACCARIN, 2018, p. 41).

Nessa perspectiva, compreendo a linguagem memética como aquela que se apropria da cultura dos memes ou é dotada de alto potencial de se tornar meme, de ser transmitida e replicada diferentes vezes a partir de uma fórmula que está em constante readaptação.

Negatividade

A ideia de negatividade como elemento constitutivo da comunicação populista ainda levanta algum debate, uma vez que muitos discursos populistas tipicamente usam do “ufanismo”, da esperança e da ideia de superioridade ligada à promessa de um futuro melhor. Nesse sentido, sigo Schmuziger e Schmechel (2017), aplicando a codificação de Sentimento como negativo (-1), neutro (0) e positivo (1). Além disso, como a ideia de negatividade foi frequentemente associada à e intensificada com a necessidade de ação urgente (BOS; BRANTS, 2014), também incluo a categoria Urgência para identificar os posts que exigem uma ação imediata para combater uma situação adversa.

Quadro 1 – Categorias da Codificação da Comunicação Populista

| Categoria | Definição |
|-----------------------|--|
| Povo | O apelo ao “povo” é um elemento constitutivo do discurso e pode ser identificado por meio de um dos vários sinônimos ou qualquer construção textual que transmita a ideia de povo como fonte legítima e definitiva do poder |
| Líder popular | Um líder popular, cujas identidades e representação são retratadas como a personificação da voz e da vontade do povo, com identificação na mensagem veiculada |
| Antagonistas | Os inimigos do povo ou os responsáveis pelo “ser deficiente” da nação são identificados na mensagem |
| Antagonistas externos | Há uma menção a “antagonistas” localizados fora da fronteira nacional ou a outros grupos étnicos localizados dentro da fronteira nacional, mas não reconhecidos pelo ator como parte da nação. Podem ser países estrangeiros, políticos, empresas, pessoas ou organizações internacionais representadas como ameaça, como um inimigo ou como um mau exemplo; também são entendidos como um antagonista |
| Antimídia | A mídia é identificada como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Antipolítica | O establishment político é identificado como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Antiartistas | O establishment artístico é identificado como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Anti-intelectualidade | A intelectualidade é identificada como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Antijudiciário | O establishment judicial é identificado como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Antilumpesinato | O lumpesinato – uma categoria que engloba aqueles que vivem na marginalidade – é acusado de estar causando danos à sociedade |
| Antibusiness | O negócio, o capitalismo, o mercado ou a busca de lucros são identificados como instituições defeituosas que estão causando danos ao povo |
| Antiestado | O Estado é identificado como uma instituição defeituosa que age contra os interesses do povo |
| Estrutura simples | As ideias centrais são enquadradas de uma maneira simples |
| Léxico simples | O léxico utilizado é simples |
| Memético | A mensagem é enquadrada em uma estrutura pequena extremamente simples com uma linguagem muito atraente, com intuito de viralização |
| Confrontação | A mensagem exibe um confronto explícito e direto, verbal ou físico |
| Violência | A mensagem incita ou justifica o uso da violência |
| Euforia | A mensagem contém carregado sentimento de otimismo e entusiasmo |
| Sarcasmo | A mensagem designa caráter de ironia, com objetivo de rebaixamento do antagonista. Pode ser em vídeo ou texto e utilizar figuras de linguagem. A ideia central é a ridicularização |
| Sentimento | Pode ser positivo, neutro ou negativo. Expressa as ideias de esperança e otimismo ou de negativização e pessimismo |
| Urgência | A mensagem contém caráter que exige soluções imediatas e emergenciais |

Fonte: Elaboração própria

Para melhor visualização do processo de codificação, os quadros 2, 3, 4 e 5, a seguir, são amostras da base de dados que ilustram como cada variável da comunicação populista foi codificada. Os quadros demonstram exemplares de publicações do MBL e da Mídia Ninja divididos em “Exemplos de codificação da estrutura narrativa” e “Exemplos da codificação do estilo narrativo”.

Quadro 2 – Exemplos de codificação da estrutura narrativa do MBL

| Estrutura narrativa | |
|----------------------------|--|
| Categoria | Exemplo e data de publicação |
| Povo | “Todos nas ruas no dia 03! Brasileiros irão às ruas pela prisão de Lula e contra o STF no próximo dia 03 (29/03/2018) |
| Líder popular | “Obrigado, Moro! Por mandar prender Delúbio Soares e mostrar que a Lava-Jato continua forte!” (24/05/2018) |
| Antagonistas | “Todos nas ruas no dia 03! Brasileiros irão às ruas pela prisão de Lula e contra o STF no próximo dia 03”. (29/03/2018) |
| Antagonistas externos | “FMI projeta inflação de 1.000.000% para a Venezuela em 2018. Que sucesso de socialismo, hein?” (28/03/2018) |
| Antimídia | “Desde que o MBL passou a movimentar o público a fim de protestar contra o STF, exigindo a prisão de um condenado, os portais da grande mídia entraram em profundo desespero.” (23/03/2018) |
| Antipolítica | “Adivinha só quem sustenta a Dilma ainda? Pois é... Você ainda sustenta ela! Dilma ainda recebe R\$ 17 mil por mês pelo fundo partidário, e quem paga é você!” (25/05/2018) |
| Antiartistas | “342 Intervenção – Nova farsa do Projaquistão. Mais uma vez aparecem os revolucionários do Leblon para defender uma pauta que só serve a eles. A intervenção federal no Rio de Janeiro tem apoio da população que realmente sofre nas mãos dos bandidos”. (28/03/2018) |
| Anti-intelectualidade | “Virou zona, a Unicamp também vai usar dinheiro publico para-fazer disciplina pro PT. O lado positivo nisso é que pautas como Escola Sem Partido tendem a ganhar força, pois fica cada vez mais claro o intuito desses embusteiros profissionais’. (27/02/2018) |
| Antijudiciário | “O STF está pensando em rever a lei da ficha limpa para salvar o Lula da cadeia. O Brasil não pode deixar isso passar!” (13/03/2018) |
| Antilumpesinato | “O deputado Jerônimo Goergen protocolou um projeto de lei hoje para tornar terrorismo os atos criminosos feitos por grupos como MST e MTST. Chega de invadir propriedades e sair impunes! Parabéns, deputados!” (07/02/2018) |
| Antibusiness | “Quem ganha? Quem ganha com a censura do Facebook ao MBL? Quem quer ver Lula solto; Quem quer acabar com a Lava-Jato; Quem não quer ver a Gleisi presa; Quem quer o STF soltando bandido; Quem quer a hegemonia de esquerda nas escolas; Quem diz que não existe doutrinação; Quem quer acabar com o sustento dos empresários; Quem defende supersalários; Quem quer o silêncio dos adversários; Quem quer que a esquerda volte ao poder”. (28/07/2018) |

| | |
|------------|--|
| Antiestado | <p>“Acidentes vão e vem e o transporte público de Belo Horizonte continua sucateado. Uma das principais promessas do Prefeito Kalil foi a abertura da caixa preta, será que ele acha nos esquecemos? Será que ele também se rendeu aos grandes empresários dos transportes da capital? Enquanto isso os cidadãos com o descaso e as dificuldades diárias do transporte público da capital mineira.</p> <p>OBS: Querem taxar os aplicativos de transporte para atrapalhar mais ainda a vida dos cidadãos de BH”. (14/02/2018)</p> |
|------------|--|

Fonte: página do Movimento Brasil livre no Facebook, (<https://www.facebook.com/mblivre>)

Quadro 3 – Exemplos da codificação do estilo narrativo do MBL

| Estilo narrativo | |
|-------------------------|--|
| Variável | Exemplo e data de publicação |
| Estrutura simples | <p>“Desembargador reage a assalto e salva sua família Desembargador é vítima de uma tentativa de assalto, o desembargador reagiu ao assalto com uma arma e assim salvando sua família dos criminosos. Em entrevista o desembargador defendeu o armamento”. (24/07/2018)</p> <p>(Com vídeo)</p> |
| Léxico simples | <p>“Um estuprador de crianças aprovado numa universidade e exaltado pelo Quebrando o Tabu. Que vergonha”. (05/05/2018)</p> |
| Memético |  <p>(22/05/2018)</p> |
| Confrontação | <p>“Kim Kataguirí e Arthur do Mamãe Falei debatem com petistas AO VIVO na CBN de São José do Rio Preto!” (22/02/2018)</p> |
| Violência | <p>“No Guarujá, outro PM de folga reagiu a um assalto e conseguiu neutralizar o bandido. Parabéns a este outro herói”. (14/05/2018)</p> |
| Euforia | <p>“Povo de Passo Fundo impediu a entrada de Lula na cidade. Lula provando do próprio veneno. Parabéns, pessoal!” (23/03/2018)</p> |

| | |
|------------|--|
| Sarcasmo |  <p>(28/03/2018)</p> |
| Sentimento | <p>“Praticar crimes no Facebook é especialidade do PT desde os tempos dos MAVs. Foi assim que fizeram três campanhas, como mostram matérias da BBC, Estadão, Folha e até publicações do próprio site do partido. Ainda assim o Facebook jamais tomou qualquer ação para evitar estes crimes”. (30/07/2018)</p> |
| Urgência | <p>“Esse abuso com o nosso dinheiro deve acabar! CURTA se você está conosco nessa luta!” (02/02/2018)</p> |

Fonte: página do Movimento Brasil livre no Facebook (<https://www.facebook.com/mblivre>)


Quadro 4 – Exemplos da codificação da estrutura narrativa da Mídia Ninja


| Estrutura narrativa | |
|----------------------------|--|
| Variável | Exemplo e data de publicação |
| Povo | <p>“A arte tem um compromisso político e ideológico, e hoje cumpre sua função mais específica, deixando uma mensagem para o povo. E a presença de cada pessoa na Plaza de Mayo é essencial, é mais essencial que isso seja multiplicado em cada encontro”. (20/05/2018)</p> |
| Líder popular | <p>“LULA, VOCÊ É GIGANTE! Mesmo enfrentando todas as injustiças com seu nome e sua história, o ex-presidente Lula seguiu em luta por seu povo, carregado pelos braços de todas e de todos que participaram da vigília de resistência democrática. #lulalivre #ocupasaobernardo”. (20/06/2018)</p> |
| Antagonistas | <p>“As mentiras espalhadas por Marcelo Rocha Monteiro se unem ao esforço coletivo de diversos grupos de direita que se colocam contra a parceria firmada entre o Facebook e as agências de checagem, a qual consideram um “ataque à liberdade de expressão” e uma tentativa de “censura” instigada pela “extrema esquerda”, como afirma Renan Santos, um dos fundadores do MBL (Movimento Brasil Livre)”. (23/05/2018)</p> |
| Antagonistas externos | <p>“No dia da comemoração da revolução de maio de 1810, quando Argentina formou seu primeiro governo patriótico, mais de 1 milhão de argentinos saíram nas ruas de Buenos Aires e outras cidades para protestar contra a política econômica do Macri, os ajustes e o acordo com o FMI”. (25/05/2018)</p> |
| Antimídia | <p>“Globo, desde sempre contra Lula! Globo, desde sempre contra Lula! No programa Dossiê da Globo News (26/11/2011), o diretor da Globo, Boni confessa que manipulou o último debate entre Lula e Collor em 1989. Ainda hoje, a Globo segue a campanha difamatória e conseguiu o que parece ser seu gozo maior: fazer do ex-presidente Lula ser preso.</p> |

| | |
|-----------------------|---|
| | #OPovoNãoÉBobo #EuSouLula #LulaLivre” (09/04/2018) |
| Antipolítica | “Gasolina e diesel foram reajustados 16 vezes em 30 dias. Reajuste segundo a vontade de quem manda no desgoverno Temer. E não é o povo”. (28/05/2018) |
| Antiartistas | Sem exemplos |
| Anti-intelectualidade | [Vídeo de José Mujica] “Abundam senhores intelectuais nesse mundo de hoje, um tanto irritados por aqui e por ali, pelo enorme barulho que a Copa do Mundo de futebol gera. A atenção coletiva de massas enormes e de meios de comunicação que atordoam e, em alguns momentos aborrecem, com um triturador, como se não acontecesse outra coisa no mundo [...] não deve se estranhar que a festa do futebol tenha muito de um gigantesco fenômeno econômico, até em alguns momentos, quase uma temeridade. Mas tampouco cabe a dúvida de que algo deve representar no coração de multidões de gente, porque provavelmente, internamente, tenhamos necessidade, em alguma forma, de nos representar, de nos comparar e de viver de uma festa dessa natureza”. (17/07/2018) |
| Antijudiciário | “Oh Sergio Moro vou te dizer, a história vai condenar você”. cantavam manifestantes no aeroporto de Congonhas em São Paulo enquanto acompanhavam chegada de Lula. #lulalivre #eusoulula” (07/04/2018) |
| Antilumpesinato | Sem exemplos |
| Antibusiness | “O acionista está interessado simplesmente no lucro. Ele quer que a empresa produza pelo menor custo possível para gerar o maior lucro possível”. (17/06/2018) |
| Antiestado | Guilherme Boulos: “Eu não acho que um regime econômico onde 1% tem mais do que 60% pode ser chamado exatamente como algo que deu certo. O Estado brasileiro funciona hoje como se fosse um Robin Hood ao contrário: ele tira dos pobres e da classe média e dá aos super ricos. Por um sistema tributário injusto, ele tira dos debaixo e do meio. E pelos juros exorbitantes da dívida pública, e por um sistema financeiro que mais parece uma Disneylandia, totalmente desregulado, ele dá a uma minoria extrema que se coloca no andar de cima. (...) hoje quem tem um carro paga IPVA. Quem tem um jatinho, um helicóptero ou um iate, não paga 1 real de imposto no Brasil” (08/05/2018) |

Fonte: página Mídia Ninja no Facebook (<https://www.facebook.com/MidiaNINJA>)

Quadro 5 – Exemplos da codificação do estilo narrativo do Mídia Ninja

| Estilo narrativo | |
|-------------------|--|
| Variável | Exemplo (data de publicação) |
| Estrutura simples | “Uns fazem piadas, outros são presos só de andar na rua. Racismo não é piada, JulioCocielo”. (30/06/2018) |
| Léxico simples | “Gael Garcia Bernal do lado certo da história”. #LulaLivre #EuSouLula (09/04/2018) |
| Memético |  <p>Petrobras é do povo brasileiro. #GreveDosPetroleiros (30/05/2018)</p> |

| | |
|--------------|--|
| Confrontação | “BRASÍLIA -Na manhã dessa quinta-feira (27) o Batalhão de Choque da PM do DF reprimiu com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha estudantes da Universidade de Brasília – UnB que realizavam um ato pacífico na Esplanada dos Ministérios contra os cortes no orçamento da instituição e invisibilizando o funcionamento da universidade no segundo semestre de 2018”. (27/04/2018) |
| Violência | “Temer é expulso do Centro de SP No ano de 2017 o governo Temer destinou apenas 9% dos poucos recursos previstos à moradia no orçamento. E foi assim que ele foi recebido (ofensas e xingamentos) ao tentar visitar os escombros do prédio no centro de São Paulo”. (01/05/2018) |
| Euforia | “SERÁ LEI! Amanhã, 18h30, Pañuelazo Federal na Argentina, com ações em todo o país. Pegue seu pano verde e junte-se a mobilização em defesa do aborto legal, seguro e gratuito! #AméricaLatinaSeráTodaFeminista #Abortolegalya” (25/06/2018) |
| Sarcasmo |  <p>Por André Dahmer – malvados (18/06/2018)</p> |
| Sentimento | “Cidades vazias - em São Paulo e no Brasil segue a crise de desabastecimento de Michel Temer” (28/05/2018) |
| Urgência | <p>“EXIGIMOS A LIBERAÇÃO IMEDIATA DE ROQUE E PAULO</p> <p>Vários movimentos sociais estão agora na porta do Tribunal de Justiça em Buenos Aires, convocados pelo coletivo argentino La Garganta Poderosa, aguardando a resposta da juíza Carina Rodríguez sobre o caso de Roque, fotógrafo e militante da La Poderosa que foi detido por tirar fotos de uma ação truculenta da Polícia Naval.</p> <p>No sábado à noite, 26, a Polícia Naval protagonizou cenas de violência em uma favela de Buenos Aires: tiros de balas de borracha contra a casa de outro militante de La Poderosa, Ivan, além de arrombaram a porta da casa de Maru, também integrante do coletivo. Sequestraram pessoas, abusaram de uma mulher, Jesica, e por fim espancaram Roque e Pablo. Uma das mulheres que foram sequestradas, ficou cerca de uma hora sem saber para onde estava sendo levada e só então foi liberada”. (28/05/2018)</p> |

Fonte: página Mídia Ninja no Facebook (<https://www.facebook.com/MidiaNINJA>)

As figuras 3 e 4 também ilustram mais exemplos. Agora, prints das próprias páginas do MBL e da Mídia Ninja, respectivamente.

Figura 3 – Exemplo de publicação do MBL com a categoria antagonistas externos. Publicado em 22 de fevereiro de 2018



Fonte: página do Movimento Brasil livre no Facebook, <https://www.facebook.com/mblivre>

Figura 4 – Exemplo de publicação da Mídia Ninja com a variável Líder Popular. Publicado em 7 de abril de 2018



Fonte: página Mídia Ninja no Facebook, <https://www.facebook.com/MidiaNINJA>

Da teoria à empiria: transformando categorias teóricas em categorias analíticas

O presente trabalho utiliza uma abordagem metodológica de métodos mistos. A parte qualitativa é baseada na análise de conteúdo de publicações dos administradores das páginas oficiais do Facebook da Mídia Ninja e do Movimento Brasil Livre. Para Recuero

(2018, p. 13), a análise de conteúdo consiste em uma série de técnicas para analisar textos, imagens e conteúdos que possam colher sistematicamente algum tipo de sentido. Para Bauer (2010, p. 192), textos possuem registros de eventos, normas, regras, sentidos, entretenimento e características do conflito e do argumento; a análise de conteúdo possibilita que se reconstituam cosmovisões e indicadores, valores e opiniões e assim possamos comparar determinados grupos. Ainda de acordo com o autor, os procedimentos da análise de conteúdo reedificam as representações nos âmbitos da sintaxe e da semântica: a frequência das palavras e sua disposição, o vocabulário, as características gramaticais e estilísticas são parâmetros e reveladores das fontes e da influência sobre a audiência. Mesmo que a análise de conteúdo historicamente tenha sido realizada com matérias de textos escritos, também podem ser operados métodos parecidos a imagem e sons (BAUER, 2010, p. 195). É o caso da análise de conteúdo proposta nesse trabalho, que não se limita à simples análise textual – por exemplo, foram analisadas publicações que continham somente vídeos. Como Penn (2010, p. 321) expõe, o sentido de uma imagem é pautado pelo texto que o segue, juntamente com o status dos objetos (vestuário, por exemplo). Para a autora, os sistemas de signos exigem “[...] a mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos ou razões)” (PENN, 2010, p. 321).

Para Penn (2010, p. 322), a imagem será sempre ambígua e polissêmica e é devido a isso que diversas imagens vêm a reboque de um texto, que opera para tirar sua ambiguidade. Nesse sentido, os signos se mostram presentes de forma concomitante e suas relações sintagmáticas não seriam temporais, mas sim espaciais. A partir dos escritos de Barthes (1964), Penn (2010, p. 324) demonstra que, em uma análise semiótica de texto, imagem e som, o leitor precisa a priori de conhecimentos linguísticos e antropológicos, mas em um segundo nível são necessários conhecimentos culturais. Afinal, Penn argumenta que o ato de ler um texto ou imagem se mostra um processo interpretativo e o sentido é criado a partir da interação do leitor com o material – sentido esse que é alterado por meio da experiência e dos conhecimentos acessíveis.

Considerar o sentido dos textos e das imagens foi fundamental para a análise das publicações do MBL e da Mídia Ninja na presente pesquisa. Classificar uma determinada mensagem como “apelo ao povo” ou em referência a um “líder popular” só faz sentido depois que se compreende qual é o ideal de *povo* do MBL e da Mídia Ninja. A título de exemplo, enquanto os funcionários públicos eram considerados pelo MBL membros da

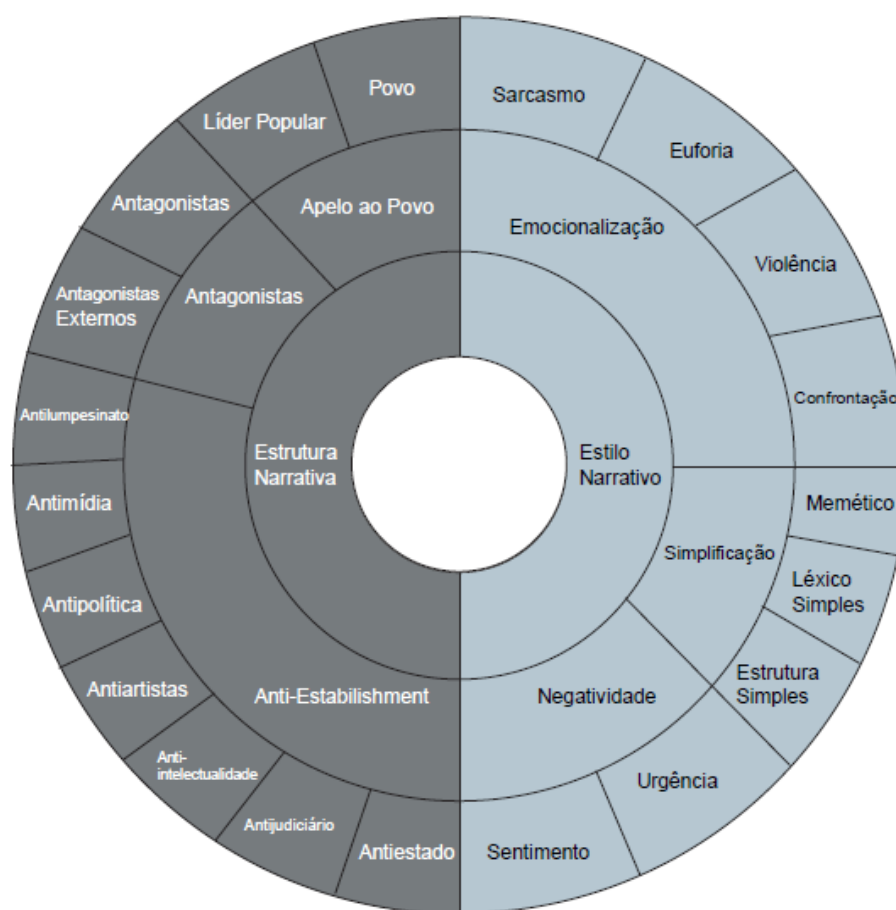
concepção de “povo brasileiro” antes da derrubada de Dilma Rousseff, após esse período quase todas as referências ao funcionalismo público são profundamente negativas. Passam a ser então apresentados na página da organização como parasitas que sugam o Estado e que possuem muito mais direitos do que o cidadão (brasileiro) membro da iniciativa privada. A percepção dessa mudança – que é ideológica e estratégica – só foi possível depois de muito contato com o movimento, tanto online como por outros meios. No entanto, uma análise de conteúdo não deve se focar somente nos mitos e alegorias mais profundas (que são importantes), porque é possível que o pesquisador não perceba os detalhes – igualmente importantes – da superfície. Penn (2010, p. 335) afirma a necessidade de não ignorarmos as variações e contradições superficiais da mensagem.

A análise de vídeo, por sua vez, implica em uma série de dificuldades. Como argumenta Rose (2010, p. 343), todo procedimento de análise de matérias audiovisuais envolve transladar, e cada deslocamento resulta em uma série de escolhas e decisões (onde o que é deixado de fora pode ser tão importante quanto o que é incluído). Dessa forma, assumindo que não é possível coletar e codificar um conjunto de dados de “forma verdadeira com referências ao texto original” (ROSE, 2010, p. 344), é necessário ser o mais explícito e transparente possível nos mecanismos e nos modos de deslocamento e simplificação. Foi o que procurei fazer, no início do capítulo, ao apresentar o caminho de construção das categorias e o que elas significam. Isto é, em vez de buscar um horizonte de perfeição inalcançável, é preciso ser cristalino a respeito das técnicas empregadas para selecionar, transcrever e analisar os dados (ROSE, 2010, p. 345).

Da mesma forma, o elemento do som e da música é importante para a análise de conteúdo das publicações de MBL e Mídia Ninja. Como Bauer (2010b, p. 370) afirma, a análise funcional da música leva em conta os significados e seus efeitos em um determinado tipo de contexto, podendo ser utilizada para incentivar manifestações, a produtividade, entre outros. O som, para Bauer, é a própria manifestação material e pode ser interpretado como possuidor de sonoridade, altura, volume, densidade e complexidade: podendo ser diferenciado entre o ruído, a música, o som desejado e o não desejado. No entanto, é possível questionar se a música contém sentido em si mesma, ou se é somente em conjunto com imagens e linguagens (BAUER, 2010b, p. 385). Isso é extremamente relevante para a presente pesquisa: Mídia Ninja e, sobretudo, MBL, utilizam bastante músicas e sons em seus vídeos. A música constitui elemento fundamental para a linguagem memética dos grupos. Ela cria um caráter de urgência ou pode representar uma espécie de bonança.

A partir dessas considerações, realizou-se uma análise de conteúdo temática empregando categorias semânticas com referência no trabalho de Bardin (BARDIN 2011 apud DIAS, 2016, p. 52). Para Bardin (2011, p. 147), as categorias temáticas abrigam todos os temas relacionados a determinado conceito. Na análise de conteúdo realizada nesse trabalho, por exemplo, as variáveis “povo” e “líder popular” são agrupadas na categoria “apelo ao povo”. Isso significa que, na linguagem de análise de conteúdo, “apelo ao povo” consiste no “nó” de análise enquanto “povo” e “líder popular” são os subnós. Assim como realizou Dias (2016, p. 53), foram elaborados nós abrangentes enquanto no nível de análise seguinte foram estabelecidos subnós específicos. Isso pode ser bem ilustrado na mandala da comunicação populista (Figura 5).

Figura 5 – Mandala da comunicação populista

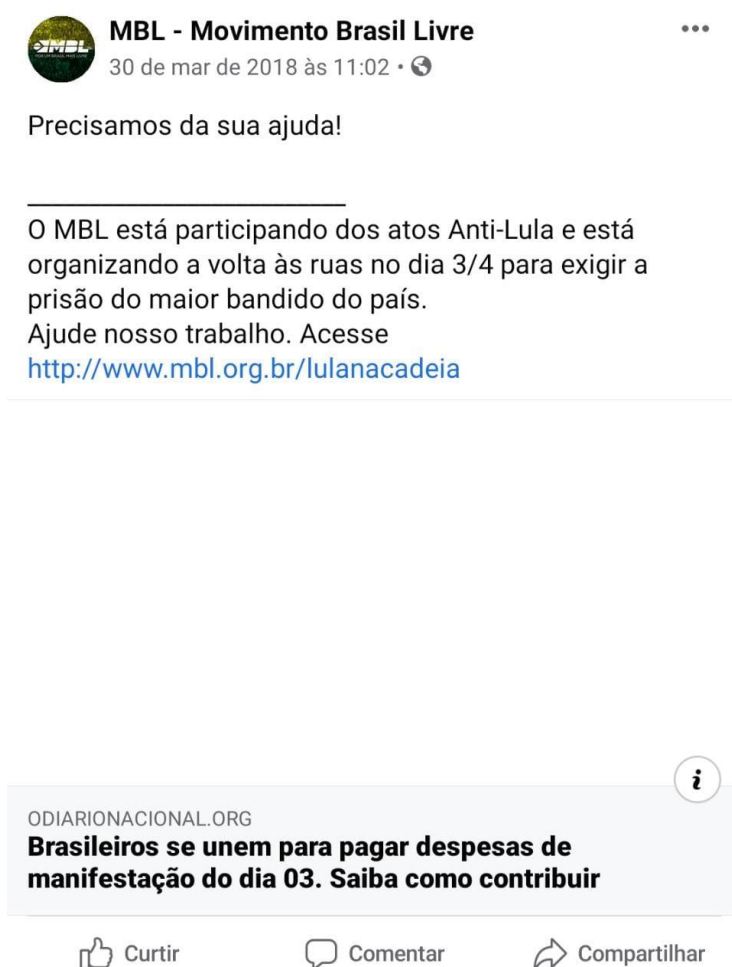


Fonte: Elaboração própria

As seis principais categorias da comunicação populista, em suas dimensões estilísticas e narrativas, operam como os principais nós de análise. No entanto, as unidades de análise podiam ser codificadas em mais de uma categoria. A codificação por variável *dummy* (sim ou não) permite que as categorias possam se sobrepor: o mesmo post pode ter conteúdo “antimídia” e “antagonistas externos”, por exemplo.

As figuras 6 e 7 exemplificam publicações do MBL e da Mídia Ninja que são codificadas em mais de uma categoria.

Figura 6 – Exemplo de post do MBL em que são mobilizadas as categorias de “apelo ao povo” e “antagonistas”. A publicação continha uma imagem que foi apagada



Fonte: Fanpage do MBL¹¹⁶

¹¹⁶ Fonte: . Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 7 – Exemplo de post Mídia Ninja em que são mobilizadas as categorias “Líder Popular” e “apelo ao povo”



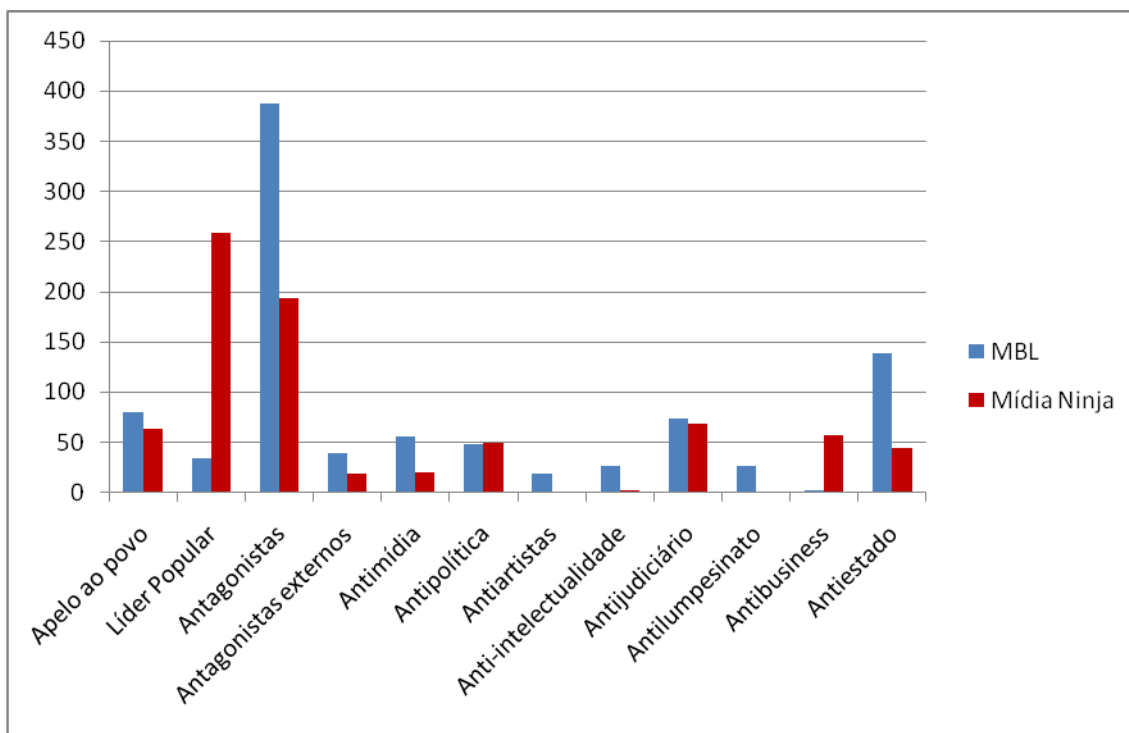
Fonte: Fanpage do Facebook da Mídia Ninja¹¹⁷

Das categorias analíticas à análise empírica

As Figuras 8 e 9 mostram a frequência das categorias analíticas da estrutura da comunicação populista de acordo com os 500 posts publicados pelas páginas do Facebook do MBL e da Mídia Ninja entre janeiro e julho de 2018. As figuras foram separadas por estrutura narrativa e estilo narrativo. Esta dimensão de análise permite-nos observar quais são as categorias de comunicação populista mais pronunciadas num determinado contexto, de modo a melhor compreender as narrativas que são construídas.

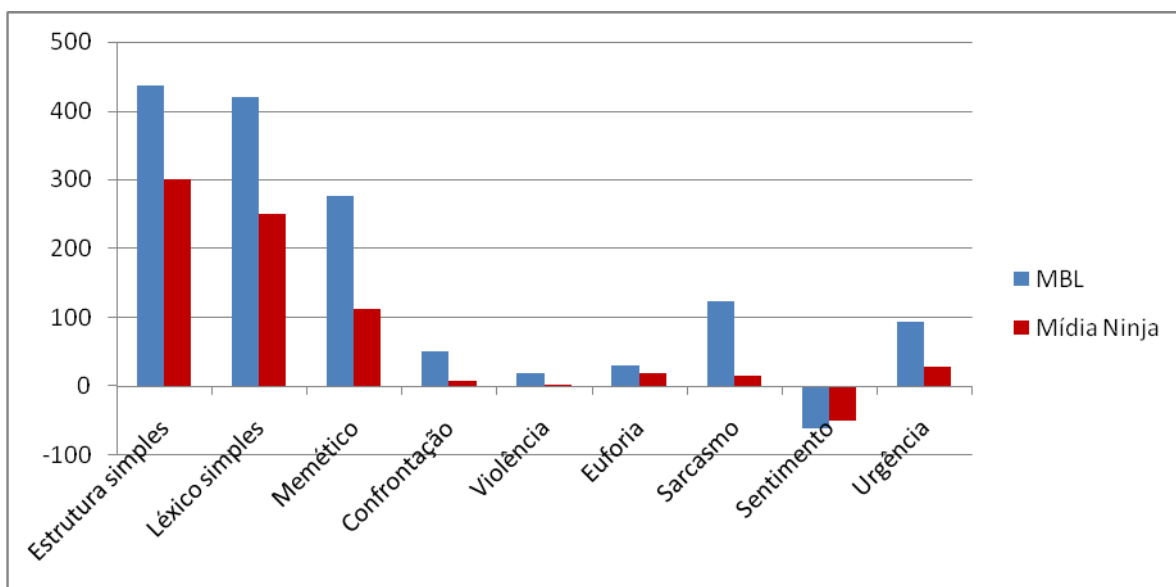
¹¹⁷ Fonte: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1121386734686137>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 8 – Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estrutura narrativa



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados das *fanpages* no Facebook do MBL e da Mídia Ninja

Figura 9 – Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estilo narrativo



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da *fanpage* no Facebook do MBL e da Mídia Ninja

Pela análise da frequência de categorias da comunicação populista, é possível perceber (pela figura 8) que, com exceção da categoria de Líder popular (o que já se mostrava

esperado), a Mídia Ninja utiliza muito menos as categorias da comunicação populista do que o MBL. Esses dados ressaltam, mais uma vez, que o MBL assimilou e dominou as categorias da comunicação populista de forma mais efetiva que a Mídia Ninja. Afinal além de utilizarem mais categorias, obtiveram engajamento médio muito mais considerável, como será visto logo à frente.

Além de utilizar de estrutura e léxico mais simples que a Mídia Ninja, o MBL move também com maior periodicidade a linguagem memética. A grande simplificação dos discursos e das mensagens (ver, por exemplo, ENGESESSER et al., 2017), como já debatido nessa dissertação, é algo bastante esperado pela literatura sobre populismo e comunicação populista. Nesse sentido, ambas as organizações empregam essas categorias da comunicação populista de forma intensa, ainda que o MBL utilize de maneira ainda mais acentuada. A organização conservadora também opera mais reiteradamente a linguagem memética, que está associada a uma proposta de grande simplificação das ideias. Os memes, como afirma Milner (apud CHAGAS, 2018, p. 25), frequentemente são aplicados como comentário político populista, e se relacionam intimamente com a ideia de sarcasmo – outra categoria também mais utilizada pelo MBL.

O gráfico de frequência demonstra resultados que se mostram em harmonia com os resultados que serão abordados nos modelos estatísticos, sobretudo a quase ausência da categoria “líder popular” na comunicação do MBL e sua constante presença na da Mídia Ninja. Esse dado é importante porque é algo que, a priori, contradiz o que seria esperado pela literatura. A presença de um líder popular (ver, por exemplo, LACLAU, 2005; TUYA, 2015, entre outros) é fundamental na encarnação da construção política de um povo mobilizado contra seus inimigos. O MBL, no entanto, apesar de ter lideranças e ter construído e eleito candidaturas políticas, nunca possuiu essa liderança carismática. A Mídia Ninja, de maneira oposta, mobiliza essa figura do líder popular de forma canônica em sua atuação no Facebook. Isso não significa, contudo, que a construção política de um líder carismático faça com que a Mídia Ninja adote uma abordagem clássica populista de viés unicamente personalista. Por exemplo, muitos populismos, ainda que constituídos de maneiras variadas, tinham como elemento chave a defesa pelo povo – nas ruas – de lideranças populistas. Isso não é uma característica substancial para os grupos populistas contemporâneos. Os (novos) movimentos populistas hoje conseguem mobilizar o povo dentro de casa pelas plataformas de mídias sociais. A Mídia Ninja, contudo, ao adotar o discurso da defesa da liderança carismática, inclusive convocando as pessoas a irem às ruas

em defesa de Lula, por exemplo, se aproxima nesse ponto com repertórios mais tradicionais do populismo.

A figura 9 confirma que, com exceção da categoria antipolítica (em que existe uma equivalência de frequência), o MBL se sobressai em todas as categorias do estilo narrativo. Igualmente na categoria Sentimento, que, quanto mais desfavorável, maior o nível de negativização – aspecto estruturante da comunicação populista.

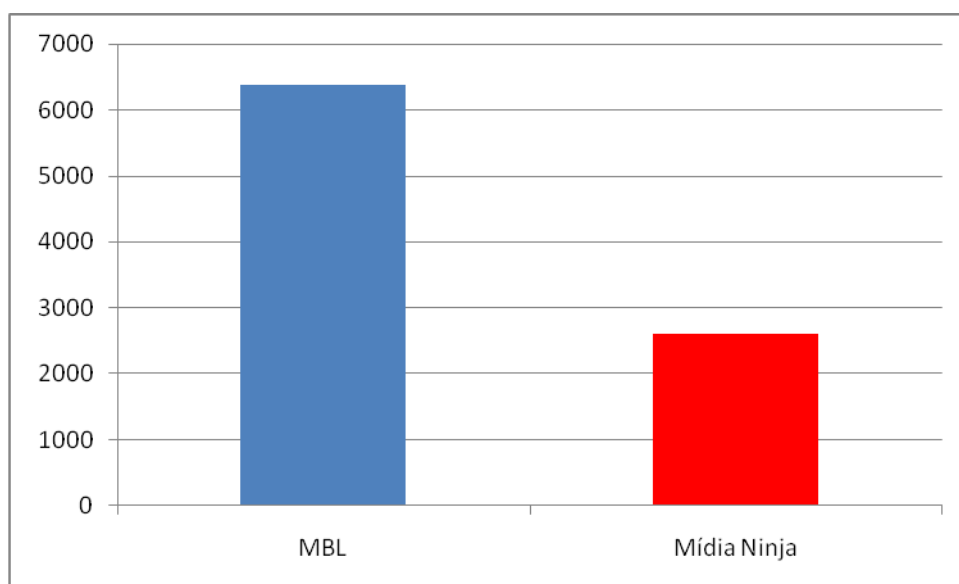
A partir da análise de conteúdo realizada, apliquei um teste de regressão linear para testar se haveria alguma correlação entre a presença dessas categorias em uma determinada publicação e o engajamento do público. É necessário lembrar que o engajamento, segundo o próprio Facebook, é constituído pela somatória de reações, comentários, compartilhamentos e cliques dados pelo público a cada postagem. A aplicação da regressão busca identificar quais as características relevantes para a variável “engajamento”. É importante ressaltar que no presente trabalho estou realizando uma correlação entre as variáveis e não verificando causalidade.

O modelo pode ser traduzido na seguinte fórmula:

$$Y = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \beta_0 \dots X_n$$

Y é igual ao Engajamento e β consiste nos pesos estimados de cada categoria X.

Figura 10 – Engajamento Médio das Publicações do MBL e Mídia Ninja



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook do MBL e da Mídia Ninja

Apesar de MBL e Mídia Ninja serem as principais organizações dos seus respectivos campos ideológicos no Facebook, o gráfico de engajamento médio indica que, de forma geral, as publicações do MBL geram muito mais engajamento das audiências. Isso pode significar que o MBL tem dominado com maior sofisticação as categorias da comunicação populista e que a questão ideológica pode se mostrar decisiva: houve no Brasil um casamento entre a comunicação populista e a direita radical.

Figura 11 – Saída aberta gerada pelo R com todas as variáveis da comunicação populista (MBL)

```
Deviance Residuals:
  Min       1Q   Median       3Q      Max
-15976   -4403   -2131     965   94320

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept)      2324.6     1478.9   1.572 0.116660
apelo_ao_povo     1624.5     1264.8   1.284 0.199628
lider_popular      55.0     1765.2   0.031 0.975155
antagonistas       509.5     1196.7   0.426 0.670469
antagonistas_externos -555.2     1675.2  -0.331 0.740462
antimidia         1915.9     1499.7   1.277 0.202052
antipolitica       967.3     1701.2   0.569 0.569914
antiartistas      -700.6     2359.2  -0.297 0.766628
anti_intelectualidade 214.8     2006.7   0.107 0.914796
antijudiciario     788.3     1406.7   0.560 0.575458
antilumpesinato  -1135.6     1973.2  -0.576 0.565215
antibusiness      -6151.9     7110.3  -0.865 0.387360
antiestado       -1323.9     1150.4  -1.151 0.250391
estrutura_simples  2281.7     1633.3   1.397 0.163072
lexico_simples    -246.9     1488.5  -0.166 0.868319
memetico          1566.3     1001.3   1.564 0.118403
confrontacao       984.7     1516.2   0.649 0.516355
violencia          9169.4     2356.2   3.892 0.000114 ***
euforia           1013.1     2113.1   0.479 0.631840
sarcasmo          2235.6     1136.0   1.968 0.049656 *
sentimento        -142.5     998.9   -0.143 0.886638
urgencia          -1181.6     1348.4  -0.876 0.381326
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 91575552)

Null deviance: 4.7572e+10 on 495 degrees of freedom
Residual deviance: 4.3407e+10 on 474 degrees of freedom
(4 observations deleted due to missingness)
AIC: 10524
```

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook do MBL

Na saída aberta gerada pela análise estatística R, quanto mais próximo o número for de 0 na coluna $\text{Pr}(>|t|)$ ¹¹⁸, maior a relevância da variável para explicar o engajamento. Os valores na coluna t-valor são obtidos dividindo a estimativa do coeficiente pelo erro padrão que está na coluna *Estimate*. Neste teste aplicado ao MBL, como podemos ver, os resultados mostram que as variáveis Violência (significativa em 0,01) e Sarcasmo (0,1) mostram correlação positiva com o engajamento. As categorias Estrutura simples e Memético também possuem uma correlação de Engajamento positiva e relevante. Elas são positivas pelo fato de o valor na coluna *Estimate* ser positivo. Quanto maior o valor dessas variáveis, maior o engajamento. Ademais, outro dado curioso é que o Sentimento negativo contribui positivamente para o engajamento nas publicações do MBL.

No entanto, o modelo completo com todas as variáveis perde um pouco de interpretabilidade dos coeficientes pelo fato de vários deles explicarem a mesma parte da informação. Isso gera um problema que em Estatística é conhecido como multicolinearidade¹¹⁹. Para ter um modelo que seja mais robusto, é necessário fazer uma seleção de variáveis em que somente permanecem as variáveis mais importantes para explicar o comportamento do Engajamento. O segundo modelo (ver Figura 12) apresenta as variáveis mais importantes. No caso do MBL, as variáveis antiestado, estrutura simples, memético, violência e sarcasmo foram as mais significativas.

¹¹⁸ Quanto menor o P-valor, mais significativa é a variável. Quanto maior o P-valor, menos relevância tem a variável.

¹¹⁹ A multicolinearidade se mostra um dos principais obstáculos na realização de regressões. Nessa situação, as variáveis independentes têm relações lineares quase exatas ou mesmo exatas. A instabilidade advém do fato dos erros-padrão serem elevados, causados pela multicolinearidade entre as variáveis explicativas do modelo. Nesse caso, o ideal é manter apenas as variáveis explicativas que foram significativas.

Figura 12 – Modelo com variáveis mais relevantes (MBL)

```

Deviance Residuals:
  Min       1Q   Median       3Q      Max
-16046   -4460   -2484     894   95806

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept)    2968.7     1216.1   2.441  0.0150 *
antiestado    -1437.9       978.0  -1.470  0.1421
estrutura_simples 2320.2     1427.8   1.625  0.1048
memetico       1602.5       958.2   1.672  0.0951 .
violencia      9956.2     2230.3   4.464 9.99e-06 ***
sarcasmo       2209.2     1006.5   2.195  0.0286 *
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 89788338)

Null deviance: 4.7572e+10 on 495 degrees of freedom
Residual deviance: 4.3996e+10 on 490 degrees of freedom
AIC: 10499

Number of Fisher Scoring iterations: 2

```

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook do MBL

Esse segundo modelo, quando comparado com a saída completa (figura 11), se mostra bem mais estável, pois aqui trabalhamos com cinco fontes de informação. O modelo, além de ser mais estável, também torna sua interpretabilidade bem mais consistente.

O segundo modelo confirma os achados da saída completa. As categorias da comunicação populista que mais geram engajamento no Facebook do MBL são, em ordem: Violência, Sarcasmo, Memético e Estrutura Simples. O dado interessante está no fato de o coeficiente antiestado gerar engajamento negativo. Isto é, quanto maior a presença dessa categoria da comunicação populista, menor o engajamento do público. A característica do Sarcasmo está intimamente relacionada com a linguagem memética e no caso do MBL faz sentido que produza apelo ao público. São publicações com enquadramento bastante simples. O MBL costuma utilizar esse tipo de linguagem como desqualificação dos seus antagonistas e o seu público parece responder bem a isso, endossando em muitas ocasiões as provocações. A variável Violência, apesar de não ser muito utilizada (ver Figura 9), gerou bastante engajamento.

O antagonismo é capital na comunicação populista (ENGESSER et al., 2017) porque se funda no antagonismo indispensável entre povo e inimigos. Como amplamente explorado na literatura, o populismo se constitui na edificação política de um povo contra seus inimigos (ver, por exemplo, LACLAU, 2005). O antagonismo, nesse sentido, é fundamental para definir as fronteiras que apartam o povo de seus oponentes. Temos o exemplo de diversos trabalhos que tratam do antipetismo como elemento identitário constitutivo da direita brasileira, do próprio debate político e força motriz das manifestações que tomaram as ruas do país entre 2013 e 2016 (BORGES; VIDIGAL, 2018; DE AZEVEDO, 2016; RIBEIRO; CARREIRÃO; BORBA, 2016; MOTTA, 2002; PINTO, 2017; TELLES, 2018), e de como a Mídia Ninja – e outras organizações de esquerda – foi concebida como parte desse establishment degenerado e corrupto, principalmente ao assumir publicamente um posicionamento pró-PT, diferentemente de outras organizações políticas de esquerda.

Nesse sentido, também é importante compreender a relação entre antagonismo e violência: o antagonismo demanda que o oponente seja compreendido como um verdadeiro inimigo – que necessita ser destruído (materialmente ou simbolicamente). É ampla a literatura que debate a centralidade da violência no discurso populista (BERLET, 1995; BOWMAN, 2005, LOWNDES, 2005, PANIZZA, 2005; RYDGREN, 2003), sobretudo a dimensão que o racismo ocupa no populismo de extrema-direita. Ademais, também é ampla a literatura que debate o local da violência no populismo penal (ver, por exemplo CHEVIGNY, 2003; GAZOTO, 2010; ELIAS; SILVA BORGES, 2019; MCCOY, 2017; MOUZO, 2012). Em um primeiro momento, pode parecer óbvio que a violência gera maior audiência e engajamento. Afinal, são diversos os estudos que indicam a relação entre violência e audiência na televisão brasileira, por exemplo (CARVALHO; FREIRE; VILAR, 2012; RONDELLI, 1996). A importância de se realizar um estudo comparado permite demonstrar, no entanto, que essa relação pode não operar sempre assim. Vejamos, por exemplo, a análise estatística da Mídia Ninja, apresentada nas figuras 13 e 14.

Figura 13 – Saída aberta gerada pelo R com o engajamento das variáveis da comunicação populista (Mídia Ninja)

```

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
 -5218  -1950  -1046    240   42010

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept)    1243.0     456.2   2.724  0.00668 **
apelo_ao_povo    282.5     626.0   0.451  0.65201
lider_popular   1366.0     472.6   2.890  0.00402 **
antagonistas     56.6     598.3   0.095  0.92466
antagonistas_externos -1254.5  1088.0  -1.153  0.24948
antimidia      -304.6    1073.7  -0.284  0.77675
antipolitica    433.3     763.7   0.567  0.57070
antiartistas   1544.8    6461.4   0.239  0.81115
anti_intelectualidade -2543.0  4421.3  -0.575  0.56544
antijudiciario  589.8     707.7   0.833  0.40509
antilumpesinato -438.3    4390.5  -0.100  0.92052
antibusiness    918.4     709.6   1.294  0.19622
antiestado    -859.0     759.8  -1.131  0.25883
estrutura_simples 503.1     558.6   0.901  0.36825
lexico_simples -288.5     537.3  -0.537  0.59155
memetico      1753.4     551.1   3.181  0.00156 **
confrontacao  -1785.9    1650.7  -1.082  0.27983
violencia     -715.4    3225.3  -0.222  0.82456
euforia       330.6    1122.6   0.295  0.76849
sarcasmo      585.6    1216.3   0.481  0.63044
sentimento   -237.1     443.5  -0.534  0.59326
urgencia     -990.0     901.7  -1.098  0.27281
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 18584014)

Null deviance: 9595325409  on 493  degrees of freedom
Residual deviance: 8771654806  on 472  degrees of freedom
AIC: 9693.9

Number of Fisher Scoring iterations: 2

```

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook da Mídia Ninja

No teste aplicado à Mídia Ninja, as variáveis Memético, Líder Popular e Apelo ao povo (todas significativas em 0,01) mostram o maior engajamento positivo com o engajamento. O público da Mídia Ninja teve reação parecida em relação à categoria Antiestado: mais uma vez, obteve engajamento negativo. A segunda leitura dos dados (somente com as variáveis mais importantes), no entanto, teve algumas mudanças.

Figura 14 – Modelo com variáveis mais relevantes (Mídia Ninja)

```

Deviance Residuals:
  Min       1Q   Median       3Q      Max
-4698   -1925   -1086       61   42011

Coefficients:
              Estimate Std. Error t value Pr(>|t|)
(Intercept)    1285.4      320.2   4.015 6.89e-05 ***
lider_popular  1522.1      399.3   3.812 0.000155 ***
antibusiness    982.7      621.6   1.581 0.114541
memetico       2051.2      464.7   4.414 1.25e-05 ***
confrontacao  -2301.0     1552.1  -1.482 0.138854
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 18227394)

Null deviance: 9595325409 on 493 degrees of freedom
Residual deviance: 8913195578 on 489 degrees of freedom
AIC: 9667.8

Number of Fisher Scoring iterations: 2

```

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage da Mídia Ninja

O teste do segundo modelo demonstra algumas diferenças. Além das categorias Líder Popular e Memético aparecerem como maiores geradoras de engajamento, também podemos verificar a importância das categorias de confrontação e antibusiness. Em ordem de importância, as categorias que mais geram engajamento são: Líder popular; Memético; Antibusiness e Confrontação.

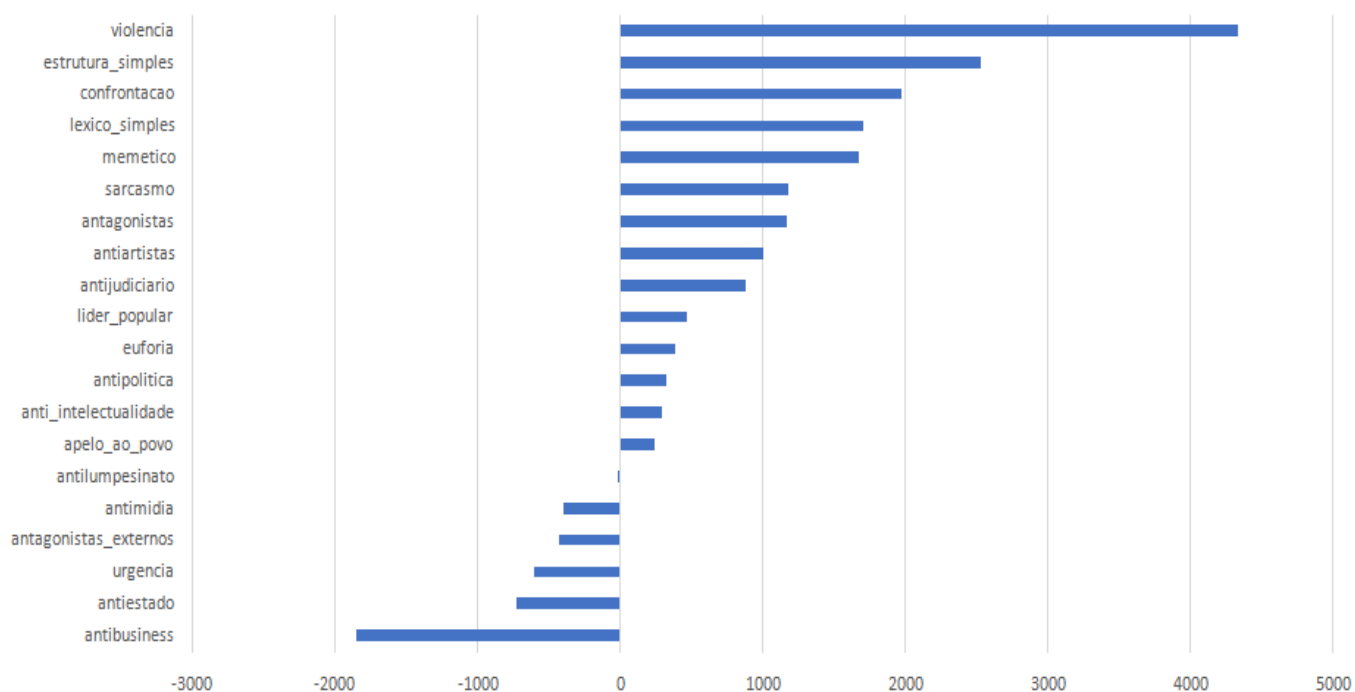
O engajamento da variável de Líder Popular no caso da Mídia Ninja expõe a importância da abordagem hermenêutica e a imersão nos níveis mais singulares dos significados. Adicionando a abrangência da dimensão de análise qualitativa dos dados, é possível compreender como o engajamento da variável se insere em um contexto mais amplo: o ex-presidente Lula é explicitamente concebido como a personificação da voz e da vontade do povo, sempre sendo considerado pelas publicações como o “maior presidente da história do Brasil”. O grupo tornou-se no primeiro semestre de 2018 praticamente um veículo oficial do lulismo, não apenas porque defendia sua candidatura à presidência, mas também porque fazia oposição à sua prisão. A página da Mídia Ninja cobria quase que diariamente o acampamento em frente à Polícia Federal em Curitiba, onde Lula esteve preso.

A categoria Memético indica grande engajamento do público da Mídia Ninja, o que pode significar alguns ensinamentos para a comunicação dos grupos de esquerda que estão presentes nas mídias sociais. Linguagem Memética gera mais envolvimento da audiência, que parece compartilhar mais conteúdos concebidos para viralização, com linguagem atraente, apelativa e bastante visual. Como veremos na análise de frequência, o MBL ainda utiliza esse tipo de característica da comunicação populista com muito mais assiduidade que a Mídia Ninja.

O fato de o discurso Antibusiness gerar engajamento do público da Mídia Ninja indica uma sintonia ideológica entre o grupo e sua audiência. A Mídia Ninja, apesar de não ter feito tantas publicações Antibusiness na amostra (foram 57 posts), condena veementemente os processos de privatização, o neoliberalismo e a hegemonia do mercado, sempre compreendido como uma instituição que age contra os interesses do povo. O MBL, pelo contrário, realizou somente duas publicações com conteúdo Antibusiness. Essas diferenças com relação ao que a literatura aponta como elementos importantes são sintomáticas da relevância em se olhar de forma cuidadosa para as diferenças ideológicas das organizações. A ideologia como chave explicativa para diferenças e alterações no repertório das organizações – que fogem das tradicionais abordagens da literatura sobre populismo. A importância de se considerar a orientação ideológica dos atores em suas práticas digitais também vai ao encontro do que von Bülow, Vilaça e Abelin (2017) argumentam.

Nos gráficos a seguir, utilizo as medianas do engajamento de cada categoria da comunicação populista para ilustrar melhor a diferença de engajamento por categoria. Como expõem Bussab e Morettin (2017, p. 35), a mediana é a execução que ocupa a posição central de uma sequência de observações quando ocupam uma ordem crescente. Por exemplo, se cinco observações de uma variável consistirem nos números 3, 4, 7, 8 e 8, a mediana é o valor 7 (BUSSAB; MORETTIN, 2017, p. 35). Nesse sentido, utilizo a mediana pelo fato de os dados possuírem valores discrepantes. A discrepância nada mais é do que um ponto fora da curva – números que divergem de forma profunda dos outros números agrupados. Na estatística, esses valores discrepantes são chamados de *outliers*. Ao utilizar a mediana, o modelo não é influenciado por esses valores discrepantes. Nesse sentido, a mediana se mostra mais robusta do que a média.

Figura 15 – Diferença da mediana, por categorias de análise (MBL)



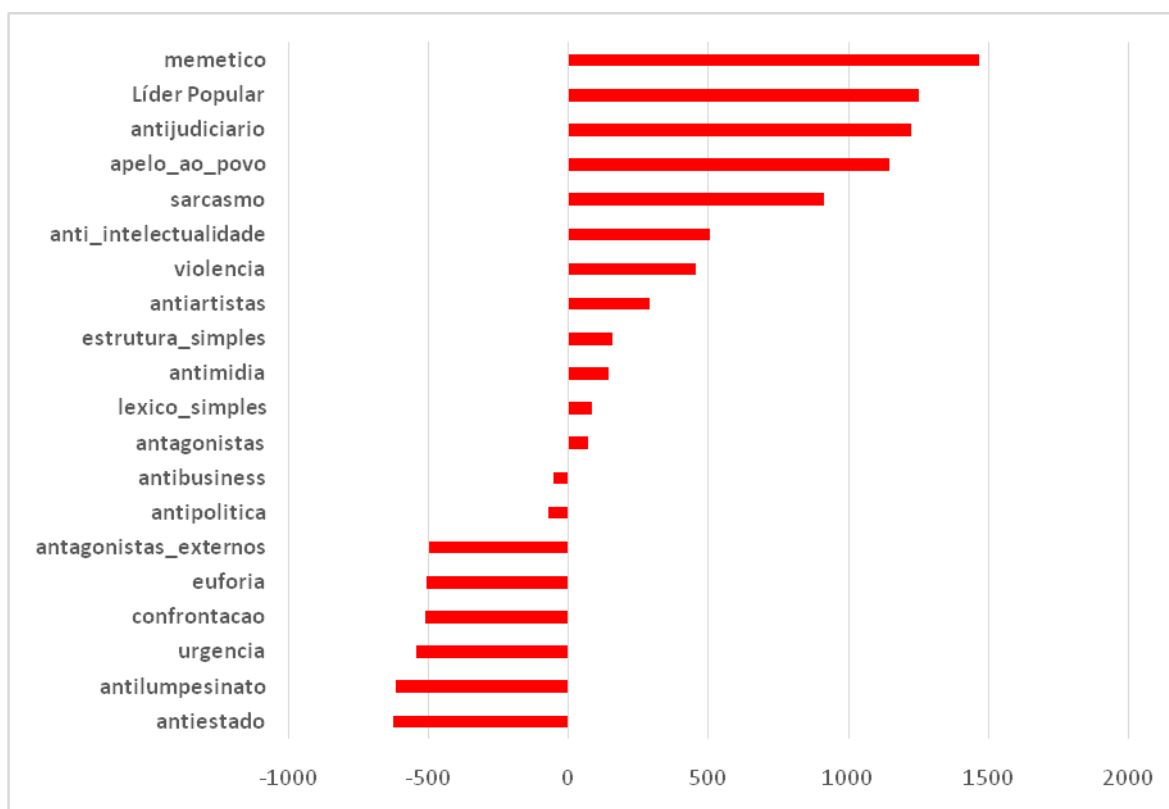
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook do MBL

O gráfico da figura 15 indica a mediana de engajamento das categorias para explicar o engajamento na página do MBL no Facebook. No caso do MBL, nota-se que uma linguagem e estrutura simples, muitas vezes sarcástica, apelativa e extremamente visual, também pode funcionar juntamente com uma estratégia de publicações memética. Apesar de a confrontação produzir apelo considerável, é notável perceber como a violência é disparadamente a variável que mais mobiliza o engajamento do público. Isso não é de se espantar tendo em vista as diversas pesquisas que demonstram como as plataformas de mídias sociais tornaram-se instrumentos de ampla reverberação de violência e discursos de ódio (ver, entre outros, ALAVA; GHAYDA, 2017; BEN-DAVID; FERNÁNDEZ, 2016 MÜLLER; SCHWARZ, 2019; OLTEANU *et al.* 2018; RECUERO, 2015; ROTHENBURG; STROPPA, 2015; STEIN, NODARI, SALVAGNI, 2018; TRIPATHI, 2017).

É importante notar que esses resultados corroboram o que Santiago et al. (2019) concluem sobre a natureza da conversa nas mídias sociais. Ao estudar a disputa sobre o significado do afastamento da ex-presidente brasileira Dilma Rousseff do cargo no Twitter, os autores observaram que a conversação política naquela plataforma favorece o humor, a ironia, o sarcasmo e os memes.

As categorias Antimídia, Antagonistas Externos, Urgência, Antiestado e Antibusiness obtiveram engajamento negativo. A princípio, era esperado um engajamento maior na categoria Antimídia, tendo em vista o que é estabelecido pela própria literatura sobre comunicação populista (por exemplo, ENGESSER et al, 2017) sobre a característica antissistêmica das organizações e a importância da relação com a mídia – e sua progressiva tensão – para os populistas (KRÄMER, 2014; MAZZOLENI, 2003). No entanto, aparentemente as críticas que o MBL realiza ao establishment midiático, sobretudo à Rede Globo e à Folha de São Paulo – tidas pelo MBL como veículos de esquerda – não estão produzindo tanto engajamento em seu público quanto outros temas. Isso é algo a ser destacado tendo em vista que boa parte da literatura ressalta como grupos populistas de direita elegem a mídia tradicional como inimiga e difusora de “fake news” (ENGESSER et al, 2017, JAGERS; WALLGRAVE, 2007; MOUNK, 2018, entre outros). Da mesma maneira, também se esperava que fosse produzido maior engajamento na categoria Antagonistas Externos. É extensa a literatura que demonstra como o populismo de direita (ver, entre outros, DURRHEIM, et al., 2018; MALONE, 2014; RYDGREN, 2003; VIETEN, 2016 e a comunicação populista (KRZYŻANOWSKI, 2020) podem mobilizar discursos xenofóbicos.

Figura 16 – Diferença da mediana, por categorias de análise (Mídia Ninja)



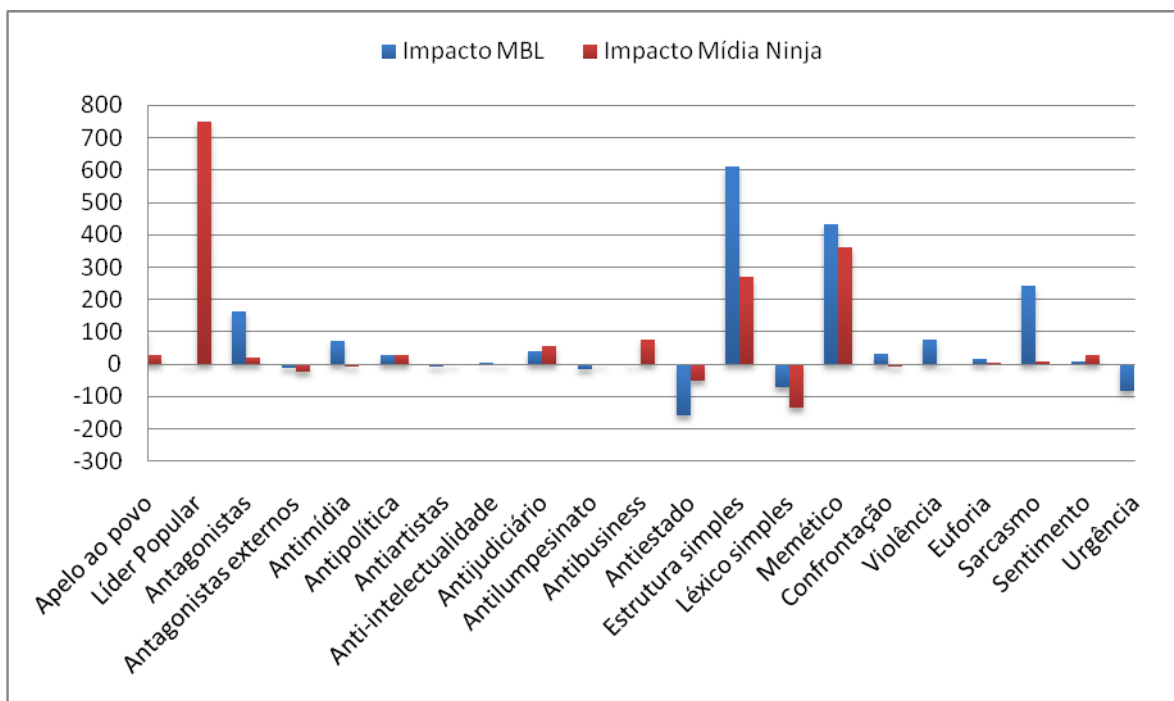
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook da Mídia Ninja

Como já debatido, no caso das publicações da Mídia Ninja, a categoria Líder Popular gera grande engajamento, principalmente devido à figura e à abordagem – quase messiânica – de Luiz Inácio Lula da Silva para a Mídia Ninja. Outra importante categoria da comunicação populista mobilizada pela Mídia Ninja e que gerou bastante engajamento é Apelo ao povo. A análise de conteúdo permite ver que o grupo costuma apelar bastante para a noção de povo como elemento constitutivo e soberano da democracia. No entanto, diferente do MBL, a Mídia Ninja utiliza essa noção de maneira mais vaga. Isto é, ainda que a categoria de povo exija a exclusão de quem não está dentro dessa concepção, a Mídia Ninja utiliza palavras como “povo” e “brasileiros” de forma mais genérica, enquanto o MBL constrói a ideia de povo como “patriotas”, “pagadores de impostos”, “brasileiros de bem”, em oposição à esquerda – que não se enquadra na categoria de povo. A contingência na concepção de povo do MBL é bastante cristalina, segundo a análise de conteúdo. Na sua articulação e construção de povo como fonte legítima e definitiva do poder, a Mídia Ninja não costuma explicitar quais segmentos da sociedade estariam excluídos da concepção de povo. Afinal, o populismo exige a construção política de um povo que representa a si próprio como totalidade, e é esperado que parcelas da população objetivem hegemonizar seus conteúdos.

O engajamento da categoria de Anti-intelectualidade, embora considerável, é de uma categoria que, como veremos logo abaixo, é irrelevante para a Mídia Ninja. Foram somente duas publicações em que a Mídia Ninja critica o elitismo acadêmico e intelectual de parte da esquerda brasileira, que teria dificuldades em dialogar com os movimentos de base. Como o gráfico de frequência demonstrará, essa é uma categoria muito mais importante para o MBL. A organização conservadora costuma criticar as universidades e os professores, dominados por uma suposta hegemonia marxista e que realizariam uma covarde doutrinação sobre as crianças e estudantes. Ademais, os discursos do movimento costumam criticar as bolhas cultural e intelectual de esquerda, as quais chama de “esquerda Leblon” e “esquerda Baixo Augusta”, regiões do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. O discurso, com profundo viés irônico, critica a esquerda que usufrui de uma vida de conforto e consumo, incompatível com a sua ideologia. Algo parecido com o que se convencionou a chamar de “Esquerda Caviar”, que o economista ultraconservador Rodrigo Constantino popularizou no Brasil com o livro *Esquerda Caviar: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo* (2013). O MBL também utiliza o

termo “Esquerda Caviar” com bastante frequência em seus posts. É o que Morelock e Narita (2019, p. 68) descrevem como sintoma do fenômeno em que populismo e autoritarismo se encontram: a recusa à racionalidade e da intelectualidade em defesa de um autêntico senso comum das pessoas comuns.

Figura 17 – Resultado da variação do impacto das publicações do MBL e Mídia Ninja, por categoria



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da fanpage no Facebook do MBL e Mídia Ninja

Para uma análise mais aprofundada dos dados, foi escolhido medir o que chamamos de impacto. Ele analisa um cruzamento de dados entre o número de publicações e o engajamento de cada uma das variáveis da comunicação populista. Isto é, para medir o impacto, foi necessário cruzar o número de publicações com os pesos estimados de cada categoria. Nesse sentido, o impacto é uma maneira mais efetiva de se verificar o engajamento gerado por uma publicação. Quando olhamos os dois dados juntos, podemos perceber como é o impacto de cada variável das publicações das respectivas organizações. Nesse sentido, o impacto consiste no maior engajamento, e não no maior número de postagens. Um determinado nó pode conter um número alto de publicações, mas isso não garante o engajamento do público.

Por exemplo, a variável Líder Popular é a que causa maior impacto no público da Mídia Ninja. São mais de 700 pontos de impacto. O número de publicações codificadas na

categoria Líder Popular é relativamente alto, mas o engajamento se mostra ainda maior. Isso significa que o público da Mídia Ninja se atrai mais por publicações relacionadas à variável Líder Popular, mais especificamente às publicações que fazem menção ao ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva.

A figura 17 nos permite perceber que, apesar das diferenças ideológicas e também de terem mobilizado as variáveis da comunicação populista em diferentes graus, o impacto gerado por MBL e Mídia Ninja em suas audiências possuem algumas semelhanças. O impacto das variáveis “estrutura simples” e também “memético” no engajamento é grande (apesar da audiência do MBL ser impactada de maneira significativamente maior), revelando afinidades do modo de interação dos públicos de ambas as organizações, ainda que eles se encontrem em opostos ideológicos. Da mesma maneira, a variável “antijudiciário” também resulta em impacto semelhante entre as duas audiências. Nesse caso, o que pode parecer surpreendente – levando-se em conta a natureza antissistêmica do MBL – o impacto no público da Mídia Ninja é maior. Mais uma vez, esse dado parece estar relacionado ao ex-presidente Lula. Como já tratado na presente dissertação, a organização de esquerda fez ampla campanha contra a prisão de Lula, considerando-a extremamente política e injusta. Nessa linha, realizaram uma série de ataques ao juiz Sérgio Moro (responsável, enquanto juiz da 13ª Vara Federal de Curitiba, pela condenação de Lula e posteriormente Ministro da Justiça do Presidente Bolsonaro) e ao Supremo Tribunal Federal, que passou a autorizar a prisão de condenados em segunda instância¹²⁰, entendimento que resultou na prisão, em regime fechado por 12 anos, de Lula. Posteriormente, o STF reavaliou a decisão¹²¹, e Lula foi solto. O público da Mídia Ninja também parece endossar uma retórica antijudiciária.

Na maioria dos casos, as publicações do MBL geram mais engajamento do seu público do que no caso da Mídia Ninja. No entanto, esse não é o caso da variável antibusiness, por exemplo. O que parece ser esperado, tendo em vista que o MBL pouco faz críticas à elite econômica, e, quando o faz, a associa ao funcionalismo público. Diferentemente da Mídia Ninja, que costuma criticar a elite econômica empresarial e sua vocação para atacar os direitos da classe trabalhadora.

¹²⁰ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1740474-maioria-do-stf-vota-a-favor-de-prisao-apos-decisao-de-segunda-instancia.shtml>. Acesso em: 06 abril 2019.

¹²¹ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/ao-vivo/stf-julgamento-prisao-de-condenados-segunda-instancia.ghtml>; <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/08/entenda-a-decisao-do-supremo-que-derrubou-prisao-apos-condenacao-em-segunda-instancia.ghtml>. Acesso: 07 ago. 2020.

Pelos dados do presente trabalho, a análise permite entender se os atores utilizaram as categorias da comunicação populista e *como* é o seu impacto em termos de engajamento, em um determinado contexto. Ainda que tenhamos analisado as duas principais organizações da direita e da esquerda brasileira no Facebook, são apenas *duas* organizações. Não é possível, portanto, inferir por esse trabalho que a direita brasileira aderiu em maior grau às características da comunicação populista do que a esquerda. Esta é uma hipótese que pode ser confirmada em pesquisas futuras – a partir do framework de análise construído na presente dissertação. Os achados de Dias (2017), que estudou o MBL e outras organizações no mesmo campo ideológico – Movimento Endireita Brasil, Nas Ruas, Revoltados ON LINE e Vem Pra Rua Brasil – sobre como essas organizações edificaram enquadramentos de ação coletiva durante a derrubada de Dilma Rousseff, amparam a acreditar que a direita brasileira não somente mobilizou uma comunicação populista, mas também que esta pode ser parte da explicação do seu sucesso na arena virtual e política.

Além disso, a análise de conteúdo indicou uma consideração que pode não agradar a Mídia Ninja e muito menos o MBL: a Mídia Ninja possui um projeto de sociedade muito mais liberal que o MBL. Isto é, com a defesa de uma perspectiva procedimental de democracia e o respeito às instituições políticas (sobretudo na crítica à prisão de Lula) do que o MBL. É importante ressaltar que utilizo a palavra “liberal” sem nenhuma carga valorativa. Por outro lado, a Mídia Ninja não apresenta nenhum projeto de democracia radical – nos termos apresentados por Mouffe e Laclau, por exemplo – ou mesmo socialista de sociedade. Grande parte de seu discurso é pautada na defesa da separação dos poderes (denúncia da judicialização da política) e no respeito ao voto (muito presente no discurso contra a derrubada da ex-Presidente Dilma Rousseff). Ao advogar por uma política, por exemplo, de maior representatividade de ocupação dos espaços de poder políticos e econômicos, e pautar a desigualdade social como um problema para a democracia, a Mídia Ninja se aproxima bastante das plataformas defendidas pelos liberais progressistas – que reconhecem a desigualdade socioeconômica como um problema para a democracia. A Mídia Ninja também flerta em alguns momentos com uma espécie de representatividade de mercado ao defender que o livre mercado incorpore a diversidade identitária. O fato de a Mídia Ninja ter um projeto liberal e enfrentar muito menos as instituições pode indicar o porquê de o grupo, e parte da esquerda brasileira, utilizarem menos a comunicação populista.

Figura 18 – Publicação da Mídia Ninja exaltando a hegemonia feminina no Fórum Econômico Mundial¹²²



Descrição da publicação: VAI TER MULHER NA ECONOMIA, SIM – O Fórum Econômico Mundial, importante encontro que reúne atualmente figuras-chave da economia mundial, será presidido em 2018 por mulheres. O encontro vinha sendo criticado pela falta de representatividade feminina, que foi de 20% este ano. Esse fato está relacionado a falta de mulheres em posições de comando no mundo, e mesmo com o forte viés liberal do Fórum, é um importante avanço no papel da mulher no planeta e na economia mundial.

A publicação apresentada na Figura 18 foi excluída por ter ocasionado profundas críticas e debates na fanpage da Mídia Ninja. A *fanpage* afirma que “[...] mesmo com o forte viés liberal do Fórum, é um importante avanço no papel da mulher no planeta e na economia mundial”. O Fórum Econômico Mundial é um espaço de reprodução de hegemonia de governança neoliberal (SANTOS, 2005) e a Mídia Ninja foi acusada de reproduzir um discurso pró-representatividade de forma extremamente acrítica. O post descrito na figura

¹²² A imagem pode ser encontrada na página oficial do PCO. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/acervo/blog/2017/11/19/se-auschwitz-fosse-administrado-por-mulheres-midia-ninja-apoiaria/#.XuOrt0VKjIU>. Acesso em: 06 abril 2020.

acima se aproxima bastante do que Nancy Fraser chama de “neoliberalismo progressista”. Devido a essa situação, a Mídia Ninja excluiu a publicação, que não pode mais ser encontrada em sua fanpage.

A análise proposta a partir dos casos do MBL e da Mídia Ninja não se esgota nesses casos em particular. Como argumento, é fundamental não olhar para cada caso como um fenômeno isolado, mas como parte de um amplo conjunto de respostas locais à crise da democracia liberal. Como afirma Mendonça (WEBINAR, 2020), o interesse sobre o tema do populismo é um interesse teórico, mas ele nunca está dissociado de uma associação prática – por isso o quadro analítico se mostra importante. O mundo convive com experiências populistas e não há como pensar a democracia ignorando as experiências populistas. (WEBINAR, 2020)

Considerações Finais

O presente trabalho debateu como a questão ideológica impacta nas práticas digitais das organizações e dos ativistas e como uma abordagem metodológica que contemple essas diferenças ideológicas se mostra necessária. Assim como a comunicação populista é um *continuum*, a ideologia também pode ser concebida como um *continuum* de ações no tempo, em mediação entre vários grupos. A ideologia não é dada a priori, mas fruto da contingência. Isso está relacionado com o aprendizado das organizações nas redes: os grupos mudam ao longo do tempo em direção a determinado aspecto/valor de acordo com o cenário político (o MBL, por exemplo, passou a afirmar estar fazendo oposição ao governo Bolsonaro¹²³), mas também de acordo com o engajamento e a forma como o público responde às publicações. Ademais, conceber a comunicação populista dessa maneira é compreender que as organizações políticas irão utilizar a comunicação populista de forma corrente, porém em graus distintos. Ao transformar categorias teóricas em analíticas e oferecer um quadro analítico, será permitido averiguar e comparar a comunicação populistas nos mais distintos atores, com a possibilidade da utilização de uma análise automatizada por algoritmos. Futuramente, o quadro de análise da comunicação populista poderá comparar organizações de diferentes países. Essa busca de correlação entre as categorias analíticas de nosso quadro de trabalho e os números de engajamento nos posts do Facebook é um exemplo de estudos quantitativos que poderiam ser conduzidos para entender como um público específico pode reagir a alguma mudança no estilo de comunicação.

Em primeiro lugar, pude compreender como a direita radical vem intervindo nas mídias sociais e na conversação política, e, sobretudo, mobilizando a comunicação populista. Parte das organizações de esquerda pouco mobilizam – seja porque não querem ou porque não conseguem – uma comunicação populista por se associarem demais ao establishment político. No caso da Mídia Ninja, isso é um grande paradoxo: por qual motivo uma organização, nascida em meio às manifestações de esquerda contra o aumento das passagens que veio a cobrir toda a chamada “Jornadas de Junho”¹²⁴, se associaria ao establishment político? A hipótese defendida nesse trabalho é a que a Mídia Ninja, por

¹²³ Fonte: <https://epoca.globo.com/brasil/rivalidade-entre-mbl-bolsonaristas-se-intensifica-com-ataques-ao-presidente-24476746>. Acesso em: 16 jun 2020.

¹²⁴ Para ler mais sobre as “Jornadas de Junho”, recomendo a leitura de *Dimensões democráticas nas Jornadas de Junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013*, de Mendonça (2018) e *A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)*, de Regina Jardim Pinto (2017).

assumir seu posicionamento petista, quase como um veículo oficial do Partido dos Trabalhadores e voz do lulismo, acabou por se associar ao establishment. Ademais, como se criou a noção nas manifestações de direita de que o establishment era dominado pelo PT, o discurso antiestablishment no Brasil tornou-se sinônimo de antipetismo. A Mídia Ninja, ao se associar a esse establishment, parece não ter conseguido mobilizar todos os afetos – como a raiva e o ressentimento – contra o establishment político, ao contrário da direita radical, que desenvolveu narrativas profundamente atrativas e conseguiu instrumentalizar a fúria das pessoas. Isso é sintomático de como a esquerda brasileira demonstra dificuldade em confrontar as instituições. Enquanto a Mídia Ninja em diversas ocasiões se preocupou em defender os legados do lulismo ou mesmo lembrar uma suposta época de bonança governada pelo PT, o MBL e outras organizações da direita radical não tiveram constrangimento algum em assumir um agressivo posicionamento antissistêmico.

Em segundo lugar, este trabalho procurou debater e articular bases teóricas e dados empíricos da relação entre as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e a comunicação populista, tendo como pano de fundo as discussões sobre a crise da democracia. A análise de como diferentes organizações – ideologicamente opostas – mobilizam as características da comunicação populista mostra que o maior engajamento de audiências parece estar intimamente associado ao estilo de comunicação populista.

A linguagem memética se mostrou uma variável da comunicação populista que possui apelo em ambos os públicos (MBL e Mídia Ninja). Além de se mostrar umas das principais variáveis da comunicação populista – tendo em vista o seu apelo – isso pode apontar para uma tendência cada vez maior das organizações mobilizarem essa variável dentro da comunicação populista. Afinal, como discutido, em um ambiente em que a conversação política fomenta o humor e a ironia, os memes tendem a ganhar mais espaço e podem representar um aprendizado para grupos de esquerda que possuem presença nas mídias sociais e tentam prezar por uma suposta maior sofisticação textual. A audiência não parece se cativar com o que ficou conhecido nas mídias sociais como “textão”¹²⁵. Os textões possuem a “reflexão” como fio condutor, o que os aproxima de uma espécie de dissertação e ao mesmo tempo abordam temas e conteúdos que se esgotam (GOULARTE, 2017, p. 21). Os dados analisados nesse trabalho indicam que essa forma de publicação não gera

¹²⁵ Flores e Cervo (2017, p. 2) definem o termo “textão” como “[...] longos textos que são ‘postados’ em Redes Sociais sobre os mais diversos temas e assuntos. Podem, muitas vezes, defender uma opinião, agradecer uma etapa conquistada, criticar alguma conduta ou ser utilizado como um diário on-line”.

engajamento satisfatório – contínuo, intenso – do público. No entanto, os dados indicam que a Mídia Ninja, assim como o MBL, priorizou uma linguagem com estrutura simples, o que pode sinalizar uma nova perspectiva de comunicação populistas em grupos de esquerda em mídias sociais. Ainda que tenha se argumentado que a Mídia Ninja se associou demasiadamente ao establishment político, é interessante notar que o grupo mobilizou a variável antijudiciário, que pertence a categoria antiestablishment, de forma parecida com o MBL. É possível argumentar que a organização de esquerda, ainda que tenha sido vinculada ao establishment político, instigou sua base contra a atuação do judiciário. A comunicação populista do grupo demonstra elementos antisistêmicos que não podem ser desconsiderados.

É importante ressaltar, contudo, as restrições do presente trabalho. O número de 1.000 publicações analisadas se mostra limitado, assim como o período de seis meses. Essas limitações impedem que o trabalho faça generalizações, como também impedem que acompanhem o aprendizado das organizações ao longo do tempo, que poderia ser analisado fazendo uma comparação entre as próprias organizações em momentos distintos. Seria interessante, por exemplo, comparar publicações da Mídia Ninja em 2018 com publicações da organização em anos não eleitorais.

A extrema-direita aparenta estar mobilizando com muito mais sucesso o estilo de comunicação populista, o que pode nos ajudar a explicar seus recentes avanços no campo político, seu grande domínio na arena virtual e, principalmente, a ascensão do populismo de direita no Brasil. O MBL, por exemplo, ao defender uma agenda ultraliberal de reformas econômicas juntamente a um programa de austeridade econômica, revela-se um exemplo de um grupo neopopulista que se utiliza da comunicação populista. Defendo que o populismo se configura como uma reação à crise da democracia liberal – e não como sua respectiva causa, porque acredito que o aumento da desigualdade social precede o agravamento do descrédito das instituições perante a população. O aumento da desilusão popular com as falsas promessas do Estado gera grande diligência para a representação popular e para a redução do Estado. Há um aumento da percepção da injustiça e da desigualdade promovida pelo Estado, que promove uma política de transferência de renda, ao contrário – dos pobres para os ricos – resultado de uma influência cada vez menos mediada entre o capital financeiro e as decisões políticas. As redes sociais e as TICs operam um papel chave neste processo, reconfigurando as relações de gatekeeping, criando novas oportunidades para desafiar a hegemonia (ABELIN; GOBBI, 2019, p. 23).

Para Laclau e Mouffe, a construção da hegemonia política significa uma crítica radical do problema de identidade, na medida em que condensaria inequivocamente as diferentes formas de particularismo. Neste sentido, as definições de identidade devem necessariamente superar perspectivas substantivas, privilegiando concepções marcadas pela multiplicidade e fluidez (BIRMAN, 2018, p. 33). Os autores partem do pressuposto de que o marxismo é incapaz de compreender a complexidade das sociedades e, sobretudo, as formas multifacetadas em que a formação da subjetividade opera nas relações sociais. Como argumentam Mendonça e Rodrigues (2014, p. 48), para Laclau, o marxismo estava ligado a uma concepção essencialista da sociedade, baseada na lógica reducionista das relações sociais restritas ao capital versus antagonismo laboral. Entretanto, o que o autor pós-marxista argumenta é que existe um espectro social complexo formado por várias identidades construídas a partir de relações discursivas antagônicas diferentes dos antagonismos de classe (BIRMAN, 2018, p. 48).

A política emancipatória exige a criação de novos sujeitos políticos, pois é impossível criar uma nova estrutura política sem novos sujeitos. Para isso, é importante reconhecer que qualquer compreensão da identidade política concebida por atributos pré-definidos que cria um “outro” não estará à altura da tarefa de disputar a hegemonia. As contribuições de Laclau e Mouffe são fundamentais para entender a identidade como algo fluído e edificado a partir do discurso e articulação de demandas e experiências políticas dos sujeitos. Projetos políticos que visam estabelecer agendas de democracias pluralistas e radicais não serão capazes de abraçar a complexidade do social se conceberem indivíduos e suas identidades de forma estática e universal. É necessário reconhecer a multiplicidade de experiências subjetivas para alcançar a emancipação.

Assim como afirma Fukuyama (2018), as democracias liberais fracassaram em estabelecer critérios mínimos de reconhecimento da dignidade de suas populações; o sucesso de lideranças populistas também está na forma como mobilizam a “política do ressentimento”. As frustrações e inseguranças populares que geram populistas de esquerda e de direita possuem as mesmas razões materiais e libidinais. Os populistas, nesse sentido, conseguem instrumentalizar essa prosa libidinal da população e sua constante busca por reconhecimento que, como demonstra Žižek (2017), são muito mais sedutoras do que os discursos ponderados e tecnicistas. Como foi profundamente discutido no presente trabalho, acredito que o individualismo metodológico, principalmente a teoria da escolha racional, é profundamente limitado para explicar a ascensão do populismo e a crise da democracia.

O que propus nesse trabalho, em terceiro lugar, foi também um debate teórico sobre o significado do populismo, um conceito profundamente polissêmico que não possui consenso dentro da academia. Dentro dessas disputas, existe um problema significativo que é o do colonialismo epistêmico no debate sobre o populismo, em que o norte global aplica conceitos e visões a partir de noções específicas e vivências também específicas da democracia liberal, o que impacta significativamente na defesa ou não de um projeto populista. Essa hegemonia epistêmica é restrita e colonizadora para o fenômeno do populismo. Quando se tem a democracia liberal como horizonte supremo, qualquer noção que pareça uma ameaça ou oposição a esse modelo é concebida como antagonista e algo que precisa ser combatido.

Quando o próprio Laclau argumenta que as intervenções políticas são em alguma medida populistas, uma das grandes preocupações deve ser entender até que ponto elas são desestruturantes da democracia. No entanto, a crise de legitimidade da democracia liberal é inerente à democracia liberal, e não somente externa. Os autores que defendem que devemos excluir o populismo do debate (como uma forma de expurgo) propõem uma saída que não possui a capacidade, em si, de solucionar a crise da democracia liberal, tendo em vista que os problemas são igualmente internos e estruturantes do modelo. Essa visão colonizou o debate acadêmico e faz com que não consigamos encontrar saídas para a crise, e, sobretudo, não consigamos desenvolver narrativas sedutoras o suficiente para canalizar toda essa frustração que a extrema-direita conseguiu canalizar.

Ademais, quando consideramos que a falha do outro em entender e separar o que é verdade do que não é, isto é, se acreditamos que é por irracionalidade do outro que chegamos ao momento ao qual chegamos, estamos criando uma impossibilidade de realização da própria democracia liberal. Afinal, ou há a democracia liberal que coloca a racionalidade como forma suprema de abordar e compreender a realidade, uma racionalidade epistemológica muitas vezes positivista que molda nossa forma de vida e sociedade, ou há um grande paradoxo com a democracia liberal, pois não raro argumenta-se que os sujeitos seriam incapazes de tomar decisões da democracia e de discernir o que é verdade do que é falso. É uma tese, que, além disso, flerta com o elitismo. Abordagens sobre o populismo – e suas relações com as TICs – que partam desse pressuposto tendem a falhar. Se as pessoas estão encontrando narrativas que proporcionam vazão a esse ódio e ressentimento, precisamos compreender porque elas aderiram essas narrativas. Afinal, as pessoas podem estar utilizando retóricas, epistemologias e formas de abraçar o mundo de maneira diferente da

racionalidade da democracia liberal, como a visão religiosa, por exemplo. É uma visão que é contraposta, por exemplo, à da racionalidade produzida na universidade, fundamental no elemento anti-intelectual da comunicação populista. O desamparo, como discutido no presente trabalho, pode ser libertador porque proporciona conforto e por se basear no dogma. A saída apresentada pelo pós-marxismo em relação à crise da democracia liberal, sobretudo o assumido por Laclau e sua escola, é uma saída da periferia do capitalismo. É uma visão epistêmica do pós-marxismo, que entende o populismo de esquerda como solução, que não parte de uma visão do “homem branco” dentro das democracias liberais do norte.

No entanto, mesmo que adotemos a democracia liberal como horizonte normativo, é preciso entender que o antagonismo continuará existindo. E excluir a exclusão, nesse sentido, é aceitar a exclusão. São esses paradoxos que o pós-marxismo e a teoria do discurso de Laclau e Chantal Mouffe questionam: a democracia liberal e suas instituições, dominadas pelas elites, favorecem os atores mais poderosos, que possuem mais capacidade de mobilizar recursos e construir hegemonia. Uma das grandes contribuições desse trabalho, do ponto de vista da epistemologia pós-marxista, é permitir enxergar esses problemas inerentes da democracia liberal, que são questões que a perspectiva *mainstream* epistemológica da Ciência Política não costuma debater. Se adotarmos esse posicionamento epistêmico convencional, não será possível “solucionar” o problema da crise da democracia e do populismo, ao assumirmos que ele é um problema em si.

A democracia tem se tornado cada vez mais complexa, e nesse sentido, como argumenta Rosanvallon, as instituições políticas – que vão muito além do governo eleito – também necessitam ser estabelecidas. O autor estabelece a importância de as autoridades políticas estarem submetidas às instituições, pois a eleição de representantes delega legitimidade, mas não a capacidade e a permissão de tomar todas as decisões possíveis. Nesse sentido, o governo tem o dever de aceitar que as decisões políticas estarão sempre sujeitas a discussões e questionamentos, às instituições de *checks and balances*. É óbvio que, como procurei ressaltar no presente trabalho, democracia vai muito além de processos eleitorais e representação. E, como discutimos nessa dissertação, os freios e contrapesos podem operar de maneira diferente com a atuação da sociedade civil. Tendo isso em conta e seguindo Rosanvallon (2011): ainda que seja defendido nessa dissertação um projeto de democracia radical, essa deve ser pluralista, isto é, as melhores respostas às crises consistem em desenvolver formas de democracia que não estão pautadas na homogeneidade, mas no

desenvolvimento do bem-estar público, com diversos partidos políticos em que os indivíduos possuem a liberdade para se identificar e se encontrar. Como procurei demonstrar, sobretudo a partir das reflexões de De la Torre (2013), na democracia, mesmo quando o ator é um incumbente, ele não deve encarnar um poder que foi delegado, por exemplo, por um agente externo, como Deus. A democracia radical deve ser um espaço de diversidade e os líderes e governantes não podem ser a personificação de um rei.

O regime liberal, nos locais onde opera de maneira mais estável (que estão se tornando mais raros) funciona no sentido da confiabilidade das instituições. São necessários hábitos e costumes que vão desde as elites (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018) até os governados. E essas instituições operam em sentido tautológico, pois são forças que deveriam mediar o ímpeto autoritário para que o soberano não passe por cima dessas instituições.

A experiência histórica latino-americana, com suas instituições liberais, é profundamente distinta do norte global, assim como a percepção dos latino-americanos sobre suas instituições é diferente da que um alemão possui das suas, por exemplo. A América Latina possui um histórico de dependência econômica, de golpes de Estado e de governos neoliberais que promoveram a desigualdade. Por isso, qualquer análise que se pretenda profunda e ignore variáveis como o imperialismo está fadada a não compreender o cenário ou a aderir irrestritamente às teses hegemônicas. Basta ver, por exemplo, o caso da Venezuela. É impossível tratar sobre a atual crise do país sem falar do papel decisivo que os Estados Unidos operaram em sua desestabilização econômica e política (WEISBROT; SACHS, 2019). Isso não significa ignorar os excessos autocráticos do governo de Maduro e a forma populista como encarou suas instituições. Mas entender a complexidade da realidade e compreender que antes de fazer qualquer defesa ou condenação do populismo, é necessário investigar as condições específicas de cada região e assumir que a realidade é muito complexa. Os populismos de esquerda que tomaram rumos autoritários não ocorreram necessariamente porque foi adotada uma plataforma populista de esquerda. Nesse caso, normalmente o problema não está no conteúdo nem nos significantes que foram mobilizados, mas sim na estratégia e no estilo que podem adquirir contornos autoritários.

Ainda que possamos problematizar o estilo e a estratégia de ação política populista, discordo profundamente das narrativas que visam equiparar as estratégias da esquerda e da direita como se fossem extremos equivalentes, como demonstram Morelock e Narita (2019).

p. 60). Esse tipo de discurso está presente na academia, como procurei mostrar nessa dissertação, mas, sobretudo no debate público. Como discutido nessa dissertação, o conteúdo na construção de “povo” e do próprio político (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 62) opera função determinante na distinção entre o populismo de direita e de esquerda. Como bem argumentam os autores, os movimentos de esquerda realizam um compromisso de inclusão dos excluídos em uma plataforma política de antagonismo que manifesta conflitos de classe entre oprimidos e opressores. Mouffe, como grande referência teórica contemporânea do populismo de esquerda, afirma que o conteúdo do populismo de esquerda se personifica na luta agonística entre “povo” e “oligarquia”, mas, para isso, a variedade nas demandas de reconhecimento e distinção são primordiais na democratização de todas as instâncias sociais e em um projeto de democracia radical (MOUFFE apud MORELOCK; NARITA, 2019, p. 63). Assim como argumenta Nancy Fraser (2019), a esquerda necessita aprender a mobilizar a raiva e a frustração das pessoas e defender uma política democrática radical para combater a ameaça do populismo de direita. Para isso, como a autora coloca, é necessário que o campo da esquerda faça uma escolha entre um projeto de democracia radical ou a adoção do neoliberalismo progressista – que parece cada vez mais hegemônico dentro do campo da esquerda. O discurso da representatividade de mercado neoliberal, assim como formas cada vez mais atomizadas e individualistas de fazer política, são grande empecilho para qualquer projeto coletivo de sociedade, e se mostram insuficientes para uma plataforma que possa enfrentar o populismo autoritário.

O populismo de direita, como demonstram Morelock e Narita (2019, p. 67), articula conteúdos extremamente diferentes do populismo de esquerda, pois mobiliza o “povo” a partir de um pressuposto de etnia e valores tradicionais de uma sociedade acometida por uma suposta violação da identidade por meio da “invasão da alteridade” (MORELOCK; NARITA, 2019, p. 67). Os autores indicam que o populismo de direita difunde ímpetos autoritários contra pressões culturais pluralistas, disseminando o ódio e a homogeneização forçada, em que a figura do líder acende movimentos na defesa de um ideal de “povo”, como tem sido comum nas retóricas e ações de governos populistas de direita. Viktor Orbán, na Hungria e Jair Bolsonaro, no Brasil, são exemplos desse ímpeto.

Como responder ao populismo de direita e a crise da democracia liberal? No presente trabalho, mostramos que alguns autores defendem um populismo de esquerda como contraponto, enquanto outros analistas acreditam que devemos batalhar pela manutenção da democracia liberal. O argumento liberal muitas vezes assume que a democracia liberal tem

sido insuficiente, mas é a realidade democrática mais possível e a que temos que aceitar. Os analistas que defendem o populismo de esquerda por um referencial pós-marxista a partir da teoria do discurso argumentam que o populismo é uma lógica do político, da formação de identidades. A realidade também está posta e é assim que ela funciona. Nesse sentido, o populismo de esquerda também pode operar como via democratizante em sistemas autoritários. Mais importante que excluir previamente o populismo do debate ou mesmo adotá-lo como horizonte normativo e político, é necessário entender as causas de seu surgimento e consolidação.

O arcabouço analítico proposto neste trabalho – e seus achados – são a principal contribuição da dissertação, em que as categorias teóricas puderam ser convertidas em categorias analíticas. A partir do arcabouço analítico apresentado, e da comparação com outros grupos e em outros locais, será possível analisar mais sofisticadamente como o perfil ideológico das organizações impacta na comunicação populista, assim como compreender o motivo de determinados grupos estarem alcançando maior audiência. O ferramental analítico permitirá testar também a hipótese de Gerbaudo (2018), de que existe uma relação eletiva entre populismo e mídias sociais, sobretudo ao utilizar o ferramental analítico para realizar análises de conteúdo entre grupos que obtiveram sucesso eleitoral e grupos que fracassaram. No presente trabalho, argumentou-se que o Movimento Brasil Livre mobilizou melhor e com mais frequência as categorias da comunicação populista, o que pode ser um elemento importante para explicar o sucesso eleitoral da direita radical e seu casamento com o populismo.

Agradecimentos

Este trabalho foi apoiado pelo INCT – Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação.

Referências bibliográficas

AALBERG, Toril et al. (Ed.). *Populist political communication in Europe*. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2016.

ABELIN, Pedro; GOBBI, Danniell. Crise da Democracia Liberal: Miatização, Novas Tecnologias da Comunicação e populismo. In: VIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, VII., 2019, Brasília. *Anais...* Brasília: COMPOLÍTICA, 2019.

ABERS, Rebecca Neaera. Bureaucratic activism: pursuing environmentalism inside the Brazilian state. *Latin American Politics and Society*, v. 61, n. 2, p. 21-44, 2019.

ADAMOLI, Ginevra Corinna Elvira. *Social media and social movements: A critical analysis of audience's use of Facebook to advocate food activism offline*. 2012.

ALAVA, Séraphin; FRAU-MEIGS, Divina; HASSAN, Ghayda. Youth and violent extremism on social media: mapping the research. *UNESCO Publishing*, 2017.

ALCOTT, H.; GENTZKOW, M. *Social Media and Fake News in the 2016 Election*. Stanford University, 2017.

ALGAN, Yann et al. The European trust crisis and the rise of populism. *Brookings Papers on Economic Activity*, v. 2017, n. 2, p. 309-400, 2017.

ALMEIDA, Debora Rezende de. Representação como processo: a relação Estado/sociedade na teoria política contemporânea. *Revista de Sociologia e Política*, v. 22, n. 50, p. 175-199, 2014.

AULA 1: Pensar o populismo hoje. Webinar apresentado por Daniel de Mendonça. Caixa de Ferramentas. 11 de jun 2020. 1 vídeo (2h21min 1seg). Publicado pelo canal Caixa de Ferramentas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AV5baGA1e7c&feature=youtu.be>. Acesso em 15 ago 2020.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, p. 71-96, 2010.

ASLANIDIS, Paris. Is populism an ideology? A refutation and a new perspective. *Political Studies*, v. 64, n. 1, suppl., p. 88-104, 2016

ASLANIDIS, Paris. Populism and social movements. In: KALTAWASSER, Cristóbal et al. (Ed.). *The Oxford Handbook of Populism*, 2017. p. 305-325.

AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia no Brasil: Uma análise da crise 2013-2018. *Novos estudos CEBRAP*, v. 37, n. 2, p. 273-289, 2018.

AVRITZER, Leonardo. *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

BACCARIN, Matheus. Diplomatic crisis: Amazon fires, misogyny and online disinformation. THE CRISIS AND THE CHALLENGES OF DEMOCRACY, Workshop, 2019. *Annals...* Coimbra, Portugal: The Crisis and the challenges of Democracy, 2019.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, XII. 2016. *Anais...* Campo Grande: Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas, 2016.

BALE, Tim; VAN KESSEL, Stijn; TAGGART, Paul. Thrown around with abandon? Popular understandings of populism as conveyed by the print media: A UK case study. *Acta Politica*, v. 46, n. 2, p. 111-131, 2011.

BARASSI, Veronica and TRERÉ, Emiliano. Does Web 3.0 come after Web 2.0? Deconstructing theoretical assumptions through practice. *New Media & Society*, v. 14, n. 8, p. 1269-1285, 2012.

BARBOSA, Flávio Rodrigues. Partidos políticos antiestablishment na Europa Central pós 1989: uma lógica populista?. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, v. 26, n. 1, 2017.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Almedina Brasil, 2012.

BARTLETT, Jamie. Populism, social media and democratic strain. In: SANDELIND, Clara (Ed.) *European populism and winning the immigration debate*, Estocolmo: Scandbook, 2014. p. 99-114.

BASTOS, Marco; MERCEA, Dan. The public accountability of social platforms: Lessons from a study on bots and trolls in the Brexit campaign. *Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, v. 376, n. 2128, 2018.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis Editora Vozes, 2010. p. 189-217.

BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. BAUER, Martin W., GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 265-389.

BEN-DAVID, Anat; FERNÁNDEZ, Ariadna Matamoros. Hate speech and covert discrimination on social media: Monitoring the Facebook pages of extreme-right political parties in Spain. *International Journal of Communication*, v. 10, p. 1167-1193, 2016.

BENKLER, Yochai. *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2006.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. *The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra; WALKER, Shawn. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*, v. 17, n. 2, p. 232-260, 2014.

BENTES, Ivana. Estéticas Insurgentes e Mídia-Multidão. *Liinc em Revista*, v. 10, n. 1, p. 330-343, 2014.

BERLET, Chip. The violence of right-wing populism. *Peace Review*, v. 7, n. 3-4, p. 283-288, 1995.

BESSI, Alessandro; FERRARA, Emilio. Social bots distort the 2016 US Presidential election online discussion. *First Monday*, v. 21, n. 11-7, 2016.

BETZ, Hans-Georg. Conditions favouring the success and failure of radical right-wing populist parties in contemporary democracies. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves (Ed.) *Democracies and the populist challenge*. Londres: Palgrave Macmillan, 2002. p. 197-213.

BICALHO, Luciana Andrade Gomes. O jornalismo transmídia de Mídia Ninja. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Org.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 590-608.

BIMBER, Bruce; FLANAGIN, Andrew J.; STOHL, Cynthia. Reconceptualizing collective action in the contemporary media environment. *Communication Theory*, v. 15, n. 4, p. 365-388, 2005.

BIRMAN, Joel. A Psicanálise no discurso da Filosofia Política na contemporaneidade: sobre as categorias de povo, de populismo e de identidade na atualidade. In: HOFFMAN, Christina; BIRMAL, Joel (Org.). *Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p. 21-50.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Características de convergência na atuação do Mídia Ninja. *Comunicação & Inovação*, v. 15, n. 28, 2014.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Narrativas coletivas? Mídia Ninja e no RioNaRua. *Interin*, v. 19, n. 1, p. 86-102, 2015.

BLOCK, Elena; NEGRINE, Ralph. The populist communication style: Toward a critical framework. *International journal of communication*, v. 11, p. 20, 2017.

BOBBA, Giuliano. Social media populism: Features and ‘likeability’ of Lega Nord communication on Facebook. *European Political Science*, v. 18, n. 1, p. 11-23, 2019.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, v. 24, n. 1, p. 53-89, 2018.

BORGES, Samuel Silva da Fonseca. *Imagens da ideologia punitiva: uma análise de discurso crítica do Movimento Brasil Livre*. 2019. 262 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BOS, Linda; BRANTS, Kees. Populist rhetoric in politics and media: A longitudinal study of the Netherlands. *European Journal of Communication*, v. 29, n. 6, p. 703-719, 2014.

BOS, Linda; VAN DER BRUG, Wouter; DE VREESE, Claes H. An experimental test of the impact of style and rhetoric on the perception of right-wing populist and mainstream party leaders. *Acta Politica*, v. 48, n. 2, p. 192-208, 2013.

- BOS, Linda; VAN DER BRUG, Wouter; DE VREESE, Claes. How the media shape perceptions of right-wing populist leaders. *Political Communication*, v. 28, n. 2, p. 182-206, 2011.
- BOWMAN, Glenn. Constitutive violence and the nationalist imaginary: The making of “the people” in Palestine and “former Yugoslavia”. In: PANIZZA, Francisco (Ed.) *Populism and the Mirror of Democracy*. Londres; Nova York: Verso, 2005. p. 118-43.
- BOYD, Danah M. ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: definition, history and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, p. 210-230, 2008.
- BRAGA, Ruy. A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BROWN, Wendy. Neo-liberalism and the end of liberal democracy. *Theory & Event*, v. 7, n. 1, 2003.
- BRUNS, Axel; BURGESS, Jean; HIGHFIELD, Tim. A ‘big data’ approach to mapping the Australian Twittersphere. In: BODE, Katherine; Arthur, Paul Longley (Ed.). *Advancing digital humanities*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014. p. 113-129.
- BRYM, Robert. After Postmaterialism: An Essay on China, Russia and the United States. *Canadian Journal of Sociology*, v. 41, n. 2, p. 195-212, 2016.
- BÜLOW, Marisa von; DIAS, Tayrine. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 120, p. 5-32, 2019.
- CABALÍN, Cristian. Estudiantes conectados y movilizados: El uso de Facebook en las protestas estudiantiles en Chile. *Comunicar*, v. 43, p. 25-33, 2014.
- CANOVAN, Margaret. Populism for political theorists?. *Journal of Political Ideologies*, v. 9, n. 3, p. 241-252, 2004.
- CANOVAN, Margaret. Taking politics to the people: Populism as the ideology of democracy. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves (Ed.) *Democracies and the populist challenge*. Londres: Palgrave Macmillan, 2002. p. 25-44.
- CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. *Political Studies*, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.
- CAROTHERS, Thomas; YOUNGS, Richard. The complexities of global protests. *Carnegie Endowment for International Peace*, Washington DC, Estados Unidos, 2015.
- CARVALHO, Denise W.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 31, p. 435-438, 2012
- CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. *Revista Famecos*, v. 25, n. 1, p. 27025, 2018.

CHEVIGNY, Paul. The populism of fear: Politics of crime in the Americas. *Punishment & Society*, v. 5, n. 1, p. 77-96, 2003.

COLLINS, Jennifer N. New left experiences in Bolivia and Ecuador and the challenge to theories of populism. *Journal of Latin American Studies*, v. 46, n. 1, p. 59-86, 2014.

COSSIAVELOU, Vassiliki; BANTIMAROUDIS, Philemon. Mediation of the message in a wireless global environment: Revisiting the media gatekeeping model. In: WIRELESS TELECOMMUNICATIONS SYMPOSIUM, 2009, Praga, República Tcheca. *Annals...* Praga: IEEE, p. 1-11.

COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COUTINHO, Marcelo Vasconcelos. *Crises institucionais e mudança política na América do Sul*. M. Vasconcelos Coutinho, 2008.

COX, Michael. The rise of populism and the crisis of globalisation: Brexit, Trump and beyond. *Irish Studies in International Affairs*, v. 28, p. 9-17, 2017.

COX, Michael. *Understanding the global rise of populism*. LSE Ideas, 2018. p. 1-16.

CROZIER, Michel; HUNTINGTON, Samuel P.; WATANUKI, Joji. *The crisis of democracy*. Nova York: New York University Press, 1975.

DA SILVA, Fabricio Pereira. Da onda rosa à era progressista: a hora do balanço. *Revista Sures*, v. 1, n. 5, p. 67-94, 2015.

DAL BOSCO, Jacqueline Kneipp. O uso de mídias táticas e hacktivismo pelo movimento contemporâneo alt-right. 2019. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

D'ANDRÉA, Carlos. Conexões intermediáticas entre transmissões audiovisuais ao vivo e redes sociais online: possibilidades e tensionamentos. *Revista Comunicação Midiática*, v. 10, n. 2, p. 61-75, 2015.

DANTAS, Marcos; CANAVARRO, Marcela; BARROS, Marina. Trabalho gratuito nas redes: de como o ativismo de 99% pode gerar ainda mais lucros para 1%. *Liinc em Revista*, v. 10, n. 1, p.22-43, 2014.

DAVIES, William. Neoliberalism: A bibliographic review. *Theory, Culture & Society*, v. 31, n. 7/8, p. 309-317, 2014.

DE AZEVEDO, FERNANDO ANTÔNIO FARIAS. A grande imprensa brasileira. paralelismo político e antipetismo (1989-2014). 2016. 172 f. Tese (Cargo de Professor Titular de Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

DE LA TORRE, Carlos. El populismo latinoamericano, entre la democratización y el autoritarismo. *Nueva Sociedad*, n. 24, 2013.

DEAN, Jodi. *Democracy and other neoliberal fantasies: Communicative capitalism and left politics*. Durham, Estados Unidos: Duke University Press, 2009.

DEEGAN-KRAUSE, Kevin; HAUGHTON, Tim. Toward a more useful conceptualization of populism: Types and degrees of populist appeals in the case of Slovakia. *Politics & Policy*, v. 37, n. 4, p. 821-841, 2009.

DELLA PORTA, Donatella. Communication in Movement. *Information, Communication & Society*, v. 14, n. 6, p. 800–819, 2011.

DELLA PORTA, Donatella; MOSCA, Lorenzo. Global-net for global movements? A network of networks for a movement of movements. *Journal of Public Policy*, v. 25, n. 1, p. 165-190, 2005.

DEMERTZIS, Nicolas. Emotions and populism. In: CLARKE, Simon; HOGETT, Paul; THOMPSON, Simon (Ed.). *Emotion, Politics and Society*. Londres: Palgrave Macmillan, 2006. p. 103-122.

D'ERAMO, Marco. Populism and the new oligarchy. *New Left Review*, n. 82, p. 5-28, 2013.

DIAS, Tayrine dos Santos. “É uma batalha de narrativas”: os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook. 2017. 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DUNKER, Christian. *Crítica psicanalítica do populismo no Brasil: massa, grupo e classe*. In: HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel (Org.). *Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p. 203-223.

DURRHEIM, Kevin et al. How racism discourse can mobilize right-wing populism: The construction of identity and alliance in reactions to UKIP's Brexit “Breaking Point” campaign. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 28, n. 6, p. 385-405, 2018.

EARL, Jennifer; KIMPORT, K. *Digitally Enabled Social Change: activism in the internet age*. Cambridge: The MIT Press, 2011.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. *Populismo, A Revolta Contra a Democracia Liberal*. Porto Salvo: Desassossego, 2019

ELCHARDUS, Mark; SPRUYT, Bram. Universalism and anti-Muslim sentiment. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 38, p. 75-85, 2014.

ELIAS, Gabriel Santos; BORGES, Samuel Silva. Entre o populismo e o elitismo penal: os desafios de fazer política criminal. *Boletim – Publicação do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais*, ano 27, n. 329, p.13-16, jun. 2019.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

ENGESSER, Sven; FAWZI, Nayla; LARSSON, Anders Olof. Populist online communication: Introduction to the special issue. *Information, Communication and Society*, v. 20, n. 92, p. 1279-1292, 2017.

FALLIS, Don. What is disinformation?. *Library Trends*, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

FARO, José Salvador. A comunicação populista no Brasil: o DIP e a SECOM. In: MELO, José Marques de (Coord.). *Populismo e comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 1981. p. 85-94.

FASSIN, Éric, *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019

FERNANDES, Sabrina. *Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. Autonomia Literária, 2019.

FERREIRA, Jorge Luiz. *Introdução*. O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2001.

FETZER, James H. Disinformation: The use of false information. *Minds and Machines*, v. 14, n. 2, p. 231-240, 2004.

FINCHELSTEIN, Federico. *Do Fascismo ao Populismo na História*. Lisboa: Edições 70, 2019.

FLORES, Nathália Marques; CERVO, Larissa Montagner. Textão nas redes sociais: o dizer online. *Linguagens & Cidadania*, v. 19, 2017.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. *Um mosaico de parcialidades na nuvem coletiva: rastreando a Mídia Ninja (2013-2016)*. 2017. 224 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação Social e Informação) – Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FONSECA, Carlos da. Os think tanks e a política americana. *Política Externa*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-154, 2004.

FRASER, Nancy. Neoliberalismo progressista versus populismo reacionário: a escolha de hobson. In: GEISELBERGER, Heinrich. *A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos – e como enfrentá-los*. São Paulo: Estação Liberdade, 2019. p. 77-90.

FRASER, Nancy. *Contrahegemonía ya*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.

FRASER, Nancy. Legitimation crisis? On the political contradictions of financialized capitalism. *Critical Historical Studies*, v. 2, n. 2, p. 157-189, 2015.

FREEDEN, Michael. After the Brexit referendum: revisiting populism as an ideology. *Journal of Political Ideologies*, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2017.

FREI, Raimundo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. El populismo como experimento político: historia y teoría política de una ambivalencia. *Revista de Sociología*, n. 22, p. 117-140, 2008.

FRISCH, Peter. Die Herausforderung unseres demokratischen Rechtsstaats durch Extremismus und Terrorismus. *Rechtsextremismus in der Bundesrepublik Deutschland*, p. 7-26, 1990.

FUKUYAMA, Francis. *Identity: The demand for dignity and the politics of resentment*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2018.

GAZOTO, Luís Wanderley. *Justificativas do Congresso Nacional Brasileiro ao Rigor Penal Legislativo: o estabelecimento do populismo penal no Brasil contemporâneo*. 2010. 377 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

GELLNER, Ernest; IONESCU, Ghița (Ed.). *Populismo: sus significados y características nacionales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1969.

GERBAUDO, Paolo. From data analytics to data hermeneutics. online political discussions, digital methods and the continuing relevance of interpretive approaches. *Digital Culture & Society*, v. 2, n. 2, p. 95-111, 2016.

GERBAUDO, Paolo. Populism 2.0: Social media activism, the generic Internet user and interactive direct democracy. In: GERBARDO, Paolo. *Social media, politics and the state: Protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube*. Taylor and Francis, p. 67-87, 2014.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity?. *Media, Culture & Society*, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

GERBAUDO, Paolo. *Tweets and the streets: Social media and contemporary activism*. Londres: Pluto Press, 2012.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 244-270.

GOBBI, Danniell; ABELIN, Pedro. The populist debate in perspective: overcoming essentialism, disputing hegemony. No prelo

GOBBI, Danniell. *Identidade em ambiente virtual: uma análise da rede estudantes pela liberdade*. 2016. 126 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GOLDZWEIG, Rafael Schmuziger. *Deciphering the Populist Playbook in 140 Characters: A Cross-country Analysis of the Patterns of Twitter Use by Populists*. Berlin: Hertie School of Governance, 2017.

GOMES, Angela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: Debate e Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 17-57.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca (Ed.). *Passionate politics: Emotions and social movements*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. The return of the repressed: The fall and rise of emotions in social movement theory. *Mobilization: An International Quarterly*, v. 5, n. 1, p. 65-83, 2000.

GOULARTE, Bruna Santana Pimentel. *Textão do Facebook: análise de uma nova modalidade textual*. 2017. 27 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GROSHEK, Jacob; KOC-MICHALSKA, Karolina. Helping populism win? Social media use, filter bubbles, and support for populist presidential candidates in the 2016 US election campaign. *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 9, p. 1389-1407, 2017.

GUASTI, Petra; ALMEIDA, Debora Rezende de. Claims of misrepresentation: A comparison of Germany and Brazil. *Politics and Governance*, v. 7, n. 3, p. 152-164, 2019.

HABERMAS, Jürgen. *Legitimation Crisis*. Cambridge: Polity, 1976.

HAMELEERS, Michael; BOS, Linda; DE VREESE, Claes H. “They did it”: The effects of emotionalized blame attribution in populist communication. *Communication Research*, v. 44, n. 6, p. 870-900, 2017.

HARLOW, Summer. Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. *New media & society*, v. 14, n. 2, p. 225-243, 2011.

HATAKKA, Niko. Facebook and the populist right. How populist politicians use social media to reimagine the news in Finland and the UK. In: BASU, Laura; SCHIFFERES, Steve; KNOWLES, Sophie (Ed.). *Facebook and the populist right*. The Media and Austerity: Comparative perspectives, Londres: Routledge, 2018.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Radio and populism in Brazil: The 1930s and 1940s. *Television & New Media*, v. 6, n. 3, p. 251-261, 2005.

HAWKINS, Kirk A. Is Chávez populist? Measuring populist discourse in comparative perspective. *Comparative Political Studies*, v. 42, n. 8, p. 1040-1067, 2009.

HAYTHORNTHWAITE, Caroline; WELLMAN, Barry. The Internet in everyday life: An introduction. In: WELLMAN, Barry; HAYTHORNTHWAITE, Caroline. *The Internet in everyday life*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. p. 3-41.

HERKMAN, Juha. The Finns party: Euroscepticism, euro crisis, populism and the media. *Media and Communication*, v. 5, n. 2, p. 1-10, 2017.

HICKEN, Allen. Clientelism. *Annual Review of Political Science*, v. 14, p. 289-310, 2011.

HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel (Org.). *Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2018.

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ILTEN, C. “Use Your Skills to Solve This Challenge!”: The Platform Affordances and Politics of Digital Microvolunteering. *Social Media + Society*, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2015

INGLEHART, Ronald F.; NORRIS, Pippa. Trump, Brexit, and the rise of populism: Economic have-nots and cultural backlash. *Working Paper*. Cambridge: Harvard Kennedy School, 2016.

INGLEHART, Ronald. After postmaterialism: An essay on China, Russia and the United States: A comment. *Canadian Journal of Sociology*, v. 41, n. 2, p. 213-222, 2016.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. Trump and the populist authoritarian parties: the silent revolution in reverse. *Perspectives on Politics*, v. 15, n. 2, p. 443-454, 2017.

JAGERS, Jan; WALGRAVE, Stefaan. Populism as political communication style. *European Journal of Political Research*, v. 46, n. 3, p. 319-345, 2007.

JASPER, James M. Emotions and social movements: Twenty years of theory and research. *Annual Review of Sociology*, v. 37, p. 285-303, 2011.

JENNE, Erin K. Is Nationalism or Ethnopolitics on the rise today?. *Ethnopolitics*, v. 17, n. 5, p. 546-552, 2018.

KAYSEL, André. A primeira polêmica sobre o populismo na América Latina. *Crítica Marxista*, n. 43, p.95-115, 2016.

KAYSEL, André. Os impasses do populismo no marxismo latino-americano. *Revista Outubro*, n. 27, p. 105-132, novembro de 2016b.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.) *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 49-74.

KAISER, Brittany. *Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020

KLIMAN, Andrew. A Grande Recessão e a teoria da crise de Marx. *Revista Outubro*, n. 24, p. 59-109, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Critique and crisis: Enlightenment and the pathogenesis of modern society*. Cambridge, Estados Unidos: MIT Press, 2000.

KRÄMER, Benjamin. Media populism: A conceptual clarification and some theses on its effects. *Communication Theory*, v. 24, n. 1, p. 42-60, 2014.

KRZYŻANOWSKI, Michał. Discursive shifts and the normalisation of racism: imaginaries of immigration, moral panics and the discourse of contemporary right-wing populism. *Social Semiotics*, v. 30, n. 4, p. 1-25, 2020.

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto. *On populist reason*. Londres: Verso, 2005.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios, 2015.

LAZER, David MJ et al. The science of fake news. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LEPRI, Adil Giovanni. Excesso, sensacionalismo e atrações: audiovisual político nos sites de redes sociais. 2019. 143 f. Tese (Doutorado em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOSURDO, Domenico. Gramsci e a Rússia Soviética: o materialismo histórico e a crítica do populismo. In: LOLE, Ana. CHAVES GOMES, Victor Leandro; DEL ROIO, Marco (Org.). *Gramsci e a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017.

LOWNDES, Joseph. From founding violence to political hegemony: The conservative populism of George Wallace. In: PANIZZA, Francisco (Ed.) *Populism and the Mirror of Democracy*. Londres; Nova York: Verso, 2005. p. 144-171.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, p. 652-664, 2015.

MACHADO, Luana Barbosa et al. Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL). 2017. 98 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, 2017.

MACKERT, Jürgen. ‘We the people’: Liberal and organic populism, and the politics of social closure. In FITZI, Gregor; MACKERT, Jürgen; TURNER, Bryan S. (Ed.). *Populism and the Crisis of Democracy*. Routledge, 2018. p. 91-108.

MACRAE, Donald. El populismo como ideología. In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest (Org.). *Populismo: sus significados y características nacionales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1969. p. 187-202.

MALONE, John Jack. *Examining the Rise of Right Wing Populist Parties in Western Europe*. 2014. 67 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política) – St. John’s University, Nova York, 2014.

MANIN, Bernard. *The principles of representative government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MANUCCI, Luca. Populism and the Media. In: KALTAWASSER, Cristóbal et al. (Ed.). *The Oxford Handbook of Populism*, p. 467-488, 2017.

MARKOU, Grigoris. Prefácio. In: NARITA, Felipe Ziotti; MORELOCK, Jeremiah. *Problema do Populismo: Teoria, Política e Mobilização*. Paco Editorial, 2019. p. 7-14.

MELO, José Marques de (Coord.). *Populismo e comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

MARTINS DE CARVALHO, Mariana. A ambigüidade no princípio da complementaridade entre os sistemas de radiodifusão na CF: inoperância regulatória, crise do Estado e domínio privado. 2009. 205 f. Dissertação (Mestre em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MARTINS, Helena. *Comunicações em tempos de crise: economia e política*. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

MARWICK, Alice E. Why do people share fake news? A sociotechnical model of media effects. *Georgetown Law Technology Review*, v. 2, n. 2, p. 474-512, 2018.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. *Media manipulation and disinformation online*. Nova York: Data & Society Research Institute, 2017.

MARX, Karl. *Capital*. Nova York: Vintage, 1981. 3 V.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Boitempo Editorial, 2015.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e golpe*. Boitempo Editorial, 2019.

MAZZOLENI, Gianpietro et al. The media and the growth of neo-populism in contemporary democracies. In: MAZZOLENI, Gianpietro; STEWART, Julianne; HORSFIELD, Bruce (Org.). *The Media and Neo-populism: A Contemporary Comparative Analysis*, 2003. p. 1-20.

MAZZOLENI, Gianpietro. Media Logic and Party Logic in Campaign Coverage: The Italian general election of 1983. *European Journal of Communication*, v. 2, n. 1, p. 81-103, 1987.

MCCOY, Alfred William. Philippine populism: Local violence and global context in the rise of a Filipino strongman. *Surveillance & Society*, v. 15, n. 3/4, p. 514-522, 2017.

MENDONÇA, Daniel. de; RODRIGUES, Léo Peixoto. *Pós-estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MENDONÇA, Daniel de. DEMOCRATAS TÊM MEDO DO POVO? O populismo como resistência política. *Caderno CRH*, v. 32, n. 85, p. 185-201, 2019.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau: pós-estruturalismo e teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel. de; RODRIGUES, Léo Peixoto (Org.). *Pós-estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 47-57.

- MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Dimensões democráticas nas Jornadas de Junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 98, p. 1-23, 2018.
- MERCEA, Dan. Probing the implications of Facebook use for the organizational form of social movement organizations. *Information, Communication & Society*, v. 16, n. 8, p. 1306-1327, 2013.
- MIGUEL, Luis Felipe. A democracia domesticada: bases antidemocráticas do pensamento democrático contemporâneo. *Dados*, v. 45, n. 3, p. 483-511, 2002.
- MIGUEL, Luis Felipe. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do “agonismo”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 92, p. 13-43, 2014.
- MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e eleições: a campanha de 1998 na Rede Globo. *Dados*, v. 42, n. 2, 1999.
- MIGUEL, Luis Felipe. O representante como protetor: incursões na representação política “vista de baixo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 31-47, 2012.
- MIHAILIDIS, Paul; VIOTTY, Samantha. Spreadable spectacle in digital culture: Civic expression, fake news, and the role of media literacies in “post-fact” society. *American Behavioral Scientist*, v. 61, n. 4, p. 441-454, 2017.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.
- MOFFITT, Benjamin. *The global rise of populism: Performance, political style, and representation*. Palo Alto, Estados Unidos: Stanford University Press, 2016.
- MORÁN, José Manuel. A comunicação populista – Populismo, totalitarismo e políticas de comunicação: O referencial nazifascista. In: MELO, José Marques de (Coord.). *Populismo e comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 1981.
- MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton Oliveira. *Estatística básica*. São Paulo: Saraiva Educação SA, 2017.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- MOUFFE, Chantal et al. *On the political*. Hove, Reino Unido: Psychology Press, 2005.
- MOUFFE, Chantal. *Por um populismo de esquerda*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2019.
- MOUFFE, Chantal. *For a left populism*. Londres: Verso, 2018.
- MOUFFE, Chantal. *The democratic paradox*. Londres: Verso, 2000.
- MOUNK, Yascha. Pitchfork politics: The populist threat to liberal democracy. *Foreign Affairs*, v. 93, n. 5, p. 27-36, 2014.

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018

MOUZO, Karina. Inseguridad y “populismo penal”. *URVIO: Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad*, n. 11, p. 43-51, 2012.

MUDDE, Cas. In the name of the peasantry, the proletariat, and the people: populisms in Eastern Europe. *East European Politics and Societies*, v. 15, n. 1, p. 33-53, 2000.

MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

MUDDE, Cas. *The far right today*. Hoboken, Estados Unidos: John Wiley & Sons, 2019.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. *Populism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MÜLLER, Karsten; SCHWARZ, Carlo. Fanning the flames of hate: Social media and hate crime. Available at SSRN 3082972, jun. 2019.

MÜLLER, Jan-Werner. Trump, Erdoğan, Farage: The attractions of populism for politicians, the dangers for democracy. *The Guardian*, 2 fev. 2016.

MÜLLER, Jan-Werner. *What is populism?*. Londres:Penguin Books UK, 2017.

MUSSI, Daniela; BIANCHI, Alvaro. Os inimigos de Gramsci. *Jacobin Brasil*, n. 1, 2019.

MUSSI, Daniela; KAYSEL, André; GRAMSCI, Antonio. Da política de massas às massas na política: F. Weffort e o populismo no Brasil. Seminário de Pós-Graduação do Departamento de Ciência Política (USP), 2017.

NARITA, Felipe Ziotti; MORELOCK, Jeremiah. *O Problema do Populismo: Teoria, Política e Mobilização*. Jundiáí: Paco Editorial, 2019.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez editora, 2017.

NICHOLAS, Lucy; AGIUS, Christine. #Notallmen,#Menenism, Manospheres and Unsafe Spaces: Overt and Subtle Masculinism in Anti-“PC” Discourse. In: NICHOLAS, Lucy; AGIUS, Christine. *The Persistence of Global Masculinism*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 31-59.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. Nova York: NYU Press, 2018.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash and the Rise of Populist Authoritarianism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

OLTEANU, Alexandra et al. *The effect of extremist violence on hateful speech online*. arXiv preprint arXiv:1804.05704, 16 abril 2018.

O'REILLY Tim. What Is Web 2.0? Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. *International Journal of Digital Economics*, n. 65, p. 17-37,

OFFE, Claus. Dominação de classe e sistema político. Sobre a seletividade das instituições políticas. In: OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 140-177.

OFFE, Claus. A Democracia contra o Estado do Bem-Estar?. In: OFFE, Claus. *Capitalismo Desorganizado: Transformações Contemporâneas do Trabalho e da Política*. Brasiliense, São Paulo, 1994. p. 269-317.

OLSON, Kevin. Populism in the Socialist Imagination. In: KALTAWASSER, Cristóbal et al. (Ed.). *The Oxford Handbook of Populism*, 2017. p. 1-26.

PANIZZA, Francisco. Introduction: Populism and the Mirror of Democracy. In: PANIZZA, Francisco (Ed.) *Populism and the Mirror of Democracy*. Londres; Nova York: Verso, 2005. p. 1-31.

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual sphere: The internet as a public sphere. *New Media & Society*, v. 4, n. 1, p. 9-27, 2002.

PARISER, Eli. *The filter bubble: What the Internet is hiding from you*. Londres: Penguin Books UK, 2011.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 319-342.

PEREIRA, Matheus Baccarin. *#EleiçãoSemLulaÉFraude x #MoluscoNaCadeia: memes no julgamento do Lula e o confronto de enquadramentos por meio do humor*. 2018. 141 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, 2018.

PERLATTO, Fernando. Adeus ao populismo? Reviravoltas de um conceito e de uma política no Brasil do tempo presente. In: PERLATTO, Fernando; CHAVEZ, Daniel. *Repensar os populismos na América do Sul: debates, tradições e leituras*. Rio de Janeiro/Macapá: Autografia/Editora da Universidade Federal do Amapá, 2016. p. 70-94.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 100, p. 119-153, 2017.

POULANTZAS, Nicos et al. *O Estado em discussão*. Lisboa: Edições 70, 1981.

RECUERO, Raquel. Estudando Discursos em Mídia Social: Uma proposta metodológica. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (Org.). *Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais*. Brasília: Editora IBPAD, 2018.

RECUERO, Raquel. Social media and symbolic violence. *Social media+ society*, v. 1, n. 1, p. 1-3, 2015.

REGATTIERI, Lorena et al. *MarcoCivil: Visualizing the Civil Rights Framework for the Internet in Brazil*. In: HT (Doctoral Consortium/Late-breaking Results/Workshops), 2014.

REZENDE, Renata. Política e afeto no tempo das redes: ou a catarse coletiva-uma análise da Mídia Ninja. *Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.*, v. 1, n. 10, p. 223-242, 2015.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimientos partidarios y antipetismo: condicionantes y co-variables. *Opinião Pública*, v. 22, n. 3, p. 603-637, 2016.

RICO, Guillem; GUINJOAN, Marc; ANDUIZA, Eva. The emotional underpinnings of populism: How anger and fear affect populist attitudes. *Swiss Political Science Review*, v. 23, n. 4, p. 444-461, 2017.

RYDGREN, Jens. Meso-level reasons for racism and xenophobia: Some converging and diverging effects of radical right populism in France and Sweden. *European Journal of Social Theory*, v. 6, n. 1, p. 45-68, 2003.

RISTOW, Bill. *The New Gatekeepers: Controlling Information in the Internet Age*. Washington DC, Estados Unidos: Center for International Media Assistance, 2013.

ROBERTS, Kenneth M. Neoliberalism and the transformation of populism in Latin America: the Peruvian case. *World politics*, v. 48, n. 1, p. 82-116, 1995.

RODRIGUES, Léo Peixoto. As razões do populismo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 2, p. 765-770, 2014.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RODRIK, Dani. Populism and the Economics of Globalization. *Journal of International Business Policy*, v. 1, n. 1-2, p. 12-33, 2018.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPIA, Tatiana. Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 3., 2015, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria, Rio Grande do Sul: UFSM, 2015.

ROITMAN, Janet. *The stakes of crisis*. Critical Theories of Crisis in Europe. London: Rowman & Littlefield International, p. 17-34, 2016.

ROSANVALLON, Pierre. A Reflection on Populism. In: FRENKIEL, Émilie (Org.). *Democracy: Bridging the Representation Gap*. Paris: Collège de France, 2011. p. 1-10.

ROSANVALLON, Pierre. Democratic universalism as a historical problem. *Constellations*, v. 16, n. 4, p. 539, 2009.

ROSANVALLON, Pierre. *Democracy past and future*. Nova York: Columbia University Press, 2006.

ROSANVALLON, Pierre; GOLDHAMMER, Arthur. *Counter-democracy: Politics in an age of distrust*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2010, 2010. p. 343-364.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; COLLING, Leandro. Política, cultura e cobertura jornalística das eleições presidenciais de 2006. *Mídia e Democracia*, 2006. p. 63-78.

RYDGREN, Jens. Meso-level reasons for racism and xenophobia: Some converging and diverging effects of radical right populism in France and Sweden. *European Journal of Social Theory*, v. 6, n. 1, p. 45-68, 2003.

SAFATLE, Vladimir. Federn, Kelsen, Laclau e a dimensão anti-institucional da democracia. In: HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel (Org.). *Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p. 51-62.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Autêntica, 2016.

SALMELA, Mikko; VON SCHEVE, Christian. Emotional roots of right-wing political populism. *Social Science Information*, v. 56, n. 4, p. 567-595, 2017.

SANDOVAL-ALMAZAN, Rodrigo; GIL-GARCIA, J. Ramon. Towards cyberactivism 2.0? Understanding the use of social media and other information technologies for political activism and social movements. *Government Information Quarterly*, v. 31, n. 3, p. 365-378, 2014.

SANTIAGO, et al, 2018. Foi ou não golpe? As disputas por significados do impeachment de Dilma Rousseff no Twitter. In: MAIA, Rousilley; PRUDENCIO, Kelly; VIMIEIRO, Ana Carolina (Org.). *Democracia em ambientes digitais: eleições, esfera pública e ativismo*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 225-256.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da governação neoliberal: O Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 72, p. 07-44, 2005.

SCHERMAN, Andrés; ARRIAGADA, Arturo; VALENZUELA, Sebastián. La protesta en la era de las redes sociales: el caso chileno. Intermedios. *Medios de Comunicación y Democracia en Chile*, v. 1, p. 179-197, 2013.

SCHULZ, Anne et al. Measuring populist attitudes on three dimensions. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 30, n. 2, p. 316-326, 2018.

SHAO, Chengcheng et al. The spread of fake news by social bots. *arXiv preprint arXiv:1707.07592*, v. 96, p. 104, 2017.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Timothy. *Gatekeeping theory*. Londres: Routledge, 2009.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. A comunicação populista de Aluizio Alves: Rio Grande do Norte. 1960/1980. In: MELO, José Marques de (Coord.). *Populismo e comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 1981. p. 95-116.

SKONIECZNY, Amy. Emotions and political narratives: Populism, Trump and trade. *Politics and Governance*, v. 6, n. 4, p. 62-72, 2018.

STANLEY, Ben. The thin ideology of populism. *Journal of Political Ideologies*, v. 13, n. 1, p. 95-110, 2008.

STAVRAKAKIS, Yannis; KATSAMBEKIS, Giorgos. Left-wing populism in the European periphery: the case of SYRIZA. *Journal of Political Ideologies*, v. 19, n. 2, p. 119-142, 2014.

STEIN, Marlucci; NODARI, Cristine Hermann; SALVAGNI, Julice. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. *Interações*, Campo Grande, , v. 19, n. 1, p. 43-59, 2018.

STOKER, Gerry; HAY, Colin. Understanding and challenging populist negativity towards politics: The perspectives of British citizens. *Political Studies*, v. 65, n. 1, p. 4-23, 2017.

STREECK, Wolfgang. As crises do capitalismo democrático. *Novos estudos CEBRAP*, n. 92, p. 35-56, 2012.

STREECK, Wolfgang. *Tempo comprado*. Lisboa: LeYa, 2018.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, v. 17, n. 1, p. 112-135, 2018.

TENNEY, Matthew; SIEBER, Renee. Data-driven participation: Algorithms, cities, citizens, and corporate control. *Urban Planning*, v. 1, n. 2, p. 101-113, 2016.

THERBORN, Göran. *Do marxismo ao pós-marxismo?*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *The Inner Enemies of Democracy*. Hoboken, Estados Unidos: John Wiley & Sons, 2014.

TORMEY, Simon. *Populism: A Beginner's Guide*. Londres: Oneworld Publications, 2019.

TRACEY, Michael; REDAL, Wendy W. The new parochialism: The triumph of the populist in the flow of international television. *Canadian Journal of Communication*, v. 20, n. 3, 1995.

TRERÉ, Emiliano; CARGNELUTTI, Daniele. Movimientos sociales, redes sociales y Web 2.0: el caso del Movimiento por la Paz con Justicia y Dignidad. *Communication & Society*, v. 27, n. 1, p. 183-203, 2014.

TRIPATHI, Vivek. Youth violence and social media. *Journal of Social Sciences*, v. 52, n. 1-3, p. 1-7, 2017.

TUYA, Carlos. *La sinrazón populista: El trampantojo político/ideológico de Ernesto Laclau*. Scotts Valley, Estados Unidos: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2000.

URBINATI, Nadia. *Me the people: How populism transforms democracy*. Cambridge, Estados Unidos: Harvard University Press, 2019.

VAN LAER, Jeroen; VAN AELST, Peter. Internet and social movement action repertoires: Opportunities and limitations. *Information, Communication & Society*, v. 13, n. 8, p. 1146-1171, 2010.

VICARI, Stefania. Exploring the Cuban blogosphere: Discourse networks and informal politics. *New Media & Society*, v. 17, n. 9, p. 1492-1512, 2015.

VIEIRA, Toni André Scharlau. Mídia NINJA Entre a Tecnologia, a Política E a Prática Profissional. *Razón y Palabra*, v. 18, n. 85, 2013.

VIETEN, Ulrike M. Far Right populism and women: The normalisation of gendered anti-Muslim racism and gendered culturalism in the Netherlands. *Journal of Intercultural Studies*, v. 37, n. 6, p. 621-636, 2016.

VOLK, Christian. Between Depoliticization and Radicalization-Towards a Theory of Democracy and Politics in Times of Resistance. *Politische Vierteljahresschrift*, v. 54, n. 1, p. 75-110, 2013.

VON BÜLOW, Marisa; VILAÇA, Luiz; ABELIN, Pedro Henrique. Varieties of digital activist practices: students and mobilization in Chile. *Information, Communication & Society*, v. 22, n. 12, p. 1770-1788, 2019.

WAHL-JORGENSEN, Karin. Media coverage of shifting emotional regimes: Donald Trump's angry populism. *Media, Culture & Society*, v. 40, n. 5, p. 766-778, 2018.

WEFFORT, Francisco C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WEFFORT, Francisco Corrêa. *O Populismo na Política Brasileira*. 1978. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

WEISBROT, Mark; SACHS, Jeffrey. *Economic Sanctions as Collective Punishment: The Case of Venezuela*. Washington DC, Estados Unidos: Center for Economic and Policy Research, 2019.

WELP, Yanina; WHEATLEY, Jonathan. The effect of ICTs and new media on Political Party Systems: more democracy or more populism. In: ECPR GENERAL CONFERENCE, 2009, Postdam, Alemanha. *Anais...* Postdam, Alemanha: ECPR, 2009.

WENDLING, Mike. *Alt-right: From 4chan to the White House*. Londres: Pluto Press, 2018.

WEYLAND, Kurt. A Political-Strategic Approach. In: KALTAWASSER, Cristóbal et al. (Ed.). *The Oxford Handbook of Populism*, 2017. p. 48-72.

WORSLEY, P. El concepto de populismo. In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest (Org.). *Populismo: sus significados y características nacionales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1969. p. 258-304.

ZHANG, Chi. WeChatting American politics: Misinformation, polarization, and immigrant Chinese media. *Columbia Journalism Review*, 2018.

ZHU, Qinfeng. Citizen-driven international networks and globalization of social movements on Twitter. *Social Science Computer Review*, v. 35, n. 1, p. 68-83, 2017.

ZIZEK, Slavoj. A coragem da desesperança: crônicas de um ano em que agimos perigosamente. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ZUBERO, Imanol. Desamparo, populismo y xenofobia. *Revista Española del Tercero Sector*, n. 35, p. 89-117, 2015.

ANEXO I – Audiodescrição das Tabelas, Quadros e Figuras

Tabela 1 –

Exemplo de codificação por tabela dummy.

17

Tabela com 11 colunas e 13 linhas.

As colunas são: type, post_published_sql, likes_count, comment, reactions, shares_co, engageme, apelo ao povo, líder popular, antagonistas, antagonistas externos.

As linhas são:

type: photo, post_published_sql: 28/03/2018, likes_count: 444, comment: 94, reactions: 483, shares_co: 144, engageme: 721, apelo ao povo: 1, líder popular: 0, antagonistas: 1, antagonistas externos: 0.

type: link, post_published_sql: 28/03/2018, likes_count: 1465, comment: 73, reactions: 1519, shares_co: 447, engageme: 2039, apelo ao povo: 1, líder popular: 0, antagonistas: 1, antagonistas externos: 1.

type:video, post_published_sql: 11/05/2018, likes_count: 2244, comment: 2132, reactions: 2366, shares_co: 374, engageme: 4872, apelo ao povo: 1, líder popular: 0, antagonistas: 0, antagonistas externos: 0

type:video, post_published_sql: 31/01/2018, likes_count: 428, comment: 412, reactions: 484, shares_co: 64, engageme: 960, apelo ao povo: 0, líder popular: 0, antagonistas: 0, antagonistas externos: 0

type:video, post_published_sql: 17/05/2018, likes_count: 1254, comment: 1019, reactions: 1312, shares_co: 149, engageme: 2480, apelo ao povo: 1, líder popular: 0, antagonistas: 0, antagonistas externos: 0

type:photo, post_published_sql: 17/05/2018, likes_count: 1254, comment: 1019, reactions: 1312, shares_co: 149, engageme: 2480, apelo ao povo: 1, líder popular: 0, antagonistas: 0, antagonistas externos: 0

type:video, post_published_sql: 19/04/2018, likes_count: 490, comment: 334, reactions: 571, shares_co: 124, engageme: 1029, apelo ao povo: 0, líder popular: 0, antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

type:link, post_published_sql: 27/03/2018, likes_count: 2056, comment: 453, reactions: 2251, shares_co: 236, engageme: 2940, apelo ao povo: 0, líder popular: 1 antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

type:photo, post_published_sql: 24/05/2018, likes_count: 380, comment: 298, reactions: 640, shares_co: 28, engageme: 966, apelo ao povo: 1, líder popular: 0 antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

type:photo, post_published_sql: 29/03/2018, likes_count: 3057, comment: 1130, reactions: 7513, shares_co: 2737, engageme: 11380, apelo ao povo: 0, líder popular: 0 antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

type:photo, post_published_sql: 22/03/2018, likes_count: 8154, comment: 932, reactions: 11041, shares_co: 21335, engageme: 33308, apelo ao povo: 0, líder popular: 0 antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

type:photo, post_published_sql: 11/03/2018, likes_count: 478, comment: 79, reactions: 759, shares_co: 101, engageme: 939, apelo ao povo: 0, líder popular: 0 antagonistas: 1, antagonistas externos: 0

Figura 1 –

Publicação do MBL de ataque ao Facebook...

Página 21

Audiodescrição: Fotografia de Mark Zuckerberg. Ele é um homem branco, de cerca de 35 anos, e está usando terno e gravata. Sobre a foto, em caixa alta, está sobreposto o texto:

Atenção. Facebook colocará agências esquerdistas para decidir quais notícias são “fake news” e derrubará o alcance delas na plataforma.

Figura 2 –

Vídeo “Nós Somos o MBL”. Publicado em 2017

Página 25

Audiodescrição: Frame de vídeo do MBL, com a legenda: “A esquerda foi extirpada da capital. O castelo de onde planejavam nunca mais sair agora não lhes pertence mais.”. Quatro homens de cerca de 25 anos, todos demonstrando seriedade, estão no vídeo. Dois deles, calados, estão atrás: um de sobretudo, óculos escuros e braços cruzados. O outro utiliza paletó, óculos escuros e um chapéu. Parecem estar tentando emular uma estética “noir”. Os outros dois homens, na frente, são os que estão falando. Um deles utiliza uma roupa militar, um pano que encobre parte do rosto e está de braços cruzados. O outro, que está gesticulando, também utiliza a mesma roupa militar, um pano parecido no rosto e um boné militar. Atrás dos quatro homens, é possível perceber dois símbolos circulares pintados na parede. Um deles possui uma linha cruzada na diagonal

Quadro 1 –

Codificação da Comunicação Populista

137

Fonte: Elaboração própria

137

[O QUADRO 1 ESTÁ LEGÍVEL NO WORD, NÃO ESTÁ INSERIDO EM UMA IMAGEM, ENTÃO O LEITOR DE TELA PODERÁ ALCANÇÁ-LO]

Quadro 2 –

Exemplos de codificação da estrutura narrativa do MBL

137

Memético - Foto da avenida paulista em um dia muito chuvoso. A avenida está completamente vazia. Na imagem, escritos em caixa alta são espalhados pela imagem: “PRENDER AZEREDO FAZ PARTE DO GOLPE”, “NÃO VÃO PRENDER NOSSOS SONHOS”, “AZEREDO GUERREIRO DO POVO BRASILEIRO”, “FULANO AZEREDO DA SILVA”, “VAMOS ACAMPAR ATÉ AZEREDO SER SOLTO”

Quadro 3 –

Exemplos da codificação do estilo narrativo do MBL

138

Sarcasmo - Duas imagens de Lula, uma em cima da outra. Na imagem de cima, Lula aparece bravo e com raios lasers saindo dos olhos. Nela está escrito em caixa alta “23:59”, “NÓS VAMOS PEGAR EM ARMAS CONTRA ESSES GOLPISTAS!!!”. Na imagem inferior, Lula aparece com feição triste. “00:00”, “ALÔ, POLÍCIA MILITAR, ME AJUDA, ESTÃO TACANDO OVOS EM MIM!. Abaixo das duas mensagens há uma legenda: “DIA 3/4 TODOS NA RUA PARA EXIGIR LULA NA CADEIA!”

Quadro 4 –

Exemplos da codificação da estrutura narrativa da Mídia Ninja

140

Memético - Imagem das costas de um homem com o uniforme de petroleiro da Petrobrás. No uniforme está escrito em caixa alta: “NÃO ESTAMOS À VENDA”

Quadro 5 –

Exemplos da codificação do estilo narrativo do Mídia Ninja

141

Sarcasmo - Charge de André Dahmer que mostra dois homens que assistem a uma partida de futebol da Seleção Brasileira pela televisão. Um dos homens pergunta: “Quem está jogando contra o Brasil?”. O outro homem responde “O PMDB, é claro”.

Figura 3 –

Exemplo de publicação do MBL com a categoria antagonistas externos.

Publicado em 22 de fevereiro de 2018

143

Publicação no Facebook do MBL com o título “Falta pouco para o socialismo dar certo na Venezuela”. Na imagem, na rua, um homem carrega sua filha pequena nos braços em meio a entulhos. A imagem contém a frase em destaque: “Quase 9 em cada 10 venezuelanos já estão abaixo da linha da pobreza”.

Figura 4 –

Exemplo de publicação da Mídia Ninja com a variável Líder Popular.

Publicado em 7 de abril de 2018

143

Publicação no Facebook da Mídia Ninja com o título “Discurso de Lula em São Bernardo”. A legenda diz: “Em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC na manhã deste sábado, Lula se posicionou diante os fatos absurdos de sua prisão. Confira os melhores momentos do discurso histórico em São Bernardo do Campo. #LulaLivre #EuSouLula”. A fotografia mostra Lula com um microfone e, ao seu redor, diversos apoiadores, alguns batendo palmas.

Figura 5 –

Mandala da comunicação populista

146

Gráfico em forma de mandala. Nele as informações se organizam em três círculos crescentes e sobrepostos, de dentro para fora. As categorias maiores estão no círculo interno e as menores no círculo externo. A mandala se divide em duas partes, verticalmente. A metade da esquerda representa “Estrutura Narrativa” e a da direita “Estilo Narrativo”.

Na metade da esquerda, a categoria “Estrutura Narrativa” se divide em “Apelo ao povo”, “Antagonistas” e “Anti-Establishment”. “Apelo ao povo” se divide em “Povo” e “Líder popular”.

“Antagonistas” se divide em “Antagonistas” e “Antagonistas externos”.

“Anti-Establishment” se divide em “Antilumpesinato”, “Antimídia”, “Antipolítica”, “Antiartistas”, “Antiintelectualidade”, “Antijudiciário” e “Antiestado”.

Na metade da direita, a categoria “Estilo narrativo” se divide em “Emocionalização”, “Simplificação” e “Negatividade”.

“Emocionalização” se divide em “Sarcasmo”, “Euforia”, “Violência” e “Confrontação”.

“Simplificação” se divide em “Memético”, “Léxico simples” e “Estrutura simples”.

“Negatividade” se divide em “Urgência” e “Sentimento”.

Figura 6 –

Exemplo de post do MBL em que são mobilizadas as categorias de “apelo ao povo” e “antagonistas”. A publicação continha uma imagem que foi apagada

147

Audiodescrição: Postagem do MBL no Facebook. O texto da publicação diz: “Precisamos da sua ajuda! O MBL está participando dos atos Anti-Lula e está organizando a volta às ruas no dia 3/4 para exigir a prisão do maior bandido deste país. Ajude nosso trabalho. Acesse mbl.org.br/lulanacadeia”. Logo abaixo, onde costuma figurar uma fotografia para

ilustrar a postagem, aparece um espaço em branco. O link da publicação diz: “odiaronacional.org. Brasileiros se unem para pagar despesas de manifestação do dia 03. Saiba como contribuir”

Figura 7 –

Exemplo de post Mídia Ninja em que são mobilizadas as categorias “Líder Popular” e “apelo ao povo”

148

Publicação da Mídia Ninja no Facebook com duas imagens. Em ambas as imagens Lula é literalmente carregado por apoiadores. Na segunda imagem, há um cartaz em destaque com a frase “NÃO A PRISÃO DE LULA”. O texto da publicação diz: “PRESIDENTE NAS MÃOS DO POVO - Lula é carregado até o sindicato pelos braços do povo após sua fala. #LulaLivre #OcupaSãoBernardo #JamaisAprisionaraoNossosSonhos

Figura 8 –

Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estrutura narrativa

149

Gráfico em forma de coluna 2D. Nele, as colunas representam as variáveis da comunicação populista - Estrutura narrativa. As colunas azuis reproduzem os números das variáveis do MBL e as colunas vermelhas a Mídia Ninja.

Os valores das variáveis são apresentados na ordem que estão no gráfico, da esquerda para a direita:

Apelo ao povo: MBL: 80; Mídia Ninja: 64

Líder Popular: MBL: 34; Mídia Ninja: 259

Antagonistas: MBL: 387; Mídia Ninja: 193

Antagonistas externos: MBL: 39; Mídia Ninja: 19

Antimídia: MBL: 56; Mídia Ninja: 20

Antipolítica: MBL: 48; Mídia Ninja: 49

Antiartistas: MBL: 19; Mídia Ninja: 1

Anti-intelectualidade: MBL: 27; Mídia Ninja: 2

Antijudiciário: MBL: 74; Mídia Ninja: 69

Antilumpesinato: MBL: 27; Mídia Ninja: 1

Antibusiness: MBL: 2; Mídia Ninja: 57

Antiestado: MBL: 139; Mídia Ninja: 44

Figura 9 –

Frequência de categorias da comunicação populista nas páginas do Facebook do MBL e Mídia Ninja (janeiro a julho de 2018) – Estilo narrativo

149

Seguindo o mesmo padrão da figura 8, o gráfico também está em forma de coluna 2D. Nele, as colunas representam as variáveis da comunicação populista - Estrutura narrativa. As colunas azuis reproduzem os números das variáveis do MBL e as colunas vermelhas a Mídia Ninja.

Os valores das variáveis são apresentados na ordem que estão no gráfico, da esquerda para a direita:

Estrutura simples: MBL: 436; Mídia Ninja: 301

Léxico simples: MBL: 419; Mídia Ninja: 250

Memético: MBL: 276; Mídia Ninja: 113

Confrontação: MBL: 51; Mídia Ninja: 8

Violência: MBL: 19; Mídia Ninja: 2

Euforia: MBL: 30; Mídia Ninja: 19

Sarcasmo: MBL: 124; Mídia Ninja: 15

Sentimento: MBL: -60; Mídia Ninja: -50

Urgência: MBL: 93; Mídia Ninja: 29

Figura 10 –

Engajamento Médio das Publicações do MBL e Mídia Ninja

151

Audiodescrição: Gráfico de barras, no qual o eixo vertical representa o engajamento médio, de zero a 7000. A barra azul que representa o MBL atinge 6378,294. A barra vermelha que representa a Mídia Ninja atinge 2603,33.

Figura 11 –

Saída aberta gerada pelo R com todas as variáveis da comunicação populista (MBL)

152

Captura de tela de uma análise estatística gerada pelo R. Ela é toda em inglês e dividida em três partes. A primeira parte chama-se “deviance residuals”, está na parte superior e tem cinco colunas e somente uma linha. Os valores em parênteses correspondem às respectivas colunas: Min (-5218); 1Q (-1950); Median (-1046); 3Q (240); Max (42010).

A segunda parte, que está logo abaixo da primeira, chama-se “Coefficients”. Ela é formada por quatro colunas e vinte e duas linhas.

As colunas são “Estimate Std.”; “Error”; “Error”; “t value”; “Pr(>|t|)”

A primeira linha, denominada “(Intercept)” possui os seguintes valores: Estimate Std =2324.6; Error =1478.9; t value =1.572; Pr(>|t|) = 0.116660

A segunda linha, denominada “apelo_ao_povo” possui os seguintes valores: Estimate Std =1624.5; Error =1264.8; t value =1.284; Pr(>|t|) = 0.199628

A terceira linha, denominada “lider_popular”, possui os seguintes valores: Estimate Std =55.5; Error =1765.2; t value =0.031; Pr(>|t|) = 0.975155

A quarta linha, denominada “antagonistas”, possui os seguintes valores: Estimate Std =509.5; Error =1196.7; t value =0.426; Pr(>|t|) = 0.670469

A quinta linha, denominada “antagonistas_externos”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -555.2; Error =1675.2; t value = - 0.331; Pr(>|t|) = 0.740462

A sexta linha, denominada “antimidia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 1915.9; Error = 1499.7; t value = 1.277; Pr(>|t|) = 0.202052

A sétima linha, denominada “antipolítica”, possui os seguintes valores: Estimate Std =967.3; Error = 1701.2; t value = 0.569; Pr(>|t|) = 0.569914

A oitava linha, denominada “antiartistas”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -700.6; Error = 2359.2; t value = - 0.297; Pr(>|t|) = 0.766628

A nona linha, denominada “anti_intelectualidade”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 214.8; Error = 2006.7; t value = 0.107; Pr(>|t|) = 0.914796

A décima linha, denominada “antijudiciario”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 788.3; Error = 1406.7; t value = 0.560; Pr(>|t|) = 0.575458

A décima primeira linha, denominada “antilumpesinato”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -1135.6; Error = 1973.2; t value = - 0.576; Pr(>|t|) = 0.565215

A décima segunda linha, denominada “antibusiness”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -6151.9; Error = 7110.3; t value = - 0.865; Pr(>|t|) = 0.387360

A décima terceira linha, denominada “antiestado”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -1323.9; Error = 1150.4; t value = - 1.151; Pr(>|t|) = 0.250391

A décima quarta linha, denominada “estrutura_simples”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 2281.7; Error = 1633.3; t value = 1.397; Pr(>|t|) = 0.163072

A décima quinta linha, denominada “lexico_simples”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 246.9; Error = 1488.5; t value = - 0.166; Pr(>|t|) = 0.868319

A décima sexta linha, denominada “memetico”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 1566.3; Error = 1001.3; t value = 1.564; Pr(>|t|) = 0.118403

A décima sétima linha, denominada “confrontacao”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 984.7; Error = 1516.2; t value = 0.649; Pr(>|t|) = 0.156355

A décima oitava linha, denominada “violencia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 9169.4; Error = 2356.2; t value = 3.892; Pr(>|t|) = 0.000114. Ao final da linha, três estrelas (***) , que indicam o maior nível de relevância variável

A décima nona linha, denominada “euforia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 1013.1; Error = 2113.1; t value = 0.479; Pr(>|t|) = 0.631840

A vigésima linha, denominada “sarcasmo”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 2235.6; Error = 1136.0; t value = 1.968; Pr(>|t|) = 0.049656. Ao final da linha, uma estrela (*), que indica relevância variável

A vigésima primeira linha, denominada “sentimento”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 142.5; Error = 998.9; t value = - 0.143; Pr(>|t|) = 0.886638

A vigésima segunda linha, denominada “urgencia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 1181.6; Error = 1348.4; t value = - 0.876; Pr(>|t|) = 0.381326

Depois das vinte e duas linhas, uma legenda sobre a relevância das variáveis: “Signific. codes: 0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1

A terceira e última parte:

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 91575552)

Null deviance: 4.7572e+10 on 495 degrees of freedom

Residual deviance: 4.3407e+10 on 474 degrees of freedom

(4 observations deleted due to missingness)

AIC: 10524

Figura 12 –

Modelo com variáveis mais relevantes (MBL)

154

Captura de tela de uma análise estatística gerada pelo R. Ela é toda em inglês e dividida em três partes. A primeira parte chama-se “deviance residuals”, está na parte superior e tem cinco colunas e somente uma linha. Os valores em parênteses correspondem às respectivas colunas: Min (-160046); 1Q (-4460); Median (-2484); 3Q (894); Max (95806).

A segunda parte, que está logo abaixo da primeira, chama-se “Coefficients”. Ela é formada por quatro colunas e seis linhas.

As colunas são “Estimate Std.”; “Error”; “Error”; “t value”; “Pr(>|t|)”

A primeira linha, denominada “(Intercept)” possui os seguintes valores: Estimate Std = 2968.7; Error = 1216.1; t value = 2.441; Pr(>|t|) = 0.0150. Ao final da linha, uma estrela (*), que indica relevância variável

A segunda linha, denominada “antiestado” possui os seguintes valores: Estimate Std = -1437.9; Error = 978.0; t value = -1.470; Pr(>|t|) = 0.1421

A terceira linha, denominada “estrutura_simples” possui os seguintes valores: Estimate Std = 2320.2; Error = 1427.8; t value = 1.625; Pr(>|t|) = 0.1048

A quarta linha, denominada “memético” possui os seguintes valores: Estimate Std = 1602.5; Error = 958.2; t value = 1.672; Pr(>|t|) = 0.0951. Ao final da linha, um ponto (.), que indica relevância variável

A quinta linha, denominada “violência” possui os seguintes valores: Estimate Std = 9956.2; Error = 2230.3; t value = 4.464; Pr(>|t|) = 9.99e-06. Ao final da linha, três estrelas (***), que indicam o maior nível de relevância variável

A sexta linha, denominada “sarcasmo” possui os seguintes valores: Estimate Std = 2209.2; Error = 1006.5; t value = 2.195; Pr(>|t|) = 0.086. Ao final da linha, uma estrela (*), que indica relevância variável

Depois das seis linhas, uma legenda sobre a relevância das variáveis: “Signifc. codes: 0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1

A terceira e última parte:

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 89788338)

Null deviance: 4.7572e+10 on 495 degrees of freedom

Residual deviance: 4.3996e+10 on 490 degrees of freedom

AIC: 10499

Number of Fisher Scoring iterations: 2

Figura 13 –

Saída aberta gerada pelo R com o engajamento das variáveis da comunicação populista (Mídia Ninja)

156

Captura de tela de uma análise estatística gerada pelo R. Ela é toda em inglês e dividida em três partes. A primeira parte chama-se “deviance residuals”, está na parte superior e tem cinco colunas e somente uma linha. Os valores em parênteses correspondem às respectivas colunas: Min (-5218); 1Q (-1950); Median (-1046); 3Q (240); Max (42010).

A segunda parte, que está logo abaixo da primeira, chama-se “Coefficients”. Ela é formada por quatro colunas e vinte e duas linhas.

As colunas são “Estimate Std.”; “Error”; “Error”; “t value”; “Pr(>|t|)”

A primeira linha, denominada “(Intercept)” possui os seguintes valores: Estimate Std = 1243.0; Error = 456.2; t value = 2.724; Pr(>|t|) = 0.0068. Ao final da linha, duas estrelas (**), que indica relevância variável

A segunda linha, denominada “apelo_ao_povo” possui os seguintes valores: Estimate Std =282.5; Error = 626.0; t value = 0.451; Pr(>|t|) = 0.65201.

A terceira linha, denominada “lider_popular”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 1366.0; Error = 472.6; t value = 2.890; $\Pr(>|t|) = 0.00402$. Ao final da linha, duas estrelas (**), que indica relevância variável

A quarta linha, denominada “antagonistas”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 56.6; Error = 598.3; t value = 0.095; $\Pr(>|t|) = 0.92466$

A quinta linha, denominada “antagonistas_externos”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -1254.5; Error = 1088.0; t value = -1.153; $\Pr(>|t|) = 0.24948$

A sexta linha, denominada “antimidia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -304.6; Error = 1073.7; t value = -0.284; $\Pr(>|t|) = 0.57070$

A sétima linha, denominada “antipolítica”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 433.3; ; Error = 763.7; t value = 0.567; $\Pr(>|t|) = 0.57070$

A oitava linha, denominada “antiartistas”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 1544.8; Error = 6461.4; t value = 0.239; $\Pr(>|t|) = 0.81115$

A nona linha, denominada “anti_intelectualidade”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -2543.0; Error = 4421.3; t value = -0.575; $\Pr(>|t|) = 0.56544$

A décima linha, denominada “antijudiciario”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 589.8; Error = 707.7; t value = 0.833; $\Pr(>|t|) = 0.40509$

A décima primeira linha, denominada “antilumpesinato”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -438.3; Error = 4390.5; t value = -0.100; $\Pr(>|t|) = 0.92052$

A décima segunda linha, denominada “antibusiness”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 918.4; Error = 709.6; t value = 1.294; $\Pr(>|t|) = 0.19622$

A décima terceira linha, denominada “antiestado”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -859.0; Error = 759.8; t value = -1.131; $\Pr(>|t|) = 0.25883$

A décima quarta linha, denominada “estrutura_simples”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 503.1; Error = 558.6; t value = 0.901; $\Pr(>|t|) = 0.36825$

A décima quinta linha, denominada “lexico_simples”, possui os seguintes valores: Estimate Std = -288.5; Error = 537.3; t value = -0.537; $\Pr(>|t|) = 0.59155$

A décima sexta linha, denominada “memetico”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 1753.4; Error = 551.1; t value = 3.181; Pr(>|t|) = 0.118403

A décima sétima linha, denominada “confrontacao”, possui os seguintes valores: Estimate Std = 984.7; Error = 1516.2; t value = 0.649; Pr(>|t|) = 0.00156. Ao final da linha, duas estrelas (**), que indica nível de relevância variável

A décima oitava linha, denominada “violencia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 715.4; Error = 3225.3; t value = - 0.222; Pr(>|t|) = 0.82456.

A décima nona linha, denominada “euforia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 330.6; Error = 1122.6; t value = 0.295; Pr(>|t|) = 0.76849

A vigésima linha, denominada “sarcasmo”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 585.6; Error = 1216.3; t value = 0.481; Pr(>|t|) = 0.63044

A vigésima primeira linha, denominada “sentimento”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 237.1; Error = 443.5; t value = -0.534 ; Pr(>|t|) = 0.59326

A vigésima segunda linha, denominada “urgencia”, possui os seguintes valores: Estimate Std = - 990.0; Error = 901.7; t value = - 1.098; Pr(>|t|) = 0.27281

Depois das vinte e duas linhas, uma legenda sobre a relevância das variáveis: “Signific. codes: 0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1

A terceira e última parte:

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 18584014)

Null deviance: 9595325409 on 493 degrees of freedom

Residual deviance: 8771654806 on 472 degrees of freedom

AIC: 9693.9

Number of Fisher Scoring iterations: 2

Figura 14 –

Modelo com variáveis mais relevantes (Mídia Ninja)

Captura de tela de uma análise estatística gerada pelo R. Ela é toda em inglês e dividida em três partes. A primeira parte chama-se “deviance residuals”, está na parte superior e tem cinco colunas e somente uma linha. Os valores em parênteses correspondem às respectivas colunas: Min (-4698); 1Q (-1925); Median (-1086); 3Q (61); Max (42011).

A segunda parte, que está logo abaixo da primeira, chama-se “Coefficients”. Ela é formada por quatro colunas e cinco linhas.

As colunas são “Estimate Std.”; “Error”; “Error”; “t value”; “Pr(>|t|)”

A primeira linha, denominada “(Intercept)” possui os seguintes valores: Estimate Std = 1285.4.7; Error = 320.2; t value = 4.015; Pr(>|t|) = 6.89e-05. Ao final da linha, três estrelas (***) , que indica relevância máxima da variável

A segunda linha, denominada “lider_popular” possui os seguintes valores: Estimate Std = 1522.1; Error = 399.3; t value = 3.812; Pr(>|t|) = 0.000155. Ao final da linha, três estrelas (***) , que indica relevância máxima da variável

A terceira linha, denominada “antibusiness” possui os seguintes valores: Estimate Std = 982.7; Error = 621.6; t value = 1.581; Pr(>|t|) = 0.114541

A quarta linha, denominada “memético” possui os seguintes valores: Estimate Std = 2051.2; Error = 464.7; t value = 4.414; Pr(>|t|) = 1.25e-05. Ao final da linha, três estrelas (***) , que indica relevância máxima da variável

A quinta linha, denominada “confrontacao” possui os seguintes valores: Estimate Std = -2301.0; Error = 1552.1; t value = -1.482; Pr(>|t|) = 0.138854.

Depois das cinco linhas, uma legenda sobre a relevância das variáveis: “Signifc. codes: 0 ‘***’ 0.001 ‘**’ 0.01 ‘*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1

A terceira e última parte:

(Dispersion parameter for gaussian family taken to be 18227394)

Null deviance: 9595325409 on 493 degrees of freedom

Residual deviance: 8913195578 on 489 degrees of freedom

AIC: 9667.8

Number of Fisher Scoring iterations: 2

Figura 15 –

Diferença da mediana, por categorias de análise (MBL)

159

Gráfico de barras, no qual o eixo horizontal varia entre -3000 e +5000. O eixo vertical está no centro do gráfico, a partir do ponto zero do eixo horizontal. De cima para baixo, ele traz as informações: violencia: + 4331; estrutura_simples: +2529,5; confrontação; + 1971; lexico_simples: +1705; memetico: +1672; sarcasmo: +1177; antagonistas: + 1169; antiartistas +1001; antijudiciario: + 884; lider_popular +474; euforia: +388; antipolítica: +325,5; anti_intelectualidade: + 295; apelo_ao_povo +245; antilumpesinato: -15; antimídia -397; antagonistas_externos: -429,5 urgência -597; antiestado: -728 antibusiness -1849.

Figura 16 –

Diferença da mediana, por categorias de análise (Mídia Ninja)

160

Gráfico de barras, no qual o eixo horizontal varia entre -1000 e +2000. O eixo vertical está no centro do gráfico, a partir do ponto zero do eixo horizontal. De cima para baixo, ele traz as informações: memético: +1468; Líder Popular: +1254 ;antijudiciário:+1224 ;apelo_ao_povo: +1147; sarcasmo: +916 ;anti_intelectualidade: 506,5 ;violência: +455,5; antiartistas: +292 ;estrutura_simples: +158 ;antimídia: +145;lexico_simples: +87,5 ;antagonistas: +74 ;antibusiness: -50;antipolítica: -68 ;antagonistas_externos: -496 ;euforia: -504; confrontacao: -510 ;urgencia:-541; antilumpesinato: -613; antiestado: -625

Figura 17 –

Resultado da variação do impacto das publicações do MBL e Mídia Ninja, por categoria

162

Gráfico em forma de coluna 2D. As colunas azul e vermelha correspondem ao MBL e a Mídia Ninja, respectivamente.

Da esquerda para direita: Apelo ao povo: MBL (102,72), Mídia Ninja (28, 864); Líder Popular: MBL (1,054), Mídia Ninja (748,51); Antagonistas: MBL (164,862), Mídia Ninja (18,335); Antagonistas externos: MBL (-12,909), Mídia Ninja (-21,907); Antimídia: MBL (71,512), Mídia Ninja (-5,68); Antipolítica: MBL (27,312), Mídia Ninja (27,783); Antiartistas: MBL (-5,643), Mídia Ninja (0,239); Anti-intelectualidade: MBL (2,889), Mídia Ninja (-1,15); Antilumpesinato: MBL (-15,552), Mídia Ninja (-0,1); Antibusiness: MBL (-1,73), Mídia Ninja (73,758); Antiestado: MBL (-159,989), Mídia Ninja (-49,764); Estrutura Simples: MBL (609,092), Mídia Ninja (271,201); Léxico Simples: MBL (-69,554), Mídia Ninja (-134,25); Memético: MBL (431,664), Mídia Ninja (359,453); Confrontação: MBL (33,099), Mídia Ninja (-8,656); Violência: MBL (73,948), Mídia Ninja (-0,444); Euforia: MBL (14,37), Mídia Ninja (5,605); Sarcasmo: MBL (244,032), Mídia Ninja (7,215); Sentimento: MBL (8,58), Mídia Ninja (26,7); Urgência: MBL (-81,468), Mídia Ninja (-31,842).

Figura 18 –

Publicação da Mídia Ninja exaltando a hegemonia feminina no Fórum Econômico Mundial

165

Publicação no Facebook da Mídia Ninja com o texto: “VAI TER MULHER NA ECONOMIA, SIM! - O Fórum Econômico Mundial, importante encontro que reúna atualmente figuras-chave da economia mundial, será presidido em 2018 por mulheres. O encontro vinha sendo criticado pela falta de representatividade feminina, que foi de 20% este ano. Esse fato está relacionado a falta de mulheres em posições de comando no mundo, e mesmo com o forte viés liberal do Fórum, é um importante avanço no papel da mulher no planeta e na economia mundial.” Abaixo, fotos das mulheres que presidiram o Fórum

Econômico Mundial de 2018. Na coluna de cima, da Esquerda para direita: Chetna Sinha, Christine Lagarde, Fabiola Gianotti e Erna Solberg. Na coluna inferior, da esquerda para a direita: Ginny Rommetty, Sharan Burrow e Isabelle Kocher.